Universidade de São Paulo (USP)
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Iberê Moreira Campos

**Uma geração de arquitetos.
Arquitetos do início da década de 80
do Instituto Presbiteriano Mackenzie**

São Paulo – SP

2015

Iberê Moreira Campos

**Uma geração de arquitetos.
Arquitetos do início da década de 80
do Instituto Presbiteriano Mackenzie**

Dissertação apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre
em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração Tecnologia da Arquitetura

Orientador:

Prof. Dr. Arq. Francisco Segnini Júnior

São Paulo – SP

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAILS DO AUTOR: ibere.campos@usp.br
ibere@thecnica.com
ibere.campos@gmail.com
iberemoreiracampos@ig.com.br

C198g Campos, Iberê Moreira
Uma geração de arquitetos. Arquitetos do início da
década de 80 do Instituto Presbiteriano Mackenzie / Iberê Moreira
Campos. – São Paulo, 2015.
370 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Tecnologia
da Arquitetura) – FAUUSP.
Orientador: Francisco Segnini Júnior

1.Arquitetos – Década de 1980 - Brasil 2.Prática profissional
3.Mercado de trabalho 4.Legislação 5.Instituto Presbiteriano Mackenzie
I.Título

CDU 72-050.52

Iberê Moreira Campos

**Uma geração de arquitetos.
Arquitetos do início da década de 80
do Instituto Presbiteriano Mackenzie**

Dissertação apresentada a Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo.
Área de Concentração Tecnologia da Arquitetura

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Avaliação: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arq. Francisco Segnini Júnior
Orientador – FAU-USP

Avaliação

Avaliação

Avaliação

Dedicatória (*in memoriam*)

Dedico este trabalho aos meus pais,
José e Ondina, professores não só das ciências mas
também da arte de viver e conviver.

Seja lá onde estiverem, certamente estão orgulhosos e
satisfeitos de ver o filho aprendendo e também
ensinando, tal como o fizeram ao longo de suas vidas.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Arq. Francisco Segnini, que desde o início acreditou e avalizou a pesquisa e o mestrando.

À Profa. Dra. Arq. Ângela Rocha, não só pelas orientações acadêmicas e pela participação na banca desta pesquisa, mas também pelo convívio agradável no estágio de ensino feito na FAU-USP. Através da Profa. Dra. Ângela agradeço simbolicamente a todos os professores e colegas da FAU-USP que colaboraram com seus comentários, esclarecimentos, dicas, críticas e sugestões.

À Elizabeth, minha companheira de tantos anos, que se absteve de várias horas de convivência diário por entender que a pesquisa era não só um esforço em prol do desenvolvimento pessoal, mas também uma atividade prazerosa e realizadora.

Ao colega Prof. Me. Arq. Wagner Amodeo, pelo incentivo para entrar no programa de mestrado e pelas indicações e observações importantes que tão gentilmente ofereceu durante todo o processo.

Ao Prof. Dr. Arq. Celso Minozzi pela participação na banca e pelas observações pertinentes e detalhadas que colaboraram no aperfeiçoamento do trabalho então em curso.

A todos os arquitetos que fizeram parte desta pesquisa, em especial àqueles que se dedicaram a responder aos emails, telefonemas, questionários e entrevistas.

Resumo

Os arquitetos e urbanistas que colaram grau na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do atual Instituto Presbiteriano Mackenzie no início dos anos 80 exerceram sua profissão em um cenário de mudanças constantes. Desde sua colação de grau, no Brasil e no mundo surgiram fatores políticos, econômicos e tecnológicos que tiveram consequências nos planos profissional e pessoal, de toda a sociedade e na vida de cada um daqueles então recém-formados arquitetos.

O objetivo desta pesquisa é conhecer agora, decorridos mais de 30 anos, quais foram esses fatores e suas influências, como essa geração de arquitetos e urbanistas enfrentou essa situação, como se saiu na profissão, que tipo de atividade desenvolveu e como está atualmente.

Palavras-chave: Arquitetura (Profissão). Exercício profissional. Mercado de trabalho. Anos 80. Mackenzie

Abstract

The architects and urbanists who graduated at the Architecture and Urbanism College at the current Mackenzie Presbyterian Institute in the early 80's exercised their profession in a constant changing environment. Since their graduation, in Brazil and in the world emerged political, economic and technological issues that must have had consequences in their professional and personal plans, in the whole society and in the life of each one of those then recently graduated architects.

The objective of this research is to know now, after more than 30 years, what were these factors, their influence, and how did this generation of architects and urbanists managed to deal with this environment, how they practiced the profession, what kind of activity they developed and how are they doing nowadays.

Keywords: Architecture (Occupation). Professional practice. Labour market. Years 80. Mackenzie

Sumário

Capítulo 1 Introdução.....	1
1.1 Justificativa	1
1.2 Objetivos da pesquisa.....	2
1.3 Limitações da pesquisa	3
Capítulo 2 Contexto histórico do período pesquisado	5
Capítulo 3 Situação atual da profissão do Arquiteto e Urbanista –	
Legislação e normas	13
3.1 Definições e atribuições legais da profissão de Arquiteto e Urbanista.....	13
3.2 Considerações sobre as atividades dos arquitetos e urbanistas segundo a classificação internacional e a CBO/2002	22
3.3 Referências da CBO/2002 em relação à lei 12.278/2010	24
3.4 Referências da CBO/2002 em relação à lei 5.194/1966	36
Capítulo 4 Desenvolvimento da pesquisa.....	39
4.1 Levantamento de dados.....	39
4.2 Levantamento de dados e determinação do universo da pesquisa	40
Capítulo 5 Resultado das entrevistas	43
5.1 O que levou os pesquisados a escolher a profissão de arquiteto e urbanista	43
5.2 Porque fizeram Arquitetura e Urbanismo no Instituto Presbiteriano Mackenzie, e não em outra instituição	48
5.3 Condição econômica da família e financiamento dos estudos.....	53
5.4 Condição educacional da família	59
5.5 Condição cultural do entrevistado e da família.....	63
5.6 Avaliação do curso e atendimento às expectativas	68
5.7 Preparação para entrar no mercado de trabalho	74
5.8 Continuação da vida acadêmica	80

5.9 Atividades profissionais exercidas de acordo com a CBO/2002.....	83
5.10 Vínculo com contratantes e empregadores	85
5.11 Preparação para a velhice (aposentadoria) e/ou para o caso de não poderem trabalhar mais.....	87
5.12 Uso do AutoCAD e da informática.....	92
5.13 Satisfação com a profissão e resultados obtidos	97
Capítulo 6 Análise dos dados coletados.....	107
Considerações finais	123
Referências	127
Apêndice A – Sistema de banco de dados utilizado nessa pesquisa	131
Apêndice B – Levantamento dos formandos no período com as informações fornecidas pelo Mackenzie.....	135
Apêndice C – Anúncios do vestibular do Mackenzie nos jornais.....	143
Apêndice D – Busca de informações sobre os formandos	159
Apêndice E – Entrevista com o Arq. Prof. Hoover Américo Sampaio	169
Apêndice F – Entrevistas com os arquitetos	193
Arquiteto nº 1	195
Arquiteto nº 2	201
Arquiteto nº 3	215
Arquiteto nº 4	221
Arquiteto nº 5	231
Arquiteto nº 6	237
Arquiteto nº 7	249
Arquiteto nº 8	257
Arquiteto nº 9	267

Arquiteto nº 10	275
Arquiteto nº 11	289
Arquiteto nº 12	305
Arquiteto nº 13	317
Arquiteto nº 14	339
Arquiteto nº 15	353

Lista de figuras

Figura 1 – Linha do tempo da turma de arquitetos e urbanistas pesquisados	22
Figura 2 – Porque os entrevistados optaram pelo curso de arquitetura e urbanismo	47
Figura 3 – Motivos pelos quais os entrevistados alegaram ter escolhido o Mackenzie	51
Figura 4 – Grau de educação formal dos pais e mães dos entrevistados	62
Figura 5 – Esquema do sistema de coleta e armazenamento de dados usado nesta pesquisa.	132
Figura 6 – Fragmento extraído do livro de colação de grau do curso de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie.	137
Figura 7 – Tela de informações sobre o programa “EZView” utilizado pelo Mackenzie para consultar o cadastro dos alunos no período pesquisado.	138
Figura 8 – Relação de alunos, tal como aparece no original do Mackenzie.	139
Figura 9 – Anúncio publicado em 13/09/1970 na página 9 do jornal “O Estado de São Paulo”	144
Figura 10 – Anúncio publicado em 11/11/1971 na página 54 do jornal “O Estado de São Paulo”	145
Figura 11 – Anúncio publicado em 11/11/1971 na página 54 do jornal “O Estado de São Paulo”	146
Figura 12 – Anúncio publicado em 28/10/1973 na página 26 do jornal “O Estado de São Paulo”.	147
Figura 13 – Anúncio publicado em 30/10/1974 na página 16 do jornal “O Estado de São Paulo”.	148
Figura 14 – Anúncio publicado em 19/10/1975 na página 54 do jornal “O Estado de São Paulo”	149
Figura 15 – Anúncio publicado em 07/10/1976 na página 6 do jornal “O Estado de São Paulo”.	150
Figura 16 – Anúncio publicado em 05/10/1977 na página 14 do jornal “O Estado de São Paulo”	151
Figura 17 – Anúncio publicado em 27/10/1978 na página 16 do jornal “O Estado de São Paulo”	152
Figura 18 – Anúncio publicado em 13/09/1979 na página 17 do jornal “O Estado de São Paulo”	153
Figura 19 – Anúncio publicado em 24/09/1980 na página 15 do jornal “O Estado de São Paulo”	154
Figura 20 – Anúncio publicado em 13/09/1981 na página 40 do jornal “O Estado de São Paulo”	155

Figura 21 – Anúncio publicado em 22/08/1981 na página 12 do jornal “O Estado de São Paulo”	156
Figura 22 – Anúncio publicado em 28/09/1983 na página 10 do jornal “O Estado de São Paulo”	157
Figura 23 – Tela “Procure seu amigo” do site mackenzista.com.br	161
Figura 24 – Tela do site Mackenzista para localizar os ex-alunos em cada estado brasileiro	161
Figura 25 – Resultado da busca no site mackenzista.com.br pelos formandos em Arquitetura e Urbanismo que residem em São Paulo (pesquisa feita em 13/05/2013)	162
Figura 26 – Formulário do site mackenzista.com.br para fazer contato entre dois ex-alunos.....	164

Lista de tabelas

Tabela 1 – Áreas de atuação, atividades e atribuições dos Arquitetos e Urbanistas, segundo a lei 12.378/2010.....	19
Tabela 2 – Áreas de atuação dos arquitetos e urbanistas de acordo com o parágrafo único do artigo 2º da lei nº 12.378 de 2010, e sua correspondência com as ocupações descritas na CBO/2002.....	35
Tabela 3 – Correlação das áreas de atuação dos arquitetos e urbanistas entre a lei 5194/66 e a CBO/2002.....	37
Tabela 4 – Porque os entrevistados optaram pelo curso de arquitetura e urbanismo....	47
Tabela 5 – Faculdades de arquitetura e urbanismo existentes em São Paulo e cidades próximas na segunda metade dos anos 1970.....	49
Tabela 6 – Motivos pelos quais o Mackenzie foi escolhido.....	51
Tabela 7 – Situação profissional, origem dos pais e financiamento dos estudos.....	55
Tabela 8 – Denominação dos períodos escolares formais de acordo com a legislação a partir de 1942.....	60
Tabela 9 – Grau de educação formal dos pais dos arquitetos do grupo pesquisado	61
Tabela 10 – Interesse em artes, pela família e pelo entrevistado (segundo o depoimento do próprio).....	63
Tabela 11 – Avaliação do curso e atendimento às expectativas.....	69
Tabela 12 – Avaliação do curso segundo os entrevistados	70
Tabela 13 – Avaliação às expectativas que tinham ao escolher e fazer o curso	71
Tabela 14 – Avaliação do preparo para entrar no mercado de trabalho.....	74
Tabela 15 – Cursos de pós-graduação stricto sensu	81
Tabela 16 – Descrições da CBO/2002 para classificar as atividades dos arquitetos e urbanistas	83
Tabela 17 – Tempo de trabalho nas atividades por área de atividade da CBO/2002 (em anos).....	84
Tabela 18 – Tipos de vínculo trabalhista ou contratual (em anos).....	86
Tabela 19 – Situação da aposentadoria e modalidades de previdência.....	88
Tabela 20 – Uso do desenho por computador	94
Tabela 21 – Satisfação com a profissão de arquiteto e urbanista demonstrada por cada entrevistado.....	97
Tabela 22 – Nível satisfação do grupo com a profissão de arquiteto e urbanista	105
Tabela 23 – Quantidade de formados conforme site mackenzista.com.br.....	162
Tabela 24 – Quantidade de profissionais localizados (até 16/05/2014).....	168

Capítulo 1

Introdução

1.1 Justificativa

As primeiras discussões que deram origem a esta pesquisa começaram em 2010, quando houve uma reunião dos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Presbiteriano Mackenzie que colaram grau no ano de 1981, entre os quais está enquadrado o autor da presente pesquisa. Na conversa com os colegas algumas constatações e dúvidas foram aparecendo: muitos dos ex-alunos não foram localizados ou não quiseram participar do evento; dos que compareceram, uma parte continuava na profissão, aparentando graus variados de sucesso, enquanto o restante continuou trabalhando como arquiteto, porém parcialmente, precisando agregar outras especialidades para fixar-se no mercado de trabalho ou para aumentar seu rendimento financeiro, conjugando a profissão de arquiteto e urbanista a atividades afins como indústria de mobiliário, mercado imobiliário (corretor de imóveis) ou securitário (corretor de seguros). Outros, ainda, continuavam na profissão por motivos variados como hobby, objeto de investimento ou interesses artísticos, enquanto outros, ainda, continuaram os estudos e viraram pesquisadores, escritores ou entraram para a vida acadêmica, ministrando aulas não apenas na área de arquitetura como também em outras especialidades.

As conversas com os colegas e com os professores serviram também para suscitar uma auto-análise, levando este pesquisador a refletir e repensar seu próprio percurso profissional, fazendo analogias e paralelos com as histórias de vida contadas pelos colegas. Constatou-se que o período em questão cobria mais de três décadas, o que corresponde aproximadamente ao tempo necessário para um trabalhador brasileiro aposentar-se, ou seja, ir desde os primórdios de uma profissão até seu auge e depois à aposentadoria. O período mostrou-se interessante, também, porque abrange diversas mudanças na economia, nas relações trabalhistas, na tecnologia, nas condições de ensino e nas relações sociais.

Com base na própria história, observações e especializações do autor desta pesquisa foi possível traçar paralelos e diferenças entre os percursos profissionais mas sem nenhuma conclusão clara e objetiva, daí o interesse em fazer um levantamento sistemático e aprofundado da situação.

1.2 Objetivos da pesquisa

Esta pesquisa pretende conhecer fatos ocorridos com o grupo de arquitetos e urbanistas que colou grau no atual Instituto Presbiteriano Mackenzie¹ no início dos anos 80, mais especificamente entre 1980 a 1985, pelos motivos expostos adiante.

Pretende fazer um levantamento do percurso profissional, não levando em conta a quantidade ou qualidade de sua produção, mas sim focando no curso, no exercício profissional em si e no esforço pessoal, apurando quais atividades ligadas à profissão os pesquisados exerceram, caso tenham exercido; em que regime de contratação ou vínculo empregatício, durante quanto tempo e com que grau de satisfação pessoal. Pretende, também, conhecer qual era e como enfrentaram o cenário econômico, trabalhista e tecnológico que encontraram.

Em suma, esta pesquisa busca esclarecer os seguintes pontos, conforme detalhado no Capítulo 5 (vide pág. 43):

1. O que levou os pesquisados a escolher a profissão de arquiteto e urbanista?
2. Porque eles acabaram cursando Arquitetura e Urbanismo no Instituto Presbiteriano Mackenzie, e não em outra instituição?
3. Qual era a condição econômica da família e como financiou os estudos?
4. Qual era a condição educacional da família?
5. Qual era a condição cultural da família e do entrevistado, antes de entrar no curso de arquitetura e urbanismo?
6. Qual avaliação o entrevistado faz do curso, e se o curso atendeu às expectativas que tinham antes de entrar na faculdade?
7. Eles se consideraram preparados para entrar no mercado de trabalho logo depois de concluído o curso?

¹ Desde que foi autorizada a funcionar, pelo Decreto nº 30.511, de 7 de fevereiro de 1952, a denominação da instituição era “Universidade Mackenzie”. A denominação “Instituto Presbiteriano Mackenzie” usada nesta pesquisa foi adotada a partir de 1999, conforme informações obtidas do sítio da instituição na página http://www.mackenzie.br/historia_mackenzie.html (acessada em 31/12/2014).

8. Os entrevistados continuaram sua vida acadêmica, cursando mestrado e doutorado?
9. Quais atividades ligadas à arquitetura e urbanismo esses profissionais exerceram e durante quanto tempo?
10. Que tipos de vínculo tiveram com seus contratantes e empregadores?
11. Como esses profissionais se prepararam para a velhice (aposentadoria) e/ou para o caso de não poderem trabalhar mais?
12. Como se adequaram ao uso do AutoCAD e da informática no projeto e demais atividades pertinentes à arquitetura?
13. Os entrevistados ficaram satisfeitos, pessoalmente, com a opção que fizeram pelo curso de arquitetura e urbanismo?

1.3 Limitações da pesquisa

Este trabalho não se propõe a esgotar o assunto abordado, mas sim a reunir os dados disponíveis no momento para poder, assim, contribuir para outras pesquisas que venham, futura e eventualmente, a ser realizadas por este mesmo pesquisador ou por outros. As dificuldades encontradas e a amplidão do tema provavelmente vão restringir este trabalho devido às seguintes características:

a) A pesquisa trabalhou apenas com uma amostra do universo formado pelos profissionais pesquisados, configurando neste caso um levantamento e não um censo, segundo GIL². A dificuldade em encontrar os profissionais e a dificuldade para entrar em contato com eles e conseguir uma entrevista levou a pesquisa a fixar-se em 15 indivíduos, quantidade que pode ser insuficiente para expandir os resultados a todo o universo pesquisado com uma certeza estatística aceitável.

b) As informações fornecidas pelos entrevistados foram obtidas de memória e segundo sua interpretação pessoal, e esta pesquisa não se propõe a averiguar documentalmente o grau de exatidão das informações. Aliás, Gary Stevens ressaltou este ponto em sua obra, ao comentar a visão sociológica de Pierre Bordieu:

Inconscientes das estruturas que condicionaram seu comportamento e suas crenças, as pessoas fazem descrições falsas ou parciais de suas vidas sociais. Falando com o

² GIL, A.C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5ª ed., página 70, estabelece que “Na maioria dos levantamentos, não são pesquisados todos os integrantes da população estudada. Antes seleciona-se, mediante procedimentos estatísticos, uma amostra significativa de todo o universo, que é tomada como objeto de investigação. As conclusões obtidas a partir desta amostra são projetadas para a totalidade do universo, levando em consideração a margem de erro, que é obtida mediante cálculos estatísticos.”

sociólogo, é provável que dêem respostas normativas, contando o que deveria acontecer em seu mundo social e não o que realmente aconteceu. (STEVENS, 2003, pág. 66)

c) As referências da CBO/2002 (Classificação Brasileira de Ocupações) são insuficientes para classificar adequadamente todas as atividades exercidas legalmente pelos arquitetos e urbanistas. Este fato pode dificultar a comparação dos resultados desta pesquisa com outras, de caráter nacional ou internacional. A este respeito, vide o item “3.2 Considerações sobre as atividades dos arquitetos e urbanistas segundo a classificação internacional e a CBO/2002” na página 22.

Capítulo 2 Contexto histórico do período pesquisado

Os acontecimentos sociais, políticos, econômicos e tecnológicos das décadas de 80 e 90 trouxeram várias mudanças para o Brasil as quais, provavelmente, foram influenciando a arquitetura, enquanto profissão, à medida que os fatos iam se sucedendo.

Os eventos deste período criaram situações prejudiciais para a economia brasileira, tanto assim que este período acabou conhecido como “década perdida” para nosso país, conforme Gustavo Franco:

“...tornou-se lugar comum falar da Década Perdida, sem tanta clareza sobre o período exato a que estamos nos referindo e por que motivo. Pode ser a década de 1980, mas pode ser também uma década ‘expandida’, começando em 1982, com a moratória mexicana, e terminando em 1994 com o Plano Real. Ou começando mesmo antes, em 1979, quando teve início, com o catastrófico episódio da prefixação da correção monetária, toda uma série de feitiçarias cuja expressão mais madura seriam os choques heterodoxos, dos quais o Cruzado e o Collor seriam os mais assustadores. A Década Perdida parece, portanto, uma década longa, até porque foi sofrida no campo econômico e pontilhada de frustrações no plano político” (FRANCO, 2000).

Estas situações ligam-se a eventos políticos, econômicos, trabalhistas, tecnológicos e sociais que modificaram o Brasil que existiu até 1980, causando mudanças que começaram nos anos 80 e 90 e cujos efeitos perduram até os dias atuais. Para permitir uma análise da situação que os pesquisados neste trabalho encontraram estão relatados a seguir alguns aspectos ligados à política, à economia, às relações empregatícias e à tecnologia que possam ser de interesse desta pesquisa e que, para tanto, abranjam aproximadamente as quatro últimas décadas:

Política – Foi um tempo de redemocratização, marcado pelo fim do regime militar autoritário e pelo início do retorno ao sistema democrático de governo.

Depois de duas décadas sob o regime militar implantado pelo golpe de estado de 31 de março de 1964, no governo do presidente Ernesto Geisel (1974-1979) iniciou-se a chamada “abertura política”, sob pressão de partes organizadas da sociedade que clamavam por mais liberdade de expressão. Destacaram-se neste sentido instituições como a igreja católica (principalmente através da CNBB, Conferência dos Bispos do Brasil), a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), os sindicatos (em especial, o dos metalúrgicos do ABC paulista) e grupos representativos dos estudantes. O governo Geisel adotou medidas para diminuir a tortura aos presos e simultaneamente permitir maior liberdade de expressão. Ainda no governo Geisel, e pela primeira vez desde 1964, nas eleições de 1979 começou a ser possível discutir e divulgar idéias diferentes daquelas defendidas pelos militares que estavam no poder.

A abertura política continuou no governo seguinte, do General João Batista Figueiredo (1979-1985). Figueiredo estabeleceu mais pontes entre o governo militar e a sociedade civil, pois entre outras medidas permitiu a aprovação pelo congresso nacional da chamada “lei da anistia”. Esta entrou em vigor já no primeiro ano do governo Figueiredo (1979), permitindo a volta dos exilados políticos, o que foi um passo importante na ampliação das liberdades públicas e individuais. A sucessão de Figueiredo ainda não ocorreria por eleições diretas, apesar do movimento das “Diretas-já” iniciado em 1983, mas os candidatos eleitos Tancredo Neves (presidente) e José Sarney (vice-presidente) eram civis, o que não ocorria desde 1964. Tancredo Neves ficou doente e faleceu pouco antes de assumir a presidência, cargo que foi então assumido pelo seu candidato a vice-presidente, José Sarney, que por sua vez conduziu o país para as eleições diretas a presidente realizadas em 1990. O vencedor foi Fernando Collor de Mello, primeiro de uma sucessão de presidentes civis eleitos pelo voto direto que inclui, pela ordem cronológica, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (FAUSTO, 1995, Págs. 489 a 515).

Economia – A situação econômica dos anos 80 e 90 foi afetada pelas conseqüências da crise mundial do petróleo iniciada em 1973. A partir deste ano o preço do petróleo foi aumentado várias vezes, causando diminuição da atividade industrial e financeira dos países ricos os quais, para se equilibrarem, aumentaram os juros bancá-

rios e diminuíram suas importações, como um todo, causando problemas para o balanço de pagamentos do Brasil (FAUSTO, 1995, pág. 495).

Em média a economia brasileira cresceu apenas 3% ao ano durante a década de 80 e menos ainda – 1,6% ao ano – durante os anos 90. Com isso, por duas décadas (anos 80 e 90) o Brasil cresceu menos que as principais economias do mundo, contrastando com o que ocorrera no século XX durante as décadas anteriores a 1980 (MATTOS e SOULÉ JÚNIOR, 2007, pág. 5).

Paralelamente a este crescimento pequeno que ocorreu entre os anos 80 e 90 ocorreu outro evento econômico significativo: a inflação começou a ficar fora de controle. Até 1979 a inflação anual no Brasil ficara ao redor dos 40%, mas chegou a 110% em 1980 e atingiu o pico de 2.708,17% em 1993³. O quadro de estagflação, marcado pela ação conjunta de inflação com estagnação, levou o Brasil a emitir sucessivos planos econômicos, geralmente seguindo as regras rigorosas do FMI (Fundo Monetário Internacional). Sob o governo Sarney (1985-1990) foram editados o Plano Cruzado (1986) e a moratória unilateral em 1987, além dos planos Bresser em 1987 e Verão em 1988 (FAUSTO, 1995, págs. 522 e 523). Em 1989, último ano do governo Sarney, a inflação anual foi de 3,13% mas o crescimento do PIB no mesmo período, medido pelo IGP-M, limitou-se a meros 0,25%⁴.

Os planos econômicos continuaram aparecendo durante os governos seguintes, dos presidentes Fernando Collor de Mello (1990-1992), Itamar Franco (1992-1995) e Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2003). Entre as várias medidas para controlar a inflação e estimular o crescimento econômico destacam-se os planos Collor (1990), Marcílio (1991) e, finalmente, o Plano Real (1994) que reduziu a inflação anual de 2.708,17% em 1993 para 14,78% em 1995, ao mesmo tempo em que a economia cresceria 5,33% em 1994 e 4,42% em 1995⁵.

³ Inflação medida pelo IGP-DI, frequência anual de 1945 até 2012. Fonte: Fundação Getúlio Vargas, Conjuntura Econômica - IGP (FGV/Conj. Econ. - IGP), dados disponíveis no site do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em www.ipeadata.gov.br (acessado em 9/7/2013)

⁴ Dados disponíveis no site do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em www.ipeadata.gov.br (acessado em 9/7/2013)

⁵ Dados disponíveis no site do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em www.ipeadata.gov.br (acessado em 9/7/2013)

A dificuldade para colocar a inflação a níveis aceitáveis, revelada pelo fracasso dos sucessivos planos de estabilização, impediu a criação de um horizonte favorável à retomada dos investimentos feitos pelo setor privado. Os investimentos públicos também sofreram redução, devido principalmente ao aumento das dívidas externa e interna, fazendo com que as autoridades reduzissem os gastos públicos nas áreas sociais e de infra-estrutura (MATTOS e SOULÉ JÚNIOR, 2007, pág. 6), intimamente ligadas às áreas de arquitetura, engenharia e construção civil, áreas essas que necessitam de horizontes favoráveis, pois seu planejamento ocorre a médio e longo prazo.

Relações empregatícias – Foram afetadas diretamente pela situação econômica que causou a redução dos investimentos públicos e privados. Na década de 80 a desestruturação da situação vigente até então ocorreu pelo aumento do emprego informal e das ocupações por conta própria (autônomos). Houve pronunciada queda dos rendimentos médios reais dos trabalhadores de todos os tipos de vínculo (emprego com carteira, emprego sem carteira, trabalhadores autônomos e empregadores). A queda real dos rendimentos foi maior entre os mais pobres, pelo menor poder de barganha e pelo inchaço do setor informal do mercado de trabalho, que utiliza os excedentes de mão-de-obra das áreas urbanas e que é caracterizado pela baixa renda. Acentuou-se dessa maneira o processo de concentração da renda (iniciado nos anos 80) e também ocorreu o crescimento do trabalho assalariado não formal. Outro fator que passou a afetar o emprego foi a queda do nível de instrução da população. Este, no geral, sempre foi muito baixo, mas isso até então não tinha sido empecilho para a obtenção de emprego. Entretanto, a partir da década de 80 observou-se o aumento do nível mínimo de escolaridade para contratar empregados, não necessariamente pela exigência de maior capacitação para os postos oferecidos, mas sim pela falta existência de profissionais com maior grau de escolaridade que não encontravam posição dentro de suas habilitações legais e que aceitavam trabalhar em posições de menor qualificação e com maior rotatividade de mão-de-obra (MATTOS e SOULÉ JÚNIOR, 2007, pág.7).

O ano de 1990 marca uma mudança importante na maneira pela qual a política econômica brasileira vinha sendo conduzida, quase que uma ruptura. Este foi o primeiro ano do mandato de Fernando Collor, marcado pelo confisco dos ativos financeiros seguido de recessão econômica, com crescimento do PIB de $-4,35\%$, $1,03\%$ e

de -0,47, respectivamente, em 1990, 1991 e 1992. Do ponto de vista mais estrutural, o governo Collor promoveu uma rápida abertura comercial, baseada na redução dos impostos e tarifas de importações de produtos, junto a reformas nas modalidades e formas de controle dos investimentos. As aberturas comercial e financeira estavam contidas em um receituário de políticas neoliberais que anunciavam, como objetivo principal, ampliar a “competitividade” da economia brasileira no cenário internacional. Entretanto, a abertura comercial foi feita sem uma contrapartida em políticas de incentivo à readequação do parque industrial brasileiro à nova realidade. Dessa maneira, a abertura comercial promoveu, na verdade, uma intensa crise na indústria brasileira, afetada por quebras de empresas, descontinuidade na cadeia industrial, aumento da instabilidade financeira e da vulnerabilidade brasileira a fatores externos, sempre sob controle do FMI (MATTOS e SOULÉ JÚNIOR, 2007, pág.7). Estes autores descrevem da seguinte forma o mercado de trabalho dos anos 90:

A queda dos rendimentos reais foi significativa no início da década, interrompendo-se durante os anos de auge do Plano Real (1994 a 1996) e voltando a cair novamente depois de 1997. Outros fatos importantes chamam a atenção [...]: as altas taxas de desemprego, do número de desempregados, de inativos e da desigualdade financeira, do desassalariamento, da regressão do emprego formal e aumento das ocupações por conta-própria e sem remuneração. Existe, ainda, uma forte relação entre a maior formação e os que estão no mercado de trabalho: quanto maiores as requisições exigidas pelo mercado de trabalho, maior é a chance de estar nele inserido. [...] O mercado de trabalho no Brasil, nos anos 90, continuou a sofrer com o aumento da precariedade do trabalho iniciada na década de 80, que proporciona baixa estabilidade, falta de proteção social e menores rendimentos. O nível de desemprego foi aumentando até 1992, tendo um pequeno retrocesso nos anos de 1993 a 1995 e retornando a sua curva de crescimento a partir de 1996 atingindo em 1999 a taxa de 27,7% de desemprego na região de Salvador e 19,3% na região metropolitana de São Paulo (MATTOS e SOULÉ JÚNIOR, 2007, pág. 8).

Tecnologia – Ocorreram várias mudanças no período, ajudando a mudar o quadro da administração das empresas, do emprego e dos negócios em geral. A informática, em especial, passa a ser importante para o ganho de competitividade das empresas e organizações em geral. O emprego formal foi atingido de forma direta, pela combinação da racionalização dos processos de produção, da terceirização de diversos serviços e da difusão do uso da informática. Estes fatores possibilitaram aumentar a

produtividade e a competitividade sem a necessidade de novas contratações e, em algumas situações, permitindo inclusive a eliminação de postos de trabalho. Com o uso crescente de sistemas computadorizados o profissional ligado às tecnologias da informação passou a ser um elemento necessário dentro das organizações (MATTOS e SOULÉ JÚNIOR, 2007, pág.10).

A arquitetura, como integrante que é da construção civil, não ficou imune a estas mudanças na tecnologia. Um fator novo foi o surgimento dos computadores pessoais, a partir de 1980, juntamente com programas de desenho como o AutoCAD (de 1982) e de aplicativos para escritório como o Word (1983), Excel (1993) e Lotus 1-2-3 (1983). Estes computadores e respectivos aplicativos modificaram o modo de trabalho no qual geração de arquitetos dos anos 80 foi formada, pois:

O uso do computador na projeção modificou a prática dos arquitetos. Os arquitetos [...] que começaram a atuar no final da década de 80 representam certa transição no modo de atuação dos arquitetos, ou seja, uma modificação na prática profissional. Foi nesta época que os programas de computador, voltados para a projeção, começaram a se difundir. Alguns desses arquitetos, inclusive, já tiveram essa formação na própria escola, enquanto outros fizeram cursos paralelos, para incorporar essa novidade à sua prática. Observa-se, entretanto, que mesmo os arquitetos que não tiveram a formação voltada para o uso da computação gráfica, a incorporaram em seus escritórios. [...] A contribuição do uso do computador para o desenvolvimento dos projetos é reconhecida por todos. [...] Os novos programas de computador, os softwares cada vez mais sofisticados, têm permitido aos arquitetos a modelagem de seus projetos em três dimensões. Sua aplicação tem se tornado uma ferramenta poderosa de representação tridimensional do objeto arquitetônico e de persuasão do cliente. (GÓES, 2005. Págs. 118 a 119)

Os arquitetos formados na primeira metade da década de 80 começaram seus cursos a partir de meados da década de 70, quando os currículos escolares não contavam com o uso da informática, que ainda estava por vir. Quando adentraram o mercado de trabalho, entretanto, a partir de 1980, os então já profissionais arquitetos e urbanistas precisaram aprender a usar, conviver e tirar proveito da nova tecnologia. Inicialmente os computadores eram usados apenas para a confecção do projeto executivo mas, à medida que mais e mais gerações de arquitetos aprendiam a usar o computador desde a escola, começaram a fazer até mesmo os primeiros croquis já usando o

computador. Os computadores passaram então a fazer parte de todo o percurso da projeção arquitetônica, continuamente desprezando o uso do conjunto lápis e papel que havia sido obrigatório para a geração anterior de arquitetos (GÓES, 2005. Págs. 119 a 127).

Enquanto estes acontecimentos iam se desenrolando, na cidade de São Paulo, pólo econômico do país, centenas de arquitetos e urbanistas eram colocados no mercado de trabalho preparados pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, uma das mais antigas e tradicionais escolas de arquitetura e urbanismo do Brasil. O Mackenzie começou a formar arquitetos em 1917, ainda com o título de engenheiros-arquitetos, uma vez que os cursos de arquitetura começaram como uma especialização da engenharia. Em 1947 o curso de arquitetura separou-se definitivamente da faculdade de engenharia, transformando o Mackenzie na primeira instituição de ensino superior do Estado de São Paulo a ter uma faculdade dedicada exclusivamente à arquitetura ⁶.

Em suma, a situação econômica desfavorável no contexto mundial teve conseqüências para o Brasil, enquanto ao mesmo tempo estavam acontecendo mudanças na tecnologia e nas relações entre as pessoas, as sociedades e os países. Este contexto influenciou diretamente o grupo de arquitetos objeto desta presente pesquisa.

⁶ **INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE**, Histórico do curso de Arquitetura. Disponível em www.mackenzie.br/1716.html, acessado em 09/07/2013

Capítulo 3

Situação atual da profissão do Arquiteto e Urbanista – Legislação e normas

3.1 Definições e atribuições legais da profissão de Arquiteto e Urbanista

A necessidade e a capacidade de erigir edificações são características inerentes à humanidade, e no Brasil não seria diferente. Em toda nossa história sempre se construiu, indo desde as toscas habitações indígenas até as casas de diversos tipos e tamanhos, passando pelos prédios públicos e pelas edificações religiosas e militares. Para realizar estas obras sempre houve alguém encarregado de planejar e fazer a construção, mas foi só no início do século XX que o arquiteto assumiu legalmente esta função. A criação do aparato legal para regulamentar a profissão do arquiteto não foi um processo simples e rápido, muito pelo contrário: a história da profissionalização do arquiteto e urbanista no Brasil iniciou-se no século XX e continua até os dias atuais. Atualmente, a arquitetura e o urbanismo são profissões regulamentadas e, portanto, dependentes das instituições de ensino, dos órgãos de classe e do aparato de representação sindical (SEGNINI, 2002. Págs. 15 a 17).

Decreto nº 23.569/1933: a primeira regulamentação – A profissão “arquiteto” no Brasil foi criada oficialmente pelo decreto nº 23.569 de 11 de dezembro de 1933, que “regula o exercício das profissões de engenheiro, de arquiteto e de agrimensor”. O decreto estabeleceu que arquitetos e engenheiros deveriam ser diplomados por uma escola oficial, e que o respectivo diploma deveria ser registrado no então existente Ministério da Educação e Saúde Pública. O profissional deveria também registrar-se no então recém criado Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA), que era filiado a um órgão central, no mesmo ato batizado como “Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia” (CONFEA). O artigo 18 do decreto

nº 23.569 explicita que “a fiscalização do exercício da engenharia, da arquitetura e da agrimensura será exercida pelo Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura e pelos Conselhos Regionais” e, para tanto, foi estabelecida a necessidade do registro e da carteira profissional, especificando o decreto que “a todo profissional registrado de acordo com este decreto será entregue uma carteira profissional, numerada, registrada e visada no Conselho Regional”.

Note-se que, pelas leis atuais, o decreto nº 23.569/1933 não seria de obediência obrigatória por tratar-se de um decreto e não de uma lei. Isso porque o princípio genérico da legalidade do artigo 5.º, inciso II, da Constituição Federal atual (de 1988) estabelece que “ninguém será obrigado a fazer ou deixar alguma coisa senão em virtude de lei”, ou seja, somente uma lei pode inovar o Direito, criando, extinguindo ou modificando direitos e obrigações.

Mas ocorre que o decreto nº 23.569/1933 foi publicado na época do Estado Novo, pelo Presidente Getúlio Vargas, que tomou o poder na revolução de 1930 e em novembro do mesmo ano assumiu para si tanto o poder executivo quanto o legislativo, dissolvendo tanto o congresso nacional como os legislativos estaduais e municipais (FAUSTO, 1996. Pág. 333). Por isto o decreto nº 23.569/1933 entrou em vigor imediatamente após sua promulgação, com o valor de lei.

Decreto-lei nº 3.995/1941: entra em vigor a anuidade – Oito anos depois de entrar em vigor o decreto nº 23.569/1933, ainda sob a administração do Presidente Getúlio Vargas e do Estado Novo, foi emitido o decreto-lei nº 3.995, de 31 de dezembro de 1941. Este visava “estabelecer, para os profissionais e organizações sujeitas ao regime do decreto nº 23.569/1933, a obrigação do pagamento de uma anuidade aos Conselhos Regionais de que trata o mesmo decreto, e dá outras providências”, mas nada acrescentou em relação às profissões em si, ou seja, suas descrições e habilitações continuaram as mesmas.

Decreto-lei nº 8.620/1946: surge o urbanista – O decreto nº 23.569/1933 foi novamente complementado e regulamentado pelo decreto-lei nº 8.620, de 10 de janeiro de 1946. Já nos primeiros parágrafos este decreto-lei estabelece que veio para modificar, complementar e corrigir o disposto nas duas leis anteriores que regiam a profissão de engenheiro, arquiteto e agrônomo. Foram modificados vários itens da fiscalização feita pelo sistema CONFEA/CREA e é digna de nota a inclusão neste Conse-

lho dos técnicos de grau superior e médio. Também estabelece o fim das denominações de Prático de Engenharia, Engenheiro-Prático, ou equivalentes, que passam a denominar-se “Auxiliar de Engenheiro”, com direito a registrar-se no CONFEA/CREA. O mesmo decreto também determina que cabe ao CONFEA/CREA a responsabilidade de “estabelecer as atribuições das profissões civis de engenheiro naval, construtor naval, engenheiro aeronáutico, engenheiro metalúrgico, engenheiro químico e urbanista”. O decreto nº 8.620/1946 não modificou, contudo, as atividades reservadas aos arquitetos tal como haviam sido definidas no Decreto nº 23.569/1933.

Lei nº 5.194/1966: unificação das determinações anteriores – A situação legal dos arquitetos e urbanistas só viria a ser modificada 33 anos depois da emissão do decreto nº 23.569/1933, quando este foi substituído pela lei nº 5.194 de 24 de dezembro de 1966, que “regula o exercício das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro-Agrônomo, e dá outras providências”. A lei nº 5.194/1966 manteve as diretrizes básicas do decreto que lhe deu origem, tendo sido sancionada pelo então Presidente da República General Castelo Branco.

Novamente, a legislação que estabelece as bases do exercício profissional do arquiteto e urbanista foi promulgada em um regime autoritário, uma vez que em 31 de março de 1964 havia sido implantado o governo militar no Brasil. Uma das primeiras medidas do novo regime foi emitir o Ato Institucional nº 1 (AI-1) que manteve a constituição de 1946, porém com modificações visando, basicamente, a reforçar o Poder Executivo ao mesmo tempo em que reduzia o campo de ação do Congresso Nacional (FAUSTO, 1996. Págs. 405-406).

O significado para a profissão de arquiteto e urbanista destas duas legislações em seqüência e similares emitidas em períodos políticos de exceção pode ser tema de futuras pesquisas, uma vez que foge ao escopo da presente. O fato é que a lei nº 5.194/1966 atualizou e unificou em um único texto as atribuições das profissões de engenheiro, arquiteto e agrônomo, além de confirmar o sistema CREA/CONFEA como o órgão fiscalizador dessas profissões.

Resolução nº 205/1971 do CONFEA: o Código de Ética – Cinco anos depois da lei nº 5.194/1966 o CONFEA publicou o “Código de Ética do Engenheiro, do Arquiteto e do Engenheiro Agrônomo”. Este entrou em vigor através da resolução nº 205 de 30 de setembro de 1971 deste mesmo Conselho, onde é explicado que o Có-

digo de Ética “é imperativo para a disciplina profissional”. Apesar de não ser uma lei, de acordo com o item “n” do artigo 27 da lei 5.194/1966 o Código de Ética serviu como base para a atividade fiscalizadora do CONFEA/CREA, para julgar os casos de exercício ilegal da profissão ou de conduta inadequada dos fiscalizados. O crescimento do número de arquitetos e urbanistas assalariados levou à criação do Sindicato dos Arquitetos em 1971. Atendia-se assim a uma reivindicação feita pela Associação Profissional dos Arquitetos, entidade fundada em 1968 (SEGNINI, 2002. Pág. 17).

Resolução nº 218/1973 do CONFEA: detalhamento das atribuições – O artigo 7º da Lei nº 5.194/1966, contudo, refere-se às atividades dos arquitetos, engenheiros e agrônomos de maneira genérica, levando o CONFEA a publicar em 29 de junho de 1973 a Resolução nº 218, para “discriminar atividades das diferentes modalidades profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia em nível superior e em nível médio, para fins da fiscalização de seu exercício profissional”.

Lei nº 8.195/1991: atribuições não foram modificadas – Em 26 de junho de 1991 o Presidente da República Fernando Collor sancionou a lei nº 8.195, que voltou a afetar o exercício profissional dos arquitetos. A lei nº 8.195/1991 auto-esclarece que “altera a Lei nº 5.194, de 24 de dezembro de 1966, que regula o exercício das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro Agrônomo” e logo em seguida complementa que ela dispõe “sobre eleições diretas para Presidentes dos Conselhos Federal e Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, e dá outras providências”. Em resumo, a lei nº 8.195/1991 estabelece que “os Presidentes dos Conselhos Federal e Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia serão eleitos pelo voto direto e secreto dos profissionais registrados e em dia com suas obrigações”, e também que o mesmo conselho “disporá, em resolução, sobre os procedimentos eleitorais referentes à organização e data das eleições, prazos de desincompatibilização, apresentação de candidaturas e tudo o mais que se fizer necessário à realização dos pleitos”. Esta lei, portanto, não afetou diretamente a determinação das atribuições e funções dos arquitetos e urbanistas.

Resolução nº 1.010/2005 do CONFEA: novas atribuições – A titulação e outros detalhes referentes aos arquitetos e urbanistas foram modificados quando o CREA publicou a Resolução nº 1.010, de 22 de agosto 2005, que “dispõe sobre a regulamentação da atribuição de títulos profissionais, atividades, competências e caracteri-

zação do âmbito de atuação dos profissionais inseridos no Sistema CONFEA/CREA, para efeito de fiscalização do exercício profissional”. Esta resolução não alterou a relação dos arquitetos e urbanistas com o CONFEA/CREA, mas deixou claro quais eram as atribuições, títulos profissionais e as designações de especialistas, mestres e doutores que os graduados nas profissões ligados ao CONFEA poderiam obter e a partir dos quais seriam fiscalizados.

Lei nº 12.378/2010: criação do CAU – Até então, a lei nº 5.194/1966, complementada pela Resolução nº 218/1973 do CONFEA, juntamente com outras resoluções do CREA e do Sindicato dos Arquitetos, é que formava o embasamento jurídico do exercício profissional da Arquitetura e Urbanismo. Foi assim até 31 de dezembro de 2010, quando foi promulgada pelo Presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva a lei nº 12.378, que trouxe mudanças significativas para os arquitetos e urbanistas.

Estes deixaram o sistema CONFEA/CREA e passaram para o então criado Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU-BR). Não obstante, a mesma lei proclama em seu artigo 59 que “o CAU-BR e os CAUs poderão manter convênio com o CONFEA e com os CREAs, para compartilhamento de imóveis, de infra-estrutura administrativa e de pessoal, inclusive da estrutura de fiscalização profissional”. Estabelece a mudança de designação: “o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – CONFEA – passa a se denominar Conselho Federal de Engenharia e Agronomia – CONFEA” (artigo 64) e “os Conselhos Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – CREAs – passam a se denominar Conselhos Regionais de Engenharia e Agronomia – CREAs” (artigo 64).

Pela lei nº 12.378/2010 a antiga ART (Anotação de Responsabilidade Técnica) do CONFEA/CREA deixou de ser usada pelos arquitetos e urbanistas, que passaram a utilizar a RRT (Registro de Responsabilidade Técnica). A função continua a mesma, mas a entidade emissora e fiscalizadora para os arquitetos e urbanistas passou do CONFEA/CREA para o CAU-BR e deste para os CAUs regionais.

A mesma lei estabelecia em seu artigo 68 que entraria em vigor após a posse do Presidente e dos Conselheiros do CAU/BR, exceto pelos artigos 56 e 57 (tratando do sistema CONFEA/CREA) que entrariam em vigor imediatamente após sua promulgação. Como o parágrafo 2º do artigo 56 estabelece que “a eleição para os conselheiros do CAU/BR e dos CAUs dar-se-á entre 3 (três) meses e 1 (um) ano da publica-

ção desta Lei” ocorreu, portanto, que a data limite para a instalação do recém criado CAU-BR seria 31 de dezembro de 2011.

As eleições foram realizadas em 26 de outubro de 2011 e publicadas no Diário Oficial da União (DOU) nº 212 de 4 de novembro de 2011 (seção 3 – ISSN 1677-7069, págs. 189 a 191). O conselho começou a funcionar em 19 de dezembro de 2011, quando a diretoria eleita tomou posse. A partir de então as atividades dos arquitetos passaram efetivamente a serem fiscalizadas pelo CAU-BR, e não mais pelo sistema CONFEA/CREA.

A lei nº 12.378/2010 estabelece as atribuições do arquiteto e urbanista. Para tanto são fornecidas duas listagens: no parágrafo único do artigo 2º estão as áreas onde podem atuar, e no mesmo artigo estão as atividades e atribuições que os profissionais desenvolvem naquelas áreas. A **Tabela 1** (a seguir) faz a síntese deste conteúdo.

Tabela 1 – Áreas de atuação, atividades e atribuições dos Arquitetos e Urbanistas, segundo a lei 12.378/2010

Área de atuação	Atividades e atribuições
<p>I - supervisão, coordenação, gestão e orientação técnica;</p> <p>II - coleta de dados, estudo, planejamento, projeto e especificação;</p> <p>III - estudo de viabilidade técnica e ambiental;</p> <p>IV - assistência técnica, assessoria e consultoria;</p> <p>V - direção de obras e de serviço técnico;</p> <p>VI - vistoria, perícia, avaliação, monitoramento, laudo, parecer técnico, auditoria e arbitragem;</p> <p>VII - desempenho de cargo e função técnica;</p> <p>VIII - treinamento, ensino, pesquisa e extensão universitária;</p> <p>IX - desenvolvimento, análise, experimentação, ensaio, padronização, mensuração e controle de qualidade;</p> <p>X - elaboração de orçamento;</p> <p>XI - produção e divulgação técnica especializada; e</p> <p>XII - execução, fiscalização e condução de obra, instalação e serviço técnico.</p>	<p>I - da Arquitetura e Urbanismo, concepção e execução de projetos;</p> <p>II - da Arquitetura de Interiores, concepção e execução de projetos de ambientes;</p> <p>III - da Arquitetura Paisagística, concepção e execução de projetos para espaços externos, livres e abertos, privados ou públicos, como parques e praças, considerados isoladamente ou em sistemas, dentro de várias escalas, inclusive a territorial;</p> <p>IV - do Patrimônio Histórico Cultural e Artístico, arquitetônico, urbanístico, paisagístico, monumentos, restauro, práticas de projeto e soluções tecnológicas para reutilização, reabilitação, reconstrução, preservação, conservação, restauro e valorização de edificações, conjuntos e cidades;</p> <p>V - do Planejamento Urbano e Regional, planejamento físico-territorial, planos de intervenção no espaço urbano, metropolitano e regional fundamentados nos sistemas de infra-estrutura, saneamento básico e ambiental, sistema viário, sinalização, tráfego e trânsito urbano e rural, acessibilidade, gestão territorial e ambiental, parcelamento do solo, loteamento, desmembramento, remembramento, arruamento, planejamento urbano, plano diretor, traçado de cidades, desenho urbano, sistema viário, tráfego e trânsito urbano e rural, inventário urbano e regional, assentamentos humanos e requalificação em áreas urbanas e rurais;</p> <p>VI - da Topografia, elaboração e interpretação de levantamentos topográficos cadastrais para a realização de projetos de arquitetura, de urbanismo e de paisagismo, fotointerpretação, leitura, interpretação e análise de dados e informações topográficas e sensoriamento remoto;</p> <p>VII - da Tecnologia e resistência dos materiais, dos elementos e produtos de construção, patologias e recuperações;</p> <p>VIII - dos sistemas construtivos e estruturais, estruturas, desenvolvimento de estruturas e aplicação tecnológica de estruturas;</p> <p>IX - de instalações e equipamentos referentes à arquitetura e urbanismo;</p> <p>X - do Conforto Ambiental, técnicas referentes ao estabelecimento de condições climáticas, acústicas, lumínicas e ergonômicas, para a concepção, organização e construção dos espaços;</p> <p>XI - do Meio Ambiente, Estudo e Avaliação dos Impactos Ambientais, Licenciamento Ambiental, Utilização Racional dos Recursos Disponíveis e Desenvolvimento Sustentável.</p>

Fonte: Compilação feita pelo autor a partir da lei citada

Resolução nº 21/2012 do CAU-BR – O parágrafo 3º do artigo 3º da lei nº 12.378/2010 (aquela que criou o CAU) estabelece que “cabe ao CAU-BR especificar as áreas de atuação privativas dos arquitetos e urbanistas e as áreas de atuação compartilhadas com outras profissões regulamentadas”. Com efeito, estas definições foram publicadas oportunamente pelo CAU-BR, da forma a seguir descrita:

A resolução nº 21 de 5 de abril de 2012 do CAU-BR detalha e esclarece o conteúdo dos incisos do artigo 2º e seu parágrafo único da lei nº 12.378/2010, descrevendo minuciosamente todas as atribuições profissionais dos arquitetos e urbanistas. O objetivo principal é que estas atribuições passassem a ser representadas com precisão no Sistema de Informação e Comunicação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (SICCAU) para fins da emissão do Registro de Responsabilidade Técnica (RRT), que substituiu o antigo ART (Anotação de Responsabilidade Técnica) no caso dos arquitetos e urbanistas. A resolução nº 21/2012 foi útil para esta pesquisa por trazer uma descrição mais pormenorizada das atribuições em relação à lei nº 12.378/2010. A síntese desta descrição está na Tabela 2 (vide página 35).

Resolução nº 51/2013 do CAU-BR: áreas exclusivas dos arquitetos e urbanistas – A Resolução nº 51, de 12 de julho de 2013, vai além da Resolução nº 21/2012, porque estabelece as “atividades, atribuições e campos de atuação privativos dos arquitetos e urbanistas e os que são compartilhados entre estes e os profissionais legalmente habilitados em outras profissões regulamentadas”. O artigo 2º da Resolução nº 51 estabelece diversas áreas de atuação como sendo exclusivas dos arquitetos e urbanistas, estando entre elas: projeto e reforma de edificações, projeto de arquitetura de interiores, arquitetura paisagística, projeto e intervenção no patrimônio histórico cultural e artístico, planejamento do traçado de cidade e outras. No artigo 3º, as demais atribuições dos arquitetos e urbanistas são consideradas “áreas de atuação compartilhadas entre os profissionais da Arquitetura e Urbanismo e os de outras profissões regulamentadas”.

É digno de nota que a promulgação da Lei nº 12.378/2010 (que retirou os arquitetos e urbanistas do sistema CREA/CONFEA) não revogou a lei nº 5.194/1966, que até então regulamentava a profissão não só dos arquitetos e urbanistas mas também dos engenheiros e agrônomos. Até pelo fato de todos estes profissionais terem estado sujeitos ao mesmo conselho havia áreas de “sombra”, ou seja, atividades que poderiam ser feitas tanto pelos arquitetos quanto pelos engenheiros, de diversas áreas. Em função disto, o parágrafo 4º do artigo 3º da Lei nº 12.378/2010 estabelece que a atuação dos Arquitetos e Urbanistas em áreas compartilhadas com outras profissões sempre será regulamentada por resolução conjunta entre os dois conselhos: “Na hipótese de as normas do CAU/BR sobre o campo de atuação de arquitetos e urbanistas

contradizerem normas de outro conselho profissional, a controvérsia será resolvida por meio de resolução conjunta de ambos os conselhos.” O CAU-BR, entretanto, em sua resolução nº 51/2013, chamou para si a responsabilidade de determinar quais são as áreas de atuação privativas dos arquitetos, automaticamente vedando-as aos engenheiros.

O CONFEA reagiu à Resolução nº 51 do CAU-BR através de suas próprias ações e também através das suas sedes estaduais. No caso de São Paulo, o CREA deste estado publicou um esclarecimento em seu sítio ⁷, alegando que o CAU-BR havia ferido não só o citado artigo 3º da Lei nº 12.378/2010 mas também o inciso XIII do artigo 5º da Constituição Federal, onde é dito que “é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer”. O CONFEA colocou artigo de mesmo teor, publicado no sítio da organização em **www.confea.org.br** intitulado “Confea mantém defesa da sociedade e dos profissionais da área tecnológica” (CONFEA, Brasília, 25 de julho de 2013).

Em resumo, portanto, a geração de arquitetos e urbanistas que são o objeto desta pesquisa teve sua formação escolar e atuou durante a maior parte do tempo (entre 25 a 30 anos) na vigência da lei nº 5.194/1966. A partir de 2010 passou a ser regida pela lei nº 12.378/2010, onde ficou estabelecido que o órgão fiscalizador dos arquitetos e urbanistas deixou de ser o CREA e passou a ser o CAU-BR.

Foi com base nas determinações destas duas leis, assim como das resoluções do CREA e do CAU-BR que foram extraídas as definições utilizadas nesta pesquisa. Estas definições, no entanto, para efeito de uso e tabulação nesta pesquisa, precisam ser sistematizadas e codificadas de acordo com a norma internacional, conforme estabelecido na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) de 2002 e explicado no item 3.2 a seguir (página 22).

A Figura 1 (a seguir) mostra como estas datas se relacionam, ilustrando os períodos de vigência das leis e da CBO/2002 durante a formação, a graduação e o exercício profissional do grupo de arquitetos e urbanistas que é objeto desta pesquisa.

⁷ O documento citado é intitulado “Profissionais Registrados no Crea-SP permanecem com todas suas atribuições” e foi publicado em 26 de julho de 2013 no sítio do CREA de São Paulo em **www.creasp.org.br** (acessado em 7 de abril de 2014)

Figura 1 – Linha do tempo da turma de arquitetos e urbanistas pesquisados

Fonte: produção do autor

3.2 Considerações sobre as atividades dos arquitetos e urbanistas segundo a classificação internacional e a CBO/2002

Em 1977 o governo brasileiro firmou convênio com a Organização das Nações Unidas (ONU), por intermédio da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Tomando como base a Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO) de 1968, o Brasil comprometia-se a utilizar as mesmas referências internacionais da CIUO em seus programas internos. O plano foi posto em prática com a portaria nº 3.654, de 24 de novembro de 1977, emitida pelo então designado Ministério do Trabalho (atual Ministério do Trabalho e Emprego) onde é esclarecido que a referida portaria foi feita:

Considerando a necessidade de uniformizar os títulos e codificar as ocupações brasileiras, para fins de pesquisa sobre o mercado de trabalho e a estrutura ocupacional; Considerando os estudos da Organização Internacional do Trabalho, consolidados na Classificação Internacional Uniforme de Ocupações; Considerando que o “Projeto de Planejamento de Recursos Humanos” Bra/70/550, decorrente do convênio entre o governo do Brasil e o programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com a colaboração da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), previu, entre seus objetivos, a elaboração de uma Classificação Nacional de Ocupações a fim de unificar a nomenclatura para as estatísticas do trabalho.⁸

⁸ Texto extraído da portaria nº 1.334 de 21/12/1994, emitida pelo Ministério do Trabalho (MTb), citando a portaria anterior (nº 3.654 de 24 de novembro de 1977) que estava sendo revogada no artigo 7º.

A Portaria nº 3.654/1977 foi atualizada pela de nº 397 de 09/10/2002, do mesmo ministério, que “Aprova a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO/2002, para uso em todo território nacional e autoriza a sua publicação”.

A CBO/2002 passou assim a ser o “documento normalizador do reconhecimento (no sentido classificatório), da nomeação e da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro”, mas agora com base na (então) mais recente CIUO-88 (de 1988) e não mais na CIOU-68 como havia sido proposto inicialmente.

O artigo 2º dessa portaria determina que a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO/2002) deve ser adotada em todas as referências oficiais às profissões, incluindo-se aí, entre outras, “as atividades de registro, inscrição, colocação e outras desenvolvidas pelo Sistema Nacional de Emprego (SINE), [...] na Relação anual de Informações Sociais (RAIS); [...] nas relações dos empregados admitidos e desligados – CAGED, [...] na autorização de trabalho para mão-de-obra estrangeira, [...] no preenchimento da Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS no campo relativo ao contrato de trabalho, [...] e nas atividades e programas do Ministério do Trabalho e Emprego”.

Ressalte-se que a classificação brasileira de ocupações (CBO/2002) usa a padronização internacional CIUO-88, que foi criada para ser “uma ferramenta indispensável para a comparação internacional de dados ocupacionais e para sua descrição e apresentação”⁹. Ocorre que a referência internacional CIUO-88 foi atualizada pela Classificação Internacional Uniforme de Ocupações de 2008 (CIUO-08), contudo a CBO/2002 continua em vigência no Brasil, usando as referências da versão de 1988, que são as que constam na presente pesquisa. Portanto, nas situações em que assim o exigirem, no futuro, para efetuar as devidas atualizações de código da versão de 1988 para a de 2008 (ou outra mais recente, quando houver) será preciso utilizar a tabela de conversão denominada “Cuadro(s) de correspondencia: CIUO-08- CIUO-88 (Excel)” na versão em espanhol disponível no sítio da Organização Internacional do Trabalho (OIT) no endereço virtual **www.oit.int**.

⁹ Tradução feita pelo autor desta pesquisa a partir da descrição da CIUO-88 no site da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em www.ilo.org (acessado em 02/04/2014)

Deve ser ressaltado, também, que as referências da CBO/2002 têm validade internacional, mas não substituem e nem alteram qualquer lei. A própria CBO/2002 avisa que a profissão de Arquiteto e Urbanista é regulamentada pela lei nº 5.194/1966 (que regula o exercício das profissões de engenheiro, arquiteto e engenheiro agrônomo) e pela lei nº 8.195/1991, que altera a Lei nº 5.194/1966. Contudo, ambas foram posteriormente revogadas e/ou substituídas parcialmente pela Lei nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010 que é, portanto, posterior à promulgação da CBO/2002.

Conforme comentado anteriormente, esta é a situação ilustrada na Figura 1 (vide pág. 22). Durante o tempo de exercício profissional dos arquitetos e urbanistas que são o objeto desta pesquisa existiram duas legislações que regulamentavam a profissão. A CBO/2002 foi feita no período de vigência da lei nº 5.194/1966, mas durante o período em que a presente pesquisa estava sendo feita estes mesmos profissionais passaram a ser fiscalizados e regulamentados pelo CAU-BR, com a promulgação da lei 12.378/2010.

Para efeito de enquadramento na CBO/2002, serão mostradas a seguir os dois enquadramentos possíveis, isto é, como as classificações da CBO/2002 se referem à lei nº 5.194/66 e depois como elas fazem referência à legislação atual, que é a lei 12.278/2010.

3.3 Referências da CBO/2002 em relação à lei 12.278/2010

No tocante aos arquitetos e urbanistas, conforme explanado anteriormente, esta categoria deixou de ser fiscalizada pelo CREA e passou a sê-lo pelo então criado CAU-BR. Os campos e atividades de atuação, contudo, dos arquitetos e urbanistas continuaram tendo pontos em comum com os engenheiros, de diversas especialidades, que continuaram regulamentados pela lei nº 5.194 de 1966. Estes pontos em comum dificultam estabelecer claramente quais são as atividades reservadas para os arquitetos e quais delas são exercidas também pelos engenheiros, agrônomos e por outras categorias profissionais.

Portanto, esta pesquisa obriga-se a atender tanto à Portaria nº 397/2002, que instituiu a CBO/2002 como referência obrigatória em trabalhos oficiais, quanto à Lei nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010 e posteriores portarias emitidas pelo CAU-BR e, onde esta for imprecisa ou omissa, à Lei nº 5.194/1966, que deixou de dizer respeito aos arquitetos e urbanistas mas continua regulamentando a atuação dos engenheiros e

agrônomos. Esta situação de imprecisão ou omissão ocorre porque algumas das atividades listadas na legislação não aparecem na CBO/2002 como referência direta aos arquitetos e urbanistas mas sim à outras famílias ocupacionais, obrigando a buscar tais referências na CBO/2002 pela similaridade de funções, tal como explicado adiante.

Definições da CBO/2002 – A CBO/2002 parte do conceito de que “ocupação” é “um conceito sintético não natural, artificialmente construído pelos analistas ocupacionais. O que existe no mundo concreto são as atividades exercidas pelo cidadão em um emprego ou outro tipo de relação de trabalho (autônomo, por exemplo)”. Finalmente, estabelece que “ocupação é a agregação de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas” (CBO/2002, pág. 7).

Deduz-se, portanto, que a CBO/2002 procura classificar as atividades do profissional e não sua relação de trabalho ou vínculo empregatício. Para tanto a CBO/2002 traz as ocupações organizadas, descritas e codificadas por “famílias”, sendo que cada família representa um conjunto de atividades similares. Para manter a unidade de linguagem com a CIUO 88, estes conjuntos são denominados “família ocupacional” ou “grupo de base”. Segundo esta norma os arquitetos e urbanistas foram classificados da seguinte forma ¹⁰ :

- “Grande Grupo 2”, que corresponde aos “Profissionais das Ciências e das Artes”.
- Dentro do “Grande Grupo 2” estão no grupo 21, que agrega os “Profissionais das ciências exatas, físicas e da engenharia”.
- Dentro do grupo 21, estão no grupo 214, que corresponde aos “Engenheiros, Arquitetos e Afins”
- Dentro do grupo 214 estão na família ocupacional 2141 a qual, finalmente, abrange apenas os “Arquitetos e urbanistas”.

Dentro de cada família ocupacional a CBO/2002 especifica uma “classificação descritiva”, que inventaria detalhadamente as “atividades realizadas no trabalho, os requisitos de formação e experiência profissionais e as condições de trabalho” e, com esta base, estabeleceu que os “Arquitetos e urbanistas” desenvolvem as seguintes atividades ¹¹ :

¹⁰ CBO/2002 (Classificação Brasileira de Ocupações), Livro 3, página 12

¹¹ CBO/2002 (Classificação Brasileira de Ocupações), Livro 1, página 197

- 2141-05 – Arquiteto de edificações – Engenheiro arquiteto – Projetista (arquiteto)
- 2141-10 – Arquiteto de interiores
- 2141-15 – Arquiteto de patrimônio – Arquiteto de restauro – Arquiteto restaurador – Conservador de edificações – Restaurador de edificações
- 2141-20 – Arquiteto paisagista – Arquiteto da paisagem – Paisagista.
- 2141-25 – Arquiteto urbanista – Planejador urbano.
- 2141-30 – Urbanista

A família 2141 relativa aos arquitetos e urbanistas estabeleceu (na página 197 da CBO/2002) que estes são os que:

“[...] elaboram planos e projetos associados à arquitetura em todas as suas etapas, definindo materiais, acabamentos, técnicas, metodologias, analisando dados e informações. Fiscalizam e executam obras e serviços, desenvolvem estudos de viabilidade financeira, econômica, ambiental. Podem prestar serviços de consultoria e assessoramento, bem como estabelecer políticas de gestão”.

No entanto, apenas este grupo de base (e respectivas famílias ocupacionais) é insuficiente para classificar todas as áreas de atuação dos arquitetos e urbanistas descritas na Lei nº 12.378/2010. Torna-se necessário, portanto, localizar dentro da CBO/2002 referências à outras áreas, compartilhadas com outras famílias ocupacionais, para completar o quadro de referências preconizado pela CBO/2002 necessários para esta pesquisa. Estas referências às outras áreas estão descritas a seguir:

Designers de interiores (item II da Lei 12.378, grupos 2141-10 e 3751-05 da CBO) – A CBO/2002 indica (na pág. 197 do Livro 1) que existe uma relação entre a família 2141 (que abrange os arquitetos e urbanistas) e a família 3751, que diz respeito aos “designers de interiores, de vitrines e visual merchandiser”. Com efeito, sabe-se da existência de arquitetos que trabalham nestas áreas, razão pela qual esta pesquisa também inclui a família 3751 como uma atividade profissional dos profissionais pesquisados. Para tanto, foi considerada a descrição da categoria 3751 constante na pág. 663 da CBO/2002, onde é esclarecido que a família ocupacional 3751 compreende os que:

Projetam e executam soluções para espaços internos residenciais, comerciais e industriais visando a estética, o bem-estar e o conforto. Criam e projetam vitrines, ambientes comerciais e industriais que destaquem e valorizem o produto; projetam

programações visuais com os objetivos de estimular o consumo de produtos e de informar o consumidor.

Dentro da família ocupacional 3751, vê-se que o grupo 3751-05 (Designer de interiores) descreve função similar à do grupo 2141-10, ou seja, “projetam e executam soluções para espaços internos residenciais, comerciais e industriais visando a estética, o bem-estar e o conforto”. Por este motivo, a divisão 3751-05 será também utilizada neste trabalho como referência a atividades que podem ser realizadas pelos arquitetos e urbanistas.

Engenheiro agrimensor e cartógrafo (item VI da Lei 12.378, grupo 2148-05 da CBO) – A CBO/2002 não atribui esta atividade diretamente aos arquitetos e urbanistas, mas a Lei nº 12.378/2010, em seu artigo 2º, item VI, determina que a topografia é atividade que pode ser exercida pelos arquitetos e urbanistas, no tocante a “elaboração e interpretação de levantamentos topográficos cadastrais para a realização de projetos de arquitetura, de urbanismo e de paisagismo, fotointerpretação, leitura, interpretação e análise de dados e informações topográficas e sensoriamento remoto”.

No entanto, pela CBO/2002 estas atividades ligadas à topografia estão atribuídas a outras famílias profissionais que requerem curso superior, a saber:

- 2148-05 Engenheiro agrimensor – Agrimensor.
- 2148-10 Engenheiro cartógrafo – Cartógrafo – Engenheiro de Geodésia e topografia

O grupo 2148 compreende aqueles que “realizam atividades em topografia, geodésia e batimetria”, entre outras atividades. Constata-se assim que as tarefas ligadas à topografia podem ser exercidas não só pelos arquitetos e urbanistas, mas também pelos engenheiros especializados em agrimensura e cartografia. Portanto, esta pesquisa usará a categoria 2148-05 para codificar as referências feitas aos arquitetos e urbanistas quando estes estiverem exercendo atividades ligadas à topografia.

Engenheiro civil e tecnólogo em construção civil (item VII da Lei 12.378, grupos 2142-05 e 2142-15 da CBO) – A classificação 2142 da CBO/2002 refere-se aos que, entre outras atividades, “elaboram projetos de engenharia civil, gerenciam obras, controlam a qualidade de empreendimentos”. Diz respeito às seguintes famílias ocupacionais:

- 2142-05 Engenheiro civil – Engenheiro de planejamento – Engenheiro orçamentista – Engenheiro projetista.

- 2142-10 Engenheiro civil (aeroportos)
- 2142-15 Engenheiro civil (edificações)
- 2142-20 Engenheiro civil (estruturas metálicas)
- 2142-25 Engenheiro civil (ferrovias e metrovias)
- 2142-30 Engenheiro civil (geotécnica) – Engenheiro civil (fundações) – Engenheiro civil (mecânica de solos).
- 2142-35 Engenheiro civil (hidrologia)
- 2142-40 Engenheiro civil (hidráulica)
- 2142-45 Engenheiro civil (pontes e viadutos)
- 2142-50 Engenheiro civil (portos e vias navegáveis)
- 2142-55 Engenheiro civil (rodovias) – Engenheiro civil (terraplanagem) – Engenheiro de estradas – Engenheiro de geometria – Engenheiro de pavimentação – Engenheiro de projetos viários – Engenheiro de segurança viária – Engenheiro de sinalização viária – Engenheiro rodoviário.
- 2142-60 Engenheiro civil (saneamento) – Engenheiro civil (obras sanitárias) – Engenheiro sanitarista.
- 2142-65 Engenheiro civil (túneis)
- 2142-70 Engenheiro civil (transportes e trânsito) – Analista de projetos viários – Analista de tráfego – Analista de transportes e trânsito – Engenheiro de logística – Engenheiro de operação (transporte rodoviário) – Engenheiro de tráfego – Engenheiro de trânsito – Engenheiro de transportes.
- 2142-80 Tecnólogo em construção civil – Tecnólogo em construção civil modalidade edifícios – Tecnólogo em construção civil modalidade hidráulica – Tecnólogo em construção civil modalidade movimento de terra e pavimentação – Tecnólogo em controle de obras – Tecnólogo em construção de edifícios – Tecnólogo em edificações – Tecnólogo em estradas.

Na descrição do grupo 2142 a CBO/2002 explica que estes “elaboram projetos de engenharia civil, gerenciam obras, controlam a qualidade de empreendimentos; coordenam a operação e manutenção do empreendimento”, com cada especialidade em seu respectivo campo. Com base nas atividades acima listadas, podemos deduzir que as famílias 2142-05 (Engenheiro civil, de planejamento, orçamentista e projetista) e 2142-15 (Engenheiro civil – edificações) têm parte de suas funções equivalentes a atividades que também podem ser feitas pelos arquitetos.

Estas últimas estão relacionadas nos itens VII e VIII do artigo 2º da Lei 12.378, conforme descrito a seguir.

No item VIII do artigo 2º da Lei 12.378 é dito apenas que uma das funções dos arquitetos e urbanistas é cuidar “dos sistemas construtivos e estruturais, estruturas, desenvolvimento de estruturas e aplicação tecnológica de estruturas”. Com o intuito de esclarecer melhor este ponto, a Resolução nº 21/2012 do CAU-BR distribuiu estas ta-

refas em vários itens, no artigo 3º, onde é dito que “para fins de Registro de Responsabilidade Técnica (RRT) [...] as atribuições profissionais dos arquitetos e urbanistas serão representadas [...] através das seguintes atividades”, a saber:

- Os itens 1.2 e 2.2 da Resolução nº 21/2012 tratam dos “Sistemas construtivos e estruturais”, onde atribui aos arquitetos a possibilidade de fazer projetos de estruturas de madeira, concreto, pré-fabricadas, metálicas, mistas e de outras estruturas.
- O item 3 da Resolução nº 21/2012 trata do tema “Gestão” e elenca várias atividades que os arquitetos e urbanistas podem exercer. Dentre estas estão a coordenação e compatibilização de projetos, além da supervisão, direção, condução, gerenciamento, acompanhamento e fiscalização de obra ou serviço técnico.

Fica assim, portanto, feita a correlação entre as referências 2142-05 e 2142-15 da CBO/2002 e o VIII do artigo 2º da Lei 12.378.

Com relação ao item VII do artigo 2º da Lei 12.378, a redação literal é que os arquitetos desenvolvem atividades referentes à “tecnologia e resistências dos materiais” e fazem o “estudo dos elementos e produtos de construção, patologias e recuperações”. Igualmente com o intuito de esclarecer melhor este ponto, a Resolução nº 21/2012 do CAU-BR distribuiu estas tarefas em vários itens. O item 6.2 desta Resolução diz respeito à “Pesquisa” e o item 6.3 trata da “Tecnologia da construção e controle de qualidade”, onde estão listadas as seguintes atividades pertinentes à ocupação do arquiteto e urbanista:

- 6.3.1. Pesquisa e inovação tecnológica;
- 6.3.2. Pesquisa aplicada em tecnologia da construção;
- 6.3.3. Pesquisa de elemento ou produto para a construção;
- 6.3.4. Estudo ou pesquisa de resistência dos materiais;
- 6.3.5. Estudo e correção de patologias da construção;
- 6.3.6. Padronização de produto para a construção;
- 6.3.7. Ensaio de materiais;
- 6.3.8. Controle de qualidade de construção ou produto.

Para comparar estas atividades com as do engenheiro civil, para efeito de classificação na CBO/2002, deve-se usar a Resolução nº 218/1973 do CONFEA, que relaciona as seguintes atividades:

- Atividade 01 - Supervisão, coordenação e orientação técnica;
- Atividade 02 - Estudo, planejamento, projeto e especificação;
- Atividade 03 - Estudo de viabilidade técnico-econômica;
- Atividade 04 - Assistência, assessoria e consultoria;

- Atividade 05 - Direção de obra e serviço técnico;
- Atividade 06 - Vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, laudo e parecer técnico;
- Atividade 07 - Desempenho de cargo e função técnica;
- Atividade 08 - Ensino, pesquisa, análise, experimentação, ensaio e divulgação técnica; extensão;
- Atividade 09 - Elaboração de orçamento;
- Atividade 10 - Padronização, mensuração e controle de qualidade;
- Atividade 11 - Execução de obra e serviço técnico;
- Atividade 12 - Fiscalização de obra e serviço técnico;
- Atividade 13 - Produção técnica e especializada;
- Atividade 14 - Condução de trabalho técnico;
- Atividade 15 - Condução de equipe de instalação, montagem, operação, reparo ou manutenção;
- Atividade 16 - Execução de instalação, montagem e reparo;
- Atividade 17 - Operação e manutenção de equipamento e instalação;
- Atividade 18 - Execução de desenho técnico.

No artigo 2º desta resolução é dito que compete ao arquiteto (ou engenheiro-arquiteto) “o desempenho das atividades 01 a 18 do artigo 1º desta Resolução, referentes a edificações, conjuntos arquitetônicos e monumentos, arquitetura paisagística e de interiores; planejamento físico, local, urbano e regional; seus serviços afins e correlatos”.

No artigo 7º da mesma resolução é explicitado que “compete ao engenheiro civil [...] o desempenho das atividades 01 a 18 do artigo 1º desta Resolução, referentes a edificações, estradas, pistas de rolamentos e aeroportos; sistema de transportes, de abastecimento de água e de saneamento; portos, rios, canais, barragens e diques; drenagem e irrigação; pontes e grandes estruturas; seus serviços afins e correlatos”.

As atividades dos engenheiros civis referentes à tecnologia e resistência dos materiais estão descritas nas atividades 6, 10, 14, 15 e 16, que correspondem às atribuições descritas no item VII do artigo 2º da Lei 12.378 o que permite, portanto, afirmar que esta atribuição dos arquitetos e urbanistas também corresponde às classificações 2142-05 e 2142-15 da CBO/2002, originariamente destinadas aos engenheiros civis mas que, por similaridade de funções, podem também ser atribuídas aos arquitetos e urbanistas.

Desenhista industrial (itens IV e IX da Lei nº 12.378, grupos 2141-15, 2624-15 e 2624-20 da CBO) – O código 2624 da CBO/2002 refere-se a uma ampla gama de especializações:

- 2624-05 Artista (artes visuais)
- 2624-10 Desenhista industrial gráfico (designer gráfico)
- 2624-15 Conservador-restaurador de bens culturais
- 2624-20 Desenhista industrial de produto (designer de produto)
- 2624-25 Desenhista industrial de produto de moda (designer de moda)

A descrição é que estes profissionais “concebem e desenvolvem obras de arte e projetos de design, elaboram e executam projetos de restauração e conservação preventiva de bens culturais móveis e integrados. Para tanto realizam pesquisas, elaboram propostas e divulgam suas obras de arte, produtos e serviços”.

É uma descrição similar à que a Lei nº 12.378/2010 traz em seu artigo 2º, item IV, ou seja, que as atividades dos arquitetos e urbanistas aplicam-se às coisas “do Patrimônio Histórico Cultural e Artístico, arquitetônico, urbanístico, paisagístico, monumentos, restauro, práticas de projeto e soluções tecnológicas para reutilização, reabilitação, reconstrução, preservação, conservação, restauro e valorização de edificações, conjuntos e cidades”.

Podemos daí deduzir que a atividade descrita no referido item IV da Lei nº 12.378/2010 pode ser caracterizada como pertencendo à classificação 2624-15 da CBO/2002, juntamente com o código 2141-15, o qual faz referência direta aos arquitetos e urbanistas.

De forma similar, a referência 2624-20 (Desenhista industrial de produto ou Designer de produto) pode ser atribuída às atividades descritas no item IX da Lei nº 12.378, que atribui aos arquitetos e urbanistas o desenvolvimento de “instalações e equipamentos”.

Pesquisadores de engenharia e tecnologia (item X da Lei nº 12.378, grupo 2032-10 da CBO) – Este grupo leva o rótulo de “Conforto ambiental” e faz referência aos que lidam com “técnicas referentes ao estabelecimento de condições climáticas, acústicas, lumínicas e ergonômicas, para a concepção, organização e construção dos espaços”. O conforto ambiental decorre da aplicação de leis da física, química e biologia aos espaços internos e externos das edificações, ou seja, é uma atividade multidisciplinar que pode ser exercida ou coordenada pelos arquitetos e urbanistas. Não

existindo uma correlação direta a esta atividade na CBO/2002, torna-se então preciso classificar esta atividade dentro de uma família similar, que no caso é a de número 2032, que diz respeito aos “pesquisadores de engenharia e tecnologia”, que segundo a CBO/2002 abriga os que “desenvolvem materiais, produtos, processos e métodos relacionados à engenharia e tecnologia, projetando e especificando equipamentos, protótipos e plantas-piloto e testando protótipos, materiais, processos e parâmetros de operação de plantas-piloto. Participam da qualificação, certificação e homologação de laboratórios e produtos. Planejam e executam pesquisas, gerenciam informações de C&T. Podem também prestar serviços de consultoria técnica, bem como dar aulas”.

A CBO/2002 explica que a formação destes profissionais “[...] requer como escolaridade mínima o superior completo, sendo freqüente encontrar profissionais com cursos de pós-graduação e especialização. Normalmente são engenheiros e profissionais com conhecimento teórico necessário para desenvolver pesquisas em engenharia e tecnologia como, por exemplo, química, física e matemática”.

Esta família ocupacional é subdividida nos seguintes grupos:

- 2032-05 Pesquisador de engenharia civil – Engenheiro pesquisador (engenharia civil); Especialista em engenharia civil.
- 2032-10 Pesquisador de engenharia e tecnologia (outras áreas da engenharia) – Engenheiro pesquisador (outras áreas da engenharia); Especialista em engenharia e tecnologia (outras áreas).
- 2032-15 Pesquisador de engenharia elétrica e eletrônica – Engenheiro pesquisador (engenharia elétrica e eletrônica); Engenheiro pesquisador (telecomunicações); Especialista em engenharia elétrica e eletrônica.
- 2032-20 Pesquisador de engenharia mecânica – Engenheiro pesquisador (engenharia mecânica); Especialista em engenharia mecânica.
- 2032-25 Pesquisador de engenharia metalúrgica, de minas e de materiais – Engenheiro pesquisador (materiais); Engenheiro pesquisador (metalurgia); Engenheiro pesquisador (minas); Especialista em engenharia metalúrgica, de minas e de materiais.
- 2032-30 Pesquisador de engenharia química – Engenheiro pesquisador (engenharia química); Especialista em engenharia química.

Os grupos 2032-05 e 2032-10 podem descrever a contento a atividade dos arquitetos e urbanistas no tocante ao conforto ambiental, mas devido à abrangência do tema esta pesquisa adotou a referência 2032-10 como descrevendo a atribuição XI da Lei nº 12.378, para efeito de compatibilização com a CBO/2002.

Engenheiros ambientais e afins (item XI da Lei 12.378, grupo 2140-05 da CBO) – A classificação 2140 da CBO/2002 refere-se aos que “Elaboram e implantam

projetos ambientais; gerenciam a implementação do sistema de Gestão Ambiental (SGA) nas empresas, implementam ações de controle de emissão de poluentes, administram resíduos e procedimentos de remediação”.

É uma descrição similar à dos arquitetos e urbanistas, tal como expresso na Lei nº 12.378/2010, em seu artigo 2º, parágrafo único, item XI, onde é dito que estes cuidam do “Meio Ambiente, Estudo e Avaliação dos Impactos Ambientais, Licenciamento Ambiental, Utilização Racional dos Recursos Disponíveis e Desenvolvimento Sustentável”.

A classificação 2140 da CBO/2002 atribui estas atividades a dois grupos:

- 2140-05 Engenheiro ambiental – Engenheiro de meio ambiente.
- 2140-10 Tecnólogo em meio ambiente – Tecnólogo em gestão ambiental – Tecnólogo em processos ambientais – Tecnólogo em saneamento ambiental.

Como a família 2140-10 prescinde de formação superior integral (graduação) esta pesquisa considera que a família 2140-05 (Engenheiro Ambiental) da CBO/2002 corresponde, para efeitos estatísticos, ao item XI da Lei nº 12.378.

Professores (item sem referência específica na Lei 12.378, correspondente ao grupo 2343-05 da CBO) – Pela CBO/2002 os arquitetos e urbanistas que exercem a função de professores no ensino superior devem ser codificados pela atividade principal. Na página 197 desta regulamentação está assim explicado:

Podem ocorrer casos de arquitetos que exercem também funções de professor no ensino superior. Para codificá-los, considerar as atividades principais. Lei nº 5.194, de 24 de dezembro de 1966 – regula o exercício das profissões de engenheiro, arquiteto e engenheiro agrônomo e dá outras providências. Lei nº 8.195, de 26 de junho de 1991 – altera a Lei nº 5.194/66. (CBO, 2002, pág. 197)

A Lei nº 12.378/2010 alterou parcialmente as duas leis acima citadas. Ao retirar os arquitetos e urbanistas da fiscalização do CREA e passá-los para o CAU é permitido deduzir que os arquitetos e urbanistas que exercem a função de professor do ensino superior poderiam ser classificados, para efeito da CBO/2002, em uma das ocupações constantes na Lei nº 12.378/2010. No entanto, o uso deste recurso não é indicado para a presente pesquisa, pois os que se dedicam ao magistério não seriam contabilizados como tal, ao mesmo tempo em que engrossariam erroneamente a lista dos que atuam efetivamente como professores, pesquisadores e orientadores nas áreas delimitadas pela Lei nº 12.378/2010.

A solução para este impasse está na própria CBO/2002, pois a mesma contém a classificação 2343 que diz respeito especificamente aos “Professores de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia, Geofísica e Geologia do Ensino Superior”. A descrição desta atividade (na pág. 299 da CBO/2002) especifica que os integrantes desta família ocupacional “desenvolvem no ensino superior atividades didáticas, de pesquisa e de extensão nas áreas de conhecimento da engenharia, arquitetura e urbanismo, geofísica e geologia e em áreas afins, podendo exercer atividades administrativas institucionais”. Complementado, no item “Condições gerais de exercício” é dito que estes profissionais “lecionam disciplinas transversais e específicas nas áreas das engenharias, da arquitetura, da geologia e geofísica, nos níveis de graduação, pós-graduação e extensão. Podem desenvolver atividades de pesquisa e desenvolvimento, vinculados a universidades ou faculdades”.

Assim, para codificar os resultados desta pesquisa em atendimento à CBO/2002, foi considerado que os arquitetos e urbanistas que atuam no magistério superior pertencem à categoria 2343-05 (Professor de arquitetura) da referida CBO/2002, ao invés de lançá-los na mesma família ocupacional que diz respeito às disciplinas por eles ministradas.

A Tabela 2 (vide página 35) sintetiza a correspondência entre as áreas de atuação descritas na lei e a codificação internacional descrita na CBO/2002.

Tabela 2 – Áreas de atuação dos arquitetos e urbanistas de acordo com o parágrafo único do artigo 2º da lei nº 12.378 de 2010, e sua correspondência com as ocupações descritas na CBO/2002

Item ¹²	Área de atuação	Descrição da área de atuação	CBO/2002
I	Arquitetura e Urbanismo	Concepção e execução de projetos	2141-05
II	Arquitetura de Interiores	Concepção e execução de projetos de ambientes	2141-10 3751-05
III	Arquitetura Paisagística	Concepção e execução de projetos para espaços externos, livres e abertos, privados ou públicos, como parques e praças, considerados isoladamente ou em sistemas, dentro de várias escalas, inclusive a territorial;	2141-20
IV	Patrimônio Histórico Cultural e Artístico, arquitetônico, urbanístico, paisagístico, monumentos	Restauração, práticas de projeto e soluções tecnológicas para reutilização, reabilitação, reconstrução, preservação, conservação, restauro e valorização de edificações, conjuntos e cidades;	2141-15 2624-15
V	Planejamento Urbano e Regional	Planejamento físico-territorial, planos de intervenção no espaço urbano, metropolitano e regional fundamentados nos sistemas de infra-estrutura, saneamento básico e ambiental, sistema viário, sinalização, tráfego e trânsito urbano e rural, acessibilidade, gestão territorial e ambiental, parcelamento do solo, loteamento, desmembramento, remembramento, arruamento, planejamento urbano, plano diretor, traçado de cidades, desenho urbano, sistema viário, tráfego e trânsito urbano e rural, inventário urbano e regional, assentamentos humanos e requalificação em áreas urbanas e rurais;	2141-25 2141-30
VI	Topografia	Elaboração e interpretação de levantamentos topográficos cadastrais para a realização de projetos de arquitetura, de urbanismo e de paisagismo, fotointerpretação, leitura, interpretação e análise de dados e informações topográficas e sensoriamento remoto	2148-05
VII	Tecnologia e resistência dos materiais	Estudo dos elementos e produtos de construção, patologias e recuperações	2142-05 2142-15
VIII	Sistemas construtivos e estruturais	Estruturas, desenvolvimento de estruturas e aplicação tecnológica de estruturas	2142-05 2142-15
IX	Instalações e equipamentos	Os referentes à arquitetura e urbanismo	2624-20
X	Conforto Ambiental	Técnicas referentes ao estabelecimento de condições climáticas, acústicas, lumínicas e ergonômicas, para a concepção, organização e construção dos espaços;	2032-10
XI	Meio Ambiente	Estudo e Avaliação dos Impactos Ambientais, Licenciamento Ambiental, Utilização Racional dos Recursos Disponíveis e Desenvolvimento Sustentável.	2140-05
Não consta	Professores	Professores de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia, Geofísica e Geologia do Ensino Superior	2343-05

Fonte: Compilada pelo autor com dados da legislação citada.

¹² Numeração de itens tal como consta na Lei nº 12.378 de 2010, artigo 2º, parágrafo único.

3.4 Referências da CBO/2002 em relação à lei 5.194/1966

A lei nº 5.194/1966 foi emitida para regulamentar “o exercício das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro-Agrônomo” e estabelece em seu artigo 1º quais são as áreas de atuação das profissões de engenheiro, arquiteto e engenheiro-agrônomo, dizendo que elas “são caracterizadas pelas realizações de interesse social e humano que importem na realização dos seguintes empreendimentos”:

- Aproveitamento e utilização de recursos naturais;
- Meios de locomoção e comunicações;
- Edificações, serviços e equipamentos urbanos, rurais e regionais, nos seus aspectos técnicos e artísticos;
- Instalações e meios de acesso a costas, cursos, e massas de água e extensões terrestres;
- Desenvolvimento industrial e agropecuário.

A Seção IV, em seu artigo 7º, determina quais são as atividades e atribuições profissionais do engenheiro, do arquiteto e do engenheiro-agrônomo, que consistem em:

- Desempenho de cargos, funções e comissões em entidades estatais, paraestatais, autárquicas e de economia mista e privada;
- Planejamento ou projeto, em geral, de regiões, zonas, cidades, obras, estruturas, transportes, explorações de recursos naturais e desenvolvimento da produção industrial e agropecuária;
- Estudos, projetos, análises, avaliações, vistorias, perícias, pareceres e divulgação técnica;
- Ensino, pesquisa, experimentação e ensaios;
- Fiscalização de obras e serviços técnicos;
- Direção de obras e serviços técnicos;
- Execução de obras e serviços técnicos;
- Produção técnica especializada, industrial ou agropecuária.

A Tabela 3 (a seguir) sintetiza as atividades dos arquitetos e urbanistas, tal como descritas no artigo 1º da lei nº 5.194/1966, juntamente com suas respectivas correspondências na codificação definida pela CBO/2002.

Tabela 3 – Correlação das áreas de atuação dos arquitetos e urbanistas entre a lei 5194/66 e a CBO/2002

Classificação CBO/2002	Descrição cf. CBO/2002	Descrição cf. lei 5194/1966
2141-05	Engenheiro arquiteto Projetista (arquiteto)	Edificações, serviços e equipamentos urbanos, rurais e regionais, nos seus aspectos técnicos e artísticos
2141-10	Arquiteto de interiores	Não consta descrição específica
2141-15	Arquiteto de patrimônio. Arquiteto de restauro, Arquiteto restaurador; Conservador de edificações; Restaurador de edificações	Não consta descrição específica
2141-20	Arquiteto da paisagem Paisagista	Aproveitamento e utilização de recursos naturais
2141-25	Planejador urbano	Meios de locomoção e comunicações
		Desenvolvimento industrial e agropecuário
2141-30	Urbanista	Instalações e meios de acesso a costas, cursos, e massas de água e extensões terrestres
2343-05	Professores de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia, Geofísica e Geologia do Ensino Superior	Ensino, pesquisa, experimentação e ensaios (Obs: não consta no parágrafo 1º, mas está no parágrafo 7º)

Fonte: Tabela elaborada pelo autor

Em resumo, portanto, as atividades atinentes à profissão de arquiteto e urbanista, tal como relacionadas na CBO/2002, precisam corresponder às áreas de atuação descritas na legislação pertinente que, conforme já descrito, entre 1966 e 2010 era a lei nº 5.194/1966 e a partir de 2010 passou a ser a lei nº 12.378/2010.

Como o grupo de arquitetos e urbanistas pesquisados foi formado e exerceu a maior parte de sua vida profissional sob a lei 5.194/66 então esta pesquisa usará as descrições desta lei e suas correções com a CBO/2002 (conforme **Tabela 3** acima) para sistematizar as atividades desenvolvidas. No caso dos pesquisados que exerceram o magistério, esta pesquisa usará o código 2343-05 (“Professores de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia, Geofísica e Geologia do Ensino Superior”) da CBO/2002.

Capítulo 4

Desenvolvimento da pesquisa

4.1 Levantamento de dados

O planejamento inicial desta pesquisa foi apresentado no processo seletivo para admissão no programa de mestrado da FAU-USP, tendo sido desenvolvido com base nos dados preliminares e presunções possíveis de serem feitas naquela época (agosto de 2011). Na ocasião, a pesquisa partiu da premissa que seria possível dialogar com a maioria dos profissionais. Não com todos, certamente, mas em quantidade suficiente para permitir uma visão abrangente e estatisticamente precisa dos destinos deste grupo de arquitetos.

No entanto, já nas primeiras atividades constatou-se a necessidade de alterar o plano devido a situações não previstas inicialmente. Entre estas estavam a dificuldade para obter os nomes e contatos dos formandos, a resistência dos mesmos a participar da pesquisa e a negativa do CREA (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura) em fornecer os dados dos profissionais em questão.

As informações fornecidas pela secretaria do Mackenzie sobre os formandos no período estavam separadas em vários documentos, nem sempre confiáveis ou com boa legibilidade. Isto porque durante os mais de 30 anos cobertos pelo período objeto deste estudo ocorreram mudanças na tecnologia usada nos computadores, e o Mackenzie foi atualizando seus sistemas por outros que eram incompatíveis com os anteriores. Também houve mudanças de funcionários e de métodos de trabalho na referida secretaria, por isso algumas das informações foram fornecidas de memória pelas pessoas envolvidas ou então foram deduzidas por esta pesquisa a partir do exame da documentação.

A separação do Conselho que congregava os arquitetos e urbanistas também criou dificuldades para encontrar os profissionais. Em 2011 os arquitetos e urbanistas deixaram de ser regulamentados e fiscalizados pelo CREA (Conselho Regional

de Engenharia e Arquitetura) e foram transferidos para o CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo), que iniciou suas operações em janeiro de 2012¹³. O CREA recusou-se a fornecer dados sobre os arquitetos que ali estavam registrados, alegando que isso tinha passado a ser atribuição do CAU. Este último, por sua vez, ainda não tinha conseguido processar totalmente os documentos que lhe foram repassados pelo CREA quando da separação. Criou-se assim um vácuo de informações que dificultou o levantamento de informações sobre os profissionais que são o objeto dessa pesquisa. A negativa do CREA foi feita verbalmente, tanto por telefone como em atendimento de balcão, na sede da instituição em São Paulo. Porém, nenhum representante do CREA aceitou formalizar a negativa por escrito.

4.2 Levantamento de dados e determinação do universo da pesquisa

Face à situação encontrada ficou claro que não haveria dados oficiais e sequer apoio dos órgãos de classe para determinar quais eram os formandos do período. Muito menos para saber como encontrá-los para fazer contato e convidá-los a participar da pesquisa. Era preciso, portanto, encontrar outra solução para conseguir informações que permitissem dar seguimento à pesquisa.

Foi necessário coletar, armazenar e confrontar dados obtidos em diversas fontes. Com o intuito de registrar, consolidar e consultar as informações que estavam prestes a serem coletadas foi montado um sistema informatizado, com base em um banco de dados, conforme explicado no Apêndice A (página 131). Este sistema passou a armazenar, entre outras informações, os telefones, e-mails, sítios, redes sociais, ano de entrada no curso, ano de colação de grau, sexo (gênero) e período cursado (diurno ou noturno), bem como as respostas dos formandos às solicitações que lhes foram feitas.

Montada esta infra-estrutura, numa primeira etapa procurou-se descobrir a quantidade, o nome e o período do curso de cada formando a partir dos documentos

¹³ A saída dos Arquitetos e Urbanistas do CREA foi consolidada na lei 12.378 de 31/12/2010, que “regulamenta o exercício da arquitetura e urbanismo, cria o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil - CAU/BR – e os conselhos de arquitetura e urbanismo dos estados e do distrito federal – CAUS – e dá outras providências”.

fornecidos pela secretaria do Mackenzie e por outros órgãos ligados àquela Universidade. As informações estavam dispersas em vários documentos, por isso precisaram ser reunidas, unificadas e posteriormente verificadas através de outras fontes. As atividades e os documentos utilizados nesta etapa estão descritos no Apêndice B (página 135).

Nesta altura do trabalho, portanto, já haviam sido coletadas, sistematizadas e armazenadas todas as informações que a Secretaria Geral do Instituto Presbiteriano Mackenzie dispunha na ocasião. Devido à impossibilidade de usar os Conselhos profissionais da categoria (CREA e CAU, conforme explicado no item “1.3 Limitações da pesquisa” na página 3) para localizar os profissionais, partiu-se para a segunda etapa da coleta de dados, que consistiu em procurar informações em outras fontes como indicação de amigos e conhecidos, sítios e mecanismos de busca da internet, redes sociais e lista telefônica, conforme detalhado no Apêndice D (página 159).

Como resultado deste esforço, foi constatado que existiam 1.117 profissionais que se enquadravam nos parâmetros desta pesquisa. Tentou-se fazer contato com aqueles que haviam sido localizados, que eram 119 (10,6% do total) ao todo. Os meios de contato empregados foram redes sociais, telefone, email e carta (correios). Descobriu-se então que muitas das informações obtidas estavam desatualizadas, impossibilitando o contato. Dentre os profissionais efetivamente contatados, encontrou-se uma inesperada resistência dos mesmos a participarem da pesquisa, por motivos que poderiam eventualmente ser objeto de um outro estudo. Alguns se esquivaram de participar, usando subterfúgios diversos, outros não responderam à solicitação e os demais afirmaram explicitamente que não tinham interesse. O fato é que, dentre todos que foram contatados, somente 15 responderam positivamente à solicitação e acabaram sendo entrevistados (1,3% do total e 12,6% dos que foram contatados).

As entrevistas foram feitas de três formas: pessoalmente (2 casos), por email (1 caso) ou pelo telefone (12 casos). As conversas foram gravadas e posteriormente tiveram o áudio tratado, para reduzir os ruídos, e foram editadas para retirar trechos considerados inúteis para esta pesquisa por conterem apenas saudações, despedidas e conversas particulares.

Feita esta preparação as entrevistas foram analisadas e transcritas, estando presentes no Apêndice F (página 193). Os arquivos de áudio com as entrevistas estão na mídia de CD que acompanha este trabalho.

A partir do material levantado foi feita a sistematização das respostas às questões principais colocadas pela pesquisa, de maneira a obter um quadro comparativo e fazer as estatísticas e análises apresentadas no Capítulo 5 Resultado das entrevistas (pág. 43), para caracterizar as condições que influenciaram o percurso profissional desses arquitetos para poder dessa maneira situá-los no tempo e no espaço, isto é, dentro do contexto histórico que foi descrito no item “Capítulo 2 Contexto histórico do período pesquisado” (página 5).

Capítulo 5 Resultado das entrevistas

A audição das entrevistas revelou uma visão multifacetada dos acontecimentos, da situação encontrada, das dificuldades, das conquistas e dos caminhos seguidos por cada formando. Para possibilitar a tabulação de material tão diverso esta pesquisa concentrou-se em cada um dos pontos que se propôs a esclarecer (vide item “1.2 Objetivos da pesquisa”, na página 2). A seguir está o resultado do que foi apurado para cada um desses objetivos.

5.1 O que levou os pesquisados a escolher a profissão de arquiteto e urbanista

Foram vários os motivos alegados para entrar na faculdade de arquitetura e urbanismo. Na maioria dos casos a escolha por arquitetura e urbanismo foi feita depois de várias conjecturas e análises, principalmente pelos que fizeram esta opção na adolescência, que é um período de dúvidas, imaturidade e incertezas. Pelo lado oposto, outros não tiveram dúvida alguma para escolher, pois já estavam trabalhando na área e entraram no curso porque queriam especificamente o título de arquiteto, que seria um diploma de nível superior numa área em que já atuavam. Outros, ainda, já estavam estabilizados em outras áreas, e viram no período noturno do Mackenzie uma maneira de realizar o sonho de fazer uma faculdade de arquitetura. Todos foram unânimes em afirmar que sempre gostaram de artes, de todos os tipos, porém mais especificamente do desenho e da representação artística. Vários citaram a influência de familiares ou amigos da família que já eram arquitetos, o que lhes propiciou entrar em contato com as atividades do arquiteto e se encantaram com isso.

Somente o arquiteto nº 1 afirmou taxativamente que a escolha da carreira foi por acaso. Não desgostava, mas nunca tinha sido um desejo. Ao contrário disto, todos os outros foram unânimes em dizer que sempre gostaram de desenho, da profis-

são de arquiteto ou, ainda, do ramo de construção e urbanismo. O arquiteto nº 8, por exemplo, declarou que:

[...] desde pequeno eu desenhava casas, eu desenhava móveis, eu sabia fazer planta, assim, mesmo... A planta duma casa que meu pai comprou precisou ser revalidada, eu fiz a planta, eu tinha noção de proporção, isso intuitivamente, nunca ninguém me ensinou, né? Eu sempre gostei do assunto casa, decoração...

O arquiteto nº 11 foi além, declarando que:

A arquitetura foi uma escolha voltada para alguma coisa com a qual eu já tinha contato na família. Na época, tinha os primos mais velhos que faziam... Eu sempre tive muita facilidade com desenho, sempre gostei muito de desenhar. Ao ver os primos desenhando, aquilo me encantou. A busca da arquitetura foi por aí, por este contato...

O arquiteto nº 2 ampliou esta descrição:

Eu trabalhava com meu primo arquiteto [...] desde os 14 anos, na verdade, eu [...] fui aprendendo o desenho técnico, a perspectiva, então, de uma certa maneira isso acabou me empurrando para arquitetura. Eu sempre tive uma certa habilidade para desenho, então, isso foi, vamos dizer assim, fechando o quadro. [...] Não vou dizer que só pensava em fazer arquitetura, mas, de uma certa maneira foi se delineando, foi fechando e um pouco com meu jeito, o gosto... Eu gostava de trabalhar com arquitetura, e mesmo por ter estado bastante tempo dentro do escritório, né, do meu primo, depois de outros trabalhos, já tinha uma certa habilidade com isso, entende... Então, de uma certa maneira, a parte técnica, aquela parte de representação, de linguagem, de entender o que estava acontecendo, o que era uma porta, porque ela era representada daquele jeito, nunca foi uma preocupação dentro da escola, para mim, e de uma certa maneira, acho que foi isso junto a uma visão muito particular que fez com que eu desse mais atenção para as questões humanas, mesmo, da arquitetura.

A propensão natural para o desenho e a influência da família foram tendências nítidas no depoimento do arquiteto nº 6:

O fato é que eu gostava muito de desenhar e eu vim de uma família de engenheiros. [...] Tenho a minha irmã mais velha, que já estava fazendo arquitetura, e eu gostava muito de ver aquilo que ela estava fazendo, os trabalhos, aí aquilo me influenciou

muito, assim, e me levou a fazer arquitetura por causa disso, porque eu tenho uma minha irmã que já estava fazendo e eu gostava. Ela me fez pegar gosto vendo os trabalhos que ela fazia. [...] E o meu pai... O meu pai que é italiano... Veio para o Brasil quase com 40 anos. Ele tinha formação que na Itália se chamava “geômetra”, que lá é como um super técnico de edificações... [...] Então esta coisa estava meio no sangue.

As artes plásticas foram citadas por dois profissionais. O arquiteto nº 3 disse:

Gostava de desenho, decoração e artes. Cresci no interior, e arquitetura não era algo sobre o que se conversava. Na hora de escolher um curso, pensei nas minhas habilidades. Desde pequena, sempre gostei de desenho e outras atividades correlatas, descartei Artes Plásticas por considerar uma profissão instável e cheguei à Arquitetura pela dedução simples.

O arquiteto nº 7 também chegou à arquitetura partindo das artes plásticas:

Eu fazia Artes Plásticas, lembra? Ai eu mudei em 77 para Arquitetura. [...] Na verdade eu não gostava tanto de projetos, mas eu gostava mesmo era de planejamento, de trabalhar no setor público, então quando eu entrei já tinha essa vontade [...] de trabalhar com o setor público, tanto que eu nunca exerci [...] a profissão de arquiteta.

Alguns já trabalhavam e eram auto-suficientes em seu sustento. Dentre estes, alguns atuavam na área de arquitetura e queriam especializar-se, enquanto os demais trabalhavam em outras áreas, mas queriam cursar arquitetura por ser um desejo antigo, para melhorar sua posição na empresa ou então para fazer algo de que gostassem, inclusive depois da aposentadoria no emprego em que estavam. Destaque-se que 3 dos entrevistados (20% do grupo) já eram funcionários de carreira do Banco do Brasil, o que era então um símbolo de carreira fixa e rentável, e foram cursar arquitetura para realizar um antigo sonho da infância e adolescência.

O arquiteto nº 4 apresentou uma situação de dúvida:

Eu tinha dois interesses: ou fazia engenharia ou fazia arquitetura. E no fim acabei passando em arquitetura. Então acabei ficando para a arquitetura só que eu tenho uma veia muito forte que é a veia artística, talvez isso tenha me levado pra arquitetura. Antes de arquitetura, eu já tinha feito tecnologia na construção civil. Então,

como eu já era formada, já tinha um certo nome no mercado, eu tinha até um certo receio de começar uma carreira nova, entendeu? Possivelmente eu ia ficar entre engenharia e arquitetura, mas acabei passando [no vestibular] para arquitetura. Mas não abandonei a área da engenharia.

O arquiteto nº 8 contribuiu com mais detalhes a respeito desta duplicidade de ocupações. A arquitetura foi a realização de um sonho, graças à abertura do curso noturno:

Bom, eu sempre quis fazer Arquitetura, né? Mas como eu trabalhava, [então] na USP não dava para fazer. [...] Era complicado de fazer o curso da manhã porque avançava um pouco no horário meu de trabalho [sic]. Então, quando eu fiquei sabendo que o Mackenzie abriu o curso noturno de Arquitetura, aí eu fiz vestibular. [...] Eu trabalhava no Banco do Brasil. Foi uma coisa assim meio... Eu queria ter feito o curso... Quando eu terminei o ginásio, eu queria ter feito o curso... [...] Quando abriu o curso noturno no Mackenzie eu vi a oportunidade de fazer [o curso de] Arquitetura.

Tabulando-se as respostas observou-se que os motivos alegados podem ser resumidos em 9 itens:

1. Influência de amigos ou parentes;
2. Sempre quis fazer, e o curso noturno criou esta oportunidade;
3. Tinha habilidade para desenho, decoração ou artes;
4. Tinha habilidade para arquitetura;
5. Já trabalhava na área;
6. Trabalhava em outra área, mas queria mesmo era fazer arquitetura;
7. Por acaso;
8. Por gostar de prédios, por gostar de construção;
9. Por achar a profissão interessante (para trabalhar).

A Tabela 4 (a seguir) sumariza as respostas dos entrevistados:

Tabela 4 – Porque os entrevistados optaram pelo curso de arquitetura e urbanismo

Motivo:	Arquiteto nº	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	TOTAL	%
Influência de amigos ou parentes		x	x				x					x		x		x	6	16
O curso noturno criou a oportunidade									x		x						2	5
Habilidade para desenho, decoração ou artes		x	x	x		x	x	x		x	x			x	x	x	11	29
Tinha habilidade para arquitetura											x	x					2	5
Já trabalhava na área		x								x						x	3	8
Trabalhava em outra área, mas queria arquitetura				x					x						x		3	8
Por acaso		x															1	3
Por gostar de prédios e de construção						x					x						2	5
Achava a profissão interessante para trabalhar		x	x	x	x	x	x		x				x				8	21
TOTAL GERAL																	38	100%

Fonte: tabela elaborada pelo autor com os dados da pesquisa

A Figura 2 (a seguir) mostra estes mesmos dados em formato gráfico:

Figura 2 – Porque os entrevistados optaram pelo curso de arquitetura e urbanismo

Fonte: Produção do próprio autor com os dados da pesquisa

O motivo principal, portanto, foi a habilidade natural para desenho, decoração e artes, com 29% do total de respostas e que foi citado por 11 entre os 15 entrevistados (73%).

Em segundo lugar estão os que acharam que a arquitetura e urbanismo seria uma boa escolha de profissão, de atividade adequada para conseguir seu sustento, com 21% das declarações e 8 entre 15 (53%) entrevistados.

A influência de amigos e parentes também foi importante, com 16% das respostas globais e para 6 dos entrevistados (40% do total).

Depois destes vieram outros motivos, em especial o fato da pessoa já trabalhar na área, declarado por 8 entre os 15 entrevistados (53%) e em 8 dentre as 38 respostas (20%).

Somente 1 entrevistado (nº 1) admitiu que entrou na profissão por acaso, pelo fato de ter sido admitido no vestibular e por ter uma amiga íntima que iria cursar

arquitetura também. Todos os demais tinham a intenção específica de cursar arquitetura e urbanismo.

5.2 Porque fizeram Arquitetura e Urbanismo no Instituto Presbiteriano Mackenzie, e não em outra instituição

O grupo de arquitetos pesquisados colocou grau entre 1980 a 1985 e, portanto, cursaram o primeiro ano entre 1976 a 1981 visto que a duração do curso era (e ainda é) de 5 anos. Como o ingresso era anual, significa que prestaram vestibular um ano antes, entre 1975 a 1980, ou seja, na segunda metade da década de 1970. Nesta época existiam na cidade de São Paulo apenas dois cursos oficiais de arquitetura e urbanismo, que eram oferecidos pelo Mackenzie e pela USP (Universidade de São Paulo). Na primeira metade dos anos 70 eram oferecidas 150 vagas na USP e 100 vagas no Mackenzie, e este apenas para o período diurno. No Mackenzie, somente a partir da turma que cursou o primeiro ano em 1976 é que foram oferecidas vagas também no período noturno, ampliando a quantidade total naquela instituição para 300¹⁴.

Os interessados que não conseguiam passar no vestibular de admissão do Mackenzie e da FAU tinham a opção de fazer o curso em cidades próximas. Eram procuradas, em especial, as faculdades UNISANTOS (de Santos), a Brás Cubas (de Mogi das Cruzes), e a Farias Brito (atual Universidade de Guarulhos - UnG), todas elas citadas nos depoimentos dados à esta pesquisa ¹⁵.

Com efeito, segundo o site do MEC¹⁶ o curso de arquitetura e urbanismo do Mackenzie foi oficializado em 07/07/1947 e o da USP em 21/06/1948. Ainda segundo o MEC, na segunda metade dos anos 1970 um estudante que quisesse cursar arquitetura e urbanismo em São Paulo e cidades próximas tinha as opções listadas na Tabela 5 (a seguir).

¹⁴ A determinação da quantidade de vagas no Mackenzie no período pesquisado foi feita através dos anúncios do vestibular que saíram nos jornais, conforme detalhado no Apêndice C deste trabalho (pág. 131). Este processo foi necessário porque a secretaria do Mackenzie não possuía esta informação. A quantidade de vagas na USP foi retirada do site da instituição, em www.fau.usp.br (acessado em 20/09/2014)

¹⁵ O Centro Universitário Belas Artes também fica em São Paulo, mas iniciou suas atividades em 1979 (vide Tabela 5)

¹⁶ Ministério da Educação e Cultura. Site <http://emec.mec.gov.br> acessado em 20/09/2014

Tabela 5 – Faculdades de arquitetura e urbanismo existentes em São Paulo e cidades próximas na segunda metade dos anos 1970

Instituição	Sigla (MEC)	Cidade	Início do curso
Universidade Presbiteriana Mackenzie	MACKENZIE	São Paulo	07/07/1947
Universidade de São Paulo	USP	São Paulo	21/06/1948
Universidade Católica de Santos	UNISANTOS	Santos	01/03/1970
Universidade Brás Cubas	UBC	Mogi das Cruzes	13/03/1970
Universidade Guarulhos (antiga Farias Brito)	UNG	Guarulhos	01/03/1973
Universidade de Mogi das Cruzes	UMC	Mogi das Cruzes	01/03/1974
Universidade de Taubaté	UNITAU	Taubaté	01/03/1978
Centro Universitário Belas Artes	FEBASP	São Paulo	01/08/1979

Fonte: site do MEC (Ministério da Educação e Cultura) em <http://emec.mec.gov.br> (acessado em 20/09/2014)

Nos depoimentos pesquisados apareceram várias referências ao fato de não terem sido aprovados no vestibular da USP e por este motivo terem entrado no Mackenzie. Também pesou o fato de já serem Mackenzistas ou de terem familiares cursando ou que haviam estudado lá. Existem, também, os que afirmam ter escolhido o Mackenzie pelo renome da instituição ou então porque gostaram mais das instalações do Mackenzie do que os da USP, sendo que em 1969 o curso da USP saiu da Rua Maranhão e foi para a cidade universitária, no edifício projetado por Vilanova Artigas¹⁷.

A respeito das instalações, o arquiteto nº 11 declarou:

Quando eu fui fazer as inscrições [para o vestibular] eu me senti mais à vontade no prédio do Mackenzie do que no prédio da FAU. Eu prestei, na época, FUVEST, né, fui lá... A primeira fase foi no bairro, e depois quando eu fui fazer a segunda fase eu fui para o prédio da FAU-USP e eu não me senti bem lá... Eu me sentia, assim... Eu fui criada num bairro, Santana, estudei a vida inteira em Santana, então, para mim, aquilo era grande demais, uma coisa que me dava um pouco de agorafobia, assim... Tinha uma sensação de ficar perdida naquele espaço, dentro da cidade universitária... E o Mackenzie tinha uma coisa assim mais próxima... O prédio era muito agradável, tinha aqueles vidros, aqueles salões... E o chão era de madeira... Então, foi uma coisa que me agradou, assim... Eu me senti bem lá dentro do Mackenzie.

¹⁷ Informações retiradas do sítio da FAU-USP em <http://www.fau.usp.br/fau/index.html> (acessado em 21/09/2014)

A sensação de espaço aconchegante tida no Mackenzie, reforçado pelos laços de amigos e familiares com a instituição, também influenciaram a escolha do arquiteto nº 2:

Por incrível que pareça eu gostava do ambiente. Tinha o meu irmão, meus irmãos mais velhos... Meu irmão e minha irmã já tinham feito Mackenzie, então, dentro da minha casa já tinha um certo ambiente que me levava a isso, mas eu visitei o Mackenzie antes do período da faculdade, na época do colégio... Eu tinha amigos que estudavam naquele colégio Mackenzie, mesmo, e algumas vezes eu vim aqui, então, eu [...] me sentia bem dentro e principalmente no jardim da arquitetura... Eu nem sabia direito que ali ao lado estava o prédio da arquitetura mas eu tinha uma referência, um gosto pelo local.

O sentimento de bem estar também foi relatado pelo arquiteto nº 12, ao lembrar que *“eu me senti mil vezes melhor no Mackenzie do que se tivesse entrado na FAU [USP]”*.

Fora este lado subjetivo, o grande fator de escolha mesmo foi o já citado fato de só existirem as duas faculdades de arquitetura em São Paulo, na época, e que o vestibular da USP era mais disputado restando então o Mackenzie como segunda opção. Claro que além destes existem outros fatores, que estão todos na lista a seguir:

1. Prestou vestibular e não entrou na USP (ou em outra faculdade desejada)
2. Gostava do ambiente (físico, religioso, amizades, etc.)
3. Já estudava ou já conhecia o Mackenzie, tinha amigos lá
4. A fama, tradição e reputação do Mackenzie
5. Distância até a residência; praticidade
6. Por acaso, nenhum motivo em especial
7. Devido ao curso noturno
8. Devido ao currículo do curso, que foi o preferido

Como cada um dos entrevistados citaram um ou mais de um dentre os motivos acima, foi preciso fazer uma tabulação das citações para determinar os motivos mais comuns. Esta tabulação está na Tabela 6 (adiante):

Tabela 6 – Motivos pelos quais o Mackenzie foi escolhido

Motivo:	Arquiteto nº	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	TOTAL	%
Prestou vestibular e não entrou na USP (ou outra faculdade)		x	x			x	x			x		x	x	x		x	9	32
Gostava do ambiente (físico, religioso, amizades, etc.)		x	x				x					x					4	14
Já estudava ou já conhecia o Mackenzie, tinha amigos lá		x	x				x										3	11
A fama, tradição e reputação do Mackenzie				x		x				x		x					4	14
Distância até a residência, praticidade				x	x		x										3	11
Por acaso, nenhum motivo especial		x						x									2	7
Devido ao curso noturno									x		x					x	3	11
Devido ao currículo do curso ser o preferido														x				–
SOMA																	28	100

Fonte: produção do próprio autor, com os dados desta pesquisa

Esta tabulação em modo gráfico resulta na Figura 3 (a seguir)

Figura 3 – Motivos pelos quais os entrevistados alegaram ter escolhido o Mackenzie

Fonte: produção do próprio autor, com os dados desta pesquisa

O motivo principal foi o fato do entrevistado não ter passado no vestibular da USP, que era o mais concorrido: dentre as 28 alegações no total dadas como motivo para terem escolhido o Mackenzie, 9 (32%) diziam respeito ao fato de não terem sido aprovados na USP. As citações são recorrentes, e o arquiteto nº 12 foi explícito:

Na verdade, a minha opção era a USP. Fazer a FAU. Daí, eu tentei a FAU... Tentava a FAU e o Mackenzie... Tentei três vezes, na terceira vez é que eu entrei... E nas três tentativas eu não consegui a FAU, minha segunda opção era o Mackenzie, na terceira tentativa eu entrei no Mackenzie.

O arquiteto nº 9, por sua vez, deixou clara sua posição de deixar o Mackenzie como segunda escolha, uma vez que vivia em São Paulo:

Foi a melhor opção que eu peguei no vestibular. Em São Paulo... Escolhi as mais próximas. A primeira seria a USP, mas eu não peguei, e entre as outras duas eu escolhi o Mackenzie.

Frente a esta dualidade e ao renome do Mackenzie, o arquiteto nº 5 foi claro ao explicar sua opção pelo Mackenzie:

Porque eu tentei a USP e o Mackenzie. Não passei na USP e acabei passando no Mackenzie que também tinha uma boa reputação [...] se fosse uma universidade ruim eu não teria feito.

O fato de não ter passado no vestibular da USP, aliado ao renome do Mackenzie e à sua localização, bem como a falta de opções em São Paulo foram todos fatores lembrados pelo arquiteto nº 13:

[...] As opções na ocasião eram a USP, Mackenzie, Farias Brito e Brás Cubas. [...] Eram fora de SP, mas eram as mais próximas. [...] Eu prestei as 4. [...] Passei na Farias Brito e passei na Brás Cubas e passei no Mackenzie. [...] Acho que um pouco inocente, também, mas eu fui comparando carga horária, nome das disciplinas, ementas, e achei que por questão de praticidade, ou seja, transporte, moradia, essas coisas... Porque eu teria que me deslocar até Mogi ou até Guarulhos... E pela tradição do Mackenzie e pela análise que eu fiz, pelo que eu conhecia da época, a opção acabou sendo o Mackenzie.

Outro fator importante na escolha pelo Mackenzie foi a abertura do curso noturno. Três dos entrevistados escolheram a instituição apenas por este motivo. Foi o caso dos arquitetos 8, 10 e 14. O entrevistado nº 8 explicou o caso: *“Eu já estava trabalhando, quando abriu o curso noturno no Mackenzie eu vi a oportunidade de fazer [o curso de] Arquitetura”*. O arquiteto nº 10 complementou, dizendo que *“era noturno e dava para eu estar trabalhando e estudando. [...] Na FAU não dava para fazer isso, então eu nem tentei fazer o vestibular na FAU”*. O arquiteto nº 14 complementou a fala dos colegas, alegando que foi estudar no Mackenzie porque já era um antigo desejo seu, de cursar arquitetura, e foi a questão do curso ser noturno que possibilitou sua

escolha, porque tinha que trabalhar durante o dia e seria impossível cursar a FAU-USP no período diurno, uma vez que era ele mesmo quem providenciava o seu sustento.

O renome da instituição também pesou nas escolhas (4 citações), junto com o ambiente que lhes era agradável ou conhecido (7 citações no total) e a localização conveniente (3 citações). Somente dois entrevistados admitiram que foram parar no Mackenzie por acaso, sem levar em conta as outras opções.

Um fato digno de nota é que nenhum dos entrevistados citou a qualidade de ensino ou a linha de pensamento do Mackenzie, em especial na comparação com a FAU-USP, como um fator importante na hora de optar pela instituição. Pelas declarações dos entrevistados a qualidade do ensino e a postura da instituição e dos professores só foram percebidos depois que estavam fazendo o curso ou até mesmo só depois de formados.

Em resumo, portanto, o principal fator para o Mackenzie ter sido escolhido foi a falta de opção, uma vez que a única e mais desejável alternativa, em São Paulo, na época, era a Universidade de São Paulo. No entanto, a fama da instituição representada pelo Mackenzie, a abertura do curso noturno, a indicação por conhecidos e o bom ambiente foram fatores que influenciaram positivamente e encorajaram os entrevistados a ingressar nesta universidade.

5.3 Condição econômica da família e financiamento dos estudos

Os entrevistados foram perguntados sobre a condição econômica de sua família e como haviam custeado seus estudos. A intenção era avaliar o grau de dificuldade que a família teve de enfrentar para que seu membro cursasse arquitetura, isto na avaliação do próprio estudante, que hoje é um profissional arquiteto. Procurou-se entender quais foram as manobras feitas para que o membro da família pudesse estudar, e no que isto influenciou a escolha pela Universidade Mackenzie e pelo período de estudo (diurno ou noturno).

Verificou-se que a mensalidade do Mackenzie era considerada barata, tanto assim que contando apenas com os ganhos do trabalho como estagiário era possível pagar o curso com sobra. O arquiteto nº 6 explicou a situação:

O Mackenzie não custava nada na época, eu pagava com o meu estágio e ainda sobrava... Hoje [é que] que inverteu as coisas... Mudou completamente, eu me lembro que na época um terço do meu salário de estagiário era a mensalidade do Mackenzie, agora um terço do seu salário [salário do estagiário] é a mensalidade do Mackenzie, do salário de estagiário, coitado... Mudou completamente, o cara não consegue pagar faculdade. Na época eu pagava, meu pai ajudava um pouco, mas não era um negócio caro [pagar a faculdade].

O arquiteto nº 11 deu mais pistas sobre o valor da prestação:

E o custo na época era muito compatível para [...] o padrão de vida que a gente tinha. Eu me lembro que a Belas Artes era mais cara, a USP era estadual... E a Farias [Brito] e o Mackenzie tinham o mesmo valor. E daí, durante o decorrer do curso, como eu tinha contato com o Fábio, a gente namorava, o Fábio entrou na Farias e eu no Mackenzie, e a gente fez o curso assim em paralelo, os dois... Primeiro ano, segundo ano, terceiro ano... E quando terminou o curso eu pagava quase metade do valor que ele pagava... Era uma coisa inédita, eu nunca imaginei que isto ia acontecer... Porque aí a Farias foi subindo o valor, subindo o valor, enquanto que o Mackenzie manteve o padrão até o final.

O arquiteto nº 15, mesmo vindo de uma família com poucas posses, conseguiu dispensar a ajuda da família logo no início do curso, conforme explicou:

[...] já no vestibular eu já tinha feito a opção para a noite, porque eu sabia que eu não ia ter condições financeiras de me sustentar estudando de dia. Aí, eu arrumei um emprego na primeira semana de faculdade. Não era cara, na época... Era barato. É que, comparado com os preços de hoje, que eu ouço falar por aí, que está tudo tão caro... Mas não achava caro não, tanto que eu não pedi empréstimo nenhum, eu tinha possibilidade de fazer na caixa federal mas não precisei.

Dos 15 entrevistados, 5 contaram apenas com a família para custear as despesas (33%). Do restante, 7 arquitetos (47%) já ganhavam o suficiente para pagar suas despesas pessoais e com o estudo, as demais 3 (20%) começaram contando com a família, mas durante o curso adquiriram a capacidade de pagar os estudos, trabalhando como desenhistas ou estagiários. Esta condição era facilitada pelo fato de que somente 2 entrevistados (13%) estudavam de dia e a maioria (87%) estudava à noite, facilitando

utilizar o período diurno para atividades profissionais, ligadas ou não ao curso que estavam frequentando.

A Tabela 7 demonstra como cada entrevistado financiou seus estudos, junto com a profissão e origem dos pais:

Tabela 7 – Situação profissional, origem dos pais e financiamento dos estudos

Arq. nº	Pai ou padrasto	Mãe	Quem pagou o estudo
1	Dentista (descendente de italianos)	Dona de casa	Família
2	Comerciante (posto de gasolina)	Dona de casa	O próprio, com ajuda da família quando era preciso
3	Pequeno empresário	Dona de casa	Família
4	Ferrovário (profissional especializado)	Dona de casa	O próprio estudante
5	Jornalista (profissional liberal)	Dona de casa	O próprio estudante
6	Empresário (descendente de italianos)	Dona de casa	Família
7	Comerciante (descendente de libaneses)	Dona de casa	Família
8	Vitrinista (descendente de italianos)	Dona de casa	O próprio estudante
9	Metalúrgico (profissional especializado)	Dona de casa	O próprio, com ajuda da família
10	Faleceu quando o entrevistado tinha quatro anos de idade (descendente de japoneses). Não houve padrasto.	Trabalhos domésticos para sustentar a casa	O próprio estudante
11	Dentista e funcionário público	Pedagoga e professora no setor público	Família
12	Pequeno comerciante (descendente de japoneses)	Ajudava o pai no comércio da família	O próprio estudante
13	Pai biológico descendente de italianos, faleceu quando o entrevistado era criança. Padrasto brasileiro, metalúrgico (profissional especializado)	Dona de casa	Família, mas ajudou trabalhando e estagiando
14	Pequeno comerciante (descendente de japoneses)	Dona de casa	O próprio estudante
15	Pequeno comerciante (descendente de japoneses)	Dona de casa	O próprio estudante

Fonte: Compilação dos dados das entrevistas feitas pelo próprio autor

Em relação à origem da família, foi deduzido pela análise das entrevistas que 8 (53%) eram da primeira ou segunda geração de imigrantes em pelo menos um dos pais, sendo 4 oriundos do Japão, 3 da Itália e 1 do Líbano. Deste grupo com imigrantes recentes, 2 eram de famílias mais abastadas e os outros 6 entrevistados tinham família com menos recursos, e por isso tiveram que trabalhar enquanto estudavam,

contando com pouca ou nenhuma ajuda da família. Em relação à profissão, dentro das famílias de imigrantes, 5 eram comerciantes, 2 eram profissionais especializados (vitrinista e industriário) e 1 era industrial e construtor (empresário). Onde o entrevistado deixou de manifestar a nacionalidade, a pesquisa também não perguntou por entender que o entrevistado deveria citar apenas os fatos que considerava importantes para si, e também porque não era o objetivo da pesquisa conhecer a ascendência dos grupo pesquisado.

Outro fator, também, que chamou a atenção da pesquisa, apesar de não estar entre seus objetivos, é que a maioria das mães (12 pessoas ou 80%) eram apenas donas de casa e não trabalhavam fora para ajudar no orçamento doméstico. As demais 3 mães (20%) trabalhavam, sendo que apenas uma delas (6%) tinha curso superior e também apenas uma delas era a provedora exclusiva, fazendo pequenos serviços domésticos como costura e lavagem de roupas para sustentar os filhos, pois o marido havia morrido ainda jovem.

Em relação à facilidade ou dificuldade para arcar com as despesas dos estudos, pode-se dividir os entrevistados em três grupos: os que pagaram o curso por conta própria, os que pagaram o curso sozinhos e os que dependeram da família para custear o estudo.

No grupo onde a família custeou os estudos, o arquiteto nº 1 declarou: *“eu tive a sorte de ter meu pai, que era dentista, e ele tinha condições, ele que bancou pra mim a faculdade, eu não fazia nada eu não trabalhava, e só estudava”*.

O arquiteto nº 6 entrou mais em detalhes:

A minha família não era uma família pobre, né, meu pai era industrial... E a gente era uma família com 9 irmãos, mas a gente morava no Pacaembu [...] A minha família [...] nos anos 60 ganhou muito dinheiro com a fábrica de camisetas, meu pai era industrial de indústria têxtil, então era uma família que estava muito bem.

O arquiteto nº 11 relata condição similar:

Minha família, na época... Era bem estruturada, classe média... Meus pais... Os dois trabalhavam fora, eram funcionários públicos [de nível superior], eu era a terceira filha, meus dois irmãos já tinham terminado a faculdade quando eu entrei, então eu tive assim uma certa regalia, deles poderem arcar com a faculdade para mim.

Percebe-se que, nestes casos, o pagamento das despesas do estudo era facilmente conseguido contando apenas com o orçamento normal da família.

Dentro do segundo grupo, dos que arcaram sozinhos com as despesas do estudo, o arquiteto nº 4 resumiu a situação dizendo que *“eu já trabalhava e tinha muita responsabilidade nas costas”* e que escolheu o Mackenzie não por causa do preço, mas pelo curso e pela localização que lhe era mais conveniente. Há também o caso do arquiteto nº 10, o qual explicou que *“nessa época eu já me sustentava... Então eu estava assim, mais liberado”*.

O arquiteto nº 8 tinha uma situação igualmente confortável a respeito do pagamento dos estudos, permitindo-lhe inclusive fazer viagens internacionais:

Eu paguei com meu salário. Eu trabalhava no Banco [do Brasil]. [...] Em 77 já fazia 8 anos que eu trabalhava no Banco. Eu ainda morava com minha família, mas eu ganhava meu dinheiro. Foi fácil, não foi difícil, não. Não sei como é que tá agora... Naquela época não era caro, não achava caro, não, pelo menos dava para eu pagar, né... Eu pagava, cheguei até a viajar. No primeiro ano de [curso] em 79 fui para o Canadá... [...] Em 1980 fui para a Europa, mas eu morava com minha família ainda... Então dava para todas essas coisas.

Para o arquiteto nº 14 o pagamento dos estudos também foi tarefa fácil:

É, porque eu trabalhava no Banco [do Brasil] e isto permitiu que eu fizesse [o curso]... Não foi nada penoso pagar a escola com ganhos próprios. Foi tranquilo, e o Mackenzie não cobrava preços exorbitantes.

Dentre os que trabalharam para ajudar a custear os estudos, fica claro que o período noturno veio bem a calhar, e para vários deles o curso seria inviável se fosse no período diurno. O depoimento do arquiteto nº 12 ilustra a situação da família que lutava para que seus filhos estudassem, e o fato de poder trabalhar durante o curso ajudou neste objetivo:

[o meu curso] foi numa época em que a minha irmã mais velha já tinha concluído a faculdade... Aí a minha irmã que é a segunda, estava na faculdade ainda, então, na época, eu e a minha irmã que morava com meu pai trabalhávamos para poder ajudar minha irmã que estudava fora... Ela fazia farmácia na federal de Araraquara... Aí a gente trabalhava para ajudar. Quando eu entrei na faculdade a minha irmã

mais velha já tinha começado a trabalhar então já estava tudo melhorando... Então, foi assim... A minha irmã falou, se quiser entrar no Mackenzie, pode entrar no Mackenzie que eu ajudo você a pagar, né... Mas, eu falei, se eu estudasse a noite poderia trabalhar e dava para eu pagar a faculdade... Aí, a situação já estava melhorando bastante... Como eu estudava a noite dava para trabalhar, então foi trabalhando que eu fui pagando meus estudos.

Dentro do terceiro grupo, dos que tiveram ajuda da família mas também trabalhavam, o depoimento do arquiteto nº 9 ilustra como era a situação, de ter que juntar verba de várias fontes para conseguir fazer frente às despesas:

Eu tinha dinheiro justinho pra fazer a faculdade e só, mas tinha carro, já, então acho que era [classe] média mesmo. Meu pai era metalúrgico... E chegou a ser executivo de metalúrgica... Mas não era graduado e a mãe sempre foi de casa. Eu tive [...] um empréstimo do governo estadual. Eu trabalhava, né? Trabalhava e tinha ajuda do meu pai.

Dentro deste mesmo grupo, ao ser perguntado se tinha sido um sacrifício para a família custear o seu estudo, o arquiteto nº 13 explicou assim a situação:

Não sei se foi um grande sacrifício, mas foi um sacrifício. Porque não era só a mensalidade... E por mais que eu comecei a estagiar... Mas por mais que você trabalhe, você tem uma série de despesas, então, dentro do possível eles souberam, conseguiram me dar o apoio necessário, mas teve um sacrifício... Deixarão de fazer algumas coisas para poder dar esse apoio. Não foi assim um grande sacrifício... Ninguém passou fome...

Em resumo, portanto, temos que a maioria (12) tinha recursos próprios ou da família para custear os seus estudos de arquitetura e urbanismo. Os demais (3) foram trabalhar para pagar as despesas, o que foi possível pelo fato de existir o curso noturno e também porque o salário de estagiário ou desenhista era suficiente para pagar a mensalidade do Mackenzie, que não era considerada alta. Só os arquitetos nº 9 e nº 15 solicitaram bolsas de estudo do governo, mas o fizeram mais por segurança do que propriamente por necessidade, uma vez que conseguiram pagar o curso com seus próprios ganhos.

5.4 Condição educacional da família

Esta pesquisa procurou identificar o grau de educação formal da família, sempre com base apenas nos depoimentos. Entretanto, faz-se necessário compreender que houve mudanças nos currículos escolares e nas suas nomenclaturas durante as últimas décadas.

Assim, as referências feitas pelos entrevistados para descrever o grau de educação formal da família podem ter usado descrições diferentes do que se usa atualmente e podem levar a interpretações dúbias, pelo uso de terminologia equivocada. Como tanto os entrevistados quanto seus pais fizeram seus estudos depois da década de 1950, para unificar a nomenclatura e fazer as devidas comparações esta pesquisa observará o panorama a partir de 1942.

Foi a partir de 1942 que o ensino formal no Brasil passou por reformas conduzidas pelo ministro Gustavo Capanema, no governo do presidente Getúlio Vargas. Com exceção do ensino superior, a partir da chamada Lei Orgânica do Ensino Secundário (decreto-lei nº 4.244 de 9 de abril de 1942) a formação escolar passou a ser feita em três seqüências: começava pelo primário, para crianças a partir de 7 anos e com quatro anos de duração; depois vinha o ginásial, com quatro anos também, e finalmente vinha o colégio, que devia oferecer os cursos clássico ou científico, ambos com três anos sendo que o aluno devia optar por um deles, por serem equivalentes. Foram também criados os ginásios e os colégios profissionais (MEC, 1998, pág. 23).

A política educacional brasileira após 1945 foi marcada por um prolongado debate sobre a educação nacional, que resultou na Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 (MEC, 1998, pág. 24). Esta lei criou a escola pré-primária para crianças até 7 anos de idade, dividida em escola maternal e jardim de infância. Manteve o ensino primário em quatro anos e criou o chamado ensino médio, abrangendo o ginásial e colegial, sendo que o ginásial teria a duração de quatro séries anuais e o colegial seria ministrado em três anos no mínimo.

Em 1971 os conteúdos escolares foram reunidos em núcleos comuns concebidos de modo diferente para cada série, a partir do tratamento metodológico que deveriam receber (MEC, 1998, pág. 25). Em 11 de agosto 1971 foi promulgada a lei nº 5.692, que instituiu o ensino de 1º grau e de 2º grau. O ensino de 1º grau reuniu os antigos primário e ginásial, com duração de 8 anos, e o ensino de 2º grau entrou no lugar

do antigo colegial em todas as duas modalidades (científico e clássico) existentes até então, com duração de três ou quatro séries anuais, conforme previsto para cada habilitação e cada instituição.

O ensino fundamental esteve estruturado nos termos previstos pela lei federal nº 5.692/71 até a promulgação da lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (MEC, 1996, pág. 13). Ao definir as diretrizes e bases da educação nacional, a lei nº 9.394 reuniu os antigos cursos pré-primário, primário e ginasial no agora designado ensino fundamental (ou 1º grau, como continuou a ser chamado) com duração de 9 anos. Também foi mudado o ensino médio (equivalente ao 2º grau) que passou a designar apenas os três últimos anos da formação, depois do término do ensino fundamental.

A Tabela 8 (a seguir) resume as diferentes denominações que as fases do estudo formal tiveram no Brasil, de acordo com a legislação emitida a partir de 1942, que é o período abrangido por esta pesquisa:

Tabela 8 – Denominação dos períodos escolares formais de acordo com a legislação a partir de 1942

Período	Lei vigente no período	Nome dos cursos
1942 a 1961	Decreto-Lei nº 4.244 de 9/4/1942	Primário, com quatro anos de duração, e o Secundário, que compreendia o Ginasial, com quatro anos, e o Colegial, que podia ser Clássico ou científico, com três anos no mínimo
1961 a 1971	Lei nº 4.024 de 20/12/1961	Ensino primário mantido em quatro anos e a partir dos 7 anos de idade. Instituiu o ensino médio, dividido em ginasial e colegial, sendo que o ciclo ginasial teria a duração de quatro séries anuais e o colegial ministrado em três anos no mínimo
1971 a 1996	Lei nº 5.692 de 11/8/1971	O ensino primário e o ginasial foram agrupados e renomeados para 1º grau, com 8 anos de duração (a partir dos 7 anos). O colegial foi renomeado para 2º grau, com 3 ou 4 séries dependendo da habilitação
1996 em diante	Lei nº 9.394 de 20/12/1996	O 1º grau foi renomeado “Ensino Fundamental” e passou para 9 anos (a partir dos 6 anos) O 2º grau foi renomeado novamente para “Ensino Médio”, com duração mínima de 3 anos.

Fonte: Compilação da legislação feita pelo próprio autor

Com base nestas denominações e a partir dos depoimentos foi montada a Tabela 9 (a seguir) que demonstra o grau de educação formal dos pais dos arquitetos pesquisados segundo a designação atual para a formação escolar formal:

Tabela 9 – Grau de educação formal dos pais dos arquitetos do grupo pesquisado

Arq. nº	Pai ou padrasto	Mãe
1	Superior (Odontologia)	Médio
2	Médio	Médio (curso técnico em contabilidade)
3	Fundamental	Fundamental
4	Médio	Fundamental
5	Superior (Jornalista)	Médio
6	Superior (Tecnólogo)	Médio
7	Médio	Fundamental
8	Fundamental	Fundamental
9	Médio	Fundamental
10	Médio. Faleceu quando o entrevistado tinha quatro anos de idade. Não houve padrasto.	Fundamental
11	Superior (dentista)	Superior (pedagoga)
12	Médio	Fundamental
13	Fundamental	Fundamental
14	Médio	Fundamental
15	Médio	Médio

Fonte: Dados da própria pesquisa, compiladas pelo autor

Dos 30 pais e mães, considerados como um grupo único, apenas 5 (17%) tinham curso superior, 13 (43%) tinham nível médio, 12 (40%) tinham apenas o nível fundamental.

Em 12 casos (40%) os arquitetos entrevistados estavam na primeira geração da família que fariam um curso superior.

Considerando-se apenas os pais, 4 (27%) tinham estudo superior, 8 (53%) tinham nível médio e 3 (20%) tinham nível fundamental.

O nível de estudo das mães é inferior ao dos pais: apenas uma delas (7%) tinha nível superior, 5 (33%) tinham nível médio e 9 (60%) tinham o nível fundamental.

A Figura 4 (a seguir) ilustra graficamente o grau de estudo dos pais: o primeiro é para o grupo como um todo, o segundo mostra o nível de estudo apenas dos pais e o terceiro e último gráfico ilustra o grau de estudo só das mães.

Figura 4 – Grau de educação formal dos pais e mães dos entrevistados

Fonte: produção do próprio autor, com os dados desta pesquisa

As famílias apresentam características patriarcais: só a mãe do arquiteto nº 11 trabalhou fora, tinha curso superior e fez carreira como professora no ensino público, enquanto que a mãe do arquiteto nº 12 apenas “*ajudava um pouco na quitanda da família*”. Outro indício para esta afirmação é que há também o caso da mãe do arquiteto nº 10 que foi forçada a trabalhar pois o marido morrera jovem, quando os filhos ainda eram pequenos, levando o depoente a afirmar que a mãe “*trabalhou feito doida para manter a casa*”, talvez indicando que a falta de estudos impossibilitava almejar um cargo melhor remunerado, e que além disto não poderia trabalhar fora porque tinha de tomar conta dos filhos, que eram pequenos, permanecendo em casa, possivelmente por falta de estrutura de apoio (creches e escolas) que lhe permitisse trabalhar fora do lar.

Em resumo, esta geração de arquitetos e urbanistas representou em 40% uma ascensão do grupo familiar ao ensino superior, principalmente pelo lado das mães. Os pais eram em sua maioria formados no ensino superior ou no ensino médio, respectivamente com 27% e 53%, totalizando 80% do total. Enquanto isto, apenas 7% das mães tinha ensino superior, sendo que 33% tinha nível médio e 60% ensino fundamental, num total de 93%.

Ressalte-se, entretanto, que há no grupo vários descendentes de imigrantes, vindos principalmente do Japão e Itália, e que cursaram o ensino fundamental e médio em seus países e foram classificados, para esta pesquisa, pela similaridade com o existente no Brasil na ocasião, sem levar em conta a qualidade e quantidade de horas que teve sua educação. Por sinal, existem indícios de que a educação recebida no exterior foi melhor do que teriam tido se tivessem estudado no Brasil, conforme fica melhor

demonstrado na análise a seguir, onde foi analisada a condição cultural do entrevistado e respectiva família.

5.5 Condição cultural do entrevistado e da família

A Tabela 10 (a seguir) sintetiza como era o ambiente familiar em relação às artes e como o entrevistado definiu sua posição em relação às artes em geral, antes de entrar na faculdade. A referida tabela traz também um resumo do que cada um declarou a respeito da condição cultural com a qual conviviam em sua família:

Tabela 10 – Interesse em artes, pela família e pelo entrevistado (segundo o depoimento do próprio)

Arq. nº	Família	Interesse por artes	Condição cultural da família (segundo o entrevistado)
1	Interesse médio	Interesse médio (principalmente em dança)	Ia-se ao cinema, ia-se à peças de teatro, mas nada assim muito elevado.
2	Bem interessados	Grande interesse	Havia um clima ligado a uma certa visão de arte, teatro ou do cinema um pouco mais ampla.
3	Interesse médio	Grande interesse (principalmente em artes plásticas devido à irmã)	Até gostávamos de algum tipo de arte, em especial as mais populares ou veiculadas pela TV, rádio ou pela mídia impressa, mas este assunto não era prioritário.
4	Interesse médio	Grande interesse	Razoavelmente interessados [...] Gostávamos de arte e cultura [...] Mas naquela época, em 55, numa cidade pequena...
5	Bem interessados	Interesse médio (principalmente em leitura)	Meu pai gostava muito de arquitetura também, gostava muito de ler, [...] sempre leu muito, e eu por causa disso adquiri gosto pela leitura por influência dele também, mas acho que o interesse era mais por literatura mesmo, não tanto por artes, mas literatura sim.
6	Muito interessados	Grande interesse	Isso é que é o forte... A família tinha um nível cultural muito acima do normal. Era a gente muito culta mesmo.
7	Interesse médio	Interesse médio (principalmente em artes plásticas)	Meu pai era bem antenado [...] gostava de ir no cinema, no teatro... Mas a minha mãe não gostava.
8	Interesse médio	Grande interesse (principalmente em música e cultura em geral)	Meu pai gostava de música [...] Ele pintava, ele fazia as vitrines, ele tinha assim um bom gosto para se vestir, entendia de como montar um manequim, de como combinar cores...
9	Interesse médio	Grande interesse (principalmente em desenho artístico)	Eram razoavelmente interessados em arte, gostavam, mas não chegavam a fazer investimento para isso... Mas eu tinha. Fiz a escola Panamericana...
10	Pouco interessados	Grande interesse (principalmente em desenho arquitetônico)	Na cidade aconteciam shows [...] E, fora isso, o cinema. A gente ia muito às matinês [...] O lazer era esse, cinema, matinê... Porque não existia televisão ainda [...] E eu, que sempre fui muito curioso, folhava todas as revistas [...] Eu não conseguia ler nada, mas entendia as fotos

11	Interesse médio	Grande interesse (principalmente em desenho artístico)	A minha família [...] Não era muito ligada nem à música e nem artes assim de um modo geral... Em arquitetura nem pensar... Assim, era totalmente desconhecido esse universo... [...] Mas sempre teve essa coisa de ler muito.
12	Pouco interesse	Interesse médio	Pouco interessados. Até gostávamos de algum tipo de arte, em especial as mais populares ou veiculadas pela TV, rádio ou pela mídia impressa, mas este assunto não era prioritário em casa.
13	Muito interessados	Grande interesse (principalmente em artes e história)	Condição cultural muito boa, muito interessante. A sensibilidade cultural que os europeus de um modo geral têm, mesmo que não tenham uma formação escolar. A preocupação com as coisas bem feitas, a preocupação com o desenvolvimento das artes, né, respeito pela história... Sensibilidade política, uma crítica política interessante
14	Interesse Médio	Grande interesse (principalmente em música e pintura)	A família tinha interesse médio. Mas eu fazia pintura [...] Ah, música também! A música foi devido... Os primeiros passos... Com as coleções de músicas clássicas [...] Eu assisti concertos de piano, e de violão.
15	Pouco interesse	Interesse médio (principalmente em desenho arquitetônico)	Até gostávamos de algum tipo de arte, em especial as mais populares ou veiculadas pela TV, rádio ou pela mídia impressa, mas este assunto não era prioritário em casa.

Fonte: Compilação feita pelo próprio autor

Pelos depoimentos, nota-se que nem sempre o ambiente que havia no seio familiar refletiu-se igualmente nas atitudes e gostos do entrevistado. Pelo contrário, todos os entrevistados tinham mais interesse nas artes em geral ou em algum tipo específico de arte do que a média do ambiente familiar. É digno de nota que os ambientes mais efervescentes em termos de arte eram aqueles onde havia descendentes de europeus, em especial de italianos. Nestes casos o interesse pelas artes se confundia com o interesse pela cultura em geral. O arquiteto nº 6, quando perguntado sobre o nível cultural da família, chegou a declarar:

Isso é que é o forte [...] A família tinha o nível cultural muito acima do normal. Era gente muito culta mesmo. [...] Um dos meus tios, um dos irmãos do meu pai, era padre, e estudou no Colégio Alberoni [...] que era formador de papas [...], elite da formação religiosa. [...] Esse meu tio, particularmente, era uma enciclopédia... Meu Deus do Céu, dava até medo.

Na mesma linha de afirmação o arquiteto nº 13 declarou algo similar:

Acho que é [de] uma condição cultural muito boa, muito interessante. Certamente ainda pela proximidade, basicamente é a primeira geração que estava aqui no Brasil, e é interessante, eu já vi isso em outras ocasiões, com outras pessoas... A sensi-

bilidade cultural que os europeus de um modo geral têm, mesmo que não tenham uma formação escolar. A preocupação com as coisas bem feitas, a preocupação com o desenvolvimento das artes, o respeito pela história... Uma sensibilidade política, uma crítica política interessante, isso eu acho muito curioso... Eu lembro da minha nona italiana que devia ter mal e mal o primário talvez... Mas ela tinha um senso crítico fabuloso. Recentemente... Não tão recentemente assim, acho em 2000, eu estive em Portugal e vendo lá o jornal [...] isso me alertou, me fez lembrar justamente da família que, apesar de não ter essa formação escolar formal, nem por isso deixava de ter uma cultura no sentido mais... Mais estrito da palavra, não erudição, mas a cultura em relação à... Cultura global.

Dos demais entrevistados que tinham imigrantes recentes entre seus pais, um descendente de libaneses (pai do arquiteto nº 7) foi descrito como sendo *“bem antenado, mas minha mãe não. [...] Meu pai gostava de ir no cinema, no teatro... Mas a minha mãe não gostava”*.

Nos imigrantes de origem japonesa nota-se um interesse menor, mais limitado, possivelmente pelo fato de terem tido que trabalhar com mais afinco para garantir seu sustento e também por viverem em cidades menores, com acesso mais difícil aos bens culturais, conforme transparece no depoimento do arquiteto nº 10, que viveu sua adolescência entre os anos 60 e 70 (nasceu em 1949):

Quando eu era criança [...] não tinha condições financeiras de participar de clubes, essas coisas, mas eu participava de shows... Porque na cidade aconteciam shows... Muitos shows, não é? Em público... Eu lembro bem de um show muito bom que eu assisti, de Ângela Maria [...] E, fora isso, o cinema. A gente ia muito às matinês, para assistir Mazzaropi... Esses filmes da época, que passava... [...] O lazer era esse, cinema, matinê... Porque não existia televisão ainda... Eram matinês, shows, às vezes era novela em rádio... Rádio novela... Foi bem depois que chegou... Isto, na infância [...] Como a minha mãe trabalhava muito, ela não tinha condições de dar atenção... Mas como ela teve uma formação boa, porque na adolescência dela ela estudou em São Paulo, sabe... Sempre leu muito... Agora... A minha formação foi ajudada pela família da minha mãe, porque eles sempre foram assinantes de revistas... Na época, tinha muito aquele... Seleções, né? Seleções... E muitas revistas importadas do Japão... E eu, que sempre fui muito curioso, folhava todas as revistas, sabe, embora não entendesse nada mas... Assim... Eu não conseguia ler nada, mas entendia as fotos.

A dificuldade para obter informações culturais também transparece no depoimento do arquiteto nº 14, juntamente com outra citação às “Seleções Reader’s Digest” e ao jornal “O Estado de São Paulo” como fatores disseminadores de cultura:

Meu pai e mais 3 filhos, eu o primeiro, abrimos uma quitanda, então esta quitanda acompanhou a minha adolescência... Eu comecei a trabalhar com mais de 11 anos de idade. [...] na época em que trabalhava na quitanda eu não pertencia a uma sociedade de elite de Lins, porque a elite era da Asa Branca, e o grupo japonês tinha [seus próprios] clubes [...] Uma associação Nipo-brasileira. Mas eu freqüentava os concertos de outro clube... Chamava Clube Linense... O Clube Linense, que era da Sociedade Linense, promovia alguns concertos, de solistas, de piano... Eu assisti concertos de piano e de violão. Mas mesmo assim, o tempo todo enquanto jovem, em casa havia assinatura de revistas e jornais. Nós tínhamos assinatura do jornal O Estado de São Paulo, líamos também a revista Times, em inglês, e comprávamos esporadicamente a revista Life, em inglês. Fora outros, como O Cruzeiro, Manchete... Mas a maioria das informações foram dadas pelo “O Estado de São Paulo”. E literatura, havia muitos livros de literatura, porque meu irmão do meio, ele fez o clássico, então eu desfrutava de livros que eram organizados pelo [...] Clube do Livro, que tinha sempre um livro mensal... Fora a revista Seleções, e... Uns livros especiais... Obras literárias publicadas pela Seleções. Eu estou dizendo isto porque... Foi minha rota de ganhar conhecimentos, de ganhar abertura de... Assim, para a cabeça.

A limitação financeira dos descendentes de imigrantes japoneses deste grupo transparece no depoimento do arquiteto nº 12:

Economias a gente não fazia, tudo o que meu pai e a minha mãe ganhava era o que sustentava a gente... Na época não era fácil assim, não... Graças a Deus, o comércio do meu pai era, assim... Ele tinha uma quitanda... Na época era um ramo que funcionava muito bem... Com isso ele conseguiu colocar todas nós na faculdade, ele fez a gente estudar, e até de poder cursar a faculdade, então [...] sobrar, nunca sobrava [...]. O que ele ganhava era o suficiente para a gente viver naquele momento.

Dos 15 arquitetos entrevistados só 4 (27%) declararam ter interesse apenas médio nas artes em geral, antes de entrar para a faculdade. Os restantes 11 arquitetos (73%) disseram ter grande interesse em um ou mais tipos de arte, mas desenho e arquitetura foram citados especificamente por 6 deles (40% do total). O arquiteto nº 4, ape-

sar de declarar ter mais afeição às coisas tecnológicas da engenharia do que à parte artística da arquitetura, acabou declarando o seguinte sobre sua adolescência:

Eu vivia fazendo tudo voltado para a arte. Era pintura na cadeira, na parede, quadro, desde pequena, então de certa forma eu tinha um interesse na arte, agora mas não para formar uma carreira, então, para carreira...

O arquiteto nº 11 foi específico, ao declarar que *“eu sempre tive muita facilidade com desenho, sempre gostei muito de desenhar”*. O arquiteto nº 6 fez o mesmo: *“Eu sempre tive uma certa habilidade para desenho, então isso foi, vamos dizer assim, fechando o quadro [da escolha da profissão]”*. Da mesma forma declarou o arquiteto nº 3: *“Desde pequena, sempre gostei de desenho e outras atividades correlatas”*.

O arquiteto nº 2 confirma sua ligação com as artes de um modo geral:

[...] eu fui com o tempo colecionando revistas de arte... Tinha uma revista chamada “Arte” mesmo onde saía coisas dos artistas brasileiros, principalmente, algumas coisas internacionais, eu tenho até hoje essa coleção... Então assim, de grandes visitas com a família não tem, mas de uma certa maneira tinha um ambiente propício, sou de família italiana, todo mundo gostava de ópera...

O arquiteto nº 10 resume a ligação entre o interesse por desenho e a arquitetura:

[...]acho que desde que nasci eu já pensava em arquitetura... Porque... Na minha adolescência... Eu já brincava com construção de cidades... Fazia desenhos... Então, desde criança eu já sabia que seguiria esta área... De desenhos, projetos... Então, para mim, não foi difícil escolher a carreira, sabe? [...] E depois, quando eu fui para o colégio, eu me destacava muito em desenho. Então, por exemplo, eu fazia ambientação de salas, de salões, e desenhava isto muito bem, sabe? E... Dentro da turma, eu assim me destacava, pela qualidade dos desenhos.

Esta condição cultural mais desenvolvida deve ter sido mesmo benéfica para quem teve acesso a ela porque o arquiteto nº 11 expôs assim suas conclusões:

Tanto pai como mãe sempre leram muito e isso eu acabei pegando, tinha o hábito de ler bastante... Mas o engraçado é que, depois de um tempo, eu comecei a perceber que essa não-familiaridade com a arte ou com a arquitetura me fazia falta, porque eu percebia que em outros colegas de faculdade [...] pela questão de viajar

também, de ter contato com o exterior, de ter contato com as grandes obras e tal... Isso é uma coisa que para mim nunca tinha feito falta, mas também eu não tinha este contato... Então eu sentia assim um pouquinho de carência nesse sentido, tinha amigas, colegas de turma que tinha um nível já mais elevado nesse sentido, já tinham mais conhecimento nesta área... [...] de vida mesmo, de sair, viajar, estar estudando um negócio de história da arte que você já viu... Ao vivo... E eu não tinha visto nada, para mim era tudo novidade, eu estudava aquilo e achava lindo mas... Demorou muito tempo para eu conseguir ir ver.

O arquiteto nº 6 foi ainda mais enfático na questão do desenho em relação à arquitetura e, mas especificamente, sobre o curso no Mackenzie:

Quando entrei lá que eu vi que o desenho era o que prevalecia, que a questão do desenho era a coisa mais importante para o arquiteto, para mim foi uma revelação formidável, um grande encontro assim do que eu queria... Da fome com a vontade de comer, entendeu?

Em resumo, portanto, temos que, assim com aconteceu com o nível de educação formal, todos os entrevistados eram tão ou mais interessados em arte do que o ambiente doméstico, e 73% dos entrevistados tinham interesse nas artes em geral, mas em especial no desenho. Nem sempre a família com maior nível de educação formal era a mais interessada nas artes; pelos depoimentos percebe-se que o interesse nas artes tinha mais a ver com o ambiente cultural da família do que propriamente com o nível de educação formal dos pais e irmãos, e isto ficou mais claro nos entrevistados que tinham ascendência italiana.

5.6 Avaliação do curso e atendimento às expectativas

Foi perguntado aos entrevistados como avaliariam o curso que fizeram, logo após a conclusão do mesmo. Em seguida, foram perguntados se achavam que o curso tinha atendido às expectativas que tinham quando escolheram o curso e a faculdade. As respostas dadas a estas duas questões estão na Tabela 11 (a seguir), que inclui a avaliação que o entrevistado fez do curso, um trecho do comentário que fez quando perguntado se o curso atendeu às expectativas, e o fato de já trabalhar ou não antes de entrar para a faculdade, item que se mostrou relevante:

Tabela 11 – Avaliação do curso e atendimento às expectativas

Arq. nº	Já trabalhava antes do curso?	Avaliação do curso	Atendeu às expectativas?
1	Não	Médio	Não. Se você for considerar que eu saí de lá sem me achar apta para trabalhar [então o curso] não atendeu minhas expectativas.
2	Sim	Médio	Sim. Acho que atendeu sim [...] Pelo fato de que já trabalhava, muitas coisas não eram exatamente misteriosas, mas também não tinham grandes discussões. Agregou muito, claro, 5 anos formais e 6 anos lá dentro é quase impossível dizer que as discussões, as preocupações, as brigas com os meus colegas [...] Então, é impossível dizer que não agregou. Agregou sim.
3	Não	Bom	Médio. O curso ficou mais ou menos dentro do que eu esperava, mas minha idéia de formação de um arquiteto era um pouco diferente. A expectativa com um curso sempre é maior do que a realidade, mas isso não se sabe aos 20 anos...
4	Sim	Médio	Sim. Na época atendeu [...] Eu não aproveitei muito, 100% da escola, não posso dizer que eu tive o aproveitamento de todo mundo. Talvez se eu tivesse lido mais, estudado mais, me inteirado mais, né, talvez assim o aproveitamento fosse maior.
5	Sim	Médio	Médio. Eu não poderia dizer que foi ruim, eu estaria sendo injusto com o curso, foi razoável, foi médio, acho que poderia ter sido mais focado na prática do trabalho mesmo [...] Tinha muita teoria e pouca ênfase na prática.
6	Não	Ótimo	Sim, e superou. Me atendeu sim... O Mackenzie tem uma coisa profissionalizante [...] Os professores todos eram arquitetos na época, não tinha essa bobajada de hoje, ficar fazendo monografia... O professor era arquiteto [...] então você perguntava “como faz” o cara te explicava.
7	Não	Médio	Médio. A faculdade te dá bastante subsídio, acho que a gente é que não aproveita tanto [...] Eu poderia ter aproveitado muito mais, eu poderia ter feito, ter tido outras experiências, não sei.
8	Sim	Médio	Não. Eu achei que eu ia [...] ser um arquiteto criativo, eu esperava que eu saísse da escola com idéias, com essa capacidade de chegar num projeto, assim, numa folha de papel em branco, não pra fazer reforma, mas começar um projeto do zero, e conseguir fazer alguma coisa interessante. E eu achei que sai do curso e não ia conseguir fazer isso.
9	Sim	Médio	Não, ficou abaixo. Ainda assim, não atendeu [...] O tempo gasto com o currículo era muito maior do que o necessário. Era muito grande, você podia ter tido mais...
10	Sim	Médio	Médio. Mas eu não tinha muita expectativa, de que eu fosse melhorar [...] Claro que melhorou bastante, [...] A faculdade deu muitas informações, mas... A expectativa de que eu fosse ser um senhor arquiteto, ou alguma coisa a mais, não. Eu acho que simplesmente complementou aquilo que eu já vinha fazendo.

11	Não	Bom	Sim. Pensando, hoje, eu poderia ter ido mais além [...] Eu me lembro dos meninos da turma, eles eram poucos, mas eles tinham uma gana de ir mais para a obra, de se informar mais...
12	Sim	Ótimo	Sim. Eu gostei demais do curso [...] Me preparou para aquilo que eu queria, que era ser arquiteta, eu acho que a faculdade me preparou muito bem. E o que ajudou bastante [...] o fato de eu ter falado que fiz a faculdade Mackenzie me deu assim pontos a mais.
13	Sim	Bom	Sim. Hoje eu sou professor também, e percebo isso, você como aluno acha que muitas coisas que você está aprendendo não vão servir pra nada... E algumas não vão servir mesmo. Então, você sai às vezes se sentindo preparado, mas com uma expectativa maior de preparo.
14	Sim	Bom	Médio. Eu saí sem a experiência que eu deveria adquirir em escritórios de arquitetura [...] por minha conta [...] apenas me deu uma base teórica, mas não uma base prática... [...] Em nenhum momento me deu uma prática.
15	Sim	Ótimo	Sim. Na arquitetura não é como [...] engenharia [...] Tem que saber teoria, tem que saber tudo, agora arquiteto é meio diferente, acho que se você tiver a prática, se você tiver ali no dia-a-dia, saber desenvolver um projeto, saber desenhar, isso faz uma diferença, e isso o Mackenzie me deu.

Fonte: Compilação feita pelo próprio autor

As respostas para a avaliação do curso podiam variar numa escala de 1 a 5 (ruim, sofrível, médio, bom e ótimo). As respostas oferecidas variaram entre “médio”, “médio” e “ótimo”. Ninguém considerou o curso “ruim” ou “sofrível”, mas apareceram diferenças de opinião entre os que já estavam trabalhando quando começaram o curso e os que ainda não trabalhavam. A ponderação dos resultados resultou na Tabela 12 (a seguir)

Tabela 12 – Avaliação do curso segundo os entrevistados

Avaliação	Geral	Ainda não trabalhava	Já trabalhava
Ruim	—	—	—
Sufrível	—	—	—
Médio	8	2	6
Bom	4	2	2
Ótimo	3	1	2
Média ponderada (de 1 a 5)	3,7	3,8	3,6
Notas: (1) Ponderação feita atribuindo 1 para “ruim”, 2 para “sofrível”, 3 para “médio”, 4 para “bom” e 5 para “ótimo”. (2) O título “já trabalhava” refere-se ao fato do entrevistado estar trabalhando antes de iniciar o curso			

Fonte: Dados das entrevistas, compiladas pelo próprio autor

Do total de 15 entrevistados, 10 já estavam trabalhando quando iniciaram o curso de arquitetura (67%). A avaliação do curso entre esses obteve mais “médios” e “ótimos” do que entre o outro grupo, dos que ainda não trabalhavam. No entanto, a resposta ponderada de cada grupo, respectivamente 3,6 e 3,8, mostrou-se dentro da média geral de 3,7. Ou seja, o curso foi avaliado num meio termo entre “médio” e “bom”, estando mais perto do “bom”. Transpondo-se para uma escala de 0 a 10, seria algo como uma nota 7.

Na avaliação sobre a expectativa que tiveram ao terminar o curso, em relação ao momento em que se decidiram a cursar arquitetura e urbanismo, os entrevistados se limitaram a três respostas: “não”, “médio” ou “sim”. A tabulação dos resultados resultou na Tabela 13 (a seguir):

Tabela 13 – Avaliação às expectativas que tinham ao escolher e fazer o curso

Avaliação	Geral	Ainda não trabalhava	Já trabalhava
Não	3	1	2
Médio	5	2	3
Sim	7	2	5
Média ponderada	2,3	2,2	2,4
Notas: (1) Ponderação feita atribuindo 1 para “Não”, 2 para “Médio” e 3 para “Sim”. (2) O título “já trabalhava” refere-se ao fato do entrevistado já estar trabalhando antes de iniciar o curso			

Fonte: Compilação das entrevistas, feita pelo próprio autor

No caso do atendimento às expectativas aconteceu fato similar ao que ocorreu com a avaliação do curso: houve diferenças entre as respostas do grupo que já trabalhava, foram estes os que mais consideraram que o curso atendeu às suas expectativas logo depois de terminado. Provavelmente isto ocorreu porque já estavam na profissão ou porque já a conheciam por outros meios, ou, ainda, porque a arquitetura era um desejo antigo.

Dentre o grupo que ainda não trabalhava, ao serem solicitados a fazer a avaliação do curso, vários entrevistados se referiram ao fato de terem feito sua escolha quando ainda eram jovens e com pouca informação sobre a escola e sobre a profissão. A respeito do atendimento às expectativas que tinha ao fazer o curso, o arquiteto nº 1 declarou:

Sabe qual é o problema... Você entra com... Eu tinha quanto anos? Uns 18 anos, 17, nem me lembro. [...] então, eu não tinha expectativas, sei lá... Não tinha nada... Podemos dizer que... Não sei... Por exemplo, se você for considerar que eu saí de lá sem me achar apta para trabalhar [então o curso] não atendeu minhas expectativas...

O arquiteto nº 3 concordou com o contexto acima, ao afirmar que “*A expectativa com um curso sempre é maior do que a realidade, mas isso não se sabe aos 20 anos...*”.

A média ponderada entre os que ainda não trabalhavam foi de 2,2 e entre os que já trabalhavam ficou em 2,4 que é um valor 9% superior, ou seja, os que já trabalhavam ficaram mais satisfeitos com o curso, talvez por já terem mais noção do que poderiam esperar e de quais objetivos queriam alcançar. No cômputo geral o curso atendeu às expectativas numa média de 2,3 numa escala de 3, equivale à nota de 7,7 numa escala até 10. Isso pode ser considerado um sucesso, uma vez que os entrevistados tiveram 3 décadas para pensar a respeito, participar do mercado, testar seus conhecimentos e formar a opinião que manifestaram nesta pesquisa.

Se analisarmos a avaliação do curso, na Tabela 12, vemos que o panorama se inverte, pois os que ainda não trabalhavam avaliaram o curso na média de 3,8 e o outro grupo avaliou em 3,6 que é um valor 5% menor, mas que ficam dentro da média geral de 3,7.

Cada entrevistado apresentou motivos diferentes para justificar suas avaliações, mas não houve um consenso. Alguns criticaram a falta de mais matérias técnicas, outros acharam que havia muito conteúdo técnico e pouco artístico ou criativo. Alguns acharam o curso muito teórico e pouco prático, outros disseram que o curso era voltado para a prática e com pouca teoria. Este tipo de discrepância permite chegar à conclusão de que o curso teve um pouco de cada aspecto da arquitetura, deixando por conta do estudante procurar as complementações necessárias. Por isso, o arquiteto nº 11 talvez tenha sido o que sintetizou este assunto com mais ponderação:

O Mackenzie me deu a base e depois eu fui crescendo, mas eu acho que isto é normal, acontece com todo mundo que começa a trabalhar, você vai ampliando seu horizonte em função daquilo que você está trabalhando.

A ser perguntado se o curso havia atendido às suas expectativas, o mesmo arquiteto nº 11 explicou melhor a questão: *“hoje, eu [acho que] poderia ter ido mais além, entendeu... [...] Sim, existia a possibilidade de você ter alguma formação até mais apurada”*.

A respeito das complementações, o arquiteto nº 6 foi mais específico:

Eu saí muito contente, eu gostava... Eu era muito de fuçar, assim, tive bons professores, [...] caras que me ensinaram muito, assim, só de olhar... Não é que o cara sentou e me ensinou, eu ia atrás deles, ia ver as obras dele aí perguntava na escola como ele fazia... Depois, eu estava num estágio desde o primeiro ano da faculdade, quando eu já tinha muita responsabilidade. [...] O Mackenzie tem uma coisa profissionalizante, assim... Os professores todos eram arquitetos na época, não tinha essa bobajada de hoje, ficar fazendo monografia... O professor era arquiteto, entendeu, então você perguntava “como faz” e o cara te explicava, “você faz assim”, era um negócio bem empírico, bem prático, isso é o que eu gostava no Mackenzie... Você faz assim, esse concreto se faz assim, isso aqui é assim, o tijolo é “assado”, a viga é “assado”, então, os professores arquitetos que é o que eu mais respeitava e continuo respeitando, era assim o que mais tinha no Mackenzie. Eu acho que o Mackenzie consegue preservar essa tradição, de alguma maneira, entendeu... [...]Na nossa época era assim, quem que desenhava melhor, e não tinha nada de computador, então, a gente admirava muito a questão do desenho de saber desenhar, de saber produzir ilustrações, era uma coisa assim muito importante na minha época.

Esta relação entre trabalhar no ramo de arquitetura e urbanismo durante o curso, e do aluno cuidar por conta própria das atividades extra-classe também aparecem diretamente no item 5.7 avaliado a seguir (pág. 74), quando foi analisada a preparação para entrar no mercado de trabalho.

Em suma, o curso foi avaliado entre “médio” e “bom”, estando mais perto do “bom”, independentemente do entrevistado ter ou não trabalhado na área, seja antes, durante ou depois do curso. A resposta ponderada geral foi de 3,7 numa escala de 1 a 5, ou seja, o curso foi avaliado como um meio termo entre “médio” e “bom”, estando mais perto do “bom”. Transpondo-se para uma escala de 0 a 10, seria portanto equivalente a nota 7,4.

No caso do atendimento às expectativas aconteceu fato similar: houve diferenças entre as respostas do grupo que já trabalhava antes da faculdade, foram estes os

que mais consideraram que ele atendeu às suas expectativas depois de terminado o curso. No cômputo geral o curso atendeu às expectativas numa média de 2,3 numa escala de 3, equivalente à nota 7,7 numa escala até 10.

5.7 Preparação para entrar no mercado de trabalho

Os entrevistados foram perguntados se eles se consideravam preparados para enfrentar o mercado de trabalho logo que fizeram a colação de grau. Aqui, apareceu novamente a questão das atividades extra-classe e da dedicação do próprio aluno: houve avaliações diferentes entre aqueles que trabalharam na área de arquitetura e urbanismo durante o curso, seja como estagiário, desenhista, projetista ou sócio de escritório de projetos.

A Tabela 14 resume as respostas, informando se o aluno estagiou na área enquanto estava fazendo o curso, como avaliou seu preparo para o mercado de trabalho, na ocasião, e uma pequena descrição da avaliação que fizeram do curso segundo suas próprias palavras, para justificar sua resposta ao fato do curso ter ou não atendido às expectativas que tinham quando escolheram a profissão e a faculdade:

Tabela 14 – Avaliação do preparo para entrar no mercado de trabalho

Arq. nº	Estagiou durante o curso?	Estava preparado?	Atendeu às expectativas?
1	Não	Não	Não. Se você considerar que eu saí de lá sem me achar apta para trabalhar [então o curso] não atendeu minhas expectativas.
2	Sim	Sim	Sim. Agregou muito [...] é quase impossível dizer que as discussões, as preocupações [...] não agregou [algo]. Agregou sim.
3	Não	Sim	Razoável [médio]. O curso ficou mais ou menos dentro do que eu esperava, mas minha idéia de formação de um arquiteto era um pouco diferente. A expectativa com um curso sempre é maior do que a realidade, mas isso não se sabe aos 20 anos...
4	Sim	Sim	Sim. Gostei muito do curso. Para mim acrescentou bastante, porque abriu minha visão de saber que existe outro lado por detrás que era relativo a um lado mais sensitivo que o lado estritamente técnico.
5	Não	Não	Médio. Eu não poderia dizer que foi ruim eu estaria sendo injusto com o curso, foi razoável, foi médio, acho que poderia ter sido mais focado na prática do trabalho mesmo... [...] Tinha muita teoria e pouca ênfase na prática.

6	Sim	Sim	Sim. Adorava a faculdade de arquitetura [...] foi uma revelação fantástica, nunca imaginei que seria um negócio tão legal. [...] Então foi muito revelador, e todos os personagens... Eu adorava aqueles caras, aqueles arquitetos, via os desenhos via os prédios deles, achava o máximo...
7	Sim	Não	Médio. Na verdade a faculdade te dá bastante subsídio, acho que a gente é que não aproveita tanto [...] Eu poderia ter aproveitado muito mais, eu poderia ter feito, ter tido outras experiências.
8	Não	Sim	Não, não atendeu, [...] eu esperava que eu sáísse da escola com idéias, com essa capacidade de chegar num projeto, assim, numa folha de papel em branco, não pra fazer reforma, mas começar um projeto do zero, e conseguir fazer alguma coisa interessante.
9	Sim	Sim	Médio. Na profissão, eu tive contato com pessoal de outra origem, e acabei achando que o Mackenzie e a FAU era... Tava num patamar diferente do que vinha atrás [...] É, na época eu tinha essa angústia, de achar que eu estava perdendo muito tempo. [...] Ainda assim, não atendeu. [...] Média para baixo.
10	Sim	Sim	Sim, mas... Eu não tinha muita expectativa... De que eu fosse melhorar mais do que... Claro que melhorou bastante [...] A faculdade deu muitas informações, mas... A expectativa que eu fosse ser um senhor arquiteto, ou alguma coisa a mais, não. Eu acho que simplesmente complementou aquilo que eu já vinha fazendo.
11	Sim	Sim	Sim. O Mackenzie me deu a base e depois eu fui crescendo, mas eu acho que isto é normal, acontece com todo mundo que começa a trabalhar, você vai ampliando seu horizonte em função daquilo que está trabalhando.
12	Sim	Sim	Sim. O Mackenzie me deu a base e depois eu fui crescendo, mas eu acho que isto é normal, acontece com todo mundo que começa a trabalhar, você vai ampliando seu horizonte em função daquilo que você está trabalhando...
13	Sim	Sim	Sim. Quando eu me formei [...] eu já tinha uma experiência nesse percurso
14	Não	Não	Médio. Eu diria que não atendeu plenamente, porque [...] eu saí sem a experiência que eu deveria adquirir em escritórios de arquitetura... Por minha conta [...] Em nenhum momento me deu uma prática.
15	Sim	Sim	Sim. Para mim, foi [bom] porque eu acho que o fato de eu ter entrado já mexendo um pouco de arquitetura, e o fato de eu ter arrumado emprego na primeira semana de aula, eu nunca fiquei desconectada.

Fonte: Compilação dos dados das entrevistas feita pelo próprio autor

Dez dos entrevistados (67%) já trabalhavam na área ou então começaram a estagiar paralelamente ao curso. Os restantes 5 entrevistados (33%) começaram a atuar somente depois da graduação, seja profissionalmente ou então por diletantismo.

De todo o grupo, 11 (73%) avaliaram estar aptos a enfrentar o mercado de trabalho assim que saíram da faculdade, enquanto que os demais 4 (27%) acharam que não estavam preparados.

Dentre o grupo que estagiou ou trabalhou na área durante o curso, o resultado foi diferente: dentre os 10 entrevistados que trabalharam, 9 deles acharam que o curso os deixara preparados para enfrentar o mercado de trabalho. A exceção foi o arquiteto nº 7 que na entrevista se considerou apenas medianamente preparado, mas no entanto estagiou durante o curso e logo depois do término já iniciou, a convite, uma carreira que continua até hoje, ou seja: apesar da sua insatisfação com o curso, podemos considerar que o preparo foi adequado, caso contrário não teria sido convidado e nem permanecido tanto tempo na carreira. Isto transparece nas palavras desse mesmo arquiteto nº 7, ao declarar sua satisfação com o curso:

Como eu fazia estágio, depois na sequência eles me contrataram. Então, nem sei dizer... Praticamente eu não fiquei desempregada, né? Na hora que eu me formei já fui contratada no ano seguinte. [...] eu trabalhava na Prefeitura, mas daí eu recebi um convite para trabalhar no Estado. O cara que era meu chefe na Prefeitura, ele veio trabalhar na FUNAP aí ele me chamou. [...] Praticamente, não mandei nem um currículo. E aí a Prefeitura queria me contratar... E aí eu tinha duas propostas de trabalho, né, uma da Prefeitura e outra do Estado, acabei ficando no Estado, que é onde eu estou até hoje.

Dos 5 que não estagiaram ou trabalharam na área durante o curso, 2 concordaram com o outro grupo, achando que sim, que o curso os preparara a contento, enquanto que os outros 3 acharam não estar preparados.

Dentre os 2 que se acharam preparados, nota-se algumas ressalvas. O arquiteto nº 3 alegou que *“essa pergunta se refere à percepção individual; aos 22 anos, não poderia ter outro sentimento”* e o arquiteto nº 8 explicou que se considerava preparado, *“mas é claro que teria que estagiar num escritório, alguma coisa assim, para sentir segurança, mas eu acho isso normal”*.

Como justificativa para a falta de preparo, ainda entre os 3 que não estagiaram, foi alegado principalmente a falta de ensino prático, algo que só se aprende num estágio ou trabalhando efetivamente na área. Ao ser perguntado se estava preparado

para o mercado, o arquiteto nº 5 enfatizou dizendo que “*Não! Não! Não mesmo!*” mas depois contemporizou:

Eu não poderia dizer que [o preparo] foi ruim, eu estaria sendo injusto com o curso, foi razoável, foi médio, acho que poderia ter sido mais focado na prática do trabalho mesmo... Entendeu... Tinha muita teoria e pouca ênfase na prática.

Esse grupo de 3 entrevistados que não se considerava preparado demonstrou estar ciente que a falha poderia não estar na faculdade, mas em si mesmos. O arquiteto nº 7, ao ser perguntado da sua habilidade para trabalhar ao término do curso respondeu: “*Acho que não, acho que não. É uma coisa que a gente sai bem... Bem pouco desenvolvido, né? [...] Ah, não sei...*”. O arquiteto nº 14 concorda com esta visão, ao declarar que “*como não houve esta cobrança da escola, para esta parte prática, de vida, eu não escolhi ter as aulas práticas*”, mas posteriormente sentiu a falta. O arquiteto nº 1, igualmente, declarou que “*precisava de mais aula prática, eu acho*”.

No entanto, percebe-se que esta questão de estar ou não preparado para o mercado, e de ter mais ou menos aulas práticas, está ligada diretamente ao esforço do aluno e também ao fato do curso ter atendido ou não às expectativas que tinham as escolher o curso de arquitetura e urbanismo.

No total do grupo, 8 declararam que o curso atendeu às suas expectativas (54%) enquanto que 5 deles (33%) acharam que o curso atendeu medianamente, e apenas 2 (13%) disseram que o curso não atendeu às expectativas que alimentavam em relação a ele.

Analisando as respostas, percebe-se que 8 dentre os 9 os que trabalharam na área durante o curso disseram que o curso atendeu às expectativas. Somente os arquitetos nº 7 e nº 9 disseram que o curso atendeu apenas medianamente, e este último explicou:

O tempo gasto com o currículo era muito maior do que o necessário [...] O tempo gasto com elas [as matérias] era desnecessário, era muito grande, você podia ter tido mais... Um leque maior com o tempo que a gente dedicava, e olha que o tempo era curto, hein? E de noite a gente gastava umas duas, três horas de aula... Mas Tinha uns assuntos lá que levavam muito tempo em cima de uma coisa que podia ser mais curto [...] É, foi [um curso] razoável, e eu digo agora, né? Também, depois de... Na profissão, eu tive contato com pessoal de outra origem, e acabei achando

que o Mackenzie e a FAU era... Estava num patamar diferente do que vinha atrás...
[...] Na época eu tinha essa angústia, de achar que eu estava perdendo muito tempo.

No grupo dos que não estagiaram durante o curso as respostas foram mais heterogêneas. Quatro deles (27%) avaliaram o atendimento à satisfação como mediana, e dois (13%) avaliaram o curso como não tendo atendido às suas expectativas. O arquiteto nº 1 foi enfático e direto ao ponto, ao declarar que *“se você for considerar que eu saí de lá sem me achar apta para trabalhar não atendeu minhas expectativas”*. O arquiteto nº 8 também achou que o curso não atendeu às suas expectativas, alegando que:

Não atendeu, porque eu achei que eu ia, no caso... Voltando aquele caso, porque com relação a ser um arquiteto criativo, eu esperava que eu saísse da escola com idéias, com essa capacidade de chegar num projeto, assim, numa folha de papel em branco, não pra fazer reforma, mas começar um projeto do zero, e conseguir fazer alguma coisa interessante. E eu achei que eu saí do curso e não ia conseguir fazer isso.

Talvez a explicação melhor para esta situação venha do grupo dos que não estagiaram, e acharam que o curso atendeu apenas medianamente às suas expectativas. O arquiteto nº 3 apresentou este ponto de vista:

Não acredito que haja alguma faculdade “perfeita”. [o curso foi] Razoável. O curso ficou mais ou menos dentro do que eu esperava, mas minha idéia de formação de um arquiteto era um pouco diferente. A expectativa com um curso sempre é maior do que a realidade, mas isso não se sabe aos 20 anos...

O arquiteto nº 5 seguiu a mesma linha de raciocínio, mas acrescentou a questão da prática:

Tinha muita teoria e pouca ênfase na prática. [...] [não atendeu] justamente por isso, eu acho que faltou foco na prática do trabalho do arquiteto. [...] Não foi ruim, foi médio. Pra dizer que foi ruim, ruim, acho eu seria injusto, acho que foi médio.

Restou ao arquiteto nº 14 dar sua explicação sobre o atendimento apenas parcial às suas expectativas:

Eu diria que não atendeu plenamente, porque quando [...] terminei o curso... Eu saí sem a experiência que eu deveria adquirir em escritórios de arquitetura... Por conta,

por minha conta, eu deveria adquirir... Como, vamos dizer, um estagiário, mas como não houve esta cobrança da escola, para esta parte prática, de vida, eu não escolhi ter as aulas práticas... Não é a aula prática, a vivência prática, do estudo... Então, ela apenas me deu uma base teórica, mas não uma base prática... Em nenhuma parte... Em nenhum momento me deu uma prática.

Mas o estágio e a vivência prática talvez estivessem fora do alcance da escola, cabendo a cada aluno procurar esta complementação por conta própria, conforme explicou o arquiteto nº 7. Este, ao ser perguntado sobre os motivos pelos quais avaliava que o curso tinha atendido apenas parcialmente às suas expectativas, declarou:

Hoje eu sinto a falta de não ter estudado mais, sabe aquelas coisas, né? A gente meio que se arrepende das bobagens que não fez, ou que fez errado, sei lá. [...] É, médio. Na verdade a faculdade te dá bastante subsídio, acho que a gente é que não aproveita tanto, né? Acho que essa é que é a questão que eu estou colocando. Eu poderia ter aproveitado muito mais, eu poderia ter feito, ter tido outras experiências, não sei.

Pelo lado oposto, o arquiteto nº 15, que gostou muito do curso, estagiou e alegou que se considerava preparado para o mercado, explicou:

[...] eu acho que o fato de eu ter entrado já mexendo um pouco de arquitetura, e o fato de eu ter arrumado emprego na primeira semana de aula, eu nunca fiquei desconectada, entendeu... [...] eu só acho que tive esta condição porque eu estava no Mackenzie, porque eu consegui ficar na área, trabalhar, entendeu... Então, eu acho que isso... Para mim tem diferença, sabe, na arquitetura não é como... Não é como engenharia, vamos dizer, [como um] calculista... Ele tem que saber teoria, tem que saber tudo, agora arquiteto é meio diferente, acho que se você tiver a prática, se você tiver ali no dia-a-dia, é saber desenvolver um projeto, saber desenhar, isso faz uma diferença, e isso o Mackenzie me deu.

O arquiteto nº 8 concorda com este mesmo ponto de vista:

Mas é claro que teria que estagiar num escritório, alguma coisa assim, para sentir segurança, mas eu acho isso normal. Mas eu acho que na parte técnica acho que preparou bem. Talvez assim, na parte criativa, que poderia ter sido... Nós poderíamos ter sido um pouco mais estimulados, né? Sempre falam mesmo que o Mackenzie é mais técnico e que a FAU é mais artística, eu acho que isso é verdade [...] eu

acho que nessa parte construtiva, assim, eu me sinto bem seguro, agora a parte criativa, sabe, combinar cor, começar um projeto do zero, por exemplo... Uma casa, assim, com terreno... Eu acho que faltou um pouco mais de estímulo, para você se soltar mais, [para] eu me soltar mais.

Em suma, o que se apurou neste item é que o curso atendeu às expectativas da maioria, afinal foram 54% dizendo que sim e 33% achando que o curso atendeu medianamente. Apenas 2 entrevistados (13%) disseram que o curso não atendeu às expectativas que alimentavam em relação a ele, mas os comentários demonstram que provavelmente isto se deveu ao fato do aluno não ter procurado atividades extra-classe e, em especial, um estágio na área, que complementasse o ensino acadêmico com a vivência prática num ambiente de produção, seja este um escritório de projetos ou outra atividade ligada à arquitetura e urbanismo.

Com relação à preparação para o mercado de trabalho, o panorama se repete: 11 entrevistados (73%) consideraram que estavam aptos a enfrentar o mercado de trabalho assim que saíram da faculdade, enquanto que os 4 restantes (27%) admitiram que não se sentiam preparados naquela ocasião, mas sabendo que era assim, provavelmente, porque não fizeram um esforço adicional, necessário para estagiar ou trabalhar durante o curso.

5.8 Continuação da vida acadêmica

Conforme analisado nos tópicos anteriores, cada entrevistado teve seus próprios motivos para escolher a profissão de arquiteto e urbanista e também para escolher o Mackenzie. Alguns fizeram o curso por diletantismo, sem grandes pretensões ou sonhos com a carreira, enquanto que outros queriam efetivamente trabalhar na área e tirar seu sustento disto.

Esta pesquisa não se propunha inicialmente a descobrir quais cursos e especializações além da faculdade estes profissionais precisaram dedicar-se. Entretanto, os cursos de pós-graduação *stricto sensu* foram citados e pareciam ter impactado a atuação dos entrevistados, tanto que fizeram espontaneamente comentários sobre este aspecto.

Face à importância da pesquisa avaliar esta situação, para tanto foi montada a Tabela 15, que mostra se o entrevistado trabalhou ou estagiou na área de arquitetura e urbanismo durante a faculdade, e quais cursos *stricto sensu* cursou ou concluiu:

Tabela 15 – Cursos de pós-graduação *stricto sensu*

Arq. nº	Estagiou durante o curso?	Nenhum	Mestrado	Doutorado
1	Não	X		
2	Sim		X	X
3	Não	X		
4	Sim		X	
5	Não	X		
6	Sim		X	X
7	Sim		X	
8	Não	X		
9	Sim	X		
10	Sim	X		
11	Sim	X		
12	Sim	X		
13	Sim		X	
14	Não	X		
15	Sim		X ⁽¹⁾	
Nota: (1) O arquiteto nº 15 não chegou a concluir o mestrado por não ter apresentado sua dissertação, mas fez o curso e trabalhou 18 anos como professor universitário				

Fonte: Compilação dos dados das entrevistas feita pelo próprio autor

O arquiteto nº 15 não chegou a concluir o mestrado, mas fez o curso e trabalhou 18 anos como professor universitário, nas disciplinas de desenho e projeto arquitetônico, além de orientar trabalhos de graduação e estágio supervisionado, ou seja, demonstrou interesse pelo estudo e efetivamente entrou, na prática, na vida acadêmica. Então, para fins desta pesquisa, considerou-se que este profissional tinha especialização equivalente ao mestrado.

Desta forma, do total de 15 entrevistados, 9 (60%) não se interessaram pela continuidade da vida acadêmica, enquanto que 6 (40%) alcançaram o nível de mestrado ou doutorado. Dentre estes, 2 são doutores (13% do total), sendo o arquiteto nº 2 pela USP e o arquiteto nº 6 pelo Mackenzie.

Repetiu-se aqui a questão do estágio ou não na área durante o curso, tal como explanado no item anterior. Todos os que alcançaram níveis de graduação *stricto sensu* também estagiaram ou trabalharam na área de arquitetura e urbanismo durante a faculdade. Talvez isso demonstre um maior interesse na profissão, ou então a vontade de continuar seu percurso no meio acadêmico e dividir seus conhecimentos. Exceção feita ao arquiteto nº 7, que ministra cursos apenas internamente, no órgão público em que trabalha (FUNDAP), os demais 5 foram ou ainda são professores universitários.

Dos 10 entrevistados que estagiaram ou trabalharam durante o curso, 6 obtiveram o grau de mestre ou doutor (conforme explanado acima). Os demais 4 integrantes deste grupo foram os arquitetos 9, 10, 11 e 12, que tiveram motivos diferentes para não continuar a vida acadêmica:

- O arquiteto nº 9 trabalhou como empresário desde que era estudante, e trabalha assim até hoje, não se interessando pela vida acadêmica provavelmente por falta de tempo,
- O arquiteto nº 10 trabalhava na área de construção civil desde antes da faculdade de arquitetura, depois foi trabalhar no exterior e posteriormente deixou o ramo para dedicar-se à agricultura;
- O arquiteto nº 11 chegou a fazer vários cursos de extensão e ministrou cursos em escolas livres, mas não interessou-se em fazer um curso *stricto sensu* talvez por falta de oportunidade ou porque não lhe fez falta, e, finalmente,
- O arquiteto nº 12 fez uma bem sucedida carreira dentro de vários escritórios de arquitetura de São Paulo, capital, e depois mudou para a cidade de Porto Seguro, na Bahia, e durante este percurso não precisou ou não interessou-se pela vida acadêmica.

Dentre o outro grupo, ou seja, os 5 entrevistados que não estagiaram na área de arquitetura e urbanismo durante a faculdade, a vida acadêmica não foi procurada pelos seguintes motivos:

- O arquiteto nº 1 mudou de área, entrou para o serviço público em um setor administrativo,
- O arquiteto nº 3 trabalha no ramo, mas na Prefeitura Municipal de São Paulo, em um local onde o mestrado não é essencial e talvez por isso não tenha se interessado
- Os arquitetos nº 5 e nº 8 já trabalhavam, continuaram a trabalhar e se aposentaram no Banco do Brasil, em funções administrativas de escritório,
- O arquiteto nº 14 também trabalhava no Banco do Brasil, nestas mesmas funções, mas depois prestou concurso interno e passou a a-

tuar como arquiteto desta mesma empresa até aposentar-se em 2003, aos 59 anos, e depois disto passou a dedicar-se apenas a atividades artísticas como música e pintura, atuando como arquiteto apenas por diletantismo.

Em suma apurou-se que, do grupo de 15 entrevistados, 4 chegaram ao mestrado e 2 ao doutorado. Todos estes também trabalharam ou estagiaram na área durante a faculdade. Dos 9 entrevistados que não fizeram pós-graduação stricto sensu, 2 trabalham no serviço público em áreas onde o mestrado não é exigido, e os outros 3 eram funcionários de carreira do Banco do Brasil e se aposentaram por esta instituição, deixando então a arquitetura apenas como “hobby”, para dedicar-se a outras atividades que lhes são mais prazerosas.

5.9 Atividades profissionais exercidas de acordo com a CBO/2002

Para a análise deste item foram utilizadas as áreas ligadas ao exercício profissional dos arquitetos e urbanistas conforme explicado no item “3.4 Referências da CBO/2002 em relação à lei 5.194/1966” (vide página 36). As atividades descritas na CBO/2002 que serviram de base para a tabulação desta pesquisa estão relacionadas na Tabela 16 a seguir:

Tabela 16 – Descrições da CBO/2002 para classificar as atividades dos arquitetos e urbanistas

Classificação CBO/2002	Descrição
2141-05	Arquiteto de edificações – Engenheiro arquiteto; Projetista (arquiteto)
2141-10	Arquiteto de interiores
2141-15	Arquiteto de patrimônio – Arquiteto de restauro; Arquiteto restaurador; Conservador de edificações; Restaurador de edificações.
2141-20	Arquiteto paisagista – Arquiteto da paisagem; Paisagista
2141-25	Arquiteto urbanista – Planejador urbano
2141-30	Urbanista
2343-05	Professor de arquitetura

Fonte: Compilação feita pelo próprio autor a partir da CBO/2002

Alguns dos entrevistados trabalharam em serviços burocráticos de escritório, principalmente em bancos e repartições públicas. Para efeito desta pesquisa, estas atividades foram desprezadas e foi computado apenas o tempo em que trabalharam em

atividades ligadas de alguma forma à área de arquitetura e urbanismo, seja antes da faculdade, durante ou depois.

Nos casos em que a pessoa exercia mais de uma especialidade ao mesmo tempo foi contado o tempo de todas os ramos ligados à arquitetura em que trabalhou, mesmo que simultaneamente. Este é o caso, em especial, dos que exercem atividades de ensino ao mesmo tempo em que trabalham como projetistas e construtores.

Os resultados estão mostrados na Tabela 17 (a seguir):

Tabela 17 – Tempo de trabalho nas atividades por área de atividade da CBO/2002 (em anos)

Descrição da atividade	Projeto e construção de edifícios	Arquitetura de Interiores	Patrimônio e restauração	Paisagismo	Planejador urbano	Urbanista	Professor do ensino superior
Classificação CBO/2002	2141-05	2141-10	2141-15	2141-20	2141-25	2141-30	2343-05
Arq. nº 1	11						
Arq. nº 2	32						31
Arq. nº 3	4	3			23		
Arq. nº 4	15						
Arq. nº 5	1						28
Arq. nº 6	30						22
Arq. nº 7					32		20
Arq. nº 8	1						
Arq. nº 9	38						
Arq. nº 10	21						
Arq. nº 11	21	10					
Arq. nº 12	37						
Arq. nº 13	13						25
Arq. nº 14	10						
Arq. nº 15	37						
TOTAIS	271	13			55		126
% DO TOTAL	59%	3%			12%		27%

Fonte: Compilação dos dados das entrevistas feita pelo próprio autor

A somatória dos anos trabalhados em cada área mostra a predominância dos profissionais que trabalharam de acordo com a classificação 2141-05, que diz respeito a “Arquiteto de edificações - Engenheiro arquiteto; Projetista (arquiteto)” e que é descrito da seguinte forma na página 197 da CBO/2002:

Elaboram planos e projetos associados à arquitetura em todas as suas etapas, definindo materiais, acabamentos, técnicas, metodologias, analisando dados e informações. Fiscalizam e executam obras e serviços, desenvolvem estudos de viabilidade financeira, econômica, ambiental. Podem prestar serviços de consultoria e assessoramento, bem como estabelecer políticas de gestão.

Este grupo de atividades foi a exercida em 59% do tempo de trabalho destes profissionais, seguida por 27% dos que também atuaram (e continuam a atuar) como professores (em tempo parcial ou exclusivo). Depois vêm os 12% com atividades ligadas ao planejamento urbano sendo, neste caso, em órgãos públicos e, por último, cerca de 3% do tempo total foi dedicado à arquitetura de interiores.

As demais áreas de referência da CBO/2002 foram exercidas esporadicamente, mas não por tempo ou com dedicação suficientes para que se possa dizer que a atuação do entrevistado naquela atividade tenha sido significativa, e por isso foram desconsideradas.

Dentro da categoria mais comum (2141-05) alguns entrevistados (em especial os de nº 2, 6, 9, 10) cuidavam não só do projeto, mas também da fiscalização e/ou administração das obras, obtendo daí parte de seus proventos, mas é impossível, com os dados obtidos, identificar quais porcentagens corresponderiam a projeto ou obra.

Em suma, portanto, a maioria trabalhou dentro da definição geral para arquitetos e urbanistas tal como definido no item 2141-05 da CBO/2002, e 5 dos entrevistados (33% do tempo) dedicam-se em tempo parcial ou exclusivo às atividades acadêmicas (código 2343-05). Em menor escala, 12% do tempo foi dedicado à atividades relacionadas de alguma forma ao planejamento urbano (código 2141-25) e, finalmente, 3% do tempo foi dedicado à arquitetura de interiores (código 2141-10).

5.10 Vínculo com contratantes e empregadores

Os entrevistados tiveram diversos tipos de vínculos com seus contratantes. A Tabela 18 traz um resumo dos tipos de vínculo trabalhista ou contratual. No caso dos entrevistados que exerceram mais de uma atividade simultaneamente, o tempo de cada uma delas foi computado. Só foram considerados os trabalhos exercidos em áreas ligadas de alguma forma à arquitetura e urbanismo, tendo sido desconsiderados trabalhos burocráticos exercidos em bancos e outras empresas. Foi considerado contrato

verbal (informal) quando o profissional trabalhou subordinado a outro profissional ou a uma empresa, mas sem qualquer tipo de vínculo. Foi considerado trabalho como autônomo quando o entrevistado trabalhava diretamente para o contratante do serviço, e não para terceiros, não cabendo a esta pesquisa verificar se o entrevistado tinha todos os atributos legais para o exercício como autônomo (tais como registro no INSS e cadastro na prefeitura). Nos casos em que o entrevistado trabalhou esporadicamente numa atividade, foi computado o que seria a soma dos meses trabalhados em todas elas, mesmo que de forma descontínua.

Tabela 18 – Tipos de vínculo trabalhista ou contratual (em anos)

Tipo de vínculo	Verbal (informal)	Estagiário	Autônomo	Empresa própria (empresário)	Registro em carteira empresa privada (CLT)	Funcionário público (CLT)	Funcionário público (estatutário)
Arq. nº 1						31	
Arq. nº 2	5		10	23	32		
Arq. nº 3			7		3	23	
Arq. nº 4		3			15	28	
Arq. nº 5	1						
Arq. nº 6		2		30	22		
Arq. nº 7		2				32	
Arq. nº 8			5		1		
Arq. nº 9		1		34	2		
Arq. nº 10					15	3	
Arq. nº 11	13	4	16				
Arq. nº 12		2	5	18	10		
Arq. nº 13		3					
Arq. nº 14			2		20		
Arq. nº 15		5	1		19		32
TOTAIS	19	22	46	105	139	117	32
% DO TOTAL	4	5	10	22	29	24	6

Fonte: Compilação dos dados das entrevistas feita pelo próprio autor

O grupo pesquisado trabalhou, no total, 480 anos em atividades ligadas à arquitetura e urbanismo. O vínculo mais comum é a CLT, responsável por 53% do tempo total, sendo 29% em empresas privadas e 24% em órgãos governamentais e outras organizações administradas pelo poder público. Somente 1 entrevistado é funcionário público concursado e estatutário já há 32 anos (6% do total).

O trabalho como autônomo ou empresário foi praticado em 32% do tempo total, sendo 22% como empresário e 10% como autônomo.

Dos demais vínculos, 4% foi gasto com trabalho informal e 5% como estagiário.

Em resumo, portanto, este grupo trabalhou basicamente como empregado CLT ou como empresário/autônomo. Só estas duas atividades já são responsáveis por 91% do tempo total. O trabalho como estagiário foi exercido apenas durante a faculdade ou no máximo um ano depois da colação de grau. O trabalho informal foi praticado em 4% do tempo total, mas vários entrevistados admitiram exercer ocasionalmente as funções de arquiteto e urbanista, para si mesmos ou para algum amigo ou parente, atividades estas que são feitas sem remuneração direta e podem ser consideradas apenas um passatempo ao invés de exercício profissional.

5.11 Preparação para a velhice (aposentadoria) e/ou para o caso de não poderem trabalhar mais

Esta questão está ligada ao tipo de vínculo empregatício e de atividade econômica que os pesquisados desenvolveram durante sua vida profissional. Depende, também, do planejamento que fizeram durante sua trajetória profissional, das condições familiares e da preocupação que tiveram para preparar-se para os dias de velhice ou para uma eventual proibição de não poderem trabalhar mais, seja por motivo de saúde ou outro qualquer.

A Tabela 19 (a seguir) traz um resumo do que foi apurado, mostrando se o entrevistado já está aposentado e se continua trabalhando na área. Mostra a maneira como já se aposentaram ou pretendem aposentar-se, onde as opções são estas descritas a seguir:

INSS (func. Público) – Indica que o entrevistado foi funcionário público contratado pela CLT.

INSS (empresas) – Indica que o entrevistado contribuiu para a previdência pública através de uma ou mais empresas privadas para as quais trabalhou como funcionário.

INSS (autônomo ou empresário) – Indica que o entrevistado contribuiu para o INSS como profissional autônomo ou como dono de empresa (empresário), in-

dependentemente de ter também contribuído pelo serviço público ou como funcionário de algum órgão público ou empresa privada.

Previdência privada (individual) – Indica se o entrevistado fez um plano de previdência privada e persistiu nele a tempo de obter algum rendimento desta fonte.

Complementação pela empresa – Indica que a empresa ou órgão público para o qual trabalhou fornece algum tipo de complementação salarial em relação ao que é pago pela previdência oficial.

Patrimônio ou poupança – Indica se o entrevistado tem patrimônio ou poupança que gere renda e que possa complementar a aposentadoria.

Tabela 19 – Situação da aposentadoria e modalidades de previdência

Situação	Está aposentado?	Continua trabalhando na área?	INSS (func. público)	INSS (empresas)	INSS (autônomo ou empresário)	Previdência privada (individual)	Complementação pela empresa	Patrimônio ou poupança
Arq. nº 1	Sim ⁽¹⁾	Não	X				X	
Arq. nº 2	Não	Sim		X	X		X	X
Arq. nº 3	Não	Sim	X				X	
Arq. nº 4	Não	Sim	X	X			X	
Arq. nº 5	Sim ⁽²⁾	Não		X			X	
Arq. nº 6	Não	Sim		X	X		X	
Arq. nº 7	Não	Sim	X			X	X	
Arq. nº 8	Sim ⁽²⁾	Não		X			X	
Arq. nº 9	Não	Sim			X	X		X
Arq. nº 10	Não	Não		X	X	X		X
Arq. nº 11	Não	Sim		X	X			
Arq. nº 12	Sim ⁽³⁾	Sim		X	X			X
Arq. nº 13	Não	Sim		X	X		X	
Arq. nº 14	Sim ⁽²⁾	Não		X			X	X
Arq. nº 15	Sim ⁽⁴⁾	Sim	X	X			X	

Notas:

- (1) Aposentou-se pelo INSS mas no serviço público, o que lhe permitiu continuar trabalhando no mesmo cargo.
- (2) Aposentado pelo Banco do Brasil, pelo regimento interno e com direito à complementação salarial
- (3) Aposentou-se pelo INSS, por tempo de contribuição como arquiteto, mas continua trabalhando na área
- (4) Estava requerendo sua aposentadoria pelo serviço público (como estatutário) na ocasião da entrevista

Fonte: Compilação dos dados das entrevistas feitas pelo próprio autor

Dos 15 entrevistados, 6 já estão aposentados (40%). Dentre estes, 3 (20%) trabalharam do Banco Brasil e aposentaram-se pela caixa de previdência desta instituição, tomando caminhos distintos em relação à arquitetura e urbanismo. O arquiteto nº

5 nunca exerceu atividade ligada à esta área; o arquiteto nº 8 trabalhou apenas seis meses e o arquiteto nº 14 trabalhou como arquiteto durante 20 anos, desde 1983 até aposentar-se em 2003. Depois de aposentados nenhum deles continuou trabalhando na área de arquitetura e urbanismo, a não ser esporadicamente, para si mesmos ou para os amigos, por diletantismo. A fala do arquiteto nº 14 sintetiza o pensamento deste grupo, sobre sua vida após a aposentadoria:

Daí em diante eu faço o que quiser, eu já cumpri meu dever... Aí, eu pinto, faço curso de cerâmica, não é... Umas coisas em cerâmica, alguma coisa de pintura... Estou desfrutando do que eu trabalhei, não é? Realmente, eu estou parado aqui... Mas não estou parado, estou lendo, estou vendo minhas óperas...

Dos demais que se aposentaram, apenas o arquiteto nº 15 o fez como funcionário público estatutário, numa combinação entre a prefeitura municipal de Campo Grande (MS) e o governo do mesmo estado. Como continua a contribuir para o INSS como autônomo, além de ter trabalhado vários anos em outras empresas, pelo regime de CLT, eventualmente poderá no futuro receber mais algum benefício complementar.

O arquiteto nº 1 também aposentou-se pelo serviço público, mas em um sistema misto, onde recebe o benefício pelo INSS mas pode continuar exercendo seu antigo cargo normalmente (no caso, de auditor fiscal do município de Araraquara).

O arquiteto nº 12 é o único caso de entrevistado que sempre trabalhou na área de arquitetura e urbanismo e que já obteve sua aposentadoria pelo INSS. Além disto, tem seu próprio escritório onde continua trabalhando ativamente. Segundo esse entrevistado:

Eu comecei a trabalhar cedo, registrada... Então, automaticamente, já tinha o INSS... E todas as vezes que eu trabalhei como autônoma eu continuei pagando a previdência, o INSS... Aí, o que é que eu fiz... Eu já me aposentei por contribuição... Porque, como eu sou autônoma, eu mesma é que tinha que pagar o meu INSS. Então, quando deu o tempo de contribuição para me aposentar, eu me aposentei. Hoje eu já recebo o benefício da aposentadoria, né, mas nem por isso eu deixei de trabalhar [e agora eu não contribuo mais porque] eu prefiro investir o dinheiro em outras coisas... Fazer um investimento, alguma coisa assim, né? Então, eu recebo o benefício, eu trabalho e consigo... Hoje sim, eu consigo ver que sobra dinheiro. Dá para guardar um pouquinho.

O arquiteto nº 9 será (quando aposentar-se) o segundo caso de entrevistado que conseguirá sua aposentadoria trabalhando exclusivamente na área de arquitetura e urbanismo, e apenas como empresário. Ainda não havia requerido a aposentadoria, mas já tinha tempo de contribuição suficiente e estava investindo na construção de imóveis, visando não só a uma futura ocupação mas também como uma fonte de renda complementar ao INSS.

Os arquitetos nº 3, 4 e 7 ainda não pediram aposentadoria, mas até 2018 estarão aposentados, respectivamente, o primeiro pela Prefeitura Municipal de São Paulo e os demais pelo Governo do Estado de São Paulo. A aposentadoria virá pelo INSS, pois são funcionários admitidos pela CLT, mas provavelmente estão esperando alcançar a idade e o tempo de contribuição que forem necessários para atingir o teto de aposentadoria permitido para funcionários públicos contratados pelo regime da CLT.

Os arquitetos nº 2, 6 e 13 têm situações parecidas entre si. Eles continuam atuando como autônomos ou empresários, enquanto ao mesmo tempo ministram aulas tanto no Centro Universitário Belas Artes quanto na Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde são contratados pelo regime da CLT. Ao mesmo tempo, participam de um sistema de previdência privada administrado pela entidade mantenedora do Mackenzie, para poder, assim, complementar suas aposentadorias pelo INSS. Eles estão próximos do ponto de já poderem requerer sua aposentadoria, mas este não parece ter sido uma meta e nem o desejo geral deste grupo, conforme explicou o arquiteto nº 6, depois de admitir que nunca teve grandes preocupações com a questão da aposentadoria:

Nas faculdades eu sou CLT, e eu tenho fundo de garantia bom... Um fundo de garantia. Mas eu não tenho uma previdência privada bem estruturada... Eu vou começar a pensar nisso agora, não sei se isso é um pouco tarde mas talvez seja a hora agora, antes tarde do que nunca. Mas esses anos todos dando aula, te deixa com uma bela poupancinha.

O arquiteto nº 13 foi mais ou menos na mesma linha, ao responder se estava preparado para a aposentadoria:

Não. Não estou muito bem preparado para esse momento, não. Mesmo porque esse tipo de preocupação... Se você não tiver, talvez, uma cultura próxima de você, uma

orientação próxima de você... Que te induza melhor a isso, você vai deixando de lado pela questão da idade, eu acho que, em parte, eu acho que é isso. Em parte também porque, como comentei, tem que correr muito mais atrás da sobrevivência do que da previdência, então, não havia nem condições. Hoje em dia eu tenho um plano de previdência privada, faço alguns aportes, e tal, mas não tem assim... Não tenho, ainda, estou começando a me programar, um pouco tardiamente, uma certa provisão que realmente garanta esse tipo de.... Você sempre acha que vai ter saúde, que vai viver muitos anos pra poder fazer isso, mas estou começando a fazer, um pouco tardiamente, de uns anos pra cá.

O arquiteto nº 2 talvez tenha sintetizado a situação deste grupo de arquitetos que também atuam como professores:

Nessas questões de futuro, de aposentadoria, e coisa e tal, eu prefiro muito mais me organizar junto ao Mackenzie, que é o mais organizado nisso, do que exatamente eu ficar pagando alguma coisa fora. Então, por exemplo, durante um tempo eu contribuía dobrado na previdência privada, então, assim, o Mackenzie paga uma parte eu pago outra, e durante um tempo eu pagava duas partes. Era uma poupança, vamos dizer assim, então, para mim é muito mais fácil fazer esse tipo de contribuição do que, por exemplo, abrir uma outra, não é, vamos dizer assim, ficar abrindo assim uma aposentadoria e coisa e tal, então, eu concentro exatamente nisso que é um pouco mais definido.

O arquiteto nº 10 abandonou a área de arquitetura e urbanismo definitivamente em 1993, para então dedicar-se à agricultura, numa plantação de flores e plantas ornamentais em um sítio que possui em Natal (RN). No entanto, contribuiu para o INSS desde 1969, como autônomo e como funcionário, e já está prestes a requerer sua aposentadoria. Além disto, investe numa previdência privada e tem sua atividade como agricultor, que deverá continuar mesmo depois da aposentadoria, não só por ser rentável mas também e principalmente por ser uma fonte de satisfação pessoal.

O arquiteto nº 11 tem contribuído para o INSS sempre que possível, mas como trabalhou a maior parte do tempo sem registro em carteira ou por conta própria (autônomo) vai depender da previdência pública para conseguir aposentar-se. Porém, como é solteira, tem casa própria, terá uma pequena herança dos pais e continua trabalhando, acredita que conseguirá ter uma velhice relativamente tranquila e produtiva, quando chegar a hora.

Em suma, apurou-se que todos os entrevistados juntaram várias fontes para sua aposentadoria, velhice ou impossibilidade de continuar trabalhando. Só dois entrevistados (nº 9 e 12) trabalharam exclusivamente como arquitetos e estarão aposentados como tal, trabalhando como autônomos, CLT e empresários. Sete entrevistados (47%) conseguirão suas aposentadorias por trabalharem em repartições municipais ou estaduais, ou ainda em empresas ligadas ao setor público, em especial prefeituras, administrações estaduais, a FATEC e o Banco do Brasil. Dentro deste grupo, 5 (3% do total) trabalharam nestes órgãos públicos na área de arquitetura e urbanismo. A complementação da aposentadoria pública foi atingida em todos os casos, seja contribuindo para uma previdência privada, seja por uma previdência da própria organização onde trabalharam, ou então por acúmulo de poupança e imóveis que lhes fornecerá uma renda adicional.

5.12 Uso do AutoCAD e da informática

A geração de arquitetos aqui pesquisada colou grau entre 1980 a 1985 e, portanto, foi uma das primeiras a enfrentar as mudanças decorrentes do uso do computador logo depois da faculdade. Conforme explanado no Capítulo 2 (“Contexto histórico do período pesquisado”, pág. 5), nos anos 80 surgiram os computadores pessoais, juntamente com programas de desenho como o AutoCAD (de 1982) e de aplicativos para escritório como o Word (1983), Excel (1993) e Lotus 1-2-3 (1983).

Enquanto este grupo cursava a faculdade não se tratou do uso do computador como auxiliar do arquiteto. O entrevistado nº 4 chegou a comentar:

A informática, na faculdade era nula, você lembra, né? Porque nós não fizemos nem aula de programação nem porcaria nenhuma... Isso fez muita falta, principalmente na área do arquiteto...

Na mesma linha de pensamento o arquiteto nº 13 explicou:

Como você mencionou, a gente não teve formação nenhuma disso, demorou um certo tempo, eu fui ter um... Comecei a ter um certo contato com isso, eu tinha computador em casa, mas aquela coisa assim, muito... Comparada com hoje... Muito pré-histórica... [...] Como eu não tenho necessidade, quer dizer, a necessidade não me impulsiona nisso e se precisar você terceiriza, então, acabei ficando sem [aprender a lidar com o AutoCAD]...

O arquiteto nº 6 comentou que “*nós pegamos a transição na veia*” e acrescentou:

Na nossa época era assim, quem que desenhava melhor, e não tinha nada de computador, então, a gente admirava muito a questão do desenho de saber desenhar, de saber produzir ilustrações, era uma coisa assim muito importante na minha época.

O arquiteto nº 11 demonstrou que o desenho por computador só apareceu na sua vida profissional vários anos depois que já estava exercendo a profissão:

Nem nos primeiros 10 anos de formada ainda não [tinha desenho por computador]. [...] Então... Quando apareceu o AutoCAD pela primeira vez, a gente... Eu estava no escritório trabalhando como gerente de projeto... Já tinha uma função de estar gerenciando os estagiários e os arquitetos mais novos... E eu já não tinha mais a função de copista, eu estava mais na parte de criação e de gerenciamento. Então eu fazia um projeto, fazia um rafe, rafiava aquilo e passava para as outras pessoas desenharem. E aí surgiu o CAD que era para a reprodução, uma coisa fantástica, né, você poder desenhar uma vez e depois reproduzir aquilo, e fazer as alterações de forma muito mais rápida...

O arquiteto nº 12 também teve uma introdução ao computador somente depois que já estava trabalhando na função de arquiteto:

Quando eu entrei neste escritório [onde fiquei 10 anos] ainda não usava o computador. [...] Mas, depois de alguns anos [...] os projetistas que nós tínhamos... Aprenderam a mexer no computador através de um arquiteto que já sabia [...] Então, formamos primeiro os projetistas, depois fomos nós, os arquitetos, que fomos nos informatizar. Então, todo dia a gente tinha aula de uma hora, depois do expediente, tinha uma aula de computação com esse arquiteto. [...] Aí todos os arquitetos também começaram a trabalhar no computador. Aí, pronto, formou projetista, formou arquiteto, aí ficou completo, né. E foi assim que eu aprendi a trabalhar no computador.

Todos os entrevistados demonstraram conhecimento do uso do computador para tarefas como acessar a internet e trocar e-mails, tanto assim que o fizeram para comunicar-se com esta pesquisa. Mas só alguns foram além e levaram o computador para a área de projeto. O arquiteto nº 10, um dos menos afeitos à informática, expressiu assim a situação:

Eu nunca usei AutoCAD... Eu nem sei usar isso, sabe? Mas... Eu só uso a internet para transmissão de informações comerciais. Troca de e-mails, digitalização de documentos, só isso... Agora... Eu não sou assim, muito... Familiarizado com... Informática, assim... Projetos, essas coisas, eu não sei fazer não.

Por este motivo, esta pesquisa não se ateve a identificar como os entrevistados usavam o computador para atividades gerais como internet e tratamento de documentos, mas sim especificamente em relação ao uso do desenho por computador, sintetizado aqui genericamente como “uso do AutoCAD”, uma vez que este é o sistema mais comumente usado nos escritórios, até porque os produtos concorrentes, pagos ou gratuitos, são similares e compatíveis com ele.

O posicionamento dos entrevistados a respeito do desenho por computador varia entre “nenhum conhecimento” até o “envolvimento total”, passando por aqueles que fazem os primeiros estudos à mão e depois eles mesmos passam a projetar no computador ou então mandam para fora, ou seja, terceirizam esta atividade para os chamados “cadistas”, profissionais que vivem de produzir desenhos no computador. As respostas coletadas estão sumarizadas na Tabela 20 (a seguir):

Tabela 20 – Uso do desenho por computador

Entrevistado	Nenhum	Manda para outros fazerem	Integração total	Comentário
Arq nº 1	X			Não, não utilizei [...] porque não mexi mais com arquitetura, então, não usei. Cheguei até a implantar aqui no meu computador uma vez... Tentei usar, mas também não foi não.
Arq nº 2		X		Eu fui pouco a pouco [...] trabalhando também com CAD, essas coisas... Eu mesmo não trabalho dentro do computador... Não gosto, prefiro trabalhar no papel. [...] hoje para mim é meio híbrido, não é completamente informatizado...
Arq nº 3		X		Não me envolvi. Não uso computador para projetar ou desenhar, deixo este serviço para outros. Minhas atividades demandam apenas o conhecimento das ferramentas do AutoCAD, a fim de orientar técnicos que realizam os trabalhos.
Arq nº 4			X	É total. [...] Hoje eu uso um monte de softwares. Hoje não dá para viver sem softwares. Então hoje eu uso softwares americanos, franceses, russos, coisas fora do caminho normal de softwares de comércio, uso mais softwares personalizados.
Arq nº 5	X			Nada, nada, eu sabia do AutoCAD e de outros softwares, mas nem sei como se usa, não faço idéia, não sei mesmo.

Arq nº 6			X	Eu agüentei até o último minuto, chegou uma hora que eu disse, acho melhor fazer os cursos e pronto. Eu agüentei até 94, depois eu fui fazer os cursos e entrei de cabeça na coisa mesmo. [...] E aí eu me dei bem com o negócio dos computadores, muito rápido. [...] hoje em dia] é tudo no computador... Isso é uma página na virada na história, você pensa dois ou três conceitos e vai direto pra máquina.
Arq nº 7		X		AutoCAD eu não sei mexer e quando eu preciso meus estagiários fazem para mim. E todos sabem... Mas o que a gente usa muito é o Google Street, a gente faz os polígonos, faz a dimensão das áreas, a gente tira foto e coloca no site, então a gente usa as funcionalidades básicas do Google Earth [...] Eu só não uso AutoCAD.
Arq nº 8	X			Nenhum. O computador eu uso para outras coisas [...] Eu até eu ia começar esse curso de CAD, mas aí eu resolvi fazer francês porque que eu achei mais interessante. [...] Eu desenho ainda, com aquele jeito antigo [...] Mas eu tenho vontade de fazer, eu acho que ganha muito tempo, é mais exato.
Arq nº 9			X	Totalmente. Produção gráfica e comunicação, tudo via computador. [...] Produção gráfica e comunicação, tudo via computador. [...] Totalmente integrado.
Arq nº 10	X			Eu nunca usei AutoCAD... Eu nem sei usar isso, sabe? Mas... Eu só uso a internet para transmissão de informações comerciais. Troca de e-mails, digitalização de documentos, só isso... Eu não sou assim, muito familiarizado com informática, assim... Projetos, essas coisas, eu não sei fazer não.
Arq nº 11			X	No começo eu achava aquilo horrível... Depois, quando apareceu o Windows, quando apareceu a evolução... Aí eu consegui, depois do terceiro curso, que já estava mais moderninho, aí eu entrei, e hoje na verdade eu uso bastante...
Arq nº 12			X	Só o estudo é que eu ainda faço na prancheta, mas... Nos últimos tempos, até o estudo eu já estou fazendo no computador. [...] Tudo no computador.
Arq nº 13		X		Como eu não tenho necessidade, quer dizer, a necessidade não me impulsiona nisso e se precisar você terceiriza, então, acabei ficando sem [aprender a usar o AutoCAD]...
Arq nº 14		X		Eu não me iniciei assim, com todo o auge, nesta parte de informática... Porque... Vamos dizer... Eu sou anterior ao produto. [...] Depois eu também perdi a curiosidade [...] Faço tudo na prancheta, para depois passar para o computador.
Arq nº 15		X		Graças a Deus, eu não sei mexer no AutoCAD [...] Mas eu sempre conduzi funcionários que mexiam, que produziam coisas maravilhosas para a gente mostrar...

Fonte: Compilação dos dados das entrevistas feitas pelo próprio autor

Do total de 15 entrevistados, os resultados apurados foram estes:

- 4 (27%) não têm qualquer familiaridade com o desenho por computador, mas o usam para outras tarefas (e-mail, textos e planilhas).
- 6 (40%) conhecem e usam o desenho por computador, mas por não serem profundos conhecedores ou por não ser necessário em sua função fazem os primeiros estudos à mão e depois passam para outra

pessoa fazer a digitalização e continuar o desenvolvimento no computador.

- 5 (33%) estão totalmente integrados com o computador na arquitetura, e usam softwares para todas as etapas de um projeto, da criação até os desenhos finais e de apresentação.

Este trecho do depoimento do arquiteto nº 11 talvez sintetize as dificuldades que este grupo teve para adaptar-se à nova ferramenta, e também o motivo pelo qual alguns profissionais até hoje em dia não conseguiram adaptar-se:

Mesma como arquiteta, demorei muito tempo para me apropriar da parte eletrônica [...] e aí quando eu estava dando aula, por causa das aulas, eu tinha que dar noções de introdução de eletrônica, e aí fui eu fazer o curso, foi assim que eu acabei [aprendendo]... Depois do terceiro curso! Eu fiz o curso 3 vezes pra conseguir, porque a primeira vez que eu fiz estava no CAD 10 ainda, que era uma coisa assim [ruim]... Era no DOS, era uma coisa totalmente... Eu não sei... Eu tive uma impressão horrível daquilo... Como que isso pode diminuir o tempo, tudo bem que vai copiar depois mas pra você desenhar com coordenada de A pra B, de C pra D você pega a caneta e faz né?! Então no começo eu achava aquilo horrível, depois quando apareceu o Windows, quando apareceu a evolução... Aí eu consegui, depois do terceiro curso, que já estava mais moderninho, aí eu entrei, e hoje na verdade eu uso bastante... Uso só o CAD, na verdade. [...] E eu conheço pessoas que até hoje não conseguiram se adaptar. Os arquitetos mais antigos, que lêem, mexem, mas não desenhavam.

O depoimento do arquiteto nº 13 explica de maneira similar porque não se especializou ou se aprofundou no desenho por computador:

Acho uma ferramenta fantástica, infelizmente, digo infelizmente porque tenho curiosidade, teria gosto de aprender, mas você depende de despendar um tempo considerável. Como eu não tenho necessidade, quer dizer, a necessidade não me impulsiona nisso e se precisar você terceiriza, então, acabei ficando sem...

Em resumo, todos os pesquisados utilizam computador para acesso à internet e manuseio de documentos simples, como e-mails, textos e planilhas. Apenas 33% usa apenas e plenamente o desenho por computador. Do restante, 40% usam o computador em seus projetos mas não o operam diretamente, preferindo terceirizar esta tarefa, e os demais 27% não têm qualquer desejo ou necessidade de aprender a utilizar o computador na arquitetura. Os que utilizam apenas o computador confessam-se de-

pendentes dele para seus desenhos, e os que não manifestam interesse alegam que não têm tempo, muito menos interesse ou necessidade de utilizar o computador nas atividades de projeto e desenho.

5.13 Satisfação com a profissão e resultados obtidos

Os entrevistados foram questionados se estavam satisfeitos com a profissão que escolheram ao cursar a faculdade de arquitetura e urbanismo, há mais de 30 anos. A resposta era livre, mas para os que estavam indecisos eram apresentadas as seguintes alternativas:

- (1) Insatisfeito – A formação em arquitetura e urbanismo não satisfaz minhas expectativas e/ou necessidades.
- (2) Parcialmente insatisfeito – Encontrei coisas boas, mas o que achei de ruim acabou se sobressaindo.
- (3) Medianamente satisfeito – Encontrei coisas boas e coisas ruins, mas não posso dizer qual delas foi preponderante.
- (4) Satisfeito, mas não totalmente – Foi bom, mas tive que lidar com situações que não gostei.
- (5) Muito satisfeito – A formação de arquiteto e urbanista atendeu a minhas necessidades e expectativas, sinto-me feliz por ter entrado neste ramo.

As respostas oferecidas estão sumarizadas na Tabela 21, juntamente com a contagem total e um trecho do comentário feito pelo entrevistado a respeito deste assunto:

Tabela 21 – Satisfação com a profissão de arquiteto e urbanista demonstrada por cada entrevistado

Opção	Insatisfeito	Parcialmente insatisfeito	Medianamente satisfeito	Parcialmente satisfeito	Satisfeito	Comentário
Arq. nº 1	X					Avalio que foi uma péssima escolha. Não tinha nada a ver comigo.
Arq. nº 2				X		De média para boa [...] Tem coisas muito bacanas [...] Bastante legal, quando fica bom, as vezes não fica [...] O nosso campo é muito restrito, [...] a nossa profissão é muito desorganizada[...] Embora ela exista oficialmente é pouco reconhecida

Arq. nº 3				X		A época em que concluímos o curso ficou conhecida como “a década perdida da construção civil”, em função da grave crise econômica enfrentada pelo país, que refletiu na quase paralisação das atividades afins. [...] de todo modo, os egressos do Mackenzie beneficiavam-se da tradição do nome e do reconhecimento.
Arq. nº 4					X	Para mim foi bom, eu não posso reclamar, só não estou numa posição maior porque [...] fiquei na área acadêmica em razão [...] os filhos... Se você tem uma outra preocupação em paralelo, você tem que estar muito bem na sua posição em relação a subir, ascender, profissionalmente ou dar conta dos filhos.
Arq. nº 5		X				Olha, como é que eu respondo isso... Como eu nunca fui atrás de nada eu não posso... Eu não tive... Quais seriam as alternativas que você tem aí, que se encaixa? [...] É... Isso aí.
Arq. nº 6					X	Eu gosto muito [...] A nossa queixa é sempre do ponto de vista financeiro, porque eu ainda tenho muitas responsabilidades. Eu queria estar um pouco melhor de vida nesse momento.
Arq. nº 7					X	Eu me dei bem, porque, assim, aqui tem uma carreira mais ou menos, eu não ganho super bem, mas também não ganho mal. Então, acho que no fim das contas foi bom, não foi ruim.
Arq. nº 8			X			Essa minha ligação com a arquitetura sempre vai existir, não assim, propriamente atuando profissionalmente, mas o interesse que eu tenho mesmo pelos os projetos [...] Eu não me vejo trabalhando, fazendo um projeto novo, ou coisa assim, isso não [...] eu precisaria, por exemplo, estagiar em algum escritório para poder estimular a criatividade ou coisa assim.
Arq. nº 9					X	Positivo. Positivo. [...] Muito satisfeito. A remuneração não se compara com outras profissões que têm mais retorno. Mas em termos de atividade intelectual que eu desenvolvo hoje... Assim... É impecável.

Arq. nº 10	X					Eu não tenho uma ligação muito precisa só com essa área de arquitetura, sabe? Eu transitei... Desde a execução, fundação, e tal, e agora eu estou na agricultura, quer dizer... Sempre ajuda, né? Mas não pensei assim... Se... Tanto é, que eu nem uso muito o título, de arquiteto, sabe?
Arq. nº 11					X	Aí sim! Porque na verdade eu trabalhei a vida inteira com aquilo que eu gostava, eu pude me dar o luxo de fazer aquilo que eu gosto, da maneira que eu gosto, da maneira que eu acredito... E sou meio rabugenta [...] teimosa mesmo, no sentido de não querer, e de não fazer mesmo aquilo que não tem a ver com aquilo que eu acredito.
Arq. nº 12					X	Sim, sim, totalmente... Eu acho que não poderia ter escolhido outra coisa na minha vida. [...] Eu sempre quis, e me sinto realizada por ter feito o que eu fiz... Como arquiteta.
Arq. nº 13					X	Eu ainda consegui me estabelecer, se não como arquiteto produtor de obras, com escritório, coisa desse tipo... Mas numa atividade em que eu me surpreendi, que eu me realizo, que eu me sinto realizado profissionalmente.
Arq. nº 14					X	A carreira de arquiteto foi um marco substancial para minha existência. Eu, como ser humano, completei fazendo arquitetura, criando espaços de vivência para clientes e para mim.
Arq. nº 15					X	Eu me dou por feliz, porque não... Eu não escolhi... Nunca tive vontade de fazer outra coisa. [...] Quer dizer... Infelizmente, só, é que a gente ganha pouco, né?
Totais	2	1	1	2	9	
Porc.	13%	7%	7%	13%	60%	

Fonte: Compilação dos dados obtidos nas entrevistas, feitas pelo próprio autor

Apenas dois dentre os 15 entrevistados (13%) ficaram insatisfeitos com a profissão que escolheram. O arquiteto nº 1 está neste grupo e chegou a declarar que a arquitetura “foi uma péssima escolha, não tinha nada a ver comigo”. O arquiteto nº 10 foi menos radical, até porque já trabalhava como tecnólogo, principalmente acompanhando obras, inclusive fora do Brasil, mas o curso de arquitetura não foi um marco em sua vida, conforme explicou:

Para mim... Como eu transitei em várias áreas... Eu não tenho uma ligação muito precisa só com essa área de arquitetura, sabe? Então, eu transitei... Desde a execução, fundação, e tal, e agora eu estou na agricultura, quer dizer... Sempre ajuda, né? Mas não pensei assim... Se... Tanto é, que eu nem uso muito o título, de arquiteto, sabe?

O segundo grupo reúne os parcialmente insatisfeitos, e tem apenas um representante, que é o arquiteto nº 5. Ele explicou que encara a arquitetura só como “hobbie”, dizendo que *“eu fico brincando em casa fazendo plantas de apartamento, pego plantas de jornal e faço alterações, por exemplo, só isso [...] Só pra mim mesmo, como brincadeira”*. Parece que sua atitude confirma a fala, tanto assim que ao aposentar-se como escriturário no Banco do Brasil preferiu dedicar-se à ministrar aulas de inglês ao invés de atuar profissionalmente no ramo de arquitetura e urbanismo.

O terceiro grupo traz os entrevistados que ficaram medianamente satisfeitos com a profissão, novamente contando com apenas um representante, que é o arquiteto nº 8. É um caso parecido com o arquiteto nº 5, visto que ambos se aposentaram pelo Banco do Brasil e, mesmo que ambos sempre tenham sonhado em ser arquiteto, o entrevistado nº 5 demonstrou um interesse maior pelas artes em geral e, em especial, pela arquitetura. Só que, ao invés de encarar a atividade como profissão, prefere fazer viagens para conhecer cidades e construções enquanto que, em casa, cuida eventualmente de atender alguns amigos em suas necessidades de projeto e construção. Nas palavras do entrevistado:

[arquitetura] é uma coisa que me interessa até hoje. Sabe que quando viajo eu faço uma lista de prédios que quero conhecer. [...] Eu observo arquitetura de um modo geral [...] Acho que essa minha ligação com a arquitetura sempre vai existir, não assim, propriamente atuando profissionalmente, mas o interesse que eu tenho mesmo é pelos projetos. [...] Eu não me vejo trabalhando, fazendo um projeto novo, ou coisa assim, isso não. Pode ser que aconteça, mas eu precisaria, por exemplo, estagiar em algum escritório para estimular a criatividade ou coisa assim.

O quarto grupo contém os 2 entrevistados (13% do total) que ficaram satisfeitos com a profissão, mesmo havendo algo de que não gostaram. O arquiteto nº 2 trabalha desde adolescente com projetos e construções, como autônomo ou empresário, em seu próprio ateliê, mas acabou dedicando a maior parte do tempo às atividades

acadêmicas, como professor de arquitetura e urbanismo, tendo concluído doutorado na FAU-USP. Como justificava para sua predileção pela vida acadêmica, explicou que o trabalho no ateliê era menos compensador financeiramente, mais instável e com muitas exigências burocráticas. Segundo o próprio:

A atividade no ateliê demandava muito tempo e teve uma hora, assim, em que 50% do trabalho desenvolvido do escritório não era para [fazer] projeto, era pra tocar o escritório, não é... Então, não faz sentido... Então eu me concentrei mais nas escolas mesmo do que em projeto”.

O caso do entrevistado nº 3 é similar. Enfrentou dificuldades para se estabelecer como autônomo ou empresário e, mesmo tendo trabalhado vários anos nesta atividade, provavelmente encontrou uma oportunidade de carreira mais estável e melhor remunerada no serviço público municipal, onde atualmente ocupa um cargo de direção. Esse entrevistado explicou da seguinte forma sua satisfação apenas parcial com a profissão:

Satisfeito, mas não totalmente. Foi bom, mas tive que lidar com situações das quais não gostei. É importante mencionar que a época em que concluímos o curso ficou conhecida como “a década perdida da construção civil”, em função da grave crise econômica enfrentada pelo país, que refletiu na quase paralisação das atividades afins. Os recém-formados em engenharia foram absorvidos pelo sistema financeiro; aos arquitetos, restavam subempregos. Essa situação foi crucial para minha percepção do resultado da formação, manifestada nessa resposta; de todo modo, os egressos do Mackenzie beneficiavam-se da tradição do nome e do reconhecimento do “senso prático” que a proximidade com o curso de engenharia agregava, e isso colaborou para que fôssemos mais bem aceitos pelo mercado de trabalho do que os formados por outras faculdades.

O quinto e último grupo representa os 9 entrevistados (60% do total) que se declararam satisfeitos com a profissão escolhida há mais de 3 décadas, mesmo que alguns tenham feitos algumas queixas e considerações. Vários dos entrevistados consideraram a formação em arquitetura e urbanismo como um fato relevante e de suma importância em suas vidas como, por exemplo, o arquiteto nº 14, que declarou:

Olha, a carreira de arquiteto foi um marco substancial para minha existência. Eu, como ser humano, completei fazendo arquitetura, criando espaços de vivência para

clientes e para mim. Para clientes e amigos. [...] é uma forma de expressar o meu conhecimento.

Na mesma linha de importância para sua vida, o arquiteto nº 12 expressou-se da seguinte forma, quando perguntado se estava satisfeito com sua profissão:

Sim, sim, totalmente... Eu acho que não poderia ter escolhido outra coisa na minha vida. É assim... Eu nunca tive dúvida, a partir do momento em que me disseram, você tem que escolher uma carreira para continuar estudando, eu não tive dúvidas, e até hoje, graças a Deus, eu nunca questioneei o fato de ter escolhido a carreira. Eu sempre quis, e me sinto realizada por ter feito o que eu fiz... Como arquiteta.

O entrevistado nº 11 foi na mesma linha, declarando-se muito contente com a profissão, a despeito da instabilidade financeira. Ao ser questionado sobre a satisfação obtida com a vida de arquiteto declarou:

Aí sim! Porque na verdade eu trabalhei a vida inteira com aquilo que eu gostava, eu pude me dar o luxo de fazer aquilo que eu gosto, da maneira que eu gosto, da maneira que eu acredito... E sou meio rabugenta mesmo, meio... Como fala... Teimosa mesmo, no sentido de não querer, e de não fazer mesmo aquilo que não tem a ver com aquilo que eu acredito. Dentro daquilo que eu pude, [procurei] me manter dentro dos valores que eu tinha pra mim eu me mantive em detrimento de não ter um retorno financeiro, uma estabilidade, mas também eu não estou morrendo de fome, mas assim poderia estar melhor já, ter uma condição financeira melhor.

O rendimento financeiro abaixo de outras profissões e a instabilidade parece ter sido um fator importante e mesmo assim o arquiteto nº 9 expressou-se da seguinte forma a respeito da profissão:

Positivo. Positivo. [...] Muito [satisfeito]. Atendeu a todas necessidades e expectativas. Todas não porque a remuneração não se compara com outras profissões que têm mais retorno. Mas em termos de atividade intelectual que eu desenvolvo hoje... Assim... É impecável. [...] A única restrição seria a remuneração [...] É, a remuneração, porque... Sei lá... Se a gente gastasse essa dedicação e formação toda em... Em T.I. ... Em medicina... Qualquer outra coisa... O padrão de remuneração é completamente diferente.

O arquiteto nº 6 vai na mesma linha de pensamento sobre a profissão:

Eu gosto muito... [...] A nossa queixa é sempre do ponto de vista financeiro, não é, porque eu ainda tenho muitas responsabilidades... Eu queria estar melhor, um pouco melhor de vida nesse momento. Mas as coisas vão e voltam, também, a gente não pode se queixar não. Então, esta é a minha queixa, eu queria estar um pouquinho mais bem resolvido nesse campo, vamos ver se nesses próximos anos eu consigo deixar encaminhada minha aposentadoria, vamos ver... Essa é minha maior queixa que eu tenho, porque eu... Porque a profissão não te ajuda muito... É uma profissão mal remunerada, com milhões de inseguranças, muito difícil ser arquiteto e fazer disso o seu ofício e o seu ganha-pão, não é fácil... Então... O que eu mais reclamo é a resposta financeira que a profissão dá... É muito difícil... Os arquitetos não tão muito aí com isso não, eles acham que é arquitetura é uma profissão para dândis, que você não tem que pensar em dinheiro, entendeu...

A instabilidade da profissão e a busca por melhores rendimentos levou alguns dos entrevistados a buscar o serviço público, como é o caso do entrevistado nº 7, que parece ter encontrado em sua carreira numa repartição pública o equilíbrio entre a satisfação da carreira e a segurança financeira, tanto que explicou-se assim:

É, eu me dei bem, porque, assim, aqui tem uma carreira mais ou menos, eu não ganho super bem, mas também não ganho mal. Então, acho que no fim das contas foi bom, não foi ruim. Agora que a gente está numa fase meio de instabilidade, mas no começo foi muito bom. Eu viajei muito, a instituição me pagou viagem para participar de congressos, apresentei vários trabalhos, então, assim, foi um investimento legal. Estou me referindo a trabalho, deles reconhecerem meu trabalho, então, acho que isso também conta, né? Não é dinheiro, mas conta, né? [...] Então é sim, né, acho que sim. Pelo menos eu não fui enganada, era o que eu já sabia...

A entrevistada nº 4 seguiu o mesmo caminho, da carreira pública acadêmica, mas apesar de gostar do que faz teve que abrir mão de uma progressão mais rápida em função da atenção que precisou dedicar aos filhos:

Para mim foi bom, eu não posso reclamar, eu só não estou numa posição maior porque eu não quis... Porque eu fiquei na área acadêmica em razão do que... Dos filhos... Se você tem uma outra preocupação em paralelo, você tem que estar muito bem na sua posição em relação a subir, ascender, profissionalmente ou dar conta dos filhos, né... Então eu tive que fazer uma coisa intermediária... Hoje meus filhos estão bem, tenho que erguer a mão para o céu...

O entrevistado nº 15 também manifestou satisfação com a profissão, e também foi procurar abrigo no serviço público e na vida acadêmica. Explicou-se da seguinte forma:

Ah, eu acho que eu me dou por feliz, porque não... Eu não escolhi... Nunca tive vontade de fazer outra coisa. [...] Quer dizer... Infelizmente, só que a gente ganha pouco, né? Eu não sei como é que você está na sua vida profissional, mas... A gente não ganha tão bem, não... Se pegar um engenheiro do DNIT, ele ganha super bem, agora eu, como sou literalmente funcionária pública, eu dependo deste dinheiro, do salário, e de vez em quando entra estes bicos, agora quem escritório pode ser que ganha mais, mas é aquela história, eu fiz uma opção, às vezes eu tenho medo de sair, sabe, de... Todos os amigos dizem, vem, larga mão desta prefeitura, abre um escritório que você vai ganhar mais dinheiro [...] então agora talvez eu pedindo a aposentadoria, quem sabe...

O arquiteto nº 13 explicou que encontrou inúmeros percalços enquanto trabalhava como funcionário público contratado, depois como autônomo e como dono do ateliê. Disse que ficou muito contente e satisfeito quando entrou para a vida acadêmica, onde teve a chance de reciclar-se, e agora dedica-se a tentar ajudar os alunos, futuros arquitetos e urbanistas, a driblar os aspectos negativos da profissão, conforme explicou:

Apesar de toda essa crise que passamos, toda essa questão cultural em relação à profissão, eu ainda consegui me estabelecer, se não como arquiteto produtor de obras, etc., né... Com escritório, coisa desse tipo... Mas numa atividade em que em surpreendi, que eu me realizo, que eu me sinto realizado profissionalmente podendo até passar esse tipo de... Uma espécie de correção de rumo, né, quando eu posso, para os alunos... E tenho tido bons retornos, muitos e bons retornos por parte dos alunos, depois que se formam, enfim, de comentar a formação que teve comigo...

Em suma, portanto, a maioria dos entrevistados (60%) ficou satisfeito com a profissão escolhida, tendo ou não atuado profissionalmente como arquiteto e urbanista. Se colocarmos numa escala de 1 a 5 as respostas dadas e sumarizadas na Tabela 21 o nível médio de satisfação ficaria tal como mostrado na Tabela 22:

Tabela 22 – Nível satisfação do grupo com a profissão de arquiteto e urbanista

Nível de satisfação	Quant. de respostas	Peso da resposta	Peso total	Peso acumulado
Insatisfeito	2	1	2	2
Pouco insatisfeito	1	2	2	4
Medianamente satisfeito	1	3	3	7
Razoavelmente satisfeito	2	4	8	15
Muito satisfeito	9	5	45	60
Média de 15 entrevistas (=60/15)				4

Fonte: Compilação dos dados obtidos nas entrevistas, feita pelo próprio autor

Nota-se portanto que a média geral ponderada das respostas dos entrevistados foi 4 numa escala até 5, equivalente à resposta padronizada da entrevista que significa “Satisfeito, mas não totalmente – foi bom, mas tive que lidar com situações que não gostei”.

No caso, a situação que não agradou à maioria foi a dificuldade de estabelecer-se no mercado, que os impediu de conseguir obter um rendimento constante e satisfatório.

Esta dificuldade foi compensada, por alguns, por adentrar a carreira acadêmica e, por outros, pela entrada no serviço público.

Capítulo 6

Análise dos dados coletados

O motivo principal que levou este grupo para a faculdade de arquitetura e urbanismo foi a habilidade que demonstraram para desenho, decoração e artes, com 29% do total de respostas e que foi citado por 73% dos entrevistados. O segundo motivo, para 8 entre 15 entrevistados (53%), é que a arquitetura foi considerada uma boa atividade para conseguir seu sustento, uma vez que não tinham outras fontes de renda e precisariam trabalhar para viver. A influência de amigos e parentes também foi importante, com 16% das respostas globais e para 6 dos entrevistados (40% do total). Foi relevante, também, o fato da pessoa já trabalhar na área, tal como declarado por 53% dos entrevistados.

Para 40% a formação em arquitetura e urbanismo representou uma ascensão do grupo familiar ao ensino superior, principalmente pelo lado das mães. Os pais eram em sua maioria formados no ensino superior ou no ensino médio, em 80% do total, sendo que apenas 7% das mães tinha ensino superior e as demais 93% tinham nível de educação formal fundamental ou médio.

Assim com aconteceu com a educação formal, todos os entrevistados eram tão ou mais interessados em arte do que o ambiente doméstico, e 73% dos entrevistados tinham interesse nas artes em geral, mas em especial no desenho. Nem sempre a família com maior nível de educação formal era a mais interessada nas artes, esse interesse teve mais a ver com o ambiente cultural no lar do que propriamente com o nível de educação formal dos pais e irmãos. Isto ficou mais evidenciado nos entrevistados com ascendência italiana, ao contrário dos descendentes de japoneses que estavam mais preocupados com sua sobrevivência financeira do que propriamente com as artes.

Apesar do Mackenzie ser uma escola paga, o financiamento dos estudos não foi difícil para nenhum dos entrevistados, até porque a mensalidade era considera-

da barata. A maioria dos entrevistados (80%) tinha recursos próprios ou da família para custear os seus estudos de arquitetura e urbanismo, e os demais (20%) trabalharam para pagar suas despesas, o que foi possível pelo fato de haverem escolhido o curso noturno e também porque o ganho como estagiário ou desenhista era suficiente para manter-se e pagar a faculdade.

A criação do curso noturno foi importante na escolha especificamente do Mackenzie. O grupo pesquisado prestou vestibular entre os anos de 1975 a 1979 e neste período só existiam estas duas faculdades de arquitetura e urbanismo na cidade de São Paulo¹⁸. O Mackenzie era a única a oferecer este período e 10 dos entrevistados (67%) já estavam trabalhando quando iniciaram o curso de arquitetura. Não fosse por isso, o curso preferido teria sido o diurno oferecido pela USP: dentre as 28 alegações, no total, dadas como motivo para terem escolhido o Mackenzie, 9 (32%) diziam respeito ao fato de não terem sido aprovados no vestibular da USP.

Assim, o principal fator para o Mackenzie ter sido escolhido foi a falta de opção, uma vez que a única e mais desejável alternativa, em São Paulo, na época, era a Universidade de São Paulo. No entanto, a fama do Mackenzie como instituição, a abertura do curso noturno, a indicação por conhecidos e o bom ambiente também foram fatores que influenciaram positivamente e encorajaram os entrevistados a ingressar nesta universidade.

O curso foi avaliado entre “médio” e “bom”. A resposta ponderada geral foi de 7 numa escala até 10, sendo que 4 entrevistados (27%) classificaram o curso como “bom” e 3 (20%) como “ótimo”, representando um nível de satisfação ao redor dos 47%. Este número ficou abaixo da média nacional apurada pelo censo efetuado em 2012 pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU-BR), onde 34,57% dos entrevistados declaram-se “totalmente satisfeitos” e 52,26% ficaram “parcialmente satisfeitos”, totalizando 86,83%.

¹⁸ Segundo o MEC, o atual Centro Universitário Belas Artes iniciou suas atividades oficialmente em 01/08/1979. Também existiam faculdades de arquitetura e urbanismo em cidades próximas a São Paulo, que eram usadas por aqueles que não conseguiam ingressar na USP ou no Mackenzie. A este respeito, vide Tabela 5 na página 48

Independentemente desta taxa de avaliação, no cômputo geral o curso superou as expectativas da maioria dos entrevistados, afinal foram 54% dizendo que atendeu plenamente e 33% achando que o curso atendeu medianamente. Apenas 2 entrevistados (13%) disseram que o curso não atendeu às expectativas que alimentavam em relação a ele, mas ao analisar os comentários vê-se que provavelmente isto se deveu ao fato do aluno não ter procurado atividades extraclasse. Em especial, foi importante ter feito um estágio na área, que complementasse o ensino acadêmico com a vivência prática num ambiente de produção, seja este um escritório de projetos ou qualquer outra atividade ligada à faculdade.

Este panorama se repete na avaliação da preparação para o mercado de trabalho: 11 entrevistados (73%) acharam que estavam aptos a enfrentar o mercado de trabalho assim que saíram da faculdade, enquanto que 4 (27%) admitiram que não se sentiam preparados. Pelos depoimentos concluiu-se que isso ocorreu porque não fizeram um esforço adicional, além da faculdade, para estagiar ou trabalhar durante o curso, novamente demonstrando a importância da vivência prática para complementar o estudo acadêmico.

Com efeito, conforme reconhecido por Garry Stevens, somente a formação acadêmica é insuficiente para preparar totalmente um novo profissional:

O conteúdo da formação não proporciona as competências práticas que os neófitos irão eventualmente adquirir nos escritórios; há muito pouca relação entre a performance acadêmica e a performance na prática; a maior parte das competências práticas é aprendida no próprio emprego (STEVENS, 2003, págs. 247 e 248)

A continuação dos estudos acadêmicos ocorreu em 40% do grupo: do total de 15 entrevistados, 4 chegaram ao mestrado e 2 ao doutorado. Dos 9 entrevistados que não fizeram pós-graduação *stricto sensu*, 2 trabalham no serviço público em áreas onde o mestrado não é exigido, e os outros 3 foram funcionários de carreira do Banco do Brasil e se aposentaram por esta instituição, passando então a encarar a arquitetura apenas como entretenimento eventual para dedicar-se também a outras atividades que lhes são tão ou mais prazerosas.

Esta porcentagem de 40% com títulos de mestrado ou doutorado no grupo pesquisado é 583% superior à média nacional brasileira apurada pelo censo do Conse-

lho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU-BR) efetuado em 2012. Este apurou que, do total nacional, 6,86% dos arquitetos completaram o mestrado, 1,21% chegaram ao doutorado (PHD, segundo nomeado no referido censo) e 0,29% chegaram ao pós-doutorado (Pós-PHD, segundo a mesma fonte). Somando-se estes valores obtêm-se 8,36%, em contraponto aos 40% dos profissionais desta pesquisa.

Este fato pode estar ligado aos obstáculos que este grupo encontrou para firmar-se profissionalmente, tal como explicado no Capítulo 2 (vide pág. 5). Esta situação levou cada um deles a procurar alternativas mais seguras ao trabalho como autônomo ou empresário num escritório próprio. O vínculo mais comum foi a CLT, responsável por 53% do tempo total trabalhado pelo grupo, sendo 29% em empresas privadas e 24% em órgãos governamentais e outras organizações administradas pelo poder público. Somente um dos entrevistados é funcionário público concursado e estatutário, tendo ficado nesta área por 32 anos (6% do total do tempo trabalhado pelo grupo todo). Em outras palavras, estes profissionais foram em sua maioria trabalhar para organizações privadas ou públicas que tinham o poder e verba necessários para mantê-los trabalhando para si e estes, por sua vez, conforme os depoimentos, precisaram abrir mão de sua autonomia, senso artístico e criatividade em troca de estabilidade e remuneração, sendo que isto foi motivo de frustração para alguns.

Estes arquitetos conviveram com os planos econômicos emitidos nos anos 80 e 90 para controlar a inflação, que em sua maior parte trouxeram recessão e dificuldades financeiras, conforme explicado no Capítulo 2 (pág. 5). Entretanto, pelos depoimentos, o que mais afetou esta geração de profissionais foi o Plano Collor de 1990. Vários entrevistados fizeram menção a este evento. O entrevistado nº 4 chegou a declarar:

Quando teve aquele lance do Collor, né, aquilo foi uma tragédia... Uma tragédia. Porque eu tinha escritório com 12, 13 funcionários, né... Tinha dois arquitetos trabalhando. Um era formado em engenharia e arquitetura. Tinha uma arquiteta, tinha uns 4, 5 estagiários, tinha... Era uma estrutura legal, tinha uma moça que fazia a parte de contato e um tanto de assessoria de imprensa, secretária, e tal. Era um escritório relativamente bem montado, só que assim, ele é pago no trabalho, não tem um lastro, esse lastro eu nunca tive, e quando o Collor fez aquela presepada foi tudo pro brejo...

O entrevistado nº 6 teve experiência similar em seu ateliê:

[...] a gente construiu, incorporou prédio, construímos um monte de coisa... O problema é que quando entrou o Collor desorganizou muito o país, a gente não tinha perspectiva, era uma confusão tremenda... Então, a partir de 95 a gente começou a... Passou... O nosso sócio que era engenheiro não quis mais insistir na construtora estão a gente ficou só com o escritório de arquitetura a partir daí.

Os entrevistados que trabalhavam empregados também foram afetados pela citada desorganização econômica deste período, conforme testemunhou a entrevistada nº 12:

O que aconteceu comigo, profissionalmente, foi que eu me tornei uma arquiteta de escritório, de prestar serviço no escritório de alguém. Eu não fui para batalhar o meu escritório, como algumas pessoas foram, e na época, talvez por eu ser mulher, por eu estar namorado e ia casar, aquela coisa, eu não dei muita importância para isto, então eu fui sendo arquiteta de desenvolvimento mesmo, de projeto, então o começo para mim foi assim... Tipo... Muito rápido, porque eu saí no momento em que o mercado absorveu. Eu acho que aconteceu isso. Só que, daí, quando começaram a vir as crises, que a gente teve o plano Collor, que foi o grande... Que quebrou a maioria dos escritórios, o escritório onde eu estava também quebrou, daí para a frente eu perdi a base no sentido de ter um salário, de ter um emprego, né, eu tive que me virar como dava. Daí para a frente eu virei autônoma. [...] Nossa! Foi um grande desastre! Na verdade o que aconteceu foi assim, que naquele período, logo após o plano, todo mundo tinha quebrado. Até os amigos que estavam em escritórios indo bem acabaram fechando. [...] Aí eu fui dar aula e era uma das coisas que, na época, nunca tinha me passado pela cabeça, mas aí eu pensei, preciso fazer uma grana, e falei, vou começar dar aula, aí eu fui pedir a ajuda para uma amiga numa escola técnica que era a ABRE, Academia Brasileira de Arte, e comecei e entrei direto, o cara me entrevistou e no outro dia eu estava dentro da sala de aula, dando aula de desenho técnico de decoração que era a minha praia, trabalhei com isso sempre, e comecei a fazer as duas coisas, dar aula e trabalhar como autônoma.

Durante a guinada na situação do país representada pelo Plano Collor, 7 dos entrevistados (47%) já estavam empregados em alguma instituição ligada ao setor público que lhes garantia o sustento, incluindo-se aí os entrevistados 1, 4, 5, 7, 8, 14 e 15,

seja ou não trabalhando com arquitetura e urbanismo. Os 8 restantes tomaram caminhos diversos a partir de então:

- 4 entraram para a vida acadêmica ou fizeram dela um importante pilar do seu sustento (entrevistados 2, 6, 11 e 13),
- 2 continuaram a desenvolver suas próprias empresas (entrevistados 6 e 9), sendo que o entrevistado nº 6 também entrou para a vida acadêmica,
- 2 entraram para o serviço público (entrevistados 3 e 10),
- 1 entrevistado (nº 12) saiu do emprego em São Paulo e foi montar seu próprio ateliê em Porto Seguro, na Bahia.

Esta diversificação de atividades refletiu-se na preparação para a aposentadoria, uma vez que os entrevistados juntaram várias fontes para preparar-se para a velhice ou para a impossibilidade de continuar trabalhando.

Só dois entrevistados (nº 9 e 12) trabalharam exclusivamente como arquitetos e estarão oportunamente requerendo sua aposentaria como tal pelo INSS, uma vez que contribuíram trabalhando como autônomos, CLT e empresários.

Sete entrevistados (47%) virão a aposentar-se em breve por trabalharem em repartições municipais ou estaduais ou, ainda, em empresas ligadas ao setor público ou, mais especificamente, em prefeituras, administrações estaduais, e organizações como FATEC¹⁹ e o Banco do Brasil. Dentro deste grupo, 5 (33% do total) trabalharam nestes órgãos públicos na área de arquitetura e urbanismo e o restante em áreas administrativas.

A complementação da aposentadoria pública foi procurada em todos os casos, seja contribuindo para uma previdência privada, seja por uma previdência da própria organização onde trabalharam, ou então por acúmulo de poupança e de imóveis que lhes fornecerá uma renda adicional, ou seja, ao contrário de ter uma única fonte de aposentadoria, este grupo de arquitetos e urbanistas acabou recorrendo a diversas fontes para garantir seu futuro.

¹⁹ A FATEC (Faculdade de tecnologia) é uma das iniciativas do Centro Paula Souza, uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo que administra as Escolas Técnicas Estaduais (ETECs) e as Faculdades de Tecnologia (FATECs). Informação retirada do site da organização em www.centropaulasouza.sp.gov.br (acessado em 27/10/2014)

Apesar das dificuldades para trabalhar e aposentar, a maioria dos entrevistados (60%) ficou satisfeita com a escolha que fizeram, tendo ou não atuado profissionalmente como arquitetos e urbanistas. A média geral ponderada das respostas dos entrevistados foi equivalente a média 8 numa escala até 10, sendo que o “10” equivale a “muito satisfeito”.

Este resultado é comparável com o obtido no censo dos arquitetos e urbanistas feita pelo CAU-BR em 2012, onde constatou-se que 49,05% dos pesquisados estavam parcialmente satisfeitos com a profissão e 20,09% estavam totalmente satisfeitos, num total de 69,14% de arquitetos e urbanistas que se declararam contentes com sua atividade.

A objeção que se pode fazer a este índice de satisfação é que nem todos que obtêm graduação em arquitetura e urbanismo fazem ou mantêm seu registro no CAU-BR. Por isso, é interessante analisar outro ponto em comum entre este trabalho e a referida pesquisa do CAU-BR: as queixas mais frequentes entre os profissionais. No caso do censo do CAU-BR as principais reclamações foram: a má remuneração (32,70%), a falta de acesso ao mercado de trabalho (10,38%) e a falta de valorização do trabalho do arquiteto pela sociedade (50,20%). No caso dos entrevistados desta pesquisa, todos se queixaram da dificuldade de estabelecer-se no mercado, que segundo eles os impediu de conseguir um rendimento constante e satisfatório. Esta dificuldade foi compensada, por alguns, por adentrar a carreira acadêmica e, por outros, pela entrada no serviço público. Ressalte-se, entretanto, que a entrada na vida acadêmica deu-se não só pelo retorno financeiro mas também (e principalmente) pela satisfação que todos demonstraram pelo trabalho como professor e pesquisador.

O computador é usado por todos os entrevistados para acesso à internet e manuseio de documento simples, como e-mails, textos e planilhas. No tocante ao desenho por computador (CAD), entretanto, o panorama é diferente: 33% dos entrevistados usam apenas e totalmente o projeto e desenho por computador e os restantes 40% usam o computador em seus projetos, mas não o operam diretamente, preferindo terceirizar esta tarefa por não terem conhecimento suficiente, por não fazer parte de suas atribuições ou porque preferem delegar esta tarefa para outros profissionais. Os demais

27% não têm qualquer desejo ou necessidade de aprender a utilizar o computador em seus projetos, alegando que não têm tempo e muito menos interesse ou necessidade.

O item 26 da pesquisa CAU-BR de 2012 mostra o conhecimento que a categoria tem dos softwares para desenho por computador: 38,41% declararam ter conhecimento “muito bom” destes programas, e 47,81% acham que têm conhecimento “bom”. O total destes dois grupos é de 86,33%, em contraponto com os 73% dos entrevistados para esta pesquisa (40% que o usam totalmente e 33% que os usam parcialmente).

A escolha da universidade foi um dos primeiros passos para encaminhar os então jovens arquitetos em determinadas direções ao invés de outras. Provavelmente, se tivessem conseguido entrar na Universidade de São Paulo, como era o desejo de boa parte dos entrevistados, teriam sido levados a outros caminhos. Segundo Dana Cuff:

O principal fornecedor de conhecimento profissional, tanto tácito como explícito, estético e técnico, é a academia. É na escola que os futuros profissionais são treinados, aculturados, regulamentados e socializados. Em termos econômicos, pode-se dizer que a escola profissional domina a produção dos produtores. [...] O caráter de uma profissão nasce nas escolas. [...] O conhecimento tácito – as presunções não ditas, interpretações, expectativas e convenções – podem ser mais importantes de serem aprendidas do que os conhecimentos e habilidades explícitas (CUFF, 1991, pág. 43, tradução do autor)

Um item que parece ter feito parte deste citado conhecimento tácito, expectativas e convenções passadas para os alunos, é o fato do arquiteto trabalhar como profissional liberal, em seu próprio ateliê, atendendo sua clientela diretamente, sem intermediários, e sendo pago e reconhecido por isso. Quando isto não aconteceu foi motivo de frustração e desalento. O entrevistado nº 13 deixou transparecer esta circunstância em sua fala:

Então, logo assim no início, nos primeiros anos, assim, não foi muito fácil pra muitos dos colegas não... Não conseguiram trabalho, não conseguiram emprego. Porque o trabalho do arquiteto é bastante ingrato, acho que isso acontece um pouco em geral com as profissões, mas ele é muito voltado para ser profissional liberal... Hoje eu acho que mudou um pouquinho isso, mas ainda tem essa característica. [...] Se fosse pensar na perspectiva que eu tinha, e que foi projetada lá no início... Era

de ter um escritório, de ter uma certa autonomia em relação ao seu trabalho, de ter um reconhecimento, em relação a este trabalho... Nem reconhecimento no sentido de fama, mas, enfim, ter uma clientela, uma carteira de clientes, isso era o que eu poderia projetar fazendo uma anamnese, aqui, né, projetar, desde quando eu entrei na faculdade. Isso no começo, no meio, vamos dizer assim do percurso, cria algumas frustrações, como eu comentei, que cheguei até a pensar em sair da profissão...

O entrevistado cita o reconhecimento do seu trabalho como um fator importante, e continua, enfatizando os rumos dados para o curso:

[...] o próprio curso da faculdade é muito voltado para o profissional liberal... E para um profissional liberal irreal, um profissional liberal irreal... Em que sentido? No sentido de ser mais o artista, quer dizer, aqueles velhos escritórios, os velhos monstros da arquitetura, né... Que alguns ainda lecionam, inclusive... Mas escritórios como, por exemplo, vou citar nomes, como Joaquim Guedes, a influência do... A própria influência do modernismo...

Dana Cuff demonstra que também percebeu esta aculturação e a discrepância com o mercado de trabalho, quando observou em sua obra:

Meu próprio trabalho indica que na escola os pré-profissionais aprendem as regras, valores, vocabulário, suposições e um conjunto de expectativas apropriado à subcultura [dos arquitetos e urbanistas]. A pergunta continua, entretanto, porque alguns estudantes que são bem sucedidos na escola e, presumivelmente, devidamente “socializados”, não se tornam um sucesso também no mundo do trabalho. Eu sugiro que isto deriva da incompatibilidade geral entre o caráter dos ideais e valores profissionais, enfatizados nas escolas, e as circunstâncias do trabalho profissional. [...] O treinamento e avaliação dos futuros profissionais é assim baseado quase que inteiramente em produtos acabados de um único indivíduo (CUFF, 1991, pág. 44, tradução do autor)

Parte do processo de aculturação deste grupo de futuros arquitetos parece, portanto, ter sido feito pela idolatria, tomando como base arquitetos famosos e reconhecidos na época e que serviram de modelo. Muitos destes famosos eram professores do Mackenzie, conforme se depreende do depoimento do arquiteto nº 6:

O Mackenzie tem uma coisa profissionalizante, assim... Os professores todos eram arquitetos na época, não tinha essa de hoje, de ficar fazendo monografia... O professor era arquiteto, entendeu, então você perguntava “como faz” e o cara te explicava, “você faz assim”, era um negócio bem empírico, bem prático, isso é o que eu gostava no Mackenzie... [...] Eu adorava aqueles caras, aqueles arquitetos, eu admirava, eu via os desenhos via os prédios deles, achava o máximo... Continuo achando, são todos meus amigos hoje em dia.

Em outras palavras, há indícios de que o curso foi voltado a formar profissionais capazes de intermediar a arte e a técnica perante os desejos e necessidades de seu contratante. Aliás, o trabalho direto com o contratante do serviço, sem intermediários, parece ter sido importante para alguns entrevistados como, por exemplo, no caso da arquiteta nº 12, que só conseguiu montar seu próprio ateliê quando mudou-se de São Paulo para a Bahia, a qual declarou:

Eu acho que profissionalmente eu... Assim... Explodi aqui em Porto Seguro, porque em São Paulo eu era muito limitada... Ia trabalhar para os outros, no escritório dos outros, porque não podia abrir o meu escritório, então... Se você ia trabalhar para os outros não tinha condição de ser arquiteta de verdade.

Seguindo esse modelo de arquiteto profissional liberal os entrevistados 2, 3, 6, 9, 11, 12 e 13 tentaram montar seu próprio ateliê ou, pelo menos, tentaram estabelecer-se como autônomos. Porém, os únicos que prosperaram neste sentido e que, por sinal continuam com seus escritórios até hoje, são os arquitetos nº 6 e 9. Os demais que tentaram ainda continuam trabalhando como autônomos, mas apenas esporadicamente, e foram procurar seu sustento principal em outras ocupações. Ou seja, apenas 2 entre 15 entrevistados (13%) conseguiram, efetivamente, trabalhar segundo o modelo de arquiteto autônomo e empresário que parece ter sido o ideal geral deste grupo.

É preciso salientar, entretanto, que estes dois casos são especiais, diferentes dos demais. O arquiteto nº 9 veio de uma família com condição econômica estável. Apesar de não serem exatamente abastados, possibilitaram que seguisse sua trajetória educacional e profissional sem preocupar-se com o sustento, por isso desde adolescente nunca teve outra ocupação fora da área de projeto e construção. Depois de um tem-

po como estagiário e desenhista, acabou sendo incorporado como sócio a essa empresa de arquitetura e engenharia²⁰ que já existia desde os anos 60. Posteriormente fundou seu próprio ateliê o qual, por sua vez, acabou sendo absorvido por um grande cliente, uma indústria automobilística, que atualmente lhe fornece não só os projetos e obras como também o espaço físico e operacional, criando-se assim uma relação simbiótica.

Já o arquiteto nº 6 vem de uma família abastada e culta, sendo que o pai já era construtor, fatores que foram fundamentais para começar a estruturar sua carreira como dono de ateliê, conforme explicou o entrevistado:

[...] a minha família me deu muita estrutura, assim, de como montar um negócio, entendeu... Me deu um certo suporte, assim, não só de know-how como assim alguma segurança econômica na época. Me indicaram alguns primeiros clientes, que eram da família, na época. E foi assim que eu comecei, com o suporte da família.

Exceção feita, portanto, aos já citados entrevistados nº 6 e 9, os demais vieram de famílias que, de uma forma ou de outra, proporcionaram recursos para que eles estudassem (mesmo que com algum sacrifício) ou então o entrevistado já trabalhava e provia seu próprio sustento. Em comum a todos deste grupo (que não conseguiu estabelecer-se e continuar trabalhando por conta própria) está o fato de não poderem arriscar-se durante o desenvolvimento de seu exercício profissional, pois dependiam de seus proventos para pagar as contas do dia-a-dia e não tinham tempo ou capital para aguardar que seus ateliês prosperassem. Fora esta limitação econômica, provavelmente não contavam com uma orientação específica para entrar no mundo dos negócios, para administrar melhor seu ateliê e também para ter acesso a clientes maiores e importantes, como aconteceu com o arquiteto nº 6.

O arquiteto nº 9 também teve este apoio, não necessariamente vindo da família, mas de também e principalmente de um outro arquiteto mais experiente²¹, que

²⁰ Apta Arquitetura e Engenharia Ltda, sediada em São Paulo.

²¹ O texto refere-se ao engenheiro-arquiteto João Batista Ferreira Pimont (1926–) que formou-se pela Escola Politécnica da USP (POLI) em 1954 (FISCHER, 2005, pág. 355). Pimont foi sócio e fundador da empresa Apta Arquitetura e Engenharia Ltda., a qual foi fundada nos anos 60 e existe até hoje. Durante sua história, a Apta teve como sócios não apenas o entrevistado nº 6 mas também o autor desta presente pesquisa.

conheceu ainda na adolescência e que foi seu mestre, orientador e sócio durante vários anos. Mesmo quando montou seu próprio ateliê, o arquiteto nº 9 continuou tendo contato e contando com a orientação do seu antigo mestre, que ainda vive e continua trabalhando, segundo informado pelo próprio entrevistado.

A dificuldade do grupo pesquisado em realizar o sonho de estabelecer-se por conta própria e montar seu próprio ateliê denota, por um lado, a vastidão do campo da arquitetura e urbanismo, que oferece várias formas de trabalho e de sobrevivência e, por outro, a importância do cliente reconhecer o lado artístico do trabalho do arquiteto e urbanista, que convive com o lado técnico, ligado tanto à engenharia quanto às artes. Da produção cara, feita sob encomenda, em contraponto à produção barata, produzida em grande quantidade e para as massas.

Com efeito, mesmo levando em conta as particularidades existentes em cada país, o trabalho do arquiteto e urbanista no Brasil também fica posicionado entre estes extremos opostos, por vezes conflitantes. Situa-se entre uma obra de arte e os rigores técnicos da engenharia, além de ter igualmente uma função cultural e simbólica que oscila entre os campos da produção em massa e a produção restrita (STEVENS, 2003, págs. 38 a 42). Conforme este mesmo autor:

[...] no primeiro caso, no Campo da Produção de Massa (CPM), a cultura é uma mercadoria transmitida pela televisão e demais mídias ou vendida em lojas de departamento. O mercado é o público. Nos termos de Bordieu, o princípio dominante da estratificação – o sistema pelo qual o campo mede o sucesso, pelo qual hierarquiza seus membros – é primordialmente econômico. No segundo caso, no Campo da Produção Restrita (CPR), o sucesso certamente não significa sucesso econômico, mas sim intelectual, estático (STEVENS, 2003, pág. 101)

O que acontecerá durante a carreira de um arquiteto e urbanista, a maneira como ele se posicionará dentro das oposições citadas, dependerá de uma série de fatores pessoais e circunstanciais. Nem sempre poderá fazer o que deseja, freqüentemente precisando atender a exigências internas e externas, sendo que sobre estas últimas ele não tem controle.

Atuando num campo heterogêneo, como o da construção e urbanismo, formado por diversas vertentes tecnológicas e estéticas que precisam ser coordenadas em torno de um produto final, quanto mais autônomo for o arquiteto mais ele poderá fazer

suas obras como quiser e mais seus produtos serão criados para satisfazer suas próprias exigências e não as de uma estrutura externa (STEVENS, 2003, pág. 101).

Quem representa a estrutura externa condicionante do trabalho do arquiteto é o seu cliente. É ele quem, em última instância, vai determinar os rumos iniciais de um trabalho e financiá-lo, de cujo financiamento sairá, inclusive, o sustento do próprio arquiteto. Dana Cuff reitera a importância da relação entre arquiteto e cliente, ao dizer:

O cliente contemporâneo de arquitetura tem um papel ativo com o praticante [de arquitetura], dando-lhe limites, avisos, e aprovações ao longo do processo, sem o que a adequação dos serviços fica ameaçada. Uma queixa freqüente entre os arquitetos é registrada contra clientes demasiadamente ativos que interferem no processo e evitam que o arquiteto faça bem seu trabalho (CUFF, 1991, pág. 171, tradução do autor)

Estas restrições podem ficar ainda mais severas quando o arquiteto não tem contato direto com o usuário ou proprietário do serviço, trabalhando para intermediários como órgãos públicos, grandes empresas, outros arquitetos, engenheiros, corretores de imóvel e demais profissionais ou empresas. Esses intermediários provavelmente não estarão preocupados com o senso artístico ou as preocupações íntimas do arquiteto, vendo o projeto e conseqüente construção apenas como um produto de venda e consumo ou então como um mero objeto utilitário. O contratante pode ser restritivo a tal ponto que o arquiteto passe a ser apenas uma parte da engrenagem de um mecanismo maior, um item de menor importância na produção dos empreendimentos imobiliários. No extremo oposto, o arquiteto e urbanista pode encontrar contratantes que atuem como verdadeiros mecenas, propiciando que o profissional desenvolva todo seu talento latente e o transforme em coisas reais.

Em ambos os casos, contudo, o que ocorre é que o arquiteto e urbanista precisará encontrar uma organização de certo porte que o acolha, fornecendo a segurança e estabilidade financeira de que necessita. Em troca deste apoio, será retirada do profissional certa parte de sua liberdade e criatividade, passando a atender mais a protocolos burocráticos ou comerciais ao invés de impingir em suas criações seus conceitos artísticos e filosóficos. Certamente, isto o que pode gerar um certo grau de frustração. Segundo Judith Blau (a seguir):

O problema é que a missão auto-proclamada da arquitetura é tão bem sucedida que acaba atraindo e treinando um grande número de aspirantes a artista que definem arquitetura em termos de estética. O paradoxo é que com sua ênfase exclusiva na expressão individual e na ausência de muitas oportunidades para serem designers, a maioria dos arquitetos acabam artesãos anônimos; contudo sem a dignidade recebida por alguns artesãos em tempos remotos (BLAU, 1987, págs. 49 a 50, tradução do autor)

A frustração com o lado artístico e criativo é agravada pela baixa remuneração. Dana Cuff, citando outros autores, comenta a baixa remuneração dos arquitetos também nos Estados Unidos da América, permitindo entender que é algo intrínseco à profissão, devido à existência de mais arquitetos procurando serviço do que os postos de trabalho e necessidades do mercado:

Para o estudante de arquitetura e para os recentemente graduados, o mercado de trabalho se parece com aquele dos trabalhadores sem qualquer especialização. O suprimento de desenhistas sem experiência é maior do que a demanda, produzindo o duplo efeito de baixos salários e alta rotatividade. Enquanto a mão de obra arquitetônica não tem alta demanda, é grande a disponibilidade de mão de obra arquitetônica barata, dado à pequena paga oferecida pela maioria dos escritórios. A alta demanda por mão de obra barata se encontra com a baixa demanda por trabalhadores sem especialização para criar empregos de baixa remuneração para os novatos. Isto também ajuda a criar um mercado de trabalho turbulento. A segurança no emprego é inexistente, desenhistas são contratados e despedidos a cada projeto. Reciprocamente, depois de ganhar mais experiência, os arquitetos iniciantes começam a ocupar empregos que oferecem pagamento maior ou que tenham maior responsabilidade (CUFF, 1991, págs. 131 a 132, tradução do autor)

Judith R. Blau chega às mesmas conclusões em seu estudo, ou seja, que o rendimento obtido pelos arquitetos é baixo, mas que isto pode ter a ver também com seu compromisso com as artes e a criatividade enquanto que o mercado deseja profissionais especializados, tal como declara em sua obra:

Deve ser enfatizado que a fonte principal dos baixos rendimentos obtidos [pelos arquitetos] é a discrepância entre o que a arquitetura acredita definir a profissão – design criativo – e o que de fato eles se vendo engajados. Devido ao fato de haver poucas oportunidades – há muito mais empregos em produção do que em design e

mais edifícios comuns do que obras primas – então isto é praticamente um lugar comum entre os arquitetos (BLAU, 1987, pág. 54, tradução do autor)

Segundo Garry Stevens, a separação da categoria não se daria tanto em termos de “design criativo” e “produção de edifícios comuns”, mas sim entre “arquiteto”, na acepção da palavra, e “projetista de edifícios” (STEVENS, 2003, pág. 255). O autor continua:

É uma tragédia que o campo, como um todo, mantenha a ficção de que o seu novo e vasto segmento criado no século XX seja idêntico em natureza ao setor mais antigo e habitado apenas pelos eminentes. Arquitetos, críticos e professores, igualmente, consideram factível para todos o que, na verdade, é factível apenas para os poucos arquitetos que vivem no espaço puramente simbólico do campo. A confusão não só se torna possível como também é encorajada pelo fato de que todos possuem o mesmo título ocupacional de “arquiteto” [...]. Ao fundir “arquiteto” e “projetista de edifícios”, o campo encobre a realidade que o porquê de alguém fazer projetos – por necessidade (econômica) ou por reconhecimento (simbólico) – é mais importante do que o fato de que alguém projeta e projetos são feitos; e aqueles que estão no ponto mais elevado do campo, aqueles que projetam estruturas de poder e gosto para pessoas de poder e gosto, têm pouco em comum com aqueles que labutam em terminais de CAD detalhando projetos de supermercados (STEVENS, 2003, pág. 255)

Considerações finais

A geração de arquitetos e urbanistas objeto desta pesquisa procurou esta profissão por já terem alguém da família no ramo da construção, ou por acharem que seria uma ocupação prazerosa e rentável. Mas o principal fator que os atraiu para a arquitetura foi a tendência natural e o interesse que demonstraram pelo desenho. Notou-se, aí, uma confusão entre o desenho em si, usado na representação gráfica dos projetos, com a parte artística e de representação da arquitetura, com todo seu contexto técnico e simbólico.

Quando adentraram o mercado de trabalho, surpreenderam-se com uma crise até então sem precedentes no Brasil, a chamada “década perdida” dos anos 80. A partir do final da década de 70 o Brasil passou por diversas crises econômicas, que persistiram nos anos 80 e só começaram a diminuir a partir do Plano Real, em 1994, que pôs fim à crise de hiperinflação e baixo crescimento que caracterizou o Brasil nos anos 80 e 90, que foi quando esta geração de arquitetos e urbanistas começou sua trajetória profissional.

A crise mais marcante para este grupo foi o Plano Collor, de 1990. As entrevistas mostram que as modificações na legislação, economia e política deste período afetaram forte e negativamente a profissão dos arquitetos e urbanistas. Os que ainda não tinham conseguido firmar-se tiveram que procurar outros caminhos, optando pelo serviço público ou pelo ambiente acadêmico, ao invés de trabalharem como autônomos ou empresários, gerenciando seus próprios ateliês.

O vínculo empregatício mais comum foi a CLT, mesmo entre aqueles que trabalharam no serviço público. Todos lançaram mão de outras fontes de renda para a aposentadoria e para garantir-se na velhice, para complementar a previdência pública. Os recursos utilizados foram o investimento em imóveis e a adesão a planos de previdência privada, sem falar da reserva em dinheiro, vinda principalmente de negócios

paralelos, heranças e da acumulação no Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

Aproximadamente neste mesmo período, ou seja, décadas de 80 e 90, um outro fator veio somar-se às dificuldades comerciais e financeiras. O desenho por computador (CAD) ameaçava retirar do mercado de trabalho quem não o dominasse e usasse. Esta geração de arquitetos e urbanistas esteve entre as primeiras que tiveram que aprender a usar o CAD sem ter estudado isso na faculdade. Isto é compreensível pois, durante os anos 1975 a 1980, quando estes profissionais entraram na faculdade, o desenho por computador ainda era uma tecnologia em desenvolvimento, muito longe do dia-a-dia dos escritórios de projeto, e que portanto ainda estava fora do currículo escolar.

Os entrevistados precisaram posicionar-se frente àquele então novo desafio. Tiveram que optar entre usar ou não o computador e, as soluções encontradas puderam ser separadas em três grupos básicos: os que decidiram usar o CAD passaram a fazê-lo sem prejuízo de sua atuação como projetistas e artistas, executando desde os primeiros estudos até os desenhos de execução diretamente no computador. Outros faziam apenas seus estudos preliminares e anteprojetos, desenhando à mão, deixando que projetistas e desenhistas cuidassem das plantas de execução; neste mister, lhes foi indiferente se isto era feito à mão ou no computador. O terceiro e último grupo não precisou e nem quis aprender a lidar com o computador como auxiliar do arquiteto. Simplesmente o ignorou.

As dificuldades no plano econômico e tecnológico se somaram para aumentar a dificuldade de estabelecer-se na profissão. Vários entrevistados tentaram realizar o ideal, que lhes foi passado no curso, de estabelecer-se como profissionais autônomos ou com seu próprio ateliê de projetos, atendendo seus clientes diretamente. No entanto, só 2 entre 15 dos entrevistados conseguiram atingir esta meta de maneira estável e duradoura.

Os demais já eram funcionários públicos antes de fazer o curso de arquitetura de urbanismo, ou então passaram a buscando segurança e estabilidade em algum órgão público ou na vida acadêmica. Neste último caso, entretanto, notou-se pelas entrevistas que a vida acadêmica foi também o encontro da satisfação pessoal com a tão

desejada estabilidade, visto que todos os entrevistados que iniciaram carreira acadêmica declararam ter muita satisfação pessoal com a vida universitária.

Com uma única exceção, todos avaliaram que o curso foi bom e se declararam felizes por ter esta profissão, que foi a realização de um sonho para vários.

As queixas mais comuns entre os entrevistados foram que a remuneração é baixa, existe pouca estabilidade e é uma profissão não devidamente reconhecida pela sociedade.

A quantidade de entrevistados foi estatisticamente pequena em relação ao total de formandos do período. Isto não permite expandir as conclusões tiradas deste grupo para a totalidade dos formandos, de forma a manter uma precisão estatística aceitável.

Esta pequena quantidade de entrevistados decorreu de três fatores: a dificuldade de saber quem eram os formandos, visto que não existiam fontes confiáveis e de fácil acesso para tal, a dificuldade para entrar em contato com os formandos e, por último, a resistência que os contatados demonstraram a prestar depoimentos sobre sua vida profissional.

Foi surpreendente, para esta pesquisa, a dificuldade de encontrar os formandos, nestes tempos de globalização e comunicação fácil, barata e abundante. Mais surpreendente, ainda, foi a constatação de que a maioria dos profissionais efetivamente convidados não quiseram participar da pesquisa, mesmo tendo sido alertados que a intenção não era entrar em detalhes íntimos, mas apenas saber em que trabalharam e o que tinham achado do curso.

A análise dos dados coletados mostrou a importância do ensino prático, em complemento ao conhecimento acadêmico passado nas aulas e trabalhos escolares. Quem trabalhou ou estagiou durante o curso teve mais facilidade para entrar e permanecer no mercado de trabalho depois de formados.

O curso noturno do Mackenzie facilitou a entrada na profissão dos entrevistados que já trabalhavam na área, e que só tiveram a ganhar com o estudo formal da arquitetura e urbanismo. O conhecimento que obtiveram e o título de arquiteto e urbanista acabaram alavancando melhorias na profissão que já tinham, nem que fosse ape-

nas para elevar seu gosto artístico e abrir novos canais de percepção e análise do mundo.

Referências²²

- CUFF, Dana. **Architecture: The story of practice**. Cambridge; Massachusetts: MIT Press, 1991.
- BLAU, Judith R. **Architects and Firms: A Sociological Perspective on Architectural Practice**. Massachusetts, EUA: MIT Press, 1987.
- CAU/BR (Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil). **Dados gerais CAU/BR 2012**. Publicação eletrônica do CAU/BR contendo resultados do censo realizado em 2012. Disponível em www.caubr.gov.br/censo (acessado em 6/10/2014)
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995
- FISCHER, Sylvia. **Os arquitetos da POLI: Ensino e profissão em São Paulo**. São Paulo: FAPESP, Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- FRANCO, Gustavo H. B. **A Década Perdida e a das Reformas**. Jornal O Estado de São Paulo de 30/1/2000, página B5. Conteúdo disponível também em www.econ.puc-rio.br/gfranco/a48.htm, acessado em 19/07/2010. Página única.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 20ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010
- GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GÓES, Mariza Barcellos. **Arquitetura contemporânea: processando a teoria através da prática**. Belo Horizonte, 2005. Dissertação de Mestrado para a Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/RAAO-6WNGG9 (acessado em 9/7/2013)

²² De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023

- GREGOTTI, Vittorio. **Território da Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975
- GRILO, Leonardo Melhorato; MELHADO, Silvio Burrattino. **Alternativas para a melhoria na gestão do processo de projeto na indústria da construção de edifícios**. In: “Workshop Brasileiro de Gestão do Processo de Projeto na Construção de Edifícios nº 3”, 2003, Belo Horizonte. Anais...
- _____. **As mudanças no cenário competitivo e os novos desafios para o setor de projetos**. In: “Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído: Cooperação & responsabilidade social nº 9”. 2002, Foz do Iguaçu. Anais... ENTAC, 2002.
- JORNAL “O ESTADO DE SÃO PAULO”. Diversas edições, disponíveis no site da publicação em <http://acervo.estadao.com.br>. São Paulo, SP
- JORNAL “FOLHA DE SÃO PAULO”. Diversas edições, disponíveis no site da publicação em <http://acervo.folha.com.br>. São Paulo, SP
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992
- HOOVER, Américo Sampaio. Entrevista gravada para essa pesquisa. Entrevistador: Iberê M. Campos. São Paulo, 23/04/2013
- JANUZZI, P. M, MATTOS, F. A. M. **Duas Décadas de conjuntura econômica, de (des) emprego industrial e de inserção dos profissionais da informação no mercado de trabalho**. Transinformação, v.13, n.2, pp. 111-129. Campinas. 2001. Disponível em <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1520> (acessado em 8/7/2013)
- KATINSKY, Júlio Roberto. **Pesquisa Acadêmica na FAUUSP**. São Paulo: FAUUSP, 2005.
- KOSTOFF, Spiro (Org.). **The architect: chapters in the history of the profession**. Los Angeles, EUA: University of California Press, 1977,
- LARSON, Magali Sarfatti. **Behind the postmodern facade**. Los Angeles, EUA: University of California Press, 1993.

- LEITE JÚNIOR, Alcides Domingues. **Desenvolvimento e mudanças no estado brasileiro**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2009
- LEVIN, Jack. **Estatística aplicada às ciências humanas**. 2ª edição. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil Ltda, 1985.
- LOPES, F. **O desafio da hiperinflação**. Rio de Janeiro: Ed Campus, 1989.
- MACKENZIE, Instituto Presbiteriano. **Histórico do curso de Arquitetura**. Disponível em www.mackenzie.br/1716.html, acessado em 09/07/2013
- MATTOS, Fernando Augusto Mansor de; SOULÉ Junior, Oswaldo. **A influência das crises econômicas das décadas de 80 e 90, no Brasil, no mercado de trabalho dos profissionais ligados as tecnologias da Informação**. Artigo preparado para o VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Salvador, 2007. Disponível em <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1732> (acessado em 9/7/2013)
- MTE - Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações – Livro 1 – Códigos, títulos e descrições**. 3ª edição. Brasília, 2010
- _____. **Classificação Brasileira de Ocupações – Livro 2 – Códigos, títulos e descrições**. 3ª edição. Brasília, 2010
- _____. **Classificação Brasileira de Ocupações – Livro 3 – Estrutura, tabela de conversão e índice de títulos**. 3ª edição. Brasília, 2010
- MONTANER, Josep Maria Montaner; MUXI, Zaida, **Arquitectura y Política – Ensayos para mundos alternativos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011
- MEC – Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC / SEF, 1997.
- MEC – Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental, **Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: história**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

SEGNINI Jr., Francisco. **A prática profissional do arquiteto em discussão**. São Paulo: FAU-USP, 2002. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

STEVENS, Garry. **O Circulo Privilegiado. Fundamentos sociais da distinção arquitetônica**. Brasília: Editora UNB, 2003

Apêndice A – Sistema de banco de dados utilizado nessa pesquisa

Para armazenar e consultar os dados gerados por essa pesquisa optou-se pela montagem de um sistema informatizado de banco de dados que pudesse ser acessado via internet, para permitir os procedimentos de pesquisa conforme explicado no Apêndice D, na página 159. Partiu-se das seguintes premissas:

1 – Usar apenas programas de computador e formatos de arquivo gratuitos e de domínio público, para não ficar atrelado a qualquer empresa ou interesse privado.

2 – Desenvolver um sistema de pesquisa, registro, consulta e tabulação de registro de carreiras (exercício profissional) que atenda, além das necessidades desta presente pesquisa, também àqueles que precisarem utilizá-la para futuras pesquisas, de outras turmas de formandos, de outras instituições de ensino e de outras profissões.

3 – Permitir que as operações de inserção e consulta dos dados possam ser feitas de qualquer lugar, bastando ter acesso a uma conexão de internet e a um dispositivo de navegação nesta rede.

4 – Possibilitar que os pesquisados (profissionais entrevistados) possam responder à pesquisa por conta própria ou então que, alternativamente, o pesquisador possa fazer as perguntas e lançar as respostas no sistema a partir de onde estiver.

5 – Criar um sistema administrativo que possa ser programado para fornecer instantaneamente os mais diversos tipos de relatório, para fornecer subsídios à análise dos dados gerados por esta pesquisa e por outras que eventualmente venham a utilizar o mesmo sistema.

7 – Os relatórios devem ser feitos de maneira a serem vistos na tela do computador ou para serem impressos ou, ainda, para gerar arquivos que possam ser lidos pelos programas normalmente usados por pesquisadores, tipicamente os do pacote “Office” da Microsoft que contém os aplicativos “Excel”, “Word” e “Powerpoint”.

Para atingir os objetivos da pesquisa e as condicionantes acima, o sistema de coleta e armazenamento de dados adota duas interfaces: uma que aparece para os operadores do sistema (este pesquisador e/ou pessoas por ele autorizadas) e outra que aparece para cada um dos pesquisados. No segundo caso, aparecem apenas e tão somente os dados que dizem respeito ao pesquisado, que só tem acesso ao sistema mediante nome de usuário e senha fornecida pelo operador do sistema. Um pesquisado tem acesso apenas e tão somente aos dados que forneceu ao sistema, e não aos dados dos outros pesquisados.

A Figura 5 (a seguir) ilustra o funcionamento.

Figura 5 – Esquema do sistema de coleta e armazenamento de dados usado nesta pesquisa.

Fonte: produção do próprio autor

O centro do sistema é o banco de dados (1) que armazena as informações coletadas pela pesquisa. O sistema de banco de dados escolhido (MySQL) é robusto e suporta 4,2 bilhões de registros²³, ou seja, tem capacidade para cadastrar profissionais de toda e qualquer área do ensino brasileiro sem o risco de sobrecarregar ou lotar o banco de dados. Para acessar o banco de dados montou-se um sítio de internet (“site”)

²³ A versão 5.1 do sistema de banco de dados MySQL suporta 2³² registros, ou seja, 4.294.967.296 linhas (“rows”). Fonte: site do desenvolvedor do programa em <http://dev.mysql.com/doc/refman/5.1/en/source-configuration-options.html> (página acessada em 08/05/2013)

utilizando as linguagens de programação de internet HTML e PHP, sítio este que tem duas partes básicas: um sistema para coletar a pesquisa e um sistema administrativo.

O sistema para coletar a pesquisa (2) é uma parte do sítio que permite a cada pesquisado responder à pesquisa por sua conta e também, a qualquer momento, consultar os dados que já forneceu e que ficaram armazenados no banco de dados. Para tanto, precisa utilizar um dispositivo computadorizado com capacidade de navegar na internet (6) como um PC padrão ou então um computador portátil, MacIntosh ou celular com capacidade equivalente.

O sistema administrativo (3) é de acesso restrito ao pesquisador ou a pessoa por ele autorizada, mediante controle por senha de acesso. Esse sistema administrativo permite cadastrar e consolidar dados, além de emitir os relatórios necessários à presente pesquisa. Para acessar esse sistema deve ser utilizado um computador (5) PC ou qualquer outro dispositivo computadorizado com capacidade de navegação na internet.

O sistema administrativo tem acesso, através do computador que o esteja acessando, a imprimir os relatórios necessários para esta pesquisa (6). Além de serem enviados para uma impressora, esses relatórios podem também gerarem arquivos (listagens) compatíveis com os programas do pacote “Office” da Microsoft.

O sistema foi implantado da seguinte forma:

1 – Criou-se o sítio (“site”) **www.arquiteto.inf.br** para facilitar o cadastramento e consulta dos dados. Se não fosse adotado este artifício o sistema precisaria ser acessado por endereços eletrônicos no formato **http://xxx.xxx.xxx.xxx** (por exemplo, **http://200.205.138.192**) o que tornaria mais difícil memorizar os endereços eletrônicos usados pela pesquisa.

2 – A página principal do sítio acima citado (em **www.arquiteto.inf.br**) acima citado permite que os pesquisados consultem apenas seus próprios dados no sistema. Também é a forma que eles podem respondendo às perguntas da presente pesquisa. Para entrar no sistema os pesquisados precisam digitar uma senha única e exclusiva, fornecida pelo pesquisador, e que pode ser alterada pelo pesquisado depois que adentrar o sistema.

3 – No mesmo sítio acima citado foi criada uma área administrativa no endereço **www.arquiteto.inf.br/admin**. Esta área é de uso exclusivo do pesquisador

e/ou de outros usuários por ele autorizados. O acesso é controlado por senha e é onde ficam as ferramentas de cadastro, consulta e extração de relatórios.

Em suma, o sistema administrativo criado para esta pesquisa acabou sendo robusto e versátil. Além de atender aos propósitos atuais desta pesquisa, com as devidas modificações e complementações pode ser usado para futuras pesquisas. Seu formato universal de armazenamento possibilita seu uso em diversos sistemas de computação, independentemente de qual seja o fabricante do equipamento, do sistema operacional e dos programas (aplicativos).

Apêndice B – Levantamento dos formandos no período com as informações fornecidas pelo Mackenzie

Uma das primeiras providências desta pesquisa foi procurar informações sobre os formandos do período pesquisado. Foram contatados o Centro Histórico Mackenzie, a Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie, a Secretaria Geral do Instituto Presbiteriano Mackenzie e o Conselho Regional de Arquitetura e Urbanismo (CREA). A intenção era conseguir uma relação que contivesse os anos de colação de grau, nomes e dados de contato dos profissionais. Os resultados obtidos junto a essas instituições foram os seguintes:

Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie – Foi procurada por telefone e por email diversas vezes, mas sem sucesso, ou melhor, ninguém respondeu. O pesquisador acabou dirigindo-se pessoalmente à sede da instituição, sito à Rua Itambé nº 131, dentro do campus principal da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Uma funcionária (que não quis identificar-se) informou que a associação estava sendo desativada e por isso, segundo ela, não haveria como fornecer os dados necessários para esta pesquisa. No entanto, informou que “um dos organizadores da Associação” havia montado um site para integrar os antigos alunos (www.mackenzista.com.br) e que talvez se conseguisse as informações com ele, mas não forneceu maiores detalhes. No serviço de registro de sites brasileiros (www.registro.br) esse site constava em nome do Instituto Presbiteriano Mackenzie, na figura do Sr. José Augusto Pereira Brito sendo que o email do responsável é pedro@mackenzie.br. Isso indica que o site é uma

iniciativa do próprio Instituto Presbiteriano Mackenzie, e não de uma pessoa isolada. Tentou-se contato tanto com o Sr. José Augusto quando com o responsável pelo site mas sem sucesso, visto que nenhum dos dois atendeu aos pedidos. Mesmo assim, o site foi útil a esta pesquisa, conforme descrito na página 160 (item “Site Mackenzista”).

Centro Histórico do Mackenzie – Respondeu no dia 23/02/2012 por meio de email assinado por Ingrid Ribeiro Souza, Historiadora, a qual explicou que “...no Centro Histórico Mackenzie não temos essa relação. Aonde você vai encontrar a documentação de antigos alunos é na Secretaria Geral, o responsável se chama Nelson Callegari. Contudo, não sei se eles viabilizarão seu acesso a esses documentos.” A Sra. Ingrid forneceu o email do Sr. Nelson Callegari, que foi contatado por este pesquisador em 29/02/2012.

Secretaria Geral do Instituto Mackenzie – O Secretário Geral, Sr. Nelson Callegari, respondeu à solicitação por email em 02/03/2013, informando o seguinte: “podemos atender parcialmente seu pedido com o fornecimento da relação de formandos no período. Não temos os dados referentes a endereço dos formandos daquele período”. No mesmo email solicitou que o pesquisador entrasse em contato por telefone, para marcar uma visita à secretaria de maneira a apresentar e examinar os documentos disponíveis.

A visita foi feita no dia 06/03/2012. O Sr. Nelson Callegari e sua equipe apresentaram os documentos disponíveis, a saber: livros de colação de grau e cópia das listas de alunos dos cursos da instituição no período pesquisado.

Os livros de colação de grau consistiam num volume de papel pautado e encadernado com capa dura na cor preta. Constatou-se que as anotações no livro de colação de grau eram feitas à mão e continham o texto de abertura da sessão onde era informado o local, data, hora, nome do representante do Mackenzie e do secretário que fez as anotações, seguindo-se as assinaturas do diretor, dos formandos e do secretário, tal como mostra a Figura 6. A secretaria do Mackenzie prontificou-se a digitalizar (escanear) as páginas que dizem respeito a esta pesquisa e enviá-las por email, o que ocorreu no dia 13/03/2012.

Figura 6 – Fragmento extraído do livro de colação de grau do curso de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie.

Fonte: Fotografia feita pelo autor a partir dos originais. Nesse caso, é a página da cerimônia realizada no dia 9/3/1981, referente a alunos que concluíram o curso no ano de 1980.

Em relação às listas de alunos, a secretaria explicou que os arquivos usados nos computadores daquela época foram perdidos quando houve uma mudança de tecnologia nos equipamentos e programas. O cadastro informatizado da época (década de 80) era mantido e manuseado em computadores de grande porte, de tecnologia proprietária, sendo que os arquivos eram gravados nos agora antigos sistemas de fita magnética em rolo. Quando este antigo sistema de computação foi desativado os arquivos não foram transferidos para os novos computadores, mas segundo a secretaria seria possível obter cópias do conteúdo.

Estas cópias do conteúdo consistiam em listas impressas contendo as relações de alunos de todos os cursos do período, mas não havia uma relação específica do curso de arquitetura e urbanismo. As listas impressas propriamente ditas não existiam mais fisicamente, o que havia era uma digitalização (“escaneamento”) das citadas listas, cujas imagens eram acessadas usando o software denominado **EZView Vault Cli-**

ent Mode versão 1.5a, fabricado pela empresa que atualmente chama-se **EZView** (www.ezview.wa.gov). Não foi possível determinar a data exata, mas a versão 1.5a usada pelo Mackenzie foi lançada em data posterior a 2002, pois esta é a data do registro da marca (“Copyright”) conforme indica a informação sobre o programa (vide Figura 7).

Figura 7 – Tela de informações sobre o programa “EZView” utilizado pelo Mackenzie para consultar o cadastro dos alunos no período pesquisado.

Fonte: Tela do programa “EzView”, digitalizada pelo autor quando o software estava sendo executado no equipamento usado nesta pesquisa.

A data da “marca registrada” informada é do ano 2002, um indício de que o programa provavelmente estava defasado em termos de tecnologia, o que foi confirmado pelo problema encontrado ao executar o programa: o EZView é um aplicativo para ser rodado sobre o sistema operacional Microsoft Windows o qual, na época do desenvolvimento do EZView, estava em sua versão 2000, uma vez que o sucessor do Windows 2000, denominado “Windows XP”, seria lançado apenas em 25 de outubro de 2001²⁴. Tentou-se executar o EZView nas versões atuais do Windows atual (versões 7 e 8) mas nem mesmo em “Modo de compatibilidade” foi conseguido. A solução foi utilizar um computador antigo, da mesma época do EZView e capaz de executar o

²⁴ Informação retirada do texto “Uma história do Windows: história dos primeiros 25 anos” publicado pela Microsoft Corporation em <http://windows.microsoft.com/pt-br/windows/history>. Página acessada em 05/04/2013.

Windows 2000 com perfeição para, desta forma, ter acesso às informações da lista de alunos da melhor forma possível.

As citadas listas dos alunos consistem em imagens digitalizadas de listagens impressas produzidas na época em que o sistema de informática do Mackenzie estava prestes a ser substituído. Além da impressão propriamente dita, que no original já era falha, por ser feita em equipamentos eletromecânicos (impressoras do tipo matricial), as cópias digitalizadas disponíveis continham suas próprias imperfeições e, além disto tudo, várias páginas continham anotações feitas à mão (vide Figura 8). Estes três fatores impossibilitaram o uso de softwares de reconhecimento ótico de texto (OCR, de “Optical Character Recognition”) para transformar as imagens das listagens em caracteres alfanuméricos.

-----UNIVERSIDADE-----						
*DATA	22/03/89	RELACAO DE ALUNOS DA UNIVERSIDADE	PAG. 14	*		*
*SEQ--MATRIC.	-----	NOME DO ALUNO-----	CURSO-S-CA	-----	OBS----	*
* 729	3873847	CARLOS ROSTIGNOLI MARTINEZ	2113	0 00*	DT	*
* 730	4880587	CARLOS SALVADORI	5133	0 00*	DT	*
* 731	3853401	CARLOS SERGIO NOGUEIRA	2313	0 00*	DT-2 turnos	*
* 732	3853154	CARLOS SERGIO TEIXEIRA	2123	0 00*	DT-2 turnos	*
* 733	4882449	CARLOS SHIGUEO HAYAKAWA	5133	0 00*	DT	*
* 734	4863237	CARLOS SMETANA	5133	0 00*	DT	*
* 735	4870385	CARLOS TEIXEIRA MORAES	5133	0 00*	DT	*
* 736	3871213	CARLOS TERRA PEREIRA ALVES	2233	0 00*	DT	*
* 737	3881261	CARLOS VALTER DE SOUZA	2123	0 00*	DT	*
* 738	4862740	CARLOS VINICIUS ARCCS	5133	0 00*	DT	*
* 739	3861435	CARLOS YASSUNAO KONISHI	2133	0 00*	DT	*
* 740	3843727	CARLOS YASSUO MARUYAMA	3113	0 00*		*
* 741	4830581	CARLOS YOSHIMI YAJIMA	5133	0 00*	DT	*
* 742	3882806	CARMELITA DE CASTRO	2123	0 00*	DT	*
* 743	3864582	CARMEN SILVIA GUERRA	1253	0 00*	DT	*
* 744	3864807	CARMEN ADRIANA A DOS SANTOS	2233	0 00*	DT	*
* 745	3862364	CARMEN CECILIA DA C NOGUEIRA	3113	0 00*	DT	*
* 746	4860267	CARMEN EIKO SIMADA	5113	0 00*		*
* 747	3844249	CARMEN LUCIA DE OLIVEIRA	1253	0 00*		*
* 748	4882563	CARMEN MARIA VILA RAMIREZ	5113	0 00*	DT	*
* 749	4882202	CARMEN PIZA MOSTERIO TOFANI	5113	0 00*	DT	*
* 750	3880951	CARMINO JOSE ZEULI SANCHES	2113	0 00*	DT	*
* 751	4863162	CAROLINA CHAVES SANTOS	5113	0 00*	DT	*

Figura 8 – Relação de alunos, tal como aparece no original do Mackenzie.

Fonte: Digitalizado pelo autor desta pesquisa, a partir de uma fotocópia da lista de alunos de 1989 fornecida pela Universidade Mackenzie (vide texto).

As informações coletadas através da Secretaria Geral do Instituto Presbiteriano Mackenzie foram tomadas como base para esta pesquisa. Mais especificamente, adotou-se o livro de colação de grau como documento principal e oficial, pois é ele que demonstra quais são efetivamente os formandos no período selecionado. No entanto, foram encontradas algumas dificuldades para utilizar esse documento, a saber:

1 – Os dados estão separados por levas de formandos, de diversos anos de conclusão do curso. Em cada solenidade colavam grau apenas alguns dos formandos de uma turma, e não todos, podendo haver casos de formandos de anos anteriores que só naquela data conseguiram juntar a documentação necessária para a colação de grau. Com isso, não necessariamente alguém que colocou grau num ano completou o curso no ano anterior, apesar deste ser a maioria dos casos.

2 – O documento (livro de colação de grau) é manuscrito e, além disso, as cópias contêm falhas que tornam pouco confiável sua leitura e interpretação.

3 – A secretaria forneceu cópias dos livros dos formandos que colaram grau entre o dia 13/03/1980 até 20/02/1987, o que em tese abrange todos os formandos do período desta pesquisa. Mas isso pode não ser totalmente verdadeiro, pois um aluno que tenha cursado o último ano, por exemplo, em 1980 sofreu as influências do período de formação aqui estudado, mas por algum motivo pode ter conseguido ou requerido colar grau só muito mais tarde e, por isso, não estaria presente aqui nesta pesquisa. Da mesma forma, um aluno que fez o curso anteriormente, tendo cursado o último ano antes de 1979, pode ter colado grau bem mais tarde e entraria nesta pesquisa, mas sua formação teria sido feita fora do período considerado por esta pesquisa.

4 – Os nomes dos formandos podem estar abreviados, incompletos ou até mesmo terem sido mudados, como acontece com estrangeiros que se naturalizam brasileiros²⁵ ou com mulheres que se casam e adotam o sobrenome do marido.

Devido a esses fatores as listagens dos alunos fornecidos pela secretaria do Mackenzie é que foram usadas para obter o nome literal do aluno, e não o livro de colação de grau. A busca começou pela impressão das cópias das páginas fac-símile do livro de colação de grau, para facilitar a busca manual e a marcação dos nomes já encontrados. Cada nome que constava no livro de colação de grau era procurado nas lis-

²⁵ O decreto nº 86.715 de 10 de dezembro de 1981 regulamenta a lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, definindo a situação jurídica do estrangeiro no Brasil. O artigo 119 do referido decreto trata da “naturalização” de um estrangeiro e especifica que “o estrangeiro que pretender naturalizar-se deverá formular petição ao Ministro da Justiça, declarando”, entre outras coisas, “se deseja ou não traduzir ou adaptar seu nome à língua portuguesa” e, neste caso, deverá instruir seu pedido com os documentos ali especificados.

tas de alunos, para obter seu nome completo e correto. Para confirmar que o nome encontrado realmente era o formando de arquitetura procurado pela pesquisa era verificado o ano em que o aluno começou o curso e também o código do curso que constava na listagem. Cada aluno da Universidade do Mackenzie recebia um número de identificação no formato 3AANNNN onde:

- O primeiro dígito indicava o curso – No caso, o “3” indicava “3º grau”, ou seja, “Universidade”, e obviamente “2” indicava “2º grau” e “1” indicaria um aluno de “1º grau”.
- As posições “AA” designavam os dois últimos dígitos do ano em que o aluno entrou naquele curso (por exemplo, “76” para “1976”).
- As posições “NNNN” designava um número que identificava o aluno nas fichas e demais documentos da secretaria da instituição.

Assim, o código deste pesquisador, que era 3766236, indicava um aluno matriculado num curso superior (“3”), sendo o 6.236º matriculado na instituição no mesmo ano e que havia feito o primeiro ano do curso no ano de 1976, ou seja, havia prestado o vestibular em 1975 visto que na época pesquisada o vestibular do Mackenzie era feito uma vez por ano (admissão anual).

O código do curso passou a ser útil depois que se deduziu que algumas listas (mas não todas) continham um código que indicava o curso onde o aluno estava matriculado. Partindo-se dos nomes de ex-alunos que declararam se haviam curso no período diurno ou noturno, determinou-se que os cursos marcados com “3113” correspondiam à arquitetura no período noturno e que o código “3110” correspondia ao curso de arquitetura ministrado no período vespertino (integral). Em email do dia 27/03/2012 o secretário geral do Mackenzie, Sr. Nelson Callegari, informou que “O código do Curso de Arquitetura matutino deve ser 3111 e vespertino, se houver, 3112”. Estas informações possibilitaram recuperar a partir da listagem dos alunos outra informação que é buscada por esta pesquisa, ou seja, separar os pesquisados de acordo com o período que fizeram seu curso, diurno ou noturno, para conhecer, caso exista, alguma diferença entre esses dois grupos.

Mesmo nas listas de alunos os nomes dos alunos estavam incompletos ou abreviados, pois a listagem reservada apenas 30 dígitos alfanuméricos para o campo “nome do aluno”. Por isso, depois que todos os nomes constantes no livro de colação de grau foram procurados nas listagens de alunos, constatou-se que alguns deles não

havia sido localizados e, portanto, não havia confirmação quanto à sua escrita ou à sua presença nas listagens de alunos. Os nomes que estavam nesta situação foram localizados por aproximação, numa pesquisa mais cuidadosa e por aproximação, ou seja, procurando por nomes parecidos ou com grafias alternativas. No final todos os alunos que constavam nos livros de colação de grau acabaram sendo localizados e confirmados. No total foram localizados 1.117 formandos entre os anos de 1980 e 1985, e todos foram inseridos no cadastro desta pesquisa juntamente com as seguintes informações: o ano em que iniciaram o curso (determinado pelo código do aluno), o ano em que colaram grau (determinado pelo livro de colação de grau) e o período que cursaram (vespertino ou noturno, de acordo com as listas de alunos).

Apêndice C – Anúncios do vestibular do Mackenzie nos jornais

Os jornais de grande circulação em São Paulo foram a principal fonte de informação para determinar a quantidade de vagas oferecidas na Universidade Presbiteriana Mackenzie no período coberto por esta pesquisa (formandos entre 1980 a 1985).

Estes jornais estavam entre as principais mídias do período, junto com a televisão e o rádio, visto que ainda não existia a internet ou TV a cabo. Uma publicação de anúncio nestes meios de comunicação podiam ser vistos como editais, ou seja, compromissos formais perante a instituição, os órgãos públicos e a sociedade ²⁶.

Os jornais consultados para esta pesquisa foram “O Estado de São Paulo” e “Folha de São Paulo”. Constatou-se que os anúncios publicados nos dois jornais eram idênticos, por isso estão reproduzidos aqui apenas os anúncios publicados no jornal “O Estado de São Paulo”

Foram pesquisadas as edições dos anos de 1970 a 1983, de onde foram extraídos os anúncios apresentados a seguir. Nos anos em que o Mackenzie publicou vários tamanhos de anúncio, foi escolhido o anúncio maior e com mais informações.

²⁶ Segundo o Dicionário Moderno Michaelis, edital é um substantivo masculino que significa “Ordem oficial ou traslado de édito, ou postura, afixado em lugares públicos ou anunciado na imprensa periódica” (fonte: Michaelis online em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues>, acessado em 19/02/2015)

Vestibular de 1970 (para ingresso em 1971) – A Figura 9 mostra o anúncio publicado em 13/09/1970 na página 9 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura aparece citado com 100 vagas.

Concurso Vestibular, de 1971, na Universidade Mackenzie

A UNIVERSIDADE MACKENZIE fará realizar, a partir de 14 de dezembro do corrente ano, o CONCURSO VESTIBULAR para ingresso aos diversos Cursos de duração plena ou de curta duração que ministra, nos períodos diurno e/ou noturno e que são os seguintes:

1. - Engenharia Civil (com A e B) ... 100	14. - Inglês ... 100	20. - Pedagogia ... 100	26. - Química Geral ... 30
2. - Engenharia Metalúrgica ... 100	15. - Física ... 100	21. - Ciências da Terra ... 30	27. - Química Orgânica ... 30
3. - Engenharia Mecânica ... 100	16. - Matemática ... 100	22. - Física ... 30	28. - Física ... 30
4. - Engenharia Elétrica ... 100	17. - Química ... 100	23. - Matemática ... 30	29. - Matemática ... 30
5. - Engenharia de Produção ... 100	18. - Administração ... 100	24. - Estatística ... 30	30. - Estatística ... 30
6. - Engenharia de Arquitetura ... 100	19. - Direito ... 100	25. - Sociologia ... 30	31. - Sociologia ... 30
7. - Engenharia de Transportes ... 100	20. - Filosofia ... 100	32. - Filosofia ... 30	32. - Filosofia ... 30
8. - Engenharia de Minas ... 100	21. - História ... 100	33. - História ... 30	33. - História ... 30
9. - Engenharia de Alimentos ... 100	22. - Geografia ... 100	34. - Geografia ... 30	34. - Geografia ... 30
10. - Engenharia de Petróleo ... 100	23. - Economia ... 100	35. - Economia ... 30	35. - Economia ... 30
11. - Engenharia de Plásticos ... 100	24. - Literatura ... 100	36. - Literatura ... 30	36. - Literatura ... 30
12. - Engenharia de Têxteis ... 100	25. - Artes ... 100	37. - Artes ... 30	37. - Artes ... 30
13. - Engenharia de Papel ... 100	26. - Música ... 100	38. - Música ... 30	38. - Música ... 30

As inscrições poderão ser feitas a partir de 1.º de outubro, na Secretaria Executiva do Concurso Vestibular, nos seguintes horários:

de 2.ª a 6.ª feira — das 8 horas às 12 horas;
 aos sábados — das 8 horas às 11 horas;
 aos domingos — das 8 horas às 11 horas.

O Concurso será unificado em sua execução e, nos cursos de duração plena, única em seu conteúdo para as áreas de conhecimentos órfãos, em número de quatro.

As condições para inscrição; normas para formulação de preferências ou de opções; taxas de inscrição; datas de realização e programas de exames, etc., constarão do edital e serão oportunamente divulgadas.

Figura 9 – Anúncio publicado em 13/09/1970 na página 9 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto).

Vestibular de 1971 (para ingresso em 1972) – A Figura 10 mostra o anúncio publicado em 11/11/71 na página 54 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura aparece com 100 vagas.

MACKENZIE

DEIXAI VIR A NIM OS CALOURINHOS

VESTIBULAR

Cursos e Vagas

Área I — Ciências Exatas e Experimentais

Matemática, Física e Química ...	300
Engenharia	550
Arquitetura	100
Tecnologia	450
Ciência (Licenciatura do 1.º ciclo) ..	50

Área II — Humanidades e Artes

Direito	200
Pedagogia	100
Letras:	
Vernáculas	100
Português-Inglês	100
Português-Francês	100
Economia e Administração de Em- presas	450
Comunicação e Artes	130

Inscrições abertas até 20-11-71

Horário das inscrições: das 8 às 11 horas
12 às 16 horas
19 às 21 horas

Sábados das 8 às 11 horas

MACKENZIE

Rua Itambé, 135 — São Paulo — SP

Figura 10 – Anúncio publicado em 11/11/1971 na página 54 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1972 (para ingresso em 1973) – A Figura 11 mostra o anúncio publicado em 29/10/1972 na página 14 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura aparece citado, mas não especificado o número de vagas.

EM TODAS AS FÓRMULAS, O MACKENZIE FORMA CAMPEÕES.

Seja voce também um campeão. Inscreva-se hoje mesmo para as provas de Fórmula V (Vestibular) do Mackenzie.

TOTAL DE VAGAS: 2700

PROVAS DE QUESTÕES OBJETIVAS.

CORREÇÃO POR COMPUTADORES.

INSCRIÇÕES ABERTAS
de 23 de outubro a 18 de novembro

HORÁRIO:
2a. a 6a.: das 9:00 às 20:00
sábados: das 9:00 às 11:30

ÁREA I
Arquitetura
Engenharia
Matemática
Física
Química
Ciências (Lic. 1.º ciclo)
Tecnologia (Cursos técnicos de nível superior - 2 anos)

ÁREA II
Comunicações e Artes
Pedagogia
Letras - Português-Inglês
Letras - Português-Francês
Letras - Vernáculos
Direito
Economia
Administração

MACKENZIE

Rua Itambé, 45 Higienópolis - São Paulo

PROVAS: FASE NOVA

Figura 11 – Anúncio publicado em 11/11/1971 na página 54 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1973 (para ingresso em 1974) – A Figura 12 mostra o anúncio publicado em 28/10/1973 na página 26 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura é anunciado, mas não é especificada a quantidade de vagas.

o Mackenzie tem 30 profissões para jovens que acham que esta não é a melhor das profissões.

Todo o seu espírito de liberdade, de reformador de estruturas, pode caber numa destas 30 carreiras universitárias. Será que você conhece todas elas? Examine-as. Entre pelo seu universo. Encontre você onde você gostaria de estar. São 2.800 vagas à sua espera.

Nós compreendemos a existência de soluções de vida como esta, com seus encantos e desencantos. Mas temos certeza que só se muda o mundo atuando nele, participando dele.

comunicação e artes
Comunicação Visual
Desenho e Plástica
Desenho Industrial

tecnologia
Eletrônica Industrial
Telecomunicações
Computação
Petroquímica
Transmissão e Distribuição
Construções Cíveis

economia e administração
Ciências Econômicas
Administração

letras
Português-Alemão
Português-Francês
Português-Inglês

arquitetura

engenharia
Engenharia Civil
Engenharia Eletrônica
Engenharia Eletrotécnica
Engenharia Mecânica
Engenharia Metalúrgica
Engenharia Química

direito
licenciatura e bacharelado
Física
Matemática
Química
Ciências
(Licenciatura de 1.º Grau)

educação
Pedagogia:
Administração Escolar
Orientação Educacional
Pedagogia do Excepcional
Supervisão Escolar

VESTIBULAR MACK 74
INSCRIÇÕES ATÉ 10 DE NOVEMBRO
de 2ª a 6ª das 9 às 20 h,
sábado, das 9 às 11,30,
rua Itambé, 45 - Higiêópolis.

universidade MACKENZIE
uma opção de vida.

Figura 12 – Anúncio publicado em 28/10/1973 na página 26 do jornal “O Estado de São Paulo”.

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1974 (para ingresso em 1975) – A Figura 13 mostra o anúncio publicado em 30/10/1974 na página 16 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura é anunciado, mas não especifica a quantidade de vagas.

**o Mackenzie tem 27
profissões para jovens
que acreditam no futuro.**

Engenharia Engenharia Civil Engenharia Eletrotécnica Engenharia Eletrônica Engenharia Mecânica Engenharia Metalúrgica Engenharia Química	Tecnologia Construções Cíveis Computação Eletrônica Petroquímica Transmissão e Distribuição	Pedagogia Letras Português-Alemão Português-Francês Português-Inglês
Licenciatura Plena e Bacharelado Matemática Física Química Biologia	Economia, Administração e Ciências Contábeis Ciências Econômicas Administração de Empresas Ciências Contábeis (curso noturno) Direito (diurno e noturno)	Arquitetura Comunicação e Artes Comunicação Visual Desenho e Plástica Desenho Industrial

**VESTIBULAR
MACK 75**
INSCRIÇÕES ATÉ
18 DE NOVEMBRO
De 2.ª a 6.ª das 9 às 20 h - Sábados, das 9 às 11.30 h
Rua Itambé, 135 - Higienópolis

**universidade
MACKENZIE**
uma opção de vida.

Figura 13 – Anúncio publicado em 30/10/1974 na página 16 do jornal “O Estado de São Paulo”.

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1975 (para ingresso em 1976) – A Figura 14 mostra o anúncio publicado em 19/10/1975 na página 54 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura é citado mas não é informado o número de vagas ou período.

A partir de 76, este será seu novo endereço: Mackenzie, Itambé, 45.

E na hora do vestibular, pense nisto: direito (matutino e noturno), ciências contábeis (noturno), comunicações e artes, pedagogia, letras, ciências e tecnologia são profissões dinâmicas e atraentes que precisam muito de você. Tanto quanto engenharia e arquitetura.

<p>Direito (matutino e noturno)</p> <p>Economia, Administração e Ciências Contábeis Ciências Econômicas Administração de Empresas Ciências Contábeis (curso noturno)</p> <p>Letras Português-Alemão Português-Francês Português-Inglês</p> <p>Pedagogia</p>	<p>Ciências Matemática Física * Química Biologia</p> <p>Engenharia Engenharia Civil Engenharia Eletrotécnica Engenharia Eletrônica Engenharia Mecânica Engenharia Metalúrgica Engenharia Química</p> <p>Arquitetura</p>	<p>*Tecnologia Construções Cíveis Computação Eletrônica Petroquímica Eletrotécnica</p> <p>* Comunicações e Artes Comunicação Visual Desenho e Plástica Desenho Industrial</p> <p><small>* As inscrições para esses cursos serão feitas através de Edital complementar a ser publicado oportunamente.</small></p>
---	--	--

vestibular
MACK 76
INSCRIÇÕES DE 6 A 20 DE OUTUBRO
de 2.ª a 6.ª das 9 às 20 h - sábado, das 9 às 11,00.
rua Itambé, 45 - Higienópolis.

universidade

MACKENZIE

uma opção de vida.

Figura 14 – Anúncio publicado em 19/10/1975 na página 54 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1976 (para ingresso em 1977) – A Figura 15 mostra o anúncio publicado em 07/10/1976 na página 6 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura é informado como tendo curso diurno e noturno, mas não cita o número de vagas.

você tem 3050 chances de entrar no Mackenzie em 77.

não perca a sua.

Direito (matutino e noturno)	Pedagogia	Arquitetura (diurno e noturno)
Economia, Administração e Ciências Contábeis	Ciências	Tecnologia
Ciências Econômicas	Matemática	Construções Cíveis
Administração de Empresas	Física	Computação
Ciências Contábeis (noturno)	Química	Eletrônica
Letras	Biologia	Petroquímica
Português-Alemão	Engenharia	Eletrotécnica
Português-Francês	Engenharia Civil	Comunicações e Artes
Português-Inglês	Engenharia Eletrotécnica	Comunicação Visual
	Engenharia Eletrônica	Desenho e Plástica
	Engenharia Mecânica	Desenho Industrial
	Engenharia Metalúrgica	
	Engenharia Química	

VESTIBULAR

MACK 77

INSCRIÇÕES DE 4 A 20 DE OUTUBRO
de 2.ª a 6.ª das 9 às 20 h - sábado, das 9 às 11,00.
Rua Itambé, 45 - Higienópolis.

M universidade **MACKENZIE**
uma opção de vida.

Figura 15 – Anúncio publicado em 07/10/1976 na página 6 do jornal “O Estado de São Paulo”.

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1977 (para ingresso em 1978) – A Figura 16 mostra o anúncio publicado em 05/10/1977 na página 14 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura aparece anunciado como tendo 100 vagas no período diurno e mais 100 vagas no período noturno.

UNIVERSIDADE MACKENZIE

CONCURSO VESTIBULAR 78

INSCRIÇÕES DE 10 A 28 DE OUTUBRO

EDITAL

A Comissão Especial do Concurso Vestibular da Universidade Mackenzie faz saber que as inscrições para o Concurso Vestibular de 1978 estarão abertas do dia 10 ao dia 28 do mês de outubro corrente, das 9 às 20 horas, no seguinte local:
Rua Itambé, 45, Higienópolis, São Paulo.

O número de vagas em concurso está fixado em 3050, assim distribuídas pelos respectivos cursos e períodos da Universidade Mackenzie:

SETOR TÉCNICO-CIENTÍFICO		SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
	VAGAS		VAGAS
Engenharia		• Administração	matutino 150
• Civil	diurno 300	• Administração	noturno 180
• Elétrica (Eletrônica)	diurno 50	• Ciências Contábeis	noturno 50
• Elétrica (Eletrotécnica)	diurno 50	• Ciências Econômicas	matutino 150
• Mecânica	diurno 100	• Ciências Econômicas	noturno 150
• Metalúrgica	diurno 50	• Direito	matutino 200
• Química	diurno 50	• Direito	noturno 200
Engenharia de Operação		• Letras (Bacharelado e	
• Construções Cíveis	noturno 60	Licenciatura Plena)	vespertino 80
Engenharia de Operação		• Letras (Bacharelado e	
• Eletrônica Industrial	noturno 110	Licenciatura Plena)	noturno 120
Engenharia de Operação		• Pedagogia	
• Eletrotécnica	noturno 60	(Bacharelado e	
Engenharia de Operação		Licenciatura Plena)	diurno 40
• Petroquímica	noturno 60		
Engenharia de Operação			
• Produção	noturno 110		
• Ciências (Bacharelado e			
Licenciatura Plena)			
• Biologia	diurno 40		
• Biologia	noturno 40		
• Física	diurno 40		
• Física	noturno 40		
• Matemática	diurno 40		
• Matemática	noturno 40		
• Química	diurno 40		
• Química	noturno 40		

Prof. Antonio Luiz Valente do Couto
PRESIDENTE DA COMISSÃO ESPECIAL

Todos os demais pormenores, bem como as normas que regerão o Concurso Vestibular, constam do Manual de Informações.

**UNIVERSIDADE
MACKENZIE**
Rua Itambé, 45 - Higienópolis - S. Paulo

Figura 16 – Anúncio publicado em 05/10/1977 na página 14 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1978 (para ingresso em 1979) – A Figura 17 mostra o anúncio publicado em 27/10/1978 na página 16 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura aparece anunciado como tendo 100 vagas no período diurno e 100 vagas no período noturno.

VESTIBULAR MACKENZIE

79

3050 vagas EDITAL

A Comissão Especial do Concurso Vestibular da Universidade Mackenzie faz saber que as INSCRIÇÕES para o Concurso Vestibular de 1979 estarão abertas de 02 a 27 de outubro de 1978, de segunda a sexta-feira, das 9 às 20 horas, à Rua Itambé, 45 - Higienópolis - São Paulo - e obedecerá à seguinte ordem:

Dias 2.10.78 a 11.10.78 - ENGENHARIA
Dias 12.10.78 a 19.10.78 - CIÊNCIAS, TECNOLOGIA, SETOR DE ARTES E COMUNICAÇÕES
Dias 20.10.78 a 27.10.78 - SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Estarão em concurso 3.050 vagas assim distribuídas:

SETOR TÉCNICO CIENTÍFICO		SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
	VAGAS		VAGAS
Engenharia		Administração	matutino 150
• Elétrica (Eletrônica)	diurno 50	• Administração	noturno 180
• Elétrica (Eletrotécnica)	diurno 50	• Ciências Contábeis	noturno 50
• Civil	diurno 300	• Ciências Econômicas	matutino 150
• Mecânica	diurno 100	• Ciências Econômicas	noturno 150
• Metalúrgica	diurno 50	• Direito	matutino 200
• Química	diurno 50	• Direito	noturno 200
Ciências		• Letras	vespertino 80
• Biologia	diurno 40	• Letras	noturno 120
• Biologia	noturno 40	• Pedagogia	diurno 40
• Física	diurno 40		
• Física	noturno 40	SETOR DE ARTES E COMUNICAÇÕES	
• Matemática	diurno 40	• Arquitetura	diurno 100
• Matemática	noturno 40	• Arquitetura	noturno 100
• Química	diurno 40	• Comunicação	
• Química	noturno 40	• Visual	vespertino 50
Tecnologia		• Desenho Industrial	vespertino 100
• Construções Cíveis	noturno 60	• Educação Artística	
• Eletrotécnica	noturno 60	• Desenho	vespertino 30
• Eletrônica		• Artes Plásticas	vespertino 30
• Industrial	noturno 110		
• Petroquímica	noturno 60		
• Computação	noturno 110		

Todos os demais pormenores, bem como as normas que regerão o Concurso Vestibular, constam no Manual de Informações.

**UNIVERSIDADE
MACKENZIE**
Rua Itambé, 45 - Higienópolis - S. Paulo

Figura 17 – Anúncio publicado em 27/10/1978 na página 16 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1979 (para ingresso em 1980) – A Figura 18 mostra o anúncio publicado em 13/09/1979 na página 17 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura é citado mas não existe referência a número de vagas ou períodos em que o curso seria oferecido.

1870 1979

Há 109 anos o Mackenzie contribui para a grandeza de S. Paulo, na formação de seus melhores recursos humanos.

vestibular
MACK80

2.450 oportunidades para você ser mackenzista.

TECNICO CIENTIFICO: ENGENHARIA: Engenharia eletrônica • Física • Física II • Física III • Mecânica • Matemática • Química • **CIÊNCIAS:** Biologia • Física • Matemática • Química • **TECNOLOGIA:** Computação • **CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS:** Administração • Ciências Econômicas • Direito • Letras • Psicologia • **ARTES E COMUNICAÇÃO:** Arquitetura • Comunicação Visual • Design Industrial • Artes Plásticas.

INSCRIÇÕES:
Dias 18 a 21/09/79 - Setor de Artes e Comunicação
Dias 24 a 28/09/79 - Setor de Ciências Humanas e Sociais
Dias 01 a 03/10/79 - Setor Técnico Científico - Ciências e Tecnologia
Dias 04 a 12/10/79 - Setor Técnico Científico - Engenharia
De 2ª a 6ª feira, das 9:00 às 20:00 horas

UNIVERSIDADE
MACKENZIE
uma opção de vida
Rua Itambé, 45 - Higienópolis - S. Paulo

Figura 18 – Anúncio publicado em 13/09/1979 na página 17 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1980 (para ingresso em 1981) – A Figura 19 mostra o anúncio publicado em 24/09/1980 na página 15 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura com 100 vagas no período diurno e mais 100 vagas no período noturno.

UNIVERSIDADE MACKENZIE **M** vestibular 1981

3050 VAGAS • EDITAL

A Comissão Especial do Concurso Vestibular da Universidade Mackenzie faz saber que as INSCRIÇÕES para o Concurso Vestibular de 1.981 estarão abertas de

29 DE SETEMBRO A 17 DE OUTUBRO DE 1.980

de segunda a sexta-feira, das 9 às 20 horas, à rua Itambê, 45 Higienópolis-S. Paulo e obedecerão à seguinte ordem:

dias 29/9 - Setor de ARTES E COMUNICAÇÃO (A e B)
a 01/10/80

dias 02 a 07/10/80 - Setor de CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

dias 08 a 10/10/80 - Setor TÉCNICO CIENTÍFICO (B)

dias 13 a 17/10/80 - Setor TÉCNICO CIENTÍFICO (A)

Estarão em Concurso 3.050 vagas assim distribuídas:

SETOR TÉCNICO CIENTÍFICO (A) ENGENHARIA	VAGAS	• Hab/Biologia	VAGAS
• Elétrica		• Hab/Biologia	noturno 50
• Eletrônica diurno	50	• Física	vesper. 50
• Elétrica		• Química	vesper. 50
• Eletrotécnica diurno	50	• Química	noturno 50
• Civil diurno	300	• Matemática	vesper. 50
• Mecânica diurno	100	TECNOLOGIA	
• Metalúrgica diurno	50	• Processamento de Dados	vesper. 100
• Química diurno	50	• Processamento de Dados	noturno 100
(B) CIÊNCIAS		• Elétrica	noturno 150
• Hab/Biologia	vesper. 50		

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	VAGAS	• Pedagogia	VAGAS
• Administração matut.	150	• Pedagogia	vesper. 100
• Administração noturno	180	SETOR DE ARTES E COMUNICAÇÃO "A"	
• Ciências Econômicas matut.	150	• Arquitetura diurno	100
• Ciências Econômicas noturno	150	• Arquitetura noturno	100
• Ciências Contábeis noturno	50	SETOR DE ARTES E COMUNICAÇÃO "B"	
• Direito matut.	180	• Comunicação Visual	vesper. 50
• Direito vesper.	70	• Desenho Industrial	vesper. 100
• Direito noturno	200	• Educação Artística	
• Letras matut.	50	• Artes Plásticas	vesper. 30
• Letras vesper.	140		

TAXA DE INSCRIÇÃO: CR\$ 860,00

Na opção Arquitetura, para a prova de Habilidade Específica, adicional de CR\$ 230,00 a ser recolhido entre os dias 26/12/80 e 12/01/81.

Todos os demais promotores, bem como as normas que regerão o CONCURSO VESTIBULAR, constam no Manual de Instruções e Informações.

Rua Itambê, 45 - Higienópolis - São Paulo.

São Paulo, 16 de setembro de 1980
A COMISSÃO

Figura 19 – Anúncio publicado em 24/09/1980 na página 15 do jornal “O Estado de São Paulo”
Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1981 (para ingresso em 1982) – A Figura 20 mostra o anúncio publicado em 13/09/1981 na página 40 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura aparece com 100 vagas no período diurno (matutino) e mais 100 vagas no período noturno.

Edital VESTIBULAR MACKENZIE -1982

3050 vagas

A Comissão Especial do Concurso Vestibular Mackenzie faz saber que as inscrições ao Vestibular 1982 estarão abertas nas seguintes datas:

- 1. SETOR DE ARTES E COMUNICAÇÃO - 14 a 16.09.81**

	VAGAS	PERÍODO
Arquitetura	100 e 100	Matutino e Noturno
Comunicação Visual	50	Vespertino
Desenho Industrial	100	Vespertino
Ed. Artística: Artes Plásticas	30	Vespertino
- 2. SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS — 17 a 22.09.81**

	VAGAS	PERÍODO
Administração	150 e 180	Matutino e Noturno
Economia	150 e 150	Matutino e Noturno
Ciências Contábeis	50	Noturno
Direito	180, 70 e 200	Mat., Vesp., e Not.
Letras: Port./Inglês	50, 50 e 40	Mat., Vesp., e Not.
Pedagogia	100	Vespertino
- 3. SETOR TÉCNICO-CIENTÍFICO "B" — 23 a 25.09.81**

	VAGAS	PERÍODO
Processamento de Dados	150 e 100	Vespertino e Noturno
Curso Sup. de Tecnologia Elétrica	50	Noturno
Física	50	Vespertino
Matemática	50	Vespertino
Ciências: Biologia	50 e 50	Vespertino e Noturno
Química	50 e 50	Vespertino e Noturno
- 4. SETOR TÉCNICO-CIENTÍFICO "A" — 28.09.81 a 02.10.81**

	VAGAS	PERÍODO
Engenharia Civil	300	Diurno
Engenharia Eletrônica	50	Diurno
Engenharia Eletrotécnica	50	Diurno
Engenharia Mecânica	100	Diurno
Engenharia Metalúrgica	50	Diurno
Engenharia Química	50	Diurno

HORÁRIO: De segunda à sexta-feira, das 09:00 às 20:00 horas.
LOCAL: Rua Itambé, 45 — São Paulo
DATAS DOS EXAMES: 1ª ETAPA: 11.12.81 às 13:00 horas.
 2ª ETAPA: de 11 a 15.01.82 às 14:00 horas.

Figura 20 – Anúncio publicado em 13/09/1981 na página 40 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1982 (para ingresso em 1983) – A Figura 21 mostra o anúncio publicado em 22/08/1981 na página 12 do jornal “O Estado de São Paulo”. O curso de arquitetura com 100 vagas no período diurno e mais 100 vagas no período noturno.

Edital VESTIBULAR MACKENZIE -1983

3050 vagas

A Comissão Especial do Concurso Vestibular Mackenzie faz saber que as inscrições ao Vestibular 1983 estarão abertas nas seguintes datas:

1. SETOR DE ARTES E COMUNICAÇÃO - 13 a 15.09.82

	VAGAS	PERÍODO
Arquitetura.....	100 e 100	Matutino e Noturno
Comunicação Visual.....	50	Vespertino
Desenho Industrial.....	100	Vespertino
Ed. Artística: Artes Plásticas.....	30	Vespertino

2. SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - 15 a 21.09.82

	VAGAS	PERÍODO
Administração.....	150 e 180	Matutino e Noturno
Economia.....	150 e 150	Matutino e Noturno
Ciências Contábeis.....	50	Noturno
Direito.....	180, 70 e 200	Mat., Vesp., e Not.
Letras: Port./Inglês.....	50, 50 e 40	Mat., Vesp., e Not.
Pedagogia.....	100	Vespertino

3. SETOR TÉCNICO-CIENTÍFICO "B" - 22 a 24.09.82

	VAGAS	PERÍODO
Processamento de Dados.....	150 e 100	Vespertino e Noturno
Curso Sup. de Tecnologia Elétrica.....	150	Noturno
Física.....	50	Vespertino
Matemática.....	50	Vespertino
Ciências: Biologia.....	50 e 50	Vespertino e Noturno
Química.....	50 e 50	Vespertino e Noturno

4. SETOR TÉCNICO-CIENTÍFICO "A" - 27.09.82 a 01.10.82

	VAGAS	PERÍODO
Engenharia Civil.....	300	Diurno
Engenharia Eletrônica.....	50	Diurno
Engenharia Eletrotécnica.....	50	Diurno
Engenharia Mecânica.....	100	Diurno
Engenharia Metalúrgica.....	50	Diurno
Engenharia Química.....	50	Diurno

HORÁRIO: De segunda a sexta-feira, das 09:00 às 20:00.
LOCAL: Rua Itambé, 45 - São Paulo.
DATAS DOS EXAMES: 1.ª ETAPA: 15.12.82 às 13:00 horas
 2.ª ETAPA: 19 e 20.01.83 às 13:00 horas
HABILIDADE ESPECÍFICA (ARQUITETURA):
 21.01.83, às 13:00 horas

Todos os demais pormenores, bem como as normas que regerão o Concurso Vestibular, constam no Manual de Informações.

Figura 21 – Anúncio publicado em 22/08/1981 na página 12 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

Vestibular de 1983 (para ingresso em 1984) – A Figura 22 mostra o anúncio publicado em 28/09/1983 na página 10 do jornal “O Estado de São Paulo”. Informa apenas que as inscrições para o vestibular estão abertas, mas não especifica os cursos ou número de vagas.

Figura 22 – Anúncio publicado em 28/09/1983 na página 10 do jornal “O Estado de São Paulo”

Fonte: Jornal “O Estado de São Paulo” tal como citado (vide texto)

De 1984 até 1986 não foram encontrados mais anúncios publicados pelo Mackenzie sobre seu vestibular nos jornais “O Estado de São Paulo” e “Folha de São Paulo”.

Apêndice D – Busca de informações sobre os formandos

Depois que foram processador e compilados os resultados obtidos na análise da documentação fornecida pela secretaria da Universidade Mackenzie, foi preciso procurar informações sobre os formandos em outras fontes de dados, a saber:

- Empresa “Convivium” (www.convivium.com.br)
- Site “Mackenzista” (www.mackenzista.com.br)
- Site “Fórum da Construção” (www.forumdaconstrucao.com.br)
- Lista telefônica
- Redes Sociais – Facebook, Orkut, Twitter.
- Buscadores na Internet (Google e Bing)

O procedimento adotado foi o seguinte: a partir da listagem dos formandos levantada na lista de colação de grau, seguindo a ordem alfabética, cada nome era pesquisado em cada uma das fontes acima e os dados obtidos iam sendo lançados no banco de dados. Caso não fosse encontrado algum dado novo este fato era registrado no banco de dados, como elemento de pesquisa e para haver controle do trabalho que estava sendo feito.

Os resultados das buscas em cada uma dessas fontes estão descritas a seguir:

▪ Empresa Convivium

A empresa Convivium Eventos e Promoções localiza-se na Rua Groenlândia nº 257, bairro Jardim América, São Paulo, SP, CEP: 01434-000, telefone (11) 3885-1294, site **www.convivium.com.br**. A citada empresa é especializada em promover encontros de ex-alunos das escolas do Estado de São Paulo, e com este intuito promoveu em 18 de junho de 2010 no Golden Tulip Park Hotel (Alameda Lorena, 360 – São Paulo – SP) uma reunião dos ex-alunos da turma de 1981 da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie. No dia 17 de junho de 2010 enviou um email a to-

dos os ex-alunos, inclusive este pesquisador, confirmando a data e local bem como fornecendo informações sobre a participação dos interessados. Este email foi mandado com cópia para os ex-alunos contatados desta turma já contatados pela empresa e que haviam confirmado presença no evento.

Nos dias 28/02/2012 e 13/03/2012 A empresa Convivium foi contatada por email e por telefone, mas não houve resposta. Foi tentado novo contato via telefone em 14/09/2012, mas a pessoa que atendeu à ligação (e que não quis identificar-se) informou que não poderiam fornecer as listas de formandos e nem as fontes que utilizavam para obter os nomes dos ex-alunos.

Devido ao fracasso nos contatos não foi possível saber a origem da listagem de formandos que a empresa utilizou. Mas isso em nada afetou essa pesquisa, porque foi constatado que todos os nomes que constavam no citado email já estavam presentes na listagem que havia sido construída a partir da cópia do livro colação de grau fornecida pela secretaria do Instituto Presbiteriano Mackenzie.

▪ Sítio “Mackenzista”

O sítio Mackenzista (www.mackenzista.com.br) é administrado pela Associação dos Ex-Alunos do Mackenzie. A intenção desta iniciativa é incentivar a integração entre os ex-alunos da instituição, divulgar suas atividades e servir de repositório de informações sobre a instituição, seus alunos e a sociedade. Para o que interessa a essa pesquisa, o sítio oferece a área “Para sempre Mackenzista” onde está a página “Procure seu amigo” (vide Figura 23 reproduzida abaixo).

Figura 23 – Tela “Procure seu amigo” do site mackenzista.com.br

Fonte: capturada pelo autor desta pesquisa no site mackenzista.com.br (vide texto)

Nesta mesma tela “Procure seu amigo”, depois de fornecido a identificação (“login”) e a senha do ex-aluno, chega-se à tela mostrada na Figura 24, onde aparecem todos os estados do Brasil.

Figura 24 – Tela do site Mackenzista para localizar os ex-alunos em cada estado brasileiro

Fonte: capturada pelo autor desta pesquisa no site mackenzista.com.br (vide texto)

Ao clicar em um dos estados surge a tela mostrada na Figura 25 (vide a seguir), que consiste numa listagem dos ex-alunos do curso selecionado, contendo além do nome o ano de entrada e saída (conclusão do curso) na instituição.

The screenshot shows the Mackenzista website interface. At the top, there's a banner with the text "Para Sempre Mackenzista". Below it, a navigation bar includes the date "Segunda-feira, 13 de maio de 2013", a "Webmail" link, a search bar, and login fields. The main content area is titled "> Procure seu amigo". It features a search form with "Nome do curso" set to "Arquitetura e Urbanismo" and "Estado" set to "SP". A button labeled "ENVIAR" is visible. Below the form, it states "Foram encontrados 7541 Mackenzistas." and displays a table of results.

Nome	Curso	Entrada	Saída	Atualizado	Email
Accacio Gomes De Mello Junior	Arquitetura e Urbanismo	1999			Não
Adair Alves Do Nascimento Filho	Arquitetura e Urbanismo	1999			Sim
Adelina Hee Yung Oh	Arquitetura E Urbanismo	1992	1998	Sim	Sim
Adelino F Dos Santos Neto	Arquitetura e Urbanismo	1985		Não	Não
Ademir Camargo Mencacci Junior	Arquitetura e Urbanismo	1997		Não	Não
Adilson Jose Da Silva	Arquitetura E Urbanismo	1983	1988	Sim	Sim
Adilson Yasuo Ueno	Arquitetura e Urbanismo	1988	1993	Não	Não
Adilson Katsuyasu Aoki	Arquitetura e Urbanismo	1996	2001	Sim	Sim
Adolfo Aleixo Da Silva Junior	Arquitetura e Urbanismo	1987	1992	Sim	Não
Adriana Bueno Dequech	Arquitetura e Urbanismo	1989		Não	Não
Adriana Salzano Masini	Arquitetura e Urbanismo	1985		Não	Não
Adriana Maximiani	Arquitetura e Urbanismo	1984		Não	Não
Adriana B C Waltenberg De Faro	Arquitetura e Urbanismo	1984		Não	Não
Adriana Beatriz Madeira	Arquitetura e Urbanismo	1983		Não	Não
Adriana Gomes Coelho	Arquitetura e Urbanismo	1984		Não	Não
Adriana Giannetti	Arquitetura e Urbanismo	1985		Não	Não

On the right side of the page, there is a sidebar with links: "Cadastre-se e Atualize-se", "Para Sempre Mackenzista", "Área Exclusiva", "Notícias", "Mackenzistas", "Entretenimento", "Vídeo", "Anuncie sua vaga", "Pós-Graduação Mackenzie", "Leia Revista Mackenzie", "Sua Faculdade", "Galeria de Fotos", "Esportes", "Mackenzista é Matéria", and "Home".

Figura 25 – Resultado da busca no site mackenzista.com.br pelos formandos em Arquitetura e Urbanismo que residem em São Paulo (pesquisa feita em 13/05/2013)

Fonte: capturada pelo autor desta pesquisa no site mackenzista.com.br (vide texto)

Como o resultado era fornecido apenas com separação por estado da federação, não havendo um resultado global, foi preciso efetuar a busca estado por estado. Os resultados obtidos no dia 03/06/2012 foram os apresentados na Tabela 23:

Tabela 23 – Quantidade de formados conforme site mackenzista.com.br

Estado	Sigla	Quant. de arquitetos
Amapá	AP	Nenhum
Acre	AC	Nenhum
Alagoas	AL	3
Amazonas	AM	1
Bahia	BA	Nenhum
Ceará	CE	3
Espírito Santo	ES	2

Goiás	GO	2
Maranhão	MA	2
Mato Grosso	MT	3
Mato Grosso do Sul	MS	1
Minas Gerais	MG	20
Pará	PA	Nenhum
Paraíba	PB	Nenhum
Paraná	PR	6
Pernambuco	PE	Nenhum
Piauí	PI	Nenhum
Roraima	RR	Nenhum
Rio de Janeiro	RJ	16
Rio Grande do Norte	RN	Nenhum
Rio Grande do Sul	RS	1
São Paulo	SP	7.541
Santa Catarina	SC	6
Sergipe	SE	Nenhum
Tocantins	TO	4
TOTAL		7.614

Fonte: contagem feita pelo autor a partir dos dados no site supra citado.

Portanto, no site **mackenzista.com.br** foram descobertos 7.614 ex-alunos do Mackenzie do curso de Arquitetura e Urbanismo, mas nem todos estes fazem parte do universo objeto da presente pesquisa, pois a essa interessa apenas os que colaram grau entre 1980 e 1985. Apesar disto, todos os profissionais extraídos do site **mackenzista.com.br** foram inseridos no banco de dados montado para a presente pesquisa, juntamente com todas as informações a respeito dos mesmos que foi possível extrair dali, ou seja, as datas de entrada e saída do curso de arquitetura.

Para inserir os dados capturados foi usado o seguinte processo: para cada estado brasileiro foi gerada a lista de profissionais na tela do computador. Em seguida esta lista era copiada e colada em uma planilha no formato do Microsoft Excel contendo, portanto, o nome, a data de entrada no curso e a data de conclusão. Esta planilha foi salva no formato CSV (“Comma-Separated Values”, ou seja, “Valores Separados por Vírgulas”) que consiste em uma listagem em modo texto, contendo os campos (no caso, nome e datas) separados por uma vírgula e os valores delimitados por aspas.

Foi feito um programa na linguagem PHP que rodava dentro do servidor onde estava hospedado o banco de dados desta pesquisa. Este programa em PHP funcionava da seguinte forma: ia lendo linha por linha o arquivo CSV gerado pelo Excel e a partir desta linha descobria o nome e as datas de entrada no curso e colação de grau do profissional. O programa verificava se aquele nome já constava no banco de dados e daí decidia o que fazer: caso positivo, atualizava as datas de entrada e saída do curso; se o nome ainda não constasse no banco de dados então o ex-aluno era cadastrado. Paralelamente, o programa em PHP informava na tela do computador quais nomes estavam sendo inseridos e quais estavam apenas sendo conferidos e analisados. O resultado foi que o banco de dados da pesquisa estava mais atualizado e completo do que o do site **mackenzista.com.br**, pois já continha todos os profissionais cadastrados no referido site já estavam cadastrados, juntamente com outros ainda não presentes no site Mackenzista.

De toda esta operação restou, portanto, a confirmação da exatidão da pesquisa feita até então, e também resultou em um banco de dados mais amplo, contendo mais profissionais além do universo aqui pesquisado, que poderão eventualmente ser utilizados em pesquisas futuras.

Para Sempre Mackenzista

Terça-feira, 14 de maio de 2013 Webmail Busca: login: senha:

> **Procure seu amigo**

Para: Ibere Moreira Campos
De: Ibere Moreira Campos
Assunto: Teste site mackenzista

Parágrafo Fonte Tam Cor Fundo

Prezado colega Mackenzista,

Gostaria de convidá-lo a participar da pesquisa de mestrado que estou desenvolvendo para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

O objeto da pesquisa é a turma de arquitetos formados no Mackenzie no início da década de 80, na qual o colega também faz parte.

ENVIAR

← Voltar

Tel: 55 11 3236 8862/8863/ 8103/ 8778 - Fax: 3214 2995 e-mail mackenzista@mackenzie.com.br
© 2003 Instituto Presbiteriano Mackenzie

Figura 26 – Formulário do site mackenzista.com.br para fazer contato entre dois ex-alunos

Fonte: capturada pelo autor desta pesquisa no site mackenzista.com.br (vide texto)

Outro recurso do site **mackenzista.com.br** que foi usado nesta pesquisa é a página “Procure seu amigo”. Consiste num formulário para fazer contato entre dois ex-alunos, tal como mostrado na Figura 26. Este recurso não informa o endereço de email do ex-aluno para o qual se deseja mandar a mensagem e por isso não permite conhecer o email do destinatário de imediato, mas mesmo assim será usado nas futuras etapas desta pesquisa, com o intuito de fazer contato com os profissionais cujo paradeiro ainda não tenha sido descoberto, de maneira a completar a quantidade de profissionais que precisam responder ao questionário para que a pesquisa tenha um valor estatístico que seja o maior possível.

▪ **Site “Fórum da Construção”**

O sítio “Fórum da Construção” (**www.forumdaconstrucao.com.br**) é uma das iniciativas do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento da Arquitetura (IBDA), que é uma OSCIP²⁷ cuja missão é “levar o conhecimento da arquitetura e das modernas técnicas de projeto, construção e design ao maior número de pessoas”. A sede da organização fica na Rua Barão de Penedo, 137, bairro Água Rasa, São Paulo (SP), telefone (11) 2605-5383.

O site denominado “Fórum da Construção” é a ferramenta usada pelo IBDA para atingir seus objetivos, que é distribuir para a população em geral conhecimentos técnicos detidos, em especial, pelos engenheiros e arquitetos, e para tanto oferece centenas de artigos que podem ser usados livremente por quem assim o desejar. Além do sítio, o IBDA publica semanalmente uma correspondência via email (“newsletter”) contendo um resumo dos últimos artigos publicados assim como notícias da área da arquitetura e engenharia. Para receber esta correspondência via email os interessados devem cadastrar-se no site e informar (entre outras coisas) nome, profissão, email, cidade em que trabalha e áreas do conhecimento em que tem interesse. Com isso o ca-

²⁷ OSCIP é abreviação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. É um tipo de Organização Não Governamental (ONG) criada pela iniciativa privada, tal como estabelecido pela Lei nº 9.790/99 e regulamentado pelo Decreto nº 3.100/99. Fonte: site do Ministério da Justiça do Governo Federal em <http://portal.mj.gov.br/> (acessado em 13/05/2013)

cadastro do Fórum da Construção havia atingido a marca de 47.727 profissionais cadastrados em outubro de 2013.

Dentre este universo de profissionais cadastrados foram selecionados só os que se identificaram como arquitetos, e dentre destes foram pesquisados os nomes dos formandos que haviam sido cadastrados na etapa 1 dessa pesquisa. Com isso, até abril de 2012 foi possível localizar 63 formandos, juntamente com seus endereços de email, que foram contatados para convidá-los a participar desta pesquisa.

▪ Lista telefônica

Até abril de 2012 havia sido usado para a pesquisa apenas o site Telelistas, pois a Vivo (antiga Telefonica) e a Embratel ainda não haviam liberado publicamente a consulta à sua base de assinantes. Os resultados obtidos até o presente momento estão a seguir:

Telelistas (www.telelistas.net) – Este site é operado pela empresa Telelistas.net, que desde 1994 editava as listas telefônicas da cidade do Rio de Janeiro (RJ) até que, em 1997, com a privatização das telecomunicações no Brasil, expandiu a cobertura para todo o Brasil, criando seu portal na internet para permitir a busca de empresas, serviços, produtos e pessoas²⁸, com foco no endereço e números de telefone registrados em nome da pessoa procurada. Todos os profissionais presentes até março de 2012 no cadastro usado para a presente pesquisa foram procurados no site telelistas.net. Isso resultou na localização de 63 números de telefone.

Vivo (antiga Telefonica) – Enquanto a pesquisa estava sendo feita, no primeiro semestre de 2012, a Vivo ainda não havia disponibilizado em seu site a busca dos telefones de seus assinantes. Agora este serviço está disponível na página de “Auxílio à lista” que será utilizada nas próximas etapas desta pesquisa, em busca de mais telefones de contato dos profissionais pesquisados.

Embratel (inclui Net e Claro) – Tal como aconteceu no caso da Vivo, enquanto a pesquisa estava sendo feita a Embratel ainda não havia tornado pública os telefones de seus assinantes. Este fato impossibilitou uma busca em outras operadoras,

²⁸ Fonte: portal de internet da empresa, na página <http://www.telelistas.net/templates/aempresa.aspx> (acessada em 13/05/2013)

uma vez que a Embratel do Brasil controla ou fornece a infra-estrutura para diversas empresas de telefonia fixa e móvel, a saber: Claro, Net Serviços (Net Virtua), EG, GB, Primesys, Telmex do Brasil, Star e Brasil Center²⁹.

▪ Redes Sociais

A partir do banco de dados da pesquisa e já com as verificações aqui descritas (sites **mackenzista.com.br**, **www.forumdaconstrucao.com.br** e **telelistas.net**) procurou-se estabelecer contato com os profissionais utilizando as seguintes redes sociais:

- Facebook – **www.facebook.com**
- Orkut – **www.orkut.com**
- LinkedIn – **www.linkedin.com**

Somando-se os resultados em todas as redes foram encontrados 20 profissionais dentro de um universo pesquisado de 1.117 (1,8%). No entanto, nenhum dos profissionais encontrados respondeu à solicitação de contato feita pela pesquisa, tornando desta forma irrelevante o resultado dessa busca nas redes sociais.

▪ Buscadores na Internet

Assim como foi feito nas redes sociais, todos os formandos que fazem parte do universo da presente pesquisa foram procurados também nos sites de busca Google (**www.google.com.br**) e Bing (**www.bing.com.br**) tentando obter contato para convidá-los a participar desta pesquisa. Os resultados mostraram-se similares aos obtidos nas redes sociais, ou seja, os profissionais que foram encontrados nas redes sociais também estavam nos buscadores e vice-versa, e nenhum deles aceitou o convite para participar da pesquisa.

▪ Conclusões tiradas das buscas e verificações

As buscas e verificações feitas até o dia 16/05/2014 determinaram que 1.117 arquitetos colaram grau no período pesquisado, arquitetos esses que passam a constituir o universo desta pesquisa. Destes, foram localizados 94 telefones (8,4%), 75

²⁹ Fonte: portal de internet da empresa Embratel Participações na página “Embratel – dados cadastrais” localizada em http://www.embratel.com.br/Embratel02/cda/portal/0,2997,RI_P_1059,00.html (acessada em 13/05/2013)

e-mails (6,7%) e 24 sites (2,1%). A Tabela 24 (a seguir) traz um resumo dos dados que foram levantados e consolidados.

Tabela 24 – Quantidade de profissionais localizados (até 16/05/2014)

Resultados da pesquisa de arquitetos formados no Mackenzie entre 1980 a 1985				
Total de Mackenzistas cadastrados	8.391	Com fone	Com email	Com site
Formandos em 1980	177	7 (4%)	9 (5,1%)	2 (1,1%)
Formandos em 1981	196	23 (11,7%)	23 (11,7%)	3 (1,5%)
Formandos em 1982	172	2 (1,2%)	3 (1,7%)	1 (0,6%)
Formandos em 1983	241	6 (2,5%)	13 (5,4%)	2 (0,8%)
Formandos em 1984	177	23 (13%)	8 (4,5%)	6 (3,4%)
Formandos em 1985	154	33 (21,4%)	19 (12,3%)	10 (6,5%)
Total de formandos de 1980 a 1985	1.117	94 (8,4%)	75 (6,7%)	24 (2,1%)

Fonte: dados coletados por esta pesquisa

Apêndice E – Entrevista com o Arq. Prof. Hoover Américo Sampaio

O Arq. Prof. Hoover Américo Sampaio nasceu em 1931 e em 1950 iniciou seu curso na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, tendo colado grau em 1954. Em 1959 começou a ministrar aulas no Mackenzie, como professor de projeto, cargo onde permanecia inclusive até a data desta entrevista³⁰. Durante os anos de 1983 a 1986 foi diretor da Faculdade de Arquitetura do Mackenzie e, desta forma, sua trajetória profissional confunde-se e mescla-se com a da própria instituição, sendo testemunha viva da história do Mackenzie.

Esta entrevista foi concedida em 23/04/2013 ao autor deste trabalho, na residência do Prof. Hoover, no bairro do Morumbi em São Paulo, tendo sido gravada e transcrita para efeito dessa pesquisa. A gravação tem 1:11:54 hs e está disponível em formato MP3.

▪ **O que eu queria conhecer com o senhor é a história do curso noturno, porque ele foi criado, coisas assim...**

Olha, ele foi criado, que eu me lembre, na diretoria do Torres... Esqueci o nome dele agora, completo... É aquele que tinha a banda de música... E depois dele, acho que veio o Kneese... E depois vim eu. Eu cheguei a dar aula no noturno. Quando eu fui para a diretoria, que foi em 84, 85, e 86, existia o noturno, e depois, a conversa da Aurora, da reitora, com o Sidney, é que resolveram mudar para a tarde. Isso eu tenho certeza, porque até foi objeto de crítica naquela época, porque tirar o noturno e mudar para a tarde, vem só as meninas que não entraram no vestibular de manhã, e o noturno servia para quem trabalhava o tempo todo, desenhistas e tudo, quer dizer,

³⁰ Dados do Currículo Lattes em <http://lattes.cnpq.br/0815261298434128> (página acessada em 19/05/2013)

como função social o noturno era muito melhor que o da tarde. Então, houve uma criticazinha dessa mas estava feito, acabou-se, não tinha problema.

▪ **Pela sua lembrança, então, o noturno foi até... 86?**

É, eu acho que é. Quando eu saí, foi uma conversa entre a Aurora e o Sidney. Eu acho que tinha aí uma segunda intenção de colocar aí aquele curso de Comunicação e Artes, o que foi feito também na mesma época. Quem decidia lá era por cima, nós não temos muita informação. A gente sempre resistia, para que fazer curso noturno, só para encher mais de gente, estão querendo ganhar mais... coisa desse tipo assim, né? Mas... depois começamos a ver que valia ter o curso noturno para o grupo que estudava lá, até tinha algumas pessoas que nem poderiam estar lá, de tão simples que eram, na vivência da cidade e tal. Eu me lembro que tinha uma mocinha que era caixa de banco, e tudo o que você conversava com ela, sobre um projeto, uma coisa assim, ela não sabia a função de sala de estar, sabe... Devia morar num... quase que em favela... não digo que seja em favela, mas não tinha uma vivência de vida. Então, nesse sentido, o curso era meio pobre, do ponto de vista dos alunos [que o freqüentavam]. Você tinha que carregar mais as pessoas.

▪ **Por outro lado, não tinha gente que já trabalhava na área... [e que devia ter mais experiência?]**

Tinha, também. Uma parcela... Agora... Tinha outros muito mais responsáveis... Eles foram trabalhar para pegar o diploma mesmo, porque precisavam, então, tinha outro grupo de pessoas... Então, a diferença era mais gritante no noturno, inclusive, não sei se isso interessa, mas naquela época, não sei te dizer exatamente quando, que o Maluf esteve na prefeitura e fez o minhocão. Foi por aí. E um dos trabalhos que eu fiz à noite - eu dava aula no quarto ano - era como é que vamos arrumar as duas laterais da Amaral Gurgel. E foi o trabalho de um semestre, foi fazer aquilo, e não tinha tantos prédios, quer dizer, acho que construíram mais uns dois, porque, também, ele prejudicou um pouco ali, mas comecei a pensar que foi uma das coisas que, modéstia à parte, fui eu que comecei a introduzir lá [no Mackenzie] era o projeto dentro de um problema urbano. Um problema urbano era esse, ele entrou ali, o que é que vai acontecer, vamos afastar mais, vamos derrubar tudo, o que é que acontece, como é que vamos discutir. Então, começou por aí. E, mais tarde, eu não sei lhe dizer agora quando, mas foi quando entrou o Caldana. O Caldana e o Telésforo. Voltou, veio dar aula.

Como professor... Ele voltou, e os dois vieram trabalhar comigo. E foi a primeira experiência com isso, que eu estava com isso na cabeça... E... apareceu também no noturno isso... Não, aí ficou também só para de manhã e de tarde, né.

Nós temos uma porção de áreas mortas na cidade, e geralmente próximas de pontos de riqueza, de trabalho. Você pega o Pinheiros velho ali, ao lado da Faria Lima, naquela época, né... e assim por diante. O primeiro que eu fiz com eles foi aquela faixa que fica entre a São João e a Rua das Palmeiras, da Praça Marechal Deodoro até o Largo do Arouche, não existia Metrô, nada, mas o minhocão estava lá. E ali era um lixo, uma porção de galpões fechados, e cortiços e coisa, o que é que nós vamos fazer aqui, que possa fazer uma situação diferente. E essa situação diferente, que eu dizia, é um processo urbano que não vai ser só botar prédio de apartamentos, um ao lado do outro, como é que vamos explorar bem esse térreo, criar mais verde e coisa, e uma população que deve vir morar aqui, e que não é rica... O rico deve estar morando lá em Higienópolis, a coisa aqui tem que ser para uma classe que trabalhe no centro, e que hoje está andando uma hora, duas horas, na condução para vir trabalhar, quando, se morar aqui, pode vir a pé até o centro. E daí começou a aparecer esse termo, “desenho urbano”, com essa coisa aí.

Eu me lembro que o Caldana se entusiasmou... os dois, eu também estava entusiasmado... porque houve uma receptividade boa, muitos não entendiam bem a coisa, mas formamos um programa, um plano, para tudo aquilo lá, depois de um ano, não, de um semestre de trabalho. Eu me lembro que o Caldana veio da FAU [USP] e ele conhecia muita gente, os colegas dele e tal, e ele começou a contar isso... Ah, porque lá no Mackenzie nós estamos fazendo um desenho urbano muito bacana... porque ninguém fazia isso, ou era planejamento, ou era projeto... e eu é que... fazemos as duas coisas.

Uns tempos depois, o Paulinho recebeu aquele colar de comenda do IAB, foi bem antes do Pritzker, né... Paulo Mendes da Rocha. Por coincidência, em nem sabia... eu sabia que ele tinha ganho, mas não sabia quando iam entregar nem nada... quando entregaram, entregaram num auditório que tinha na Bienal, e foi justamente num dia em que eu estava lá com a minha mulher, visitando, vendo lá, e começou a sair gente, uma porção de arquitetos conhecidos de lá, então eu falei, puxa, é o Pauli-

nho, eu vou cumprimentar o Paulinho... Então, quando ele saiu – ele estava de bom humor naquele dia, né – ele falou “Oh, Hoover, como vai e coisa, e parabéns”, e ele me disse “é, eu sei que você está trabalhando muito”. E eu pensei comigo... Puxa, naquela época eu já estava com essas brigas, com essas coisas de arranjos de projeto, essa coisa toda, né... e o meu escritório estava sendo empurrado, talvez houvesse até crise, eu não me lembro agora. Depois que vim a perceber que eu estava trabalhando muito era no Mackenzie, era em organizar essa coisa aí... que depois foi para adiante. Morreu, agora, por motivos, que agora, aqui, não interessa... mas começou aí e o primeiro, essa história do minhocão foi no noturno, eu não me lembro de ter feito isso de manhã.

▪ **O senhor chegou a acompanhar o pessoal que se formou? O senhor chegou a ter contato com eles?**

Não cheguei, assim... Não. Alguns me procuraram, conversaram comigo, encontrei assim, e se não me engano tem algum lá que dá aula lá no Mackenzie... Então, esses aí, que eu tenho contato, mas não me lembro deles em sala de aula, pode ser até que não estivessem comigo, eram vários professores. Agora, quem comandava era eu. O titular de projeto de quarto ano era eu. Mas eu não sei lhe dizer, assim, dos que saíram, se saiu alguém assim com mais experiência de projeto... Pode ser que você citando a pessoa eu me lembre.

▪ **Esse é um dado de pesquisa que eu tenho. Nesses anos entre 80 a 85 se formaram 1117. Só que eu consegui localizar, até agora, 120. Os outros 900 e pouco não apareceram.**

É, muitos eram do interior, de outros estados... Muitos... Muitas se casaram...

▪ **Dos que eu consegui localizar, já falei mais ou menos com uns 40. Dos 40, só 20 se dispuseram a falar, 50%. Existem duas hipóteses possíveis: ou porque foram muito bem sucedidos e não querem contar o segredo para os colegas, ou porque foram muito mal sucedidos e têm vergonha de falar sobre eles.**

É, pode acontecer, de fato, né. Porque toda turma é assim. Até, eu me lembro que... Eu não sei quem foi que falou e nem sei se era daqui ou se era pensamento internacional, de algum arquiteto de fora, que... Em toda faculdade, você tem mais ou menos 10% que tem tendência para fazer aquilo e poderia, como é que se diz... O cur-

so é um acidente na vida dele, ele tem que fazer para tirar o diploma e trabalhar, mas ele já sabia e ele, sem diploma, ele seria também, ou um arquiteto ou um médico, o que fosse. E tem 10% que não deviam estar na faculdade, e 80%, que é o grosso, que você tem que empurrar com a barriga. E essa pode ser a massa que pode dar um certo valor para as coisas, aí fora. E que a gente não sabe onde é que foram dar. Porque os que são bons a gente sabe, A, B, C e D, né? Os outros você não sabe bem, mas eles é que estão carregando as diversas profissões, né?

▪ **A profissão do arquiteto é tão ampla, que é difícil você enquadrar...**

Bom, tem isso, porque tem um monte de arquiteto em designer, até moda feminina... tudo que tenha criatividade de desenho, de projeto. Tem uma turma muito grande. Se você for em prefeituras... Todas as prefeituras devem ter arquitetos trabalhando. Olha ,na minha turma, formou-se um que, com o irmão, abriu uma loja, uma fábrica de lustres. Quer dizer, serviu para ele, para desenhar alguns lustres, mas ele nunca trabalhou em arquitetura.

▪ **Aqui na minha pesquisa eu limito, considero que trabalha como arquiteto quem está em um das atividades listadas no ministério do trabalho como atividade de arquiteto. Se a pessoa montou uma imobiliária... A formação do arquiteto ajuda, mas eu não posso dizer que ele se tornou dono de imobiliária devido à faculdade de arquitetura.**

Eu acho que foi sim porque ele, tratando com parte imobiliária, tem uma visão boa da legislação de prefeitura, de uso e ocupação de solo e por aí afora, então ele sabe como explorar, nesse sentido. É melhor do que um fulano cru que não sabe de nada. Mas isso é... Sempre foi a menor parte, viu? Da minha turma de 60, acho que não tinha 20 [trabalhando] na área de arquitetura.

▪ **Quando o senhor fez a faculdade, eram quantos alunos na classe?**

Sessenta. Foi a primeira turma de 60. As duas anteriores eram de 30. E antes disso eram 15, 10... Porque já era quase naquela época do engenheiro-arquiteto, porque a faculdade de arquitetura foi criada em 47... eu entrei em 50... Quando eu entrei ainda se formaram engenheiros-arquitetos.

▪ **Que tinham entrado...**

Na engenharia, né, eu entrei em 50...

- **Certo, quem entrou em 45 na engenharia estava então a ponto de se formar como engenheiro-arquiteto...**

É, e o Mackenzie foi antes que a FAU...

- **Sim, porque isso foi em 47, quando foi criado o curso de arquitetura [do Mackenzie]. O da FAU foi em 48.**

Eu acho que começaram... O que eu acho que não tinha, porque tinha pouca gente, o que eles não tinham era o local [para poder dizer] “aqui É a faculdade de arquitetura”... Porque tinham aulas naqueles prédios da engenharia, lá aqueles antigos... mesmo lá no Mackenzie, no Chamberlain, né? A minha turma foi a primeira que... que inaugurou o Chamberlain como salas de aula, né? Porque era um pensionato... O Chamberlain é aquele de tijolinho, que chamam de “o castelinho”... Aquele ali era um pensionato. Foi lá... Até eu me formar e mais um pouco de tempo.

- **O prédio onde é a Arquitetura hoje foi feito quando?**

Ah, foi bem depois... Eu não sei lhe dizer... Eu não guardo datas, viu? Ali, naquele lugar, no sentido transversal... Porque o prédio, vamos supor... O longitudinal dele... Mas no transversal existiam três blocos pequenos, de dois pavimentos que... Na ponta mais próxima, para dentro, era dois andares do colegial, o do meio tinha o térreo de colegial, e o de cima o de secretariado, das moças. E o último, paralelo à Itambé, era só o secretariado, quer dizer, então tinha 3 andares de secretariado e 3 de colegial, e o pátio era entre os prédios, né?... O prédio da arquitetura englobou os 3 prédios e os 2 pátios.

- **Então, esses três prédios foram demolidos?**

Foram, para construir tudo lá. Enquanto eu... Eu fiz colegial... Eu fiz lá, fiz lá também. E só... Quando eu entrei é que eu fui estudar lá.... No Chamberlain... Porque eles acabaram com o pensionato...

- **Aquele prédio têm um estilo assim de anos 60, não? O de arquitetura?**

Não, o de arquitetura... É, pode ser sim, anos 60... 70... por aí. É, é um projeto do Hepp³¹, né? E... A fachada não foi completada... Ele tinha... Não sei se você

³¹ Adolf Franz Heep, arquiteto italiano que passou no Brasil parte da sua vida. Deu aulas de 1958 a 1965, na cadeira de Projetos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie. Fonte: Revista do Mackenzie nº 23 disponível em http://www.mackenzista.com.br/not_art/mack23_edifitalia.pdf (página acessada em 19/05/2013)

viu alguns projetos do Hepp, aí? Ele fecha tudo com elemento vazado... E deixa os retângulos das janelas, né? O prédio lá era assim, né? Do lado do jardim... Porque pega o nascente, norte, e... Até 3 e meia, por aí... Pega sol, né? Então, o jeito era botar, é...

▪ **Tem um lado que tem elemento vazado...**

É, do lado de cima, do jardim, que tem elemento vazado. Do lado contrário, são janelas, mas o caixilho tinha encaixe para 2 vidros com uma... Uma lâmina de lã de vidro dentro. Os caixilhos eram todos brancos, não era vidro transparente. Porque pega o sol da tarde que era quente, então a lã de vidro... Primeiro, difundia a luz, não entrava sol e tirava o calor. Isolava do calor. Depois, aquilo lá... começa o caixilho a enferrujar... Entra água, começou a apodrecer toda aquela lã de vidro, tiraram tudo e puseram vidro comum.

▪ **Inclusive, aquelas salas são bem quentes...**

São. Olha... Na administração... Não tem arquiteto. Esse é o problema, né? Porque a primeira parte que foi feita do prédio foi colocado o elemento vazado. Depois, a primeira coisa que eu pedi quando entrei para a diretoria... Eu disse: vamos acabar de pôr o elemento vazado aí, para completar a fachada, terminar o prédio... Disse não... Essa primeira, tá dando ninho de pomba, de passarinho... Nos elementos vazados... Nós vamos é tirar tudo. Eu falei, mas não é mais fácil espantar os passarinhos? Porque tem jeito, né? Mas não, tiraram e não puseram nada, e nós ficamos com aquelas cortinas pavorosas, que vive trocando, arrebatando, estragando...

▪ **Recentemente, fizeram uma reforma grande no prédio...**

Não, não fizeram... Fizeram alguma coisa... Ali em baixo, fizeram... Aumentaram laboratórios e coisas assim... A parte de cima ficou igual. Sim, mas reformaram pouco, e é uma das coisas que eu bato lá... Não lá dentro da faculdade, eu ia bater lá em cima, na... Em 97, eu acho, entrou um presidente novo lá, o Adonias, não sei se você ouviu falar neste fulano. Eu fui lá e disse, olha, a faculdade está assim, assim, assim, e a nossa faculdade é uma das melhores que existem, tem nome, e tal, mas logo, logo ela vai viver só do nome anterior, e não está fazendo nada, e fui batendo isso quando entrou o reitor anterior, aquele Manassés... eu não falei com ele, falei com o vice-reitor, porque ele não tinha chegado ainda, foi logo no começo, falei com ele a mesma coisa, muita gente... O prédio foi construído para 100 alunos, depois criaram o

noturno já deu 200, depois criaram outro [período] deu 300 alunos por dia.. Depois criaram o curso semestral, passou para 600! E no mesmo prédio, eu falei, isto está inchado lá, isso vai dar má reputação para a escola... E tal... E foi o que bateu aí, com o ministério...

▪ **Naquela época que o senhor estava lá, como diretor, eram 100 vagas...**

É, eram 100 vagas.

▪ **Eram 100 vagas no diurno, e 100 vagas no noturno?**

É. E que eu já achava que era muito. Olha, as coisas todas contribuem [para piorar o ensino], até os nossos alunos, né? Os alunos todos... Os brasileiros, vamos dizer assim, né? Porque quando ele [o prédio] foi feito eram as duas salas da ponta para aulas teóricas... E toda a faixa que dá para o jardim, para... pranchetas de desenho e tal. Laboratórios, seriam lá em baixo. E... as aulas teóricas nas duas pontas. Começou a ter muita gente, já não cabia tudo. E... fizemos experiências, porque a gente sempre mudava, querendo fazer alguma coisa diferente, e tudo... E numa delas resolvemos fazer ateliês de trabalho. Então, foram tiradas todas as paredes daquele centro, da face do jardim, e dividimos com painéis pendurados, formando grupos, e que formavam... Pensando em fazer um ateliê de primeiro a quinto ano. Um grupo que trabalhasse ali, o do primeiro está aprendendo com o do quinto...

▪ **Como era na França...**

É, nos Estados Unidos parece que também isso também, e tal. Primeira coisa que aconteceu: eles furavam aquele plástico. Porque estava bonito, né? Era plástico comum... esse plástico aqui, né, esse plástico aqui, lá tinha branco, amarelo, vermelho, formando um conjunto... Furava-se com cigarro. Antes disso... A idéia do Repp, no projeto, era que naquela saguão que ficava no meio, nos 3 andares, né, térreo, primeiro e segundo... Aquele saguão serviria para exposição de materiais. Já tínhamos conseguido até, acho que da Otis... Ela ia levar um elevador cortado pelo meio, para por lá. Não sei se foi a Tupy, uma dessas de tubulação de plástico, que fez 3 ou 4 painéis e já ficaram lá na parede. É... Logo depois começaram a roubar, cotovelos e tudo aquilo... Quer dizer, nós mesmos, brasileiros, é que avacalham com tudo...

É a história velha que se conta, né, do caipira que... veio a guerra, né, de 39 a 45, né, e... O Brasil entrou na guerra, a FEB e tal, e o caipira lá, no interior, disse, você não vai para a guerra, não vai se alistar? Eu não, não vou... Mas olhe, o Brasil

está entrando na guerra... Ele disse, mas não dá certo, não vou... Mas e se os alemães vierem para cá, e tomarem conta disso tudo aqui, e você ficar escravo de alemães? Ele falou, aí, nós avacalha com eles... E é isso, não nada que consiga subsistir.

Então, vou contar outra por que... isso me marcou muito. Eu passei a ser [considerado] reacionário, contra a revolução, contra tudo... Porque? Quando estava Jango ainda lá no governo, e isso eu conto aí também [no livro que estou escrevendo] ele... Tinha um professor, lá da sala dos professores, e dizendo que agora, com o governo socialista do Jango, vai melhorar tudo, o Brasil vai melhorar, que não sei o que e tal... Eu ouvi a conversa e falei, olha, não vai dar certo... Vocês podem ficar sossegado... Tive o cuidado de falar... dois de cada lado, eu falei... Vocês podem trazer o Mao Tse Tung, o Krushev, a rainha da Inglaterra e o presidente dos Estados Unidos... De quem eu citei o nome, que não me lembro agora... Dois, né, o Mao Tse Tung e o... Põe aqui para dirigir o Brasil, e ele morre louco em seis meses. Como eu falei que o Mao Tsé Tung e o russo não iam... Não eram capazes de dirigir o Brasil, eu passei a ser inimigo deles. Patrulha ideológica... Já desde aquela época. E chegou um tempo em que eu não podia nem ir ao IAB. Porque ninguém me cumprimentava, falava Oi, Oi, só fazendo assim... Troço ridículo. Eu entrei num... Fiz um projeto que achei bacana e entrei no Salão Paulista, que era na Galeria Prestes Maia, não é... Tinha pintura, escultura e arquitetura... O meu projeto foi o melhor da sessão de arquitetura, mas tirei a medalha de prata, não houve medalha de ouro... Porque? Porque quem tomava conta, quem organizava, era o IAB, e eu era reacionário, não podia ser... Você entendeu? Olha, eu passei mal... Não é que passei mal, mas... Muita coisa... Não adiantava querer publicar alguma coisa, e tal... Entendeu? A não ser que pagasse para uma revista. Entendeu? Porque as revistas não vinham falar com a gente. Só procuravam projetos de A, B e C que eram da esquerda... Os outros... E eu, burro, não estava percebendo, no começo... E eu disse, mas porque é que não publicam o projeto do Bratke, do velho, né, projeto de fulano, de beltrano, eles têm coisa boa, não têm? Mas é que eles não eram da esquerda... E isso foi em tudo, foi com artista de televisão... Simonal... Quer dizer, acabaram com a vida dele porque ele falou qualquer coisa lá... Porque? Quer dizer... É um negócio, né... Tanto que aquela turma que eu falei, do Chico Whitaker, e coisa, são muito amáveis, assim, Oh Hoover como vai, e coisa... e continuo conver-

sando come eles a mesma coisa. Na casa do meu irmão, às vezes, né, aniversário lá, que eu ia... Oh, tal, e coisa, e eu ficava de fora, não conversavam comigo.

▪ **O senhor era... de direita?**

Não, não, não era nada. Mas se eu não era da esquerda, então eu era contra. Não é? Ou desprezado, esse não presta, porque não é de esquerda. E isso vem vindo... E ainda tem resquícios disso. Agora, porque é que o Mackenzie foi para a frente? Porque ele era muito mais pragmático, e muito mais pé no chão. Os outros ficam filosofando, falando de história, disso, daquilo... E não pegavam... né, não pegavam o touro à unha aí e... Tanto que a maioria dos arquitetos de São Paulo que tiveram nome, e coisa, eram quase todos do Mackenzie, né? A maior parte.

▪ **Na década de 80, na cidade de São Paulo, só tinha as duas escolas de arquitetura, tinha o Mackenzie e a FAU [USP]. Em 80 apareceu a Belas Artes. Então quem não entrava no Mackenzie ou na FAU ia ter que fazer em Santos, ou em Mogi... Ou em Guarulhos... Depois veio São José [dos Campos]....**

E agora, tem não sei quantas...

▪ **Tem 250 escolas de arquitetura no Brasil.**

Antigamente, a gente dizia isso do direito, né? Então, tem advogado que vende selo no correio, a gente falava [assim]... Hoje, deve ter arquiteto, fazendo isso por aí.

▪ **Então... E o mercado mudou muito... Hoje, um arquiteto que faz um projeto como este aqui [a casa do entrevistado, onde foi feita a entrevista]...**

Não, isso não existe mais.

▪ **Não existe o profissional e não existe o contratante...**

É, não tem mais isso...

▪ **... para fazer um projeto detalhado, com capricho nos detalhes...**

E quem ajudou a massificar foi a exploração imobiliária. Foi subindo o dinheiro, mas não foi subindo a cultura. Olha, eu projetei... umas... acho que umas 150 casas. Residências. E muitas eram de gente que ganhou dinheiro, morava num bairro mais simples, comprou um terreninho, e queria fazer uma casa, e tal. E tinha uma coisa interessante... que é sociológica... Ah, eu não quero que o senhor faça muito jardim. Porque eles moravam numa casa pequena, às vezes geminada, num bairro aí, numa vila, qualquer coisa, e quem fazia tudo era a mulher da casa, e varrer um piso cimentado era muito mais fácil do que tratar de grama e plantas, e elas queriam que fizesse

tudo de cerâmica, por exemplo, ou um redondinho para botar uma árvore. Você vê que engraçado, isso? Mesmo tendo ganhado mais... Tendo condições financeiras mas tinha aquele traço cultural... Engraçado isso, né? E geralmente falavam mal... estava muito nada moda naquele tempo, a cerâmica São Caetano, né, e eles tiveram a idéia de vender os cacos, então era caco de cerâmica... Isso aconteceu comigo, uma cliente disse “eu queria que o senhor colocasse casco de cerâmica no jardim”... Eu mesmo, usei várias vezes...

- **Sim, é um recurso estético, tudo bem... É que começou como coisa de pobre, que usavam aqueles restos... Iam lá nas fábricas de cerâmica, catavam aqueles restos...**

É, mas no fim, as lojas de material já vendiam... O senhor quer a cerâmica vermelha, preta ou amarelo, né?

- **É, chegou num ponto em que se comprava a cerâmica inteira e quebrava...**

Sim, para fazer o caco...

- **O senhor se formou em 1950, não é?**

1954.

- **Desde quando o senhor se formou, como é que foi evoluindo o mercado de trabalho para o arquiteto?**

Bom, eu acho que o mercado foi modificando muito e para pior, para nós, porque chegou uma hora em que... Primeiro, vamos falar de São Paulo, porque os outros [mercados] eu não conheço bem. Você tem aqui a Zona 1, o que é que e era isso. Eram loteamentos, principalmente da City, da Companhia City, que obrigou... botou regras... a primeira postura municipal que apareceu acho que foi da City. Você não pode construir tanto, tem que ter recuo de tanto, lateral e tal... Se é para uma família, para isso, para aquilo, tal, tal. E ela pegou uma série de bairro aí... Enquanto esses bairros não, não... como é que se diz... não se saturaram, houve trabalho para muita gente. Era coisa para burro... Eu devo ter projetado umas 10 casas no Alto de Pinheiros, mais umas 5 aqui [no bairro do Morumbi], mas outras... 3 ou 4 no Sumaré... Porque eram esses terrenos, né... E não era gente rica. Aí é que está a diferença, era classe média. Este bairro aqui [Morumbi], quando vim para cá e comecei a construir, era rua de terra. Tinha acho que 3 casas na minha quadra. E quem eram? Um, lá na ponta, era um engenheiro, um dos diretores da Figueiredo Ferraz. Engenheiro da Figueiredo Ferraz. Depois, na Praça Renato Chicchia, que é aqui perto, eu projetei a casa do meu

irmão, e ao lado era a casa de um médico, funcionário do Estado. Meu irmão era engenheiro eletricitista, funcionário da companhia de força e luz.

▪ **Era uma classe média, então, de média para média alta, então...**

É, que vinha, e lutava para fazer a casa, quer dizer, aqueles que eu disse que saíram de lá da vila-não-sei-o-quê e que vieram para um terreninho melhor, e outros eram profissionais que se casaram, tinham filhos e já não dava para morar num lugar apertado. Não tinha... Eu fiz casa para milionário, mas dava para contar nos dedos... A maioria estava entre 150 e 300 metros quadrados. Fiz de 850, de 500, projetos, 550, não sei o que, mas foram uns 10, no máximo.

▪ **Nós estamos falando aí da década de 50, início da década de 60?**

Até 70 tinha.

▪ **Seria mais ou menos esse panorama.**

Sim, era esse o panorama.

▪ **É que tinha menos arquitetos...**

Tinha menos arquitetos, e muito terreno à venda.

▪ **O senhor falou que, no Mackenzie, eram 30 vagas?**

É, e foi a minha turma, de 1950, que foi a primeira de 60. Quando eu comecei a dar aulas é que começaram a ter 100 alunos.

▪ **O senhor começou a dar aulas quando?**

Em 1959.

▪ **Então, em 59 já eram 100 alunos.**

É.

▪ **E foi assim até...**

Bom, supõe-se que seja até hoje, né... Bom, depois se criou dois grupos...

▪ **Em 77 já teve o [curso] noturno, daí já foram para 200 vagas...**

É. E agora, depois dessas leis do governo, aí... Passou a ser 120, né... Aqueles programas de inclusão, aí, e tal... Ao invés do Mackenzie deixar entrar os 80 e pegar os 20, não, passou para 120, quer dizer, piorou mais ainda o adensamento.

▪ **Então, hoje o Mackenzie tem 120 no diurno e 120 no vespertino?**

É, assim eu ouvi falar, não sei. Mas... essas coisas todas... Quando deu esse barulho, eu tinha vontade de ir lá, lá em cima, e dizer “Eu não disse?”, “Eu não falei?”... Não é? Porque foi exatamente isso, excesso de alunos e a escola que não acompanhou, estava com o equipamento velho, foi uma das coisas que disseram.

No final do ano passado piorou mais ainda, porque eles foram rebaixados lá no ENEM...

Não, eu digo neste problema... É. O problema do ENEM foi esse, né... Essa avaliação... Eu não acredito muito. Primeiro, parece que nem todos foram. Tinha que entregar o TGI e tinha a prova, eles preferem muito mais se formar a perder a prova. Mas eu acho que a tal turma bitolada também foi fazer... Fazendo mal a prova de propósito para dizer que a escola não... Você entendeu? Pode até... Eu desconfio disso também, uma sabotagem.

Mas olha, eu falei dessas coisas... e [foi] com esse reitor aí. A última reunião de congregação de 2011... Foi lá pelo dia 15, 16 de dezembro, de 2011, é... O Caldana convidou... Ele já tinha dito... A reunião era as 5 e meia da tarde, ou 5 horas, uma coisa assim, para depois era para a gente ir para um restaurante, fazer um jantar de despedida, e ele convidou o reitor e veio o séquito do reitor, aquela coisa lá, né? Então, depois da reunião, ele deu a palavra, o reitor... E todos falaram, e falaram aquela coisa toda, porque tem a lei não sei das quantas, porque nós vamos fazer um convênio de não sei o quê, e isso e isso e aquilo, tudo lá por cima... E, uma hora, o Caldana olhou e eu disse, ah, eu quero falar. Então, quando terminou, ele falou, agora eu dou a palavra para os professores, e parece que o professor Hoover quer falar, e eu fui lá na frente e comecei outra vez. Falei tudo isso...

Cresceu demais... Antigamente, a gente encontrava presidente no pátio, conversava com ele, com o reitor... Não é? Hoje, a gente nem sabe onde é que estão... Eu falei, [antigamente] eu queria falar com o presidente ou com o reitor, então batia na porta, entrava na sala da secretária, dizia, ele está aí, está ocupado, não, pode entrar, era uma coisa simples... E eu disse... Na gestão anterior, dos outros lá, eu quis falar com o presidente, levei 10 dias para marcar uma hora para falar com ele, como é que vai ser isso tudo... né?

E eu falei... E tem isso aí... Eu falei com o vice-reitor, da outra gestão, do anterior, porque eu não queria criticar os próprios, né, eu fui lá e falei sobre esse excesso de alunos, e coisa, e eu disse, já está na hora de nós começarmos a projetar pranchetas-beliche para nossa escola... E o vice ficou assustado, “mas como, prancheta-beliche”? Eu falei, só pondo um aluno em cima do outro, a turma riu e bateu palmas,

lá, sabe, os professores da reunião, que estavam lá no auditório, né?... E tal... E no fim... Eu dei uma... Ah, eu falei, por exemplo, há 2 anos atrás, que é na minha aula de projeto, eu vi um grupinho, e aponte assim no auditório, aquele lá em baixo, né, um grupinho aqui, amontoado, outro grupinho lá e um grupinho de cá, falei... Será que agora deram para fazer bate-papo em grupinhos, ninguém mais ocupa a sala? Que é que é isso, né? Depois é que eu percebi, é que a sala tem 3 tomadas só, e todo mundo tem laptop, e o pessoal vai lá para ligar o laptop na tomada... Como é que nós vamos resolver?

E, eu falei... Eu já falei muito, porque teci muitas outras coisas, né? Falei, eu vou terminar, contando uma história do Ruy Barbosa. O pessoal já começou a querer rir, porque eu sou [considerado] um gozador lá dentro, né? E... disse que o Ruy Barbosa acordou uma noite na casa dele lá no Rio de Janeiro com um barulho de ladrão no galinheiro. Ele saiu lá, acendeu a luz do quintal, e viu um malandro com a galinha do braço, que estava para sair, e ele então começou, “oh, jovem larápio, que na calada da noite...” e fez o discurso que ele fazia na câmara... E quando ele parou, o ladrão falou “doutor, eu levo ou não levo a galinha?” Ele não estava entendendo nada. O que é que eu queria dizer... Eles eram o Ruy Barbosa ali... Mas eu falei... Não falei isso deles, mas eu disse, nós aqui é que estamos com as galinhas, o que é que nós fazemos com elas? Muito obrigado... O pessoal bateu palma para burro... e, depois lá do jantar, acho que umas 4 pessoas, professores... tinha duas professoras... falaram “Hoover, você tirou uma coisa que estava encravada na minha garganta faz tempo, você foi lá e falou. E um ano depois foi lá e estoura tudo, porque? Porque continuou tudo a mesma coisa. E pelo jeito não vão melhorar nada. Só mandaram embora aqueles que não estavam dentro dos requisitos, inclusive eu.

▪ **Qual requisito?**

Primeiro... Eu fui titular de projeto no fim da década de 60. Então, todas as leis que vieram de ministério... Porque o ministério começou a querer se meter... Porque antes ninguém falava em ministério, a não ser só para revalidar diploma, quando ele começou a se meter, a turma dizia, não, você não precisa porque você tem direito adquirido. Ah, você não vai fazer doutorado, mestrado, eu falei não, eu já sou titular, estou trabalhando e não vou fazer isso... Não quero fazer, não é meu jeito, isso aí...

Ficar estudando teoricamente aí e tal, eu sou titular, tenho direito e não vou fazer. Mas nunca me falaram que tinha o tal curso de especialização... Porque o ministério determinou para todas as universidades, 30% de especialistas e 70 que são professores de carreira... Agora, esses especialistas é que estão nas aulas práticas, porque não adianta o cara fazer mestrado e doutorado de cirurgia se ele nunca fez uma operação de apendicite... Não é? E não adianta nada um professor de projeto se ele nunca projetou, se ele não sabe pegar na mão ali, e fazer uma coisa, rabiscar... amassar um papel manteiga, ele não é arquiteto de projeto, ele pode ser arquiteto de outra coisa, teórico e coisa assim... Então... Mas eu não fiz isso, mas eu tinha todos os títulos que queriam, mas por não estar interessado, acho que nunca mostrei, porque de vez em quando pediam para atualizar aquele Currículo Lattes e tal, não sei se eu pus essas coisas, talvez eu punha mais projetos que eu fiz e coisas assim. Mas, por exemplo, em... Acho que foi em 96... 88 ou 98... Não sei... Foi década de 80... Eu recebo uma carta do ministério da educação me dando o título de especialista em curso superior. Eu não pedi nada, não fiz curso, nada, mas recebi o título de especialista em curso superior... Porque eu fiz o projeto do hospital de clínicas de Pernambuco, da Universidade, e fiz mas não sei o que... Depois me convidaram para participar da organização da pan-americana de saúde, tinha um congresso lá em Brasília, pagaram hotel, viagem, e tudo, para eu fazer uma palestra sobre a parte física de hospitais, porque eu me dava mais com hospitais, então...E de repente eu ganhei isso aí, pelo menos está demonstrado que eu entendia de alguma coisa. Outra coisa... Eu fui... Por causa dos hospitais, eu fiz parte de banca de livre docência de professor da professora de higiene, do curso de administração hospitalar...

▪ **Mas também não colocou no currículo?**

Eu acho que não... Agora, quando chegou agora, porque eu estava nomeio desses... Eram 22, que estavam fora dos padrões do ministério... Muitos correram para apresentar coisas, não é? O Pedro Nosralla, você sabe qual é, né? Ele... Logo que se formou ele foi para a Itália e tinha títulos de mais cursos, de design e mais não sei o que, tudo lá na Itália, e nunca apresentou isso. Então ele foi lá e disse, olha, eu tenho isso aqui... E vários disseram, não, nós vamos fazer o curso... Não é, de... E tal e coisa... E eu falei com o Caldana, olha, eu tenho isso aqui, tá aqui, olha, o título, e tenho

esse aqui, tenho aqui, olha, 4 agradecimentos do IAB por eu ter feito palestras sobre hospitais e cursos no IAB e mais isso, mais aquilo... Ele disse, mas porque você não mostra isso aí, você... Eu disse, não, não mostro porque está na hora de eu sair, se eu pedir demissão eu não ganho nada, assim eles estão me mandando embora, e eu vou receber! Eu só não quero sair como um cara que é... Um coitado aí... Um arquiteto que deu aulas para se sustentar e ponto, né? Não foi isso! Mas, se eu fui diretor da faculdade, também não conta ponto? Não é? Estranho isso... E ele falou, não, mas a gente pode... Eu falei, não, não quero, agora, deixe me mandar embora, tanto que agora eu estou em... Sou... Professor em licença remunerada, eu e mais quatro, só, os outros todos se ajeitaram. Eu não sei se os outros quatro não querem fazer nada, ou se não podem mesmo... Não sei. Tem o Ciro Saito... Ele dá aula na FAAP e mais não sei aonde... Ele disse, ah, eu saio daqui e vou continuar dando aula lá, e tal. Mas, não sei os outros... Agora, o meu, eu falei, porque... Você viu, eu estou falando e digo... O que é que eu estava falando mesmo? Esqueci disso... Eu estou percebendo... Estou com 81, vou fazer 82 agora em junho, de repente eu vou começar [a fazer] assim na aula... Não pode, né? Não quero ser o velho chato que estou dando aulas, né? O desconfiômetro tem que funcionar.

▪ **Quando o senhor se formou, vivia da profissão de arquiteto, se sustentava com isso. O que o levou a dar aulas?**

Olha... Primeiro... No começo... No tempo de faculdade, nós achávamos muito ruim a direção do Cristiano... Das Neves... Porque era muito acadêmico. Ele praticamente não admitia a arquitetura moderna. Mas, no fim, é que a gente vai percebendo a coisa... Ele não gostava da arquitetura moderna, do europeu, lá do Le Corbusier e panelinha dele. Mas se você quisesse fazer uma arquitetura amoderna, “a lá” Frank Lloyd Wright, Saarinen, qualquer um desses, ele não falava nada. Entendeu? Ele queria que fizesse bem feito a coisa, e achava que aquela [arquitetura] moderna era boa lá para a Europa. Casa sem beiral aqui, com calor, com umidade, não sei o que, e tal, isso era um absurdo aqui. Mas, ele criou todos os assistentes nessa coisa, e a coisa ficou muito parada, né? Você vê, o último trabalho de graduação que eu tive que fazer foi o centro principal de um palácio no estilo neoclássico. Era prova de 3 horas, coisa assim, e que nós levantamos, fazendo... Nós não fazemos isso, mude o tema... Não me

lembro mais, se depois voltamos para fazer, isso não me lembro, mas sei que saiu uma revoltazinha.

Bom, Então... Sei que estava neste sentido, até que, depois de 2 depois, ou 3 anos, os alunos conseguiram tirar o Cristiano. Inclusive, emparedaram a porta do Chamberlain, do prédio, né? Quando chegou de manhã estava tudo fechado lá. Eu não sei como é que foi a história porque eu não estava mais lá. Aí, ele pediu demissão, já estava com idade, também... E, logo depois, vem um daqueles assistentes, que era o Gustavo Caron, mas que não era acadêmico, né, mas ele também não era um arquiteto brilhante, de atualidade, ele aparece lá no escritório para falar comigo. Ele era titular de segundo e terceiro ano, e disse “estou com muito trabalho lá no Mackenzie e na construtora”... Porque ele dirigia... Era um dos diretores... Da Leandro Dupré... E ele disse, eu não estou podendo, então estou te convidando para ficar comigo no terceiro ano e estou convidando o José Gugliotta para ficar no segundo ano. O José Gugliotta foi sócio do [Jorge] Zalszupin, o Zalszupin que fez aquela loja de móveis, né, o... Sabe aquele prédio assim, na Paulista? É projeto dos dois. Eu falei, olha, mas estou tocando o meu escritório, tem desenhista, tudo... Ele disse, não, mas é só segunda e quarta de manhã, porque não tinha mais outro curso, né? Eu pensei, tá bom, eu vou... e pensei comigo... daqui a uns 3 anos eu digo, agora chega, já dei minha colaboração e até logo. Mas ele veio falar comigo antes... E disse, olha, não estou agüentando, por causa do escritório, eu vou ficar só titular do segundo ano e vou deixar... Sair do terceiro... E propor para a congregação que você seja o titular. Falei, bom, aí é diferente... Porque eu, como assistente, tenho que falar amém, né? Como titular eu vou querer mexer nas coisas... E foi o primeiro... Né... Aliás, como assistente, foi o Jun Okamoto, até um pouco antes que eu, mas ele foi assistente do Suzuki... Que projetou o auditório Ruy Barbosa, aquele prédio... Ele fala rápido para burro, né? E ele, como assistente de japonês, ele é subalterno mesmo, né, então ele não colaborou para nada, naquela época... E aí eu... Não, agora vamos começar a mudar a coisa, né? Não, projeto de residência nós vamos fazer é ali naquele terreno assim assim, vamos visitar, vamos fazer... E fui mudando a cara das coisas, para valer. Inclusive, uma vez eu disse, olha... Porque era tema de terceiro ano, sempre fazer uma residência, eu disse, olha nós vamos fazer mas não tem programa e nem terreno, cada um vai conversar com sua família, se tiver um

terreno vocês vão projetar para aquele terreno, se não tiver vocês escolham com sua família um terreno ideal, e façam um programa com sua família, vocês vão projetar para ela. Ih professor, está saindo briga lá em casa, porque... O pessoal já começava a brigar com eles. Quando apresentaram o projeto, então, disse que foi um quebra pau... Eu disse, estão vendo, isso é o que é a vida nossa... É isso o que a gente vai passar por aí... Vocês tem que saber direitinho o que a família, o que cada cliente, quer, e levá-lo para melhorar alguma coisa da vida dele. Não é só dizer amém para tudo o que ele e você vai só fazer. Você tem uma missão. Exemplo que durante toda essa vida eu fui... A vida é uma escada que você vai subindo, não adianta você propor alguma coisa luminosa com dez degraus à frente... A perna não dá... Se você puser 2 degraus à frente na pessoa dá para subir, mas tem que subir aos poucos, aí é que você leva uma população. Agora, os gênios, propuseram lá em cima, mas só depois de 100 anos é que foram achar que ele era gênio... Na época, não adiantou nada... Com música, com tudo foi assim, né? Agora, nós, aqui, temos que levar tudo desse jeito aqui.

▪ **Pelo o que o senhor está contando, começou a dar aulas mais por idealismo mesmo...**

Aí eu comecei com idealismo porque eu queria transformar essa coisa toda, e fui fazendo essas mudanças... Inclusive instigando os que vinham dar aulas comigo, como foi o caso lá da [Praça] Marechal Deodoro e coisas assim. Olha, vamos fazer tal coisa... Olha, isso pode dar um troço muito bacana... Para nós, né? Para nós [professores]... Não para o aluno... Vamos fazer, vamos modificar, o que é que nós vamos fazer de novo...

E um dos professores, que ficou lá um tempinho, trouxe um negócio muito interessante, que eu soubesse eu ia falar com o pessoal que dá aula no começo, lá... Um senador romano escreveu para um outro senador, uma carta contando como era a casa que ele mandou fazer para ele... Porque eu entro, tem o impluvium, tem isso, à direita tem tal coisa, à esquerda tem isso e tal, e foi contando... Isso é um programa para nós, vocês vão escolher um terreno grande, mesmo que seja fictício... Porque ele dizia que no fundo tinha uma vista bonita do rio, devia ser o rio lá de Roma, o que é que é, o Pó, né, tinha uma vista bonita para o rio, não sei o que, então vocês vão pensar... Como vocês fariam uma residência para a vida de hoje, para vocês, seguindo esse

programa. Puxa, o pessoal se entusiasmou, só que depois ele foi embora, nunca mais falei nisso, e agora, nem sei... E hoje eles não querem mais essa história de dar projeto de residência, não sei o que, que eu acho que é uma das coisas que também podem estar contribuindo [para a piora do ensino] porque... Eles chegam no quarto ano, ou, no sétimo e oitavo [semestre] com uma bagagem muito pequena, ainda mais lidando com CAD e computador... Eles não perceberam que o que ele vê no computador é um detalhe, e que esse detalhe faz parte de um projeto grande. Então, quando ele vai apresentar o projeto grande aquilo está minúsculo. Uma vez eu falei [para um aluno]... Mas você organizou toda a estrutura deste prédio, porque é que tem pilar aqui? O que é que são esses pilares aqui... Grande assim, né? Sabe o que é que era? Ele fez a cozinha e a área de serviço em escala grande. Desenhou o tanque com aquelas ranhuras... Quando passou para a escala menor juntou tudo, ficou um pilar de 40 por 40, ali, ou 60 por 60, né? Vocês não percebem isso? Vocês estão passando duas linhas quase cheias aqui, não se sabe onde é janela, porta ou parede... Eu acho que é uma falta de consistência... Não estou dizendo que eles são maus profissionais, não... Mas de consciência de saber o que o aluno precisa, para ir para frente, então começam a fazer coisas lá... Que eu não sei se está dando resultado, porque esse be-a-bá eles estão jogando fora. Eu já falei uma vez com o Caldana e até com o outro lá, escuta, vocês não fazem aula inaugural com os calouros? Vocês não querem me convidar um dia? Eu vou lá explicar todas essas coisas... Primeira coisa, agora, tudo o que vocês aprenderem é para o curso inteiro e para o resto da vida. Não é aulinha de história e geografia que você estudou, passou de ano, dá para o caderno para irmão mais moço ou joga fora. Não, não é mais assim. Se você aprendeu a fazer parede, você vai fazer parede pelo menos nesses 5 anos ou fora dessa vida.

Olha... Quando foi... 2011.. Quer dizer, está fazendo 2 anos, né? Uma menina... Na minha turma, né, oitavo semestre... Era um prédio... Ela desenhava a escada e aqui, a área de serviço, e aqui ela fez três coisinhas assim... Que nem chegava lá... Com três coisinhas assim. Eu falei, mas o que é isso aqui? Ah, são os elevadores... Assim, não tinha nem nada... Escuta, você não está vendo que isso aqui não cabe, não é elevador, um poço de elevador? A escada não tem um metro e vinte? Ela falou... Não, mas eu fiz essa parede com um metro e vinte... Mas... nunca vi... Você nunca pensou...

Você já teve gente que falou em elevadores? Tem manuais de elevadores, tudo... Não existe poço de elevador com um metro e vinte, meu Deus do céu... Oitavo semestre...

▪ **O senhor tocou aí num ponto interessante, que é um dos motivos pelos quais eu escolhi essa geração de arquitetos. Foi a primeira geração que pegou o computador. Qual foi a influência do computador no processo de trabalho do arquiteto?**

É, eu não sei até onde essa influência foi, simplesmente assim: ah, agora você faz no computador... Olha que bacana, o CAD, você desenha, você não sei o que... Eles não tem base. Outro dia conversando lá, com dois [alunos]... Sentamos lá naquele barzinho em frente ao “pão de queijo” ali, né... Eles não sabem o que é bissetriz, nunca estudaram desenho geométrico, não tem mais no colegial e nem no vestibular... Quanto mais [geometria] descritiva... Então, pegam a coisa... Você apertando botões lá, corretamente, ele faz uma perspectiva, mas você não sabe porque que está fazendo. Que é que vai dar isso? E aqui eu falo, será a última frase, como será a geração de 2050? O que é que vai ser?

▪ **Isso, inclusive, contribuiu também para depreciar ainda mais o trabalho do arquiteto. Para o contratante, do arquiteto, parece que é simples fazer no computador...**

Olha, nós andamos assim, né? Eu vou dar aula assim, se está calor põe manga curta e tal.. Você já viu o direito, como é que é, né? Mas o direito cobra 20% do trabalho dele. E nós, o que é que cobramos? E outra coisa: acontecem problemas sociais ou políticos no país, quem é que se manifesta em primeiro lugar? A Ordem dos Advogados. Se tem relação com espaço físico, e coisa, em segundo lugar, Instituto de Engenharia. Terceiro não tem. Porque? Agora, você vê... O próprio professor, se está calor, vai dar aula de bermuda e tênis... Quem é que leva em consideração esse cara? Não estou dizendo para ser grã-fino, para ser... Mas tem que ter postura de respeito. Para nós, é bonito ser avacalhado.

Eu fui um dos primeiros que... comecei a tirar a gravata, né? Inclusive, eu me lembro, disseram... Mas você não vai andar com gravata? Eu disse não! [Eu] era muito importante, né? Não! O que eu tenho de importante está na minha cabeça, não está na gravata! Falava com uma convicção grande... [era] tudo burrice de estudante, né? Mas era o começo dessa coisa de desmanchar uma estrutura... Porque eu também quis desmanchar a estrutura da faculdade, né?

▪ **Talvez hoje o senhor perceba que não foi tão bom assim...**

Desmanchou tudo. Desmanchou tudo. Eu até estou procurando aqui em casa... Não achei mais... Mas, eu comprei um livro... Por indicação de jornal... Do Caderno 2... Um livro interessante, e tal, eu li a resenha ali, e falei... Puxa, vou comprar. Era um livro de um filósofo espanhol cujo título era “Respeito ou um olhar atento”. Olhar para nós, tem muito a ver, né? Ele fala isso, que se você não olhar atentamente para alguma coisa, alguma pessoa, ou alguma situação, você não respeita aquilo. E ele vai falando no livro sobre isso, e tal, e chega uma hora em que ele diz... Com o crescimento da população toda... Aliás, isso eu falei na tal reunião do reitor, lá... Com a massificação que existe hoje, de população... Com a transmissão rápida demais... De internet, televisão, de comunicações... Obriga toda a população a correr os olhos por tudo, porque não dá tempo, e portanto não respeita nada, isso o cara falou... E os tais que estavam lá com o reitor, tomaram nota...

▪ **Hoje é tudo muito superficial...**

Tudo superficial. Quer dizer, essa menina não aprendeu elevador... Fez projeto de prédio, no quinto ou sexto semestre... Mas por nada... Não olhou e não teve respeito por aquilo que estava fazendo. E é isso. Pronto, já passou seis meses, no semestre seguinte chega lá e faz essa burrice.

▪ **É aquele ponto que o senhor falou, quer dizer, a partir do momento em que entrou na faculdade, o que se aprende é para o resto da vida...**

Mas ninguém fala isso, meu Deus do céu... É, e outra coisa que eu falei outro dia... Mas não falei com o Caldana, falei com alguém lá. Escuta, quando projetaram... O Lauresto [Couto Esher], lembra-se, o Leto? Ele que projetou aquelas pranchetas que levanta a tampa assim... A mesinha, né? E porque é que levanta a tampa? Porque em baixo tem um compensado grosso, que é para você riscar a estilete, tudo lá em baixo, para salvar o branco decente da tampa de cima. Alguém explicou, para os alunos? Todo ano, para aluno que entrou, você tem que dizer, olha, a prancheta, agora é assim assim, quando vocês forem fazer uma maquete, levanta a tampa e trabalha aqui, esse negócio é para bater, para cortar, e tal, mas não em cima! Porque eles já estão numa geração intermediária, que já não dá mais bola para essas coisas também...

Agora, você fazendo tudo isso, como será o ano 2050? Para a Europa, para os Estados Unidos, para tudo? Mas, nós aqui, pior ainda, não é? Porque nós não temos cultura nenhuma, é só exploração... Só exploração política.

▪ **É que estão formando levas de arquitetos...**

Ou levas de profissionais. Todos. Será que um engenheiro está sabendo direitinho? Será que o advogado... Olha, os exames da Ordem dos Advogados, passa 20%... É sinal de que lá também está ruim. É tudo assim... É mais importante, eu acho que... Hoje, é vender e passar para frente. Porque é que não tem um programa bom de televisão? Porque tem medo que não tenha audiência, não tendo audiência não tem anúncio. Olha, eu peguei um lá... Também, não precisa dar o nome dele... Mas ele veio ser assistente meu. Bem no começo... Ele já está lá há uns 18 anos, por aí... Eu acho que logo depois daquela história da Praça Marechal, lá. Ele deu aula junto com o Caldana, parece que depois um ano com o Telésforo, depois ele ficou doente e depois faleceu. E ele falava, e coisa... E conhecia o arquiteto X de Amsterdam, de Roma, de Paris... Que fez, projetou tal coisa, e tal e coisa... Um dia, nós almoçamos lá na sala lá de... Na coisa de praça de refeição... Eu falei... Olha, fulano, vamos fazer uma analogia com o corpo humano... O sujeito quando tá crescendo come prá burro, porque ele está se formando. Ele precisa comer bastante para ter uma formação. Depois, ele vai começar a comer menos e vai se habituando a comer o estritamente necessário e nem escolhe muito mais, porque pra ele tá bom. Então, eu estou falando isso para você ver que você... Como eu tive também, eu queria conhecer tudo quanto é arquiteto, saber isso, saber aquilo e tal e coisa... Mas depois a coisa vai mudando de figura... E você não pode confundir erudição com sabedoria... O cara murchou um pouco, sabe... Não é isso... Tá certo que se queira falar... Puxa, dar uma aula bacana, falou sobre isso, sobre aquilo... Mas é como se fosse a aula de geografia da Austrália, no colegial, é a mesma coisa... Está distante lá... Não... Eu penso assim, viu, eu não sei... Agora, o que vai dar depois, eu não sei... E, felizmente eu não vou estar aí...

▪ **Mas, pelo menos, o senhor tem a consciência tranqüila que a sua parte foi feita.**

Bom... Procurei fazer, né... É. Olha, eu não sei. Eu comecei a conversar... Porque tem o tal do “Conspiração”... É um programinha lá do DAFAM, agora... Puseram um nome até que... parece meio de... de... daquele ranço que eu falei, né? Mas eles

convidam professores para uma palestra, uma conversa... Ou no DAFAM ou no IAB. E me convidaram. E eu fui... Mas eles são desorganizados também... Cheguei lá... Mas, enfim, tinha umas 5 ou 6 pessoas lá no DAFAM... Porque era às 7 horas da noite, então tinha a turma da noite. E eu sentei lá, com uma turminha, acho que tinha umas 5 ou 6 pessoas só. Acho que um rapaz e quatro moças, uma coisa assim. Você sabe que eu fui conversando, contando essas coisas, e eu levei alguma coisa, né... Levei um portfólio meu, essas fotografias dos projetos que a gente fazia... Olha, o desenho urbano aí... E tem de todos os professores aí, essa primeira eu pus na frente porque é minha... Puxa, mas faziam isso, e tal... Conclusão... Era sete horas, né... Comecei a bater papo com eles sete e meia... Saí quinze para as onze. E agora, o que eu vi aqui, ah, eu estou satisfeito por causa disso... Porque você sempre fica cabreiro, né? Eu sempre tive medo... Será que eu estou satisfazendo, será que eu não sou chato... Será? Você entendeu? Eu tenho sempre esse desconfiômetro funcionando, sabe... Mas a quantidade de alunos que está querendo ser meu amigo no Facebook... É uma chateação aquilo, né, e [foi] depois desse dia aí... Que engraçado, viu? Bom, tá aí...

▪ **Professor, muito obrigado...**

Não gastei aí o seu [referindo-se à capacidade do gravador]...

Não..

.

Apêndice F – Entrevistas com os arquitetos

Referência	Sexo	Período	Página
Arquiteto nº 1	Feminino	Noturno	195
Arquiteto nº 2	Masculino	Noturno	201
Arquiteto nº 3	Feminino	Diurno	215
Arquiteto nº 4	Feminino	Noturno	221
Arquiteto nº 5	Masculino	Noturno	231
Arquiteto nº 6	Masculino	Noturno	237
Arquiteto nº 7	Feminino	Noturno	249
Arquiteto nº 8	Masculino	Noturno	257
Arquiteto nº 9	Masculino	Noturno	267
Arquiteto nº 10	Masculino	Noturno	275
Arquiteto nº 11	Feminino	Diurno	289
Arquiteto nº 12	Feminino	Noturno	305
Arquiteto nº 13	Masculino	Noturno	317
Arquiteto nº 14	Masculino	Noturno	339
Arquiteto nº 15	Feminino	Noturno	353

Notas:

1. As entrevistas foram realizadas pessoalmente, por telefone ou por escrito, conforme explicitado em cada uma delas.
2. As perguntas seguiram aproximadamente o roteiro descrito no site criado para esta pesquisa, mas foram sendo adaptadas na hora dependendo do andamento da entrevista.
3. Quando o entrevistado ficava em dúvida, eram mostradas as alternativas que constavam no site, para verificar qual delas melhor descrevia a resposta a ser dada.
4. O áudio das entrevistas está no CD que acompanha esta pesquisa.

Arquiteto nº 1

Sexo	Feminino
Data de nascimento	05/02/1958 (56 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (19 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1981 (23 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP) e Araraquara (SP)
Local onde está residindo	Araraquara (MS)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 20/07/2014. Duração 14:47 min

▪ **Imagine-se em 1975, quando você pensou em fazer vestibular... Porque que você resolveu escolher arquitetura e urbanismo?**

Pergunta muito boa. Por causa da Ana Luiza³². Eu não tinha... Não sabia na época que eu ia fazer, não tinha idéia, daí a Ana Luiza sempre quis, que era minha amiga, que veio do Santa Catarina comigo, porque a gente mudou pro colegial ali no Mackenzie e aí ela sabia que queria fazer arquitetura e eu fui no embalo, tanto é que eu fiz vestibular para arquitetura e para medicina, pra você ver, só que medicina eu nem prestei, fiz engenharia, prestei vestibular pra engenharia e arquitetura... Prestei não, eu me inscrevi... No final eu prestei engenharia e arquitetura, medicina eu deixei pra trás porque eu não tinha estudado nada. Eu fiz exatas na época tinha isso, tinha exatas, biológicas, e eu fui pro caminho das exatas, e aí, foi por isso. Aí eu não tinha passado até tinha me inscrito no cursinho pra fazer cursinho na área de biológicas, mas aí nós passamos, abriu naquele ano 50 vagas pro noturno e eu passei lá e fiquei.

▪ **Você fez vestibular para o diurno?**

Pro diurno... E aí, eu tava nos excedentes, abriram vagas pro noturno e eu fiquei. Não tem nada de “ai, foi o que eu sempre sonhei em fazer...”.

³² Ana Luiza da Silva Carvalho, que também concluiu o curso em 1980 mas que não foi entrevistada para esta pesquisa.

▪ **Uma vez que você optou fazer arquitetura, porque no Mackenzie?**

Também não tinha nada definido porque eu tentei, eu acho que eu fiz vestibular pra USP, também, eu acho, agora não lembro, mas o Mackenzie porque eu estava estudando ali no Mackenzie, onde eu fiz o colegial... Devo ter feito o vestibular da USP e do Mackenzie. Isso, só por isso.

▪ **Quando você estava cursando a faculdade como você considerava a condição econômica da família, para você se sustentar enquanto estudante?**

Ah, tá... Eu tive a sorte de ter meu pai, que era dentista, e ele tinha condições, ele que bancou pra mim a faculdade, eu não fazia nada eu não trabalhava, e só estudava.

▪ **Você acha que foi difícil de pagar a faculdade ou foi tranquilo?**

Não sei, tem que perguntar pro meu paizinho, coitado, tá lá no céu, eu acho que não, não deve ter sido.

▪ **O teu pai era dentista, não é... Profissional liberal. Como você considera a condição educacional da família tinham nível superior, seus pais, seus irmãos, seus tios?**

Da família... Vamos ver.... Meu pai tinha nível superior e irmão dele não, já tinha o nível médio, o lado da minha mãe... Acho que nenhum deles tinha nível superior não. Era só meu pai mesmo.

▪ **E a condição cultural da família, como é que vocês eram em relação a artes, cinema, teatro arquitetura?**

Era normal. Ia-se ao cinema, ia-se à peças de teatro, mas nada assim muito elevado, não.

▪ **Vamos dizer assim... Razoavelmente interessados.**

É, isso. Sim.

▪ **Logo que você terminou o curso em 80, 81 você se considerava apta a entrar no mercado de trabalho?**

Não! Não mesmo. O que eu aprendi na faculdade não... Eu acho que.... Eu senti muito é... Mais aula prática do que teórica. Precisava de mais aula prática, eu acho.

▪ **Você acha que foi muito teórico e...**

Sim! E pouco prático.

- **Na época como você avaliou o curso, você considera que foi um bom curso, médio, ruim...?**

Médio, pode pôr [aí na resposta].

- **Quando você entrou na faculdade você tinha uma certa expectativa. Quando você saiu, o que você diria? O curso atendeu às tuas expectativas, ou não?**

Sabe qual é o problema... Você entra com... Eu tinha quanto anos? Uns 18 anos, 17, nem me lembro. Não tinha... Não trabalhava, por isso que eu falo, eu até falo pro meu marido, eu preferiria que o meu filho trabalhasse, que ele tem outra cabeça, então, eu não tinha expectativas, sei lá... Não tinha nada... Podemos dizer que... Não sei, por exemplo, se você for considerar que eu saí de lá sem me achar apta para trabalhar não atendeu minhas expectativas.

- **Sua intenção era fazer uma faculdade para...?**

Para trabalhar com aquilo.

- **Para poder trabalhar. Vamos dizer, então, que foi razoável...**

É porque depende também do aluno, não é só da faculdade... Acho que quem faz a faculdade é o aluno também. Querer.

- **Quando você saiu [da faculdade] você foi trabalhar com arquitetura?**

É, eu tentei, né? Aí a Ana Luiza me arrumou, lá, uma pessoa pra ir trabalhar no apartamento dele pra fazer umas plantas, porque que a Ana Luiza já estava começando... Ela trabalhava num escritório de arquitetura, não lembro... Mas não deu certo, porque era um velho trabalhando lá no apartamento dele, não deu certo. Fique dois dias lá e nunca mais voltei. Tentei, de novo, também com uma outra pessoa, mas começaram... Sei lá, não curti muito... Comecei a ir na prefeitura para fazer as coisas, mas também era parente de um namorado meu na época, mas também não deu certo. Aí comecei a fazer... Porque eu já fazia dança... Lá onde eu fazia dança me chamaram... Como é que foi a história? Ha, eu já dava aula de ginástica lá nesse lugar lá e acabei fazendo... Você soube, eu acabei indo fazer faculdade de educação física.

- **Não.**

É. A pessoa pra quem eu dava aula, trabalhava na USP ela falou pra mim: “Olha Ângela, zerou lá, zerou lá... sobrou vaga”, porque foi o primeiro ano que teve que estão aberta, antes era tudo múltipla escolha, né, aí ela falou pra mim, vai lá que tem vaga e pra quem já tem faculdade pode só fazer um vestibularzinho, mais para a

parte física, né, e eu fiz lá na USP, só que não cheguei a terminar, porque... Aí, o meu pai, através de um amigo dele arrumou um emprego pra mim lá na prefeitura de São Paulo, aí eu trabalhei na área, mais ou menos. Era a área de desapropriação e secretaria de vias públicas. Era uma comissão de desapropriação, que trabalhava ali no Ibirapuera e trabalhava com DESAP³³ também, né, mas era de uma comissão que fizeram lá, sei lá e eu trabalhava com plantas, mas com plantas de desapropriação... Fiquei quanto tempo, hein? Deixa eu ver.....Então... Daí o que aconteceu.... Eu parei a faculdade de educação física, eu falei, tá na hora, eu tenho 24 anos, tá na hora de eu dar um sossego pro meu pai... Aí eu comecei a trabalhar no [departamento de] Vias Públicas e agora... Até quando, será? Acho que... Meu pai faleceu em 92.. Eu casei em 93... Em 94, então... Eu fiquei lá... Se eu me formei em 80... Foi depois de 2 anos... Vamos dizer, se eu me formei em 80... Acho que eu fiquei desde 83 até 94, 11 anos. Isso mesmo.

▪ **Então, durante esses 11 anos você ficou na prefeitura de São Paulo?**

Isso.

▪ **Você era concursada ou você era celetista?**

Não! Eu era admitido [pela CLT]. É, fiquei 11 anos, fiquei bastante.

▪ **Depois que você saiu de lá?**

Saí de lá, casei em 93 e aí fiquei... Então, foi em 94 que eu saí, né, falei para você? Da Prefeitura? Acho que foi. Então, aí eu vim pra cá comissionada, prestei um concurso para Araraquara.

▪ **Para a prefeitura de Araraquara?**

É, comissionada, é, pode ser. Precisa pôr, comissionada? É, daí eu fiz concurso. Daí fiz concurso e em 95 eu entrei para Auditora Fiscal. Que era o concurso que tinha aberto aqui, porque eu sabia que aquela situação não ia ser pra sempre. Aí eu prestei o concurso e desde então, estou como Auditora Fiscal na prefeitura de Araraquara.

▪ **E você está lá até hoje?**

Sim.

³³ DESAP - Departamento de Desapropriações da Prefeitura do Município de São Paulo

- **Agora você está como concursada, mesmo, né? Efetiva...**

Sim.

- **Efetiva.**

É.

- **Qual é o cargo que você pegou?**

Auditoria Fiscal.

- **Isso não tem ligação com arquitetura?**

Não.

- **É um órgão administrativo do município, né?**

É na Secretaria da Fazenda, arrecadação.

- **Nesse meio tempo você não lidou mais com arquitetura e com nada ligado à área, né?**

Aqui em Araraquara andei assinando umas plantas, mas nada assim... Nada muito significativo.

- **Mais como bico.**

Sim é.

- **Uma coisa que eu estou pesquisando é como o pessoal lidou com a informática...**

Ah, o AutoCAD?

- **É o AutoCAD e....**

Não, não utilizei, eu não cheguei a usar porque na comissão de desapropriação não se usava isso ainda, informática nas plantas, essas coisas, era tudo manual, você lembra? Caneta tinteiro, caneta tinteiro não, risos, caneta nanquim... Não, não posso falar porque depois que eu sai não mexi mais com arquitetura, então, não usei. Cheguei até a implantar aqui no meu computador uma vez... Tentei usar, mas também não foi não.

- **Uma outra coisa que eu estou pesquisando é sobre aposentadoria e previdência.**

Eu tô aposentada.

- **Você já está aposentada...**

Eu já estou aposentada e trabalho, mas é que aqui na prefeitura de Araraquara não é que nem em São Paulo. O sistema não é o estatutário, o regime... O regime é celetista, é meio bagunçado... É celetista mas você tem direito a complementação, não sei direito, mas, a gente se aposenta pelo INSS, então eu posso me aposentar e continuar trabalhando.

- **Quer dizer que você está aposentada pelo INSS, né?**

Sim.

- **Mas você continua exercendo a profissão.**

Sim.

- **Tá. Se você pensar nesse percurso todo de trinta e poucos anos desde que você entrou na faculdade e foi trabalhar, ou não, com a profissão, como você avalia a sua escolha que você fez há 35 anos atrás para entrar na faculdade de arquitetura? Você se considera satisfeita com a carreira de arquiteta?**

Não. Eu avalio que foi uma péssima escolha. Não tinha nada a ver comigo.

- **Você gostaria de ter feito outra coisa.**

Sim. Que eu ainda não descobri qual é. Eu sou nova... [risos]

- **Considera insatisfeita.**

Eu descubro numa próxima vida, quem sabe...

- **Mas você ficou na área por 12 anos...**

É fiquei, mas, é que era assim... Eu não considero que usei arquitetura, tudo bem, eu tinha que usar os meus conhecimentos ali pra ver as plantas, pra análise, mas não era eu que fazia, tinha outros que faziam essa parte de desenhos, de desapropriação, essas coisas... A minha parte era mesmo a comissão e eu ficava lá preparando os processos, minha parte era mais administrativa.

- **Sim, mas você precisava ser arquiteta para fazer isso, não é?**

Eu não sei não... Não sei.

- **Mas acho que foi a arquitetura que te abriu essa porta não foi?**

É, isso é.

- **Então, minha amiga, era isso que eu tinha para conversar.**

Ah, ótimo.

Arquiteto nº 2

Sexo	Masculino
Data de nascimento	02/01/1958 (56 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (19 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1982 (24 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP)
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada pessoalmente em 22/07/2014 na sede da pós-graduação da FAU-USP, na Rua Maranhão, 88. Duração 48:47 min

▪ **Quando você pensou em fazer faculdade... Porque você escolheu arquitetura e urbanismo?**

Na época nem era urbanismo, né, era só faculdade de arquitetura... E... Eu trabalhava com meu primo arquiteto, Mario Durão Filho, que também é professor aqui no Mackenzie, então, desde os 14 anos, na verdade, eu já estava no escritório dele e fui aprendendo o desenho técnico, lá, a perspectiva, então, de uma certa maneira isso acabou me empurrando para arquitetura.

Eu sempre tive uma certa habilidade para desenho, então, isso foi, vamos dizer assim, fechando o quadro. Não vou nem dizer que foi uma decisão completa, né, eu tinha uma certa tendência por exemplo pra psiquiatria, outras coisas, e assim... Não vou dizer que só pensava em fazer arquitetura, mas, de uma certa maneira foi se delineando, foi fechando e um pouco com meu jeito, o gosto... Eu gostava de trabalhar com arquitetura, e mesmo por ter estado bastante tempo dentro do escritório, né, do meu primo, depois de outros trabalhos, já tinha uma certa habilidade com isso, entende... Então, de uma certa maneira, a parte técnica, aquela parte de representação, de linguagem, de entender o que estava acontecendo, o que era uma porta, porque ela era representada daquele jeito, nunca foi uma preocupação dentro da escola, para mim, e de uma certa maneira, acho que foi isso junto a uma visão muito particular que fez com que eu desse mais atenção para as questões humanas, mesmo, da arquitetura.

▪ **A parte de projetos você já estava conhecendo bem...**

É pelo menos essa parte mais técnica aí eu fui para os lados da teoria, história...Mais teoria mesmo.

▪ **Dentre as opções que eu tenho aqui eu posso colocar assim: “eu já conhecia a carreira”.**

Já.

▪ **Agora, uma vez que você se decidiu fazer arquitetura porque no Mackenzie?**

Por incrível que pareça eu gostava do ambiente. Tinha o meu irmão, meus irmãos mais velhos... Meu irmão e minha irmã já tinham feito Mackenzie, então, dentro da minha casa já tinha um certo ambiente que me levava a isso, mas eu visitei o Mackenzie antes do período da faculdade, na época do colégio... Eu tinha amigos que estudavam naquele colégio Mackenzie, mesmo, e algumas vezes eu vim aqui, então, eu tenho um certo, vamos dizer assim, não era bem um encantamento, mas me sentia bem dentro e principalmente no jardim da arquitetura... Eu nem sabia direito que ali ao lado estava o prédio da arquitetura mas eu tinha uma referência, um gosto pelo local, então, na época também, quando eu fiz o exame pra USP para o Mackenzie, passei no Mackenzie e fiquei.

▪ **Você não chegou a passar na universidade de São Paulo?**

Não.

▪ **Agora... Como é que você classificaria, assim, a condição econômica da sua família? Classe média, classe alta...**

Pode se dizer classe média, mas não assim, com muito dinheiro... Tinha todos os benefícios da classe média, mas não é que sobrava dinheiro... Não sei exatamente qual é o padrão que você imagina.

▪ **Seus pais eram profissionais de que área?**

Mais... Minha mãe não trabalhava, ficava em casa mesmo, o meu pai durante muito tempo, até agora a pouco, ele teve posto de gasolina.

▪ **Comerciante.**

Mais na parte de comércio mesmo. Mas não pagou a minha faculdade, praticamente fui eu mesmo.

▪ **Você já trabalhava.**

Trabalhava e continuei trabalhando.

- **Então, um empresário médio, então, vai... Não chegava a ser um grande empresário, mas E como você classificaria a condição educacional da família?**

Olha, como um tanto da minha geração, o que acontece... Os meus pais e a geração deles não tinha exatamente o terceiro grau... A minha mãe inclusive tinha o curso técnico, tal, em contabilidade, se formou, mais a minha mãe do que meu pai estudou, mas foi exatamente a minha geração, isto é, os meus irmãos, os quatro são formados, mais ou menos isso. Vamos dizer assim, em termos de educação não formal, de nível de estudo formal, segundo grau, terceiro grau, sempre dentro do ambiente familiar sempre teve uma condição interessante. Porque, da geração da minha mãe... O meu tio avô é muito próxima da idade da minha mãe, ainda vivo inclusive, ele já era formado em direito e de uma certa maneira abria, vamos dizer, o meu irmão tem 13 anos a mais do que eu, então, pelo menos pra mim como eu percebi já tinha um ambiente, vamos dizer assim, intelectual pouco mais assim, não era aquele tipo mais grosseiro que acredita em tudo, não. Eu sempre ouvi, me lembro, desde criança discussões sobre política, o que estava acontecendo, os partidarismos e tal... Então assim tinha uma certa abertura para o que acontecia, então, nessa parte informal era bastante razoável, o nível intelectual, e na parte formal foi um pouco desta forma que eu...

- **Seu pai tinha o que seria... Segundo grau?**

É exatamente.

- **Naquela época, era o ginásio...**

É. [risos] Eu nem me lembro mais, porque foi mudando....

- **Era primário, ginásio e depois veio o colegial. E a condição cultural da família, em termos de arte, como era? Você até falou já um pouquinho...**

Como assim? Tinha... Tinha uma visão, agora não exatamente de grandes visitas, por exemplo, eu nunca foi exatamente a um museu com meus pais, eles não tinham exatamente esse perfil, agora... Até por conta de eu ser da família o caçula, eu sou gêmeo com minha irmã, nós somos os caçulas, nós pegamos um ambiente diferente, então, o meu primo que é arquiteto, mais velho, já tinha outros primos, que também são... Ou porque 5 anos, 8 anos, 3 anos, mais velhos... Isso criava um clima ligado a uma certa visão de arte, teatro ou do cinema, um pouco mais ampla. Tanto que, de uma certa maneira, durante muito tempo... Praticamente até um pouco antes... Eu sempre li muito, até por conta da minha casa mesmo, e a influência dos meus irmãos, então,

desde criança eu sempre li bastante e... Depois eu fui com o tempo colecionando revistas de arte... Isso acredito... Foge assim a uma data exata, mas isso já mais perto da faculdade, então, não sei se você se lembra, tinha uma revista chamada “Arte” mesmo e saia coisas dos artistas brasileiros principalmente, algumas coisas internacionais, e eu tenho até hoje essa coleção... Então assim, de grandes visitas com a família não tem, mas de uma certa maneira tinha um ambiente propício, sou de família italiana, todo mundo gostava de ópera....

▪ **Eu tenho uma opção que acho que descreve: razoavelmente interessados.**

[risos] Pode até ser.

▪ **Gostavam de arte e cultura, mas não ao ponto de fazer altos investimentos...**

Não, não, nesse caso não.

▪ **Bom... Você já falou como você financiou seus estudos. Você já trabalhava...**

Trabalhava.

▪ **Mas digamos que se o seu pai precisasse pagar a faculdade...**

Algumas vezes eles ajudaram sim, claro, mas eu sempre tomei a responsabilidade para mim mesmo, nunca pensei que eles pudessem sequer pagar um ano pra mim. Era eu que pagava, quando eventualmente faltava um trabalho... Por que depois de um tempo eu saí do escritório e trabalhei muito como “freelance”... Principalmente fazendo perspectiva, que era um desenho que a gente podia cobrar mais, não tinha computador, a gente desenhava à mão mesmo... Mas às vezes falhava, então, de vez em quando eles me ajudavam e tal, mas essencialmente quem pagou fui eu nunca pensei diferente.

▪ **Como você classifica essa questão, foi difícil...**

Claro, foi difícil... Talvez numa outra condição, se não tivesse essa preocupação exatamente, talvez eu tivesse corrido para outros lugares, ter feito outros tipos de estágio, trabalhado com outras pessoas, se eu não tivesse a necessidade de pagar. É o que eu falo para muitos alunos meus, se você não precisa pagar vai fazer onde você quer, para ter o contato com o profissional que você quer.

▪ **Para aprender, mesmo, né...**

Isso, exatamente. Agora se você precisa pagar, precisa do dinheiro, então, você precisa ver, talvez as coisas fossem diferentes, mas nesse tocante, Iberê, eu nunca

pensei muito assim, nossa deveria ter sido desse jeito. Assim, parte da história, foi desse jeito.

- **Na verdade foi mais uma opção sua, você achava que você tinha essa obrigação foi lá e fez e pronto.**

É.

- **Você não estava contando com seu pai.**

Não!

- **Você sabia que se eventualmente você precisasse poderia contar.**

Exatamente.

- **Então... Logo que você terminou a faculdade... Você se formou em 82... Você se considerava apto para entrar no mercado de trabalho?**

Considerava, tanto que logo em seguida... Assim porque, né? Porque eu tive dois escritórios durante a faculdade, junto com arquitetos, então ou porque eles pegavam os trabalhos e eu desenvolvia e tal, depois já, mais próximo de me formar, eu tive escritório com um conhecido meu, que já era arquiteto, com muito pouca diferença de idade, um ano e meio, coisa assim, mas ele já tinha se formado e a gente abriu um escritório, então, desenvolvemos obras, desenvolvemos projetos... Então de uma certa maneira o diploma ele só na verdade legalizou uma seqüência de um trabalho que eu já fazia.

- **Como você acha que foi a contribuição da faculdade, você acha que agregou alguma coisa ou não agregou muito? Ou foi só o canudo mesmo?**

Não, não... Agregou muito, claro, 5 anos formais e 6 anos lá dentro é quase impossível dizer que as discussões, as preocupações, as brigas com os meus colegas... Brigava muito com o Paulinho Lisboa³⁴... Eles tinham opiniões, assim, a gente se dava muito bem, mas a gente tinha opiniões um pouco diferentes, então, agente brigava muito, brigava no sentido de ir de um querer impor a sua própria visão para o outro, e depois coisas do próprio curso, que foram de uma certa maneira abrindo leituras, entendimentos diferentes e tal... Então, é impossível dizer que não agregou. Agregou sim. Acho que a única coisa que na nossa época era falha, ou pelo menos que eu senti

³⁴ Paulo M. Lisboa Filho, formado em 1981 no Mackenzie..

dificuldade, talvez muito mais uma preocupação minha, é que realmente as aulas de projeto poderiam ter sido um pouco mais definidas. Elas eram um pouco ecléticas demais, até porque o curso estava passando por reformulação...

▪ **Você acha que tinha que ser uma coisa mais prática?**

Não, ela era bastante prática. Ela tinha que ser, como hoje a gente reclama lá, mais discutida mesmo. O projeto não é uma coisa que vai simplesmente acontecendo, ele é na verdade um exercício de pensamento, que se transfere em desenho, e coisa e tal... Então, porque é que você tá fazendo isso, o que é que tá acontecendo, não é simplesmente não ficou bom, ou há que legal ou faz um pouco mais quadrado ou faz um pouco mais redondo... Então, acho que essas coisas poderiam ter sido um pouco mais firmes para dar um balizador, um pouco mais claro, acho que por esse lado mesmo que eu fui buscando esses balizadores e foi principalmente quando eu fui dar aula, porque... Depois de um ano de formado eu já estava na faculdade, dando aula, e estava começando a fazer os cursos aqui na FAU... Logo em seguida.

▪ **O mestrado?**

O mestrado eu tentei entrar aqui [na FAU-USP]... A primeira vez não deu certo, eu era muito novo... Mas aí eu fui fazendo vários cursos aqui dentro ou na FUPAM³⁵ ou mesmo aqui [na FAU-USP] como aluno especial, fiquei um tempão, daí depois fiz o mestrado lá no Mackenzie mesmo e o doutorado aqui, na FAU... Então, o ambiente acadêmico... Ele praticamente não cessou pra mim, eu só fiquei um ano fora...

▪ **Terminou a faculdade e já entrou...**

É... E por considerar que naquele ano mesmo eu sentia falta da discussão. Eu me lembro ainda... Assim... Eu ficava até um pouco mais tarde no escritório desenvolvendo coisas vendo não sei o que e tal, projetos e voltando pra casa e pensando assim isso é um pouco restritivo, se eu ficar aqui dentro muito tempo minha cabeça vai afunilando... Não que eu não goste de escritório, eu gosto bastante tanto que é uma atividade que eu tenho há bastante tempo, há mais de 40 anos, desde os 14 anos de idade, então... De desenhar, fazer o projeto, acompanhar obra e tal. Não é uma coisa

³⁵ FUPAM - Fundação para a Pesquisa em Arquitetura e Ambiente

que não gostava, mas o fato de ter, por exemplo, mais estimulação, fazer um determinado tipo projeto, alguns tipos de projeto e o próprio projeto que é de, uma certa, maneira uma redução, na hora você tem que combinar com quem está pedindo, com o cliente uma coisa assim, é sempre um efeito de redução de todo um trabalho por mais que seja pensado que ele tenha uma ideologia, que ele tenha um ideário, um estilo ou qualquer coisa assim. E foi por isso que logo em seguida eu fui procurar para dar aula. Inicialmente eu comecei com o Jairo, né, que dava aula de planejamento, que foi por onde eu imaginei entrar, mas aí... Não tinha vaga e abriu a vaga em teoria lá, no Mackenzie, e foi quando eu entrei e estou lá até hoje.

▪ **Mas como é que você classificaria o curso que você fez na época... Foi bom, médio, razoável?**

Pra mim foi muito bom no começo, e bastante frágil do meio pra frente. Duas experiências foram marcantes pra mim, o 1º ano foi de um nível muito legal, nós tínhamos bons professores, as conversas, todas discussões e tal... E o último ano, onde eu desenvolvi o que seria hoje um trabalho final de graduação... Para nós ainda era o último ano de projeto, né... Mas eu acabei fazendo uma monografia, de 120 páginas, com um desenho e um projeto de megaestrutura... Então, acabei estudando bastante sobre megaestrutura e tal, então, isso foi legal foi um momento bastante interessante para mim, mas aí foi interessante porque que eu estava fazendo o trabalho, não que houvesse toda uma disposição, da escola dando suporte, então, eu acho assim, no começo eu acho que a gente teve um curso mais bem estruturado, talvez nos dois primeiros anos... Aí, depois, deu uma bagunçada, né... Não conseguiu sustentar tanto... Pelo menos é a minha impressão. Não posso garantir que tenha sido assim para todo mundo.

▪ **Vamos dizer então... Assim... Foi razoável.**

Foi.

▪ **De quando você entrou na faculdade, até quando você saiu, você acha que atendeu as suas expectativas de quando entrou para fazer a faculdade?**

Acho que atendeu sim, acho que atendeu sim. Não é que... Pelo fato de que já trabalhava, muitas coisas não eram exatamente misteriosas, mas também não tinham grandes discussões. Quando eu lembro do ambiente de escritório, antes de entrar na faculdade, não é que o ambiente gerasse, vamos dizer assim, grandes reflexões sobre

arquitetura... Era mais produção. É era mais produção, então, não dá pra dizer que eu entrei com uma visão tão revolucionária, ou então, artística, mas vamos assim, foi me dando, de uma certa maneira, o curso, uma certa expectativa sobre a profissão. Eu diria assim que, assim, as expectativas foram geradas muito mais dentro do próprio curso, no que ele poderia atender, do que antes, do curso de arquitetura.

▪ **Vamos dizer assim: o curso te mostrou caminhos que poderiam ser seguidos...**

Exato. Isso mesmo.

▪ **Então... As expectativas que você tinha foram atendidas.**

Isso. Sim. Sim.

▪ **Vamos falar da tua atividade profissional, então... Você já falou que trabalhava desde os 14 anos como desenhista, seria... Projetista...**

Inicialmente é. Fui aprendendo pouco a pouco, mas até entrar na faculdade eu já era desenhista...

▪ **Era na área de edificações?**

Isso, edificação.

▪ **Durante a faculdade você trabalhou também nessa mesma atividade.**

Trabalhei. Exato. E, já no final, eu já tinha o escritório com esse amigo meu. Aí, já desenvolvendo projeto, ele era o responsável, desenvolvendo projetos e construindo também.

▪ **E você ficou quantos anos com esse escritório?**

Com esse escritório foi pouco tempo, porque logo depois... Talvez uns 2 ou 3 anos... Depois nós acabamos nos separando, não é, o escritório, daí foi praticamente carreira solo em termos de escritório.

▪ **Mas você chegou a ter um escritório ou trabalhava em casa?**

Não, não... Eu sempre tive escritório.

▪ **Um escritório seu, só você...**

É. Durante um tempo tivemos juntos, o Vicente Paulino, o Wagner e o Marcelo que é da área de design do Mackenzie, nós repartíamos uma casa....

▪ **Qual era o endereço de lá?**

Era perto da Paulista... Mas cada um tinha sua própria atividade, não era um escritório em comum, éramos associados nas despesas, então, praticamente, desse momento, de quando eu me formei até agora, tive escritório até uns 10 anos atrás mais ou menos. Tive escritório mesmo, de desenvolver e fazer, e depois eu resolver aban-

donar porque pelo custo e pelo trabalho... Era muito grande e eu precisava dar mais atenção para a carreira acadêmica, então, continuei fazendo projeto, parei totalmente de fazer obra, até esse tempo eu acompanhava obra, até mais ou menos este tempo, fazia administração... E depois fiquei só fazendo projeto e... Dando aula.

▪ **Mas em casa?**

Aí sim. Eu parei, porque chegou um tempo, Iberê, em que o escritório dava muita mão de obra. Como tudo era eu... Eu pegava o trabalho, eu cuidava das contas, desenvolvia o projeto...

▪ **Você comprava, você vendia... [risos]**

Eu cobrava escanteio e ainda cabeceava... [risos] Então, isso demandava bastante tempo, pagar funcionários, então, talvez se eu tivesse arrumado uma sociedade mesmo, talvez tivesse ter sido mais fácil, mas não aconteceu, nunca ocorreu isso, então, chegou uma hora que eu tive que tomar uma decisão e acabei decidindo por isso.

▪ **Agora... Você sempre trabalhou com edificações, mesmo? Com construção civil mesmo, não é?**

Sim.

▪ **Você chegou a trabalhar com interiores também?**

Sim, também. Porque muitos... Eu começava com reforma, daí o pessoal pedia também para montar interior, então... Decoração somente não, de qual mesa compra e tal, sempre envolve uma parte de interior mesmo, uma pequena reforma e coisa e tal... Mas... Trabalhei bastante e algumas coisas ainda faço, por exemplo, um dos trabalhos que eu estou fazendo agora é de um escritório, num consultório médico, que é num prédio, então, é um trabalho de interiores, agora... Envolve uma parte de construção, de demolição, de layout, e tal, então, vai também para esses lados, um pouco mais perto de decoração...

▪ **Não fica só no projeto de edificações, é mais interiores....**

Não, é mais interiores...

▪ **Patrimônio e Restauro... Você fez alguma coisa nessa área?**

Não, não, nessa área não. Às vezes eu tenho até alguma coisa escrita, tem um congresso em Cuba que normalmente eu vou, já tem umas 4 vezes que eu fui...

Que é sobre Patrimônio, mas na verdade é muito mais o trabalho intelectual do que prático.

▪ **Paisagismo...?**

Paisagismo eu trabalhei pouco. Mas não é muito a minha área. Eu até me dou bem com as áreas externas, assim, mas eu não trabalho...

▪ **Talvez não tenha surgido...**

É, não fui desenvolvendo, então pouca gente me procura.

▪ **E urbanismo?**

Urbanismo é uma coisa que eu gostaria de ter trabalhado, mas acabei não trabalhando.

▪ **Ensino e Pesquisa. Depois de um ano de formado... Você começou a ministrar aulas no Mackenzie, né?**

Entrei lá em 84 e na Belas Artes em 86.

▪ **Logo no comecinho né?**

Foi.

▪ **E você está lá até hoje?**

Estou. Muito tempo... [risos]

▪ **Fora isso você não trabalhou com outra coisa, sempre trabalhou com isso né? Nunca foi vender seguro... [risos]**

Não... [risos] Nem tenho jeito pra isso. Estou tentando me lembrar, mas...

▪ **Porque desde garoto praticamente você trabalhou com isso.**

Foi principalmente isso, aula... Trabalho acadêmico... De projeto, construção, essencialmente foi isso. Às vezes pode ter tido alguma variação, mas foi sempre dentro dessas áreas.

▪ **Quando você trabalhava lá com o seu primo você não era registrado, não era nada... Era trabalho informal?**

Não... Depois de um tempo de trabalho eu fui registrado sim.

▪ **Quanto tempo você ficou registrado e quanto tempo você ficou informal?**

Então... Quando entrei, na verdade... Eu entrei praticamente como um aprendiz, eu não sabia nada... Aprendendo o que e a caneta graphos, coisas da antiguidade, e depois acho que eu fiquei uns 2 anos só.

▪ **E de lá pra cá você sempre trabalhou registrado?**

Sim, praticamente. O que aconteceu... Quando entrei na faculdade eu saí do escritório do meu primo, então, durante a faculdade não tinha registro porque eu fiquei trabalhando como “frila” e foi praticamente esse período. Aí, depois da faculdade, logo no primeiro ano entrei no Mackenzie... Se pensar, dentro da carreira... Depois da faculdade... Parece que toda ela tem registro.

▪ **Se é dentro da faculdade, desde 82... São 30 anos, então?**

É... 30 anos.

▪ **Você trabalhou registrado 30 anos CLT e mais uns 5 como autônomo, informal, com seu primo, e no teu escritório....**

É...

▪ **Desde sempre...**

É...

▪ **Trinta e poucos anos. Bom, um dos itens que nós estamos pesquisando também é o uso da informática na nossa profissão não só com o projeto, mas também para cálculos, relatórios... Quando a gente fez o curso não existia, então nós somos as primeiras gerações que enfrentamos a parte da informática, né... Então... Como você enfrentou essa “parada”? Como é que você entrou nela?**

Muito vagarosamente de uma certa maneira... Até porque o trabalho nunca foi tão exigente assim, foi pouco a pouco, por exemplo, se a gente pensa que os desenhos em papel vegetal, de onde a gente retirava as fotos heliográficas, para a impressão hoje... Quem de uma certa maneira exigia mais isso ou foram os próprios desenhistas que de um tempo pararam de desenhar a mão, e principalmente as copiadoras, porque entre fazer em papel vegetal... O outro a gente consegue fazer a cópia, então, hoje já não faz mais sentido todo esse sistema de produção, de impressão, de distribuição, praticamente não dá mais para gente fica desenhado à mão e ficar mandando fazer cópia. Muito embora... Eu acho que naquela época fosse um sistema muito mais organizado do que é hoje, hoje a gente tem muita informação, e de uma certa maneira pouca organização. Então, é assim... Conforme as coisas foram mudando, de... Como você falou, fazer relatório, fazer as propostas, não sei o que... Eu fui pouco a pouco, inserindo mesmo, enviando do uso do computador e inserindo, ainda eram os velhos 386, e aí depois claro, trabalhando também com CAD, essas coisas... Eu mesmo não trabalho dentro do computador... Não gosto, prefiro trabalhar no papel...

▪ Em termos de projeto...

Em termos de projeto. Agora, todo desenvolvimento é feito dentro do computador, já não faz sentido... Foi paulatino, eu diria que as circunstâncias foram meio que, de uma certa maneira, exigindo que isso fosse mudado. Eu, por exemplo, quando eu tinha os primeiros computadores que eu comprei, foi na época justamente que eu estava com o Wagner e com o Vicente, na Paulista. Eu tinha desenhistas, todos desenhavam, quer dizer, alguma coisa e tal, mas já estava trocando, as gerações mais novas de estudantes que vão fazer estágio e coisa e tal já estavam começando a trocar o desenho à mão pelo computador. E as plotagens foram ficando mais baratas, as impressões... Aquilo que eram, vamos dizer, as xerox, que eram uma coisa cara, foram ficando muito mais econômica... Então, na verdade, foram todo um conjunto de circunstâncias da produção, do projeto, e não da concepção, que foram fazendo com que eu fosse trocando, pouco a pouco. Então, foi bastante paulatino, e hoje para mim é meio híbrido, na verdade, não é completamente informatizado.

▪ Então, como é que você trabalha hoje, você... Pegou um projeto para fazer... Você faz um esboço na mão... Depois passa para um cadista...

É.

▪ Como é que você se preparou para aposentadoria, previdência?

Olha... Aposentadoria... Eu estou no Mackenzie há 30 anos... E por sorte há 15 anos o Mackenzie também montou uma previdência privada. Então, a garantia é mais ou menos essa. Tem uma previdência privada, paga pelo Mackenzie, que é complementar, e é isso, não tem muito mistério.

▪ Você... No trabalho no escritório... Chegou a pagar como autônomo ou não?

Não mais. Porque acabou ficando tão irregular que eu prefiro... Então é assim... Nessas questões de futuro, de aposentadoria, e coisa e tal, eu prefiro muito mais me organizar junto ao Mackenzie, que é o mais organizado nisso, do que exatamente eu ficar pagando alguma coisa fora. Então, por exemplo, durante um tempo eu contribuía dobrado na previdência privada, então, assim, o Mackenzie paga uma parte eu pago outra, e durante um tempo eu pagava duas partes. Era uma poupança, vamos dizer assim, então, para mim é muito mais fácil fazer esse tipo de contribuição do que, por exemplo, abrir uma outra, não é, vamos dizer assim, ficar abrindo assim uma apo-

sentadoria e coisa e tal, então, eu concentro exatamente nisso que é um pouco mais definido.

▪ **Mas você não teve preocupação de formar um patrimônio, ter uma poupança... Para os tempos de vacas magras?**

Não... Exatamente, não. Até tenho alguma coisa guardada, eu tenho coisas que eu recebi, também, de herança dos meus pais... E, pelo fato assim de... Sempre trabalho nas faculdades, então, toda a parte vamos dizer assim do meu custo está concentrado nisso eu não tenho muita variação nisso daí... Não tem disso de falar assim... Bom, estou sem projeto, e agora, então, eu preciso guardar um pouco... Não existe exatamente isso. Quando eu estava com escritório montado isso era mais sensível porque eu tinha pessoas lá...

▪ **Despesas...**

Exatamente. Então, quando teve aquele lance do Collor, né, aquilo foi uma tragédia... Uma tragédia. Porque eu tinha escritório com 12, 13 funcionários, né... Tinha dois arquitetos trabalhando. Um era formado em engenharia e arquitetura. Tinha uma arquiteta, tinha uns 4, 5 estagiários, tinha... Era uma estrutura legal, tinha uma moça que fazia a parte de contato e um tanto de assessoria de imprensa, secretária, e tal. Era um escritório relativamente bem montado, só que assim, ele é pago no trabalho, não tem um lastro, esse lastro eu nunca tive, e quando o Collor fez aquela presepada foi tudo pro brejo. Então, até montei de novo, não sei o que... Até remontei, na época da Paulista, com o Wagner, até dei uma remontada no escritório, e tal, tinha gente trabalhando, mas aí eu resolvi dar um breque, mesmo... Por causa do que eu falei antes, demandava muito tempo e teve uma hora, assim, em que 50% do trabalho desenvolvido do escritório não era para projeto, era pra tocar os escritório, não é... Então, não faz sentido... Então eu me concentrei mais nas escolas mesmo do que em projeto.

▪ **Bom... Então, agora... Fechando a nossa conversa... Eu queria que você avaliasse sua satisfação pessoal com a carreira.**

Eu diria... De média para boa, porque... Tem coisas muito bacanas dentro da carreira e da minha experiência com a arquitetura, eu não consigo separar exatamente isso... Então teve muitas coisas que eu fiz, todo o contato humano, assim, de trabalhar com famílias, escritórios eu tenho o contato que a gente vai ganhando... Bastante legal,

quando fica bom, as vezes não fica, então, tudo aquilo que é o positivo e o negativo dentro da carreira a gente vai acrescentando como experiência de vida... Então, isso é bacana no próprio desenvolvimento da visão da arquitetura, o que é que ela é feita, como é feita e tal, então, todo esse ponto do envolvimento, mesmo, com o nosso trabalho, Iberê, acho que é altamente positivo. O que é que, na verdade, contraporía todo esse lado? O nosso campo é muito restrito, ou ele é restringido, vamos dizer assim, a nossa profissão é muito desorganizada, ela não é... Embora ela exista oficialmente ela é pouco reconhecida. Dentro do país, ela parece na verdade, um trabalho de exceção, como se tivesse um artista, sei lá, um cantor, um Neymar... Então, assim como só tem um Neymar só pode ter um Niemeyer arquiteto, então, os outros arquitetos não existem, arquitetos de grande qualidade, de nome, que fizeram coisas pelo país, não existem, não tem o reconhecimento, então, ela é muito pouco estruturada, ela dá pouca abertura de estruturação, senti isso nas épocas de desenvolvimento de escritório, mesmo, que a gente sofre muito... Como se fosse todo mundo muito amador, mas ao mesmo tempo um pouco é, amador, não é, o campo fora da gente é amador. A visão dos governos é amadora, é uma tragédia nesse ponto. Então, às vezes você quer, realmente... Uma vez eu coloquei meu currículo na prefeitura para fazer habitação social, para entrar nesse campo, trabalhar junto a prefeitura, trabalhar com habitação social, não sei o que. Eles devolveram pra mim dizendo que eu era... Um arquiteto... Não foi bem o termo que eles usaram, mas dizendo assim, que eu era arquiteto burguês, então, eles estavam negando o meu currículo para ser uma empresa de um escritório associado à prefeitura para fazer habitação social... Então... Assim você tem sempre que ter um conhecido, né... É trágico isso, é revoltante, uma bobagem, então, o ambiente que nos rodeia, em termos de profissionalismo, é muito ruim eu acredito... Eu credito uma parte disso a geração anterior a nossa que praticamente destruiu toda a possibilidade construída até os anos 50 e 60, que gostava muito mais de aparecer em mídia do que assim da profissão. Então, é assim, essas duas coisas que eu diria que é uma ação média, mas não é médio no geral.

▪ **Veja se essa resposta tem a ver pra você: satisfeito com a carreira mas não totalmente... Foi bom, mas teve que lidar com situações das quais não gostei.**

Perfeito. Legal. Sintetiza.

Arquiteto nº 3

Sexo	Feminino
Data de nascimento	06/12/1962 (52 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1981 (19 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1985 (23 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP)
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada em 28/07/2014, parte por email, parte no site montado para esta pesquisa, porque a entrevistada disse que “preferia escrever ao invés de falar”. A transcrição abaixo traz de maneira linear e sequencial as perguntas e respostas

▪ Opção pela carreira. Porque escolheu o curso de Arquitetura e Urbanismo?

Gostava de desenho, decoração e artes. Cresci no interior, e arquitetura não era algo sobre o que se conversava. Na hora de escolher um curso, pensei nas minhas habilidades. Desde pequena, sempre gostei de desenho e outras atividades correlatas, descartei Artes Plásticas por considerar uma profissão instável e cheguei à Arquitetura pela dedução simples.

▪ Opção de escola. Uma vez tendo optado pelo curso de Arquitetura e Urbanismo, porque então optou pela Universidade Mackenzie?

Sua fama e tradição. A Universidade Mackenzie tinha um nome respeitado, e a principal concorrente à altura, a FAU-USP, não me atraía. Nunca prestei FUVEST³⁶, mas tentei o vestibular no Rio de Janeiro (CESGRANRIO³⁷), onde fui aprovada na Universidade Federal. Escolhi o Mackenzie porque, além de ser uma boa faculdade, ficava menos distante da cidade onde minha família morava. Pragmatismo.

³⁶ Fundação Universitária para o Vestibular, organização que cuida dos vestibulares de admissão para a Universidade de São Paulo. Informações retiradas do site da entidade em <http://www.fuvest.br/>. Acessado em 10/09/2014

³⁷ Fundação CESGRANRIO, que realiza provas de admissão para faculdades e outros órgãos. Informações retiradas do site da entidade em www.cesgranrio.org.br. Acessado em 10/09/2014

- **Condição econômica da família. Lembre-se, estamos falando da época em que você iniciou seu curso de Arquitetura e Urbanismo. Naquela época, você diria que seus pais ou a(s) pessoa(s) que o(a) criou eram...**

Mãe dona-de-casa, pai pequeno empresário. Minha família ganhava o suficiente para vivermos, mesmo que às vezes com certa dificuldade.

- **Queremos agora ter uma idéia da condição escolar de sua família. Qual era a formação cultural e/ou escolar dos seus pais, da pessoa(a) que o criou ou do seu ambiente familiar naquela época?**

Ambos têm apenas o 1º grau.

- **Condição cultural da família. Como as artes e cultura eram encarados em sua família?**

Pouco interessados. Até gostávamos de algum tipo de arte, em especial as mais populares ou veiculadas pela TV, rádio ou pela mídia impressa, mas este assunto não era prioritário em casa. “Arte” era um assunto trazido à família através de minha irmã mais velha, formada em Artes Plásticas, e, desde sempre, um assunto de meu próprio interesse. Mas não havia um ambiente familiar favorável a discussões artísticas.

- **Financiamento dos estudos. Como você se organizou para financiar seus estudos e para prover suas necessidades básicas enquanto estava estudando?**

Não tive qualquer problema financeiro. Minha família tinha recursos suficientes para garantir o pagamento dos estudos e a manutenção de moradia e outras despesas.

- **Avaliação do curso. Logo ao concluir seus estudos e estar prestes a entrar no mercado de trabalho, como você avaliaria o curso de Arquitetura e Urbanismo que tinha acabado de concluir?**

Bom. Não acredito que haja alguma faculdade “perfeita”.

- **Atendimento às expectativas. Quando iniciamos algo sempre temos nossas expectativas. Em relação ao curso de Arquitetura e Urbanismo, como você avaliaria suas expectativas logo ao concluí-lo?**

Razoável. O curso ficou mais ou menos dentro do que eu esperava, mas minha idéia de formação de um arquiteto era um pouco diferente. A expectativa com um curso sempre é maior do que a realidade, mas isso não se sabe aos 20 anos...

- **Formação acadêmica e mercado de trabalho. Um curso de Arquitetura e Urbanismo pode servir tanto para satisfação pessoal quanto para cultura geral ou prazer pesso-**

al. Falando apenas como profissional qualificado para exercer a atividade, logo ao concluir como você considerava que o curso havia sido?

Ótimo. Eu me sentia totalmente qualificado para enfrentar o mercado de trabalho. Mas note-se que essa pergunta se refere à percepção individual; aos 22 anos, não poderia ter outro sentimento.

- **Atividade profissional – EDIFICAÇÕES. Caso tenha trabalhado nessa área, por favor descreva abaixo o que realizou, que tipo de construção (pública, privada, própria, incorporação, etc.), durante quanto tempo, qual era sua responsabilidade, tipo de contrato e tudo o que achar interessante.**

Desenvolvi projetos para residências e pequenos comércios como “autônoma”, por cerca de 4 anos, para a pequena construtora da família de meu marido à época. Meus trabalhos assalariados nunca foram na área de edificações, à exceção de poucos meses, logo depois de formada, trabalhados num pequeno escritório de engenharia. Não cheguei a acompanhar obras.

- **Entrevistador - Atividade profissional – INTERIORES. Caso tenha trabalhado nessa área por favor descreva suas atividades, para que tipo de cliente (pública, privada, própria, etc.), durante quanto tempo, qual era sua responsabilidade e tudo o que achar interessante.**

Poucos meses depois de formada, comecei a trabalhar na área de que realmente gostava: desenvolvimento de projetos de decoração. Primeiramente, entre 1986-1987, trabalhei numa loja de artigos para banheiros, novidade à época, na área de vendas mas, principalmente, no desenvolvimento de projetos. Depois, participei da equipe de um conhecido arquiteto de interiores (1987-1988). Posteriormente, entre 1988-1989, trabalhei numa pequena empresa que desenvolvia projetos de interiores para grandes espaços corporativos.

- **Atividade profissional - PATRIMÔNIO e RESTAURO. Caso tenha trabalhado nessa área por favor descreva suas atividades, para que tipo de cliente (pública, privada, própria, etc.), durante quanto tempo, qual era sua responsabilidade, como foi contratada e tudo o que achar interessante.**

Resposta - Não trabalhei nessa área.

- **Atividade profissional – PAISAGISMO.** Caso tenha trabalhado nessa área por favor descreva suas atividades, para que tipo de cliente (pública, privada, própria, etc.), durante quanto tempo, qual era sua responsabilidade, como foi contratada e tudo o que achar interessante.

Não trabalhei.

- **Atividade profissional – URBANISMO.** Caso tenha trabalhado nessa área por favor descreva suas atividades, para que tipo de cliente (pública, privada, própria, etc.), durante quanto tempo, qual era sua responsabilidade, como foi contratada e tudo o que achar interessante.

Minha função na Prefeitura do Município de São Paulo tem interface com urbanismo: trabalho na regularização de loteamentos, desde 1991 até hoje.

- **Atividade profissional - ENSINO E PESQUISA.** Caso tenha trabalhado nessa área por favor descreva suas atividades, para que tipo de instituição (pública, privada, própria, etc.), durante quanto tempo, temas das aulas ou pesquisas, regime de contratação e tudo mais que achar interessante.

Não trabalhei.

- **OUTRAS ATIVIDADES.** Caso tenha trabalhado em outras áreas ou então como EXECUTIVO de empresas e organizações, descreva suas atividades, para que tipo de instituição (pública, privada, própria, etc.), durante quanto tempo, regime de contratação e tudo mais que achar interessante ou pertinente a esta pesquisa.

Prestei concurso para a Prefeitura de São Paulo e ingressei no serviço público em 1991, como arquiteta. Desde 2005 exerço cargos de direção (Diretoria de Divisão Técnica de 2005 até o começo deste ano, quando assumi a Diretoria do Departamento Técnico de Regularização, cargo que exerço atualmente).

- **Vínculo empregatício.** Caso tenha trabalhado em atividade ligada de alguma forma à Arquitetura e Urbanismo, por favor informe o tempo em que durou cada tipo de vínculo empregatício.

Registro em carteira, para empresas do setor privado: 3 anos. Registro em carteira, para empresas ou órgãos públicos: 23 anos.

- **Uso do AutoCAD e da informática no projeto. A informática entrou na arquitetura depois que terminamos nosso curso e tivemos que aprender por conta própria. Como você se envolveu com a informática, considerando não só o desenho por computador (AutoCAD) mas também o próprio processo de projeção?**

Não me envolvi. Não uso computador para projetar ou desenhar, deixo este serviço para outros. Minhas atividades demandam apenas o conhecimento das ferramentas do AutoCAD, a fim de orientar técnicos que realizam os trabalhos.

- **Aposentadoria e previdência. Você pode já ter se aposentado ou então provavelmente está pensando na aposentadoria. As opções mais prováveis são a aposentadoria pelo serviço público, pelo INSS ou com recursos próprios (aluguéis, rendimentos, etc.). Pensando nestas opções, como você se preparou, vem se preparando ou pretende preparar-se para a aposentadoria?**

Vou me aposentar no serviço público, com vencimentos (quase) integrais, se nada mudar até 2018; para isso, contribuo desde que fui efetivada, com grande parte do meu salário, sendo descontada diretamente do salário, embora seja comum pensar que isso seja uma regalia sem custo algum para o funcionário público.

- **Satisfação pessoal com a carreira. Um curso de Arquitetura e Urbanismo pode servir tanto para satisfação pessoal quanto para cultura geral ou prazer pessoal. Falando apenas como profissional qualificado para exercer a atividade, logo ao concluir como você considerava que o curso tinha sido?**

Satisfeito, mas não totalmente. Foi bom, mas tive que lidar com situações das quais não gostei. É importante mencionar que a época em que concluímos o curso ficou conhecida como “a década perdida da construção civil”, em função da grave crise econômica enfrentada pelo país, que refletiu na quase paralisação das atividades afins. Os recém-formados em engenharia foram absorvidos pelo sistema financeiro; aos arquitetos, restavam subempregos. Essa situação foi crucial para minha percepção do resultado da formação, manifestada nessa resposta; de todo modo, os egressos do Mackenzie beneficiavam-se da tradição do nome e do reconhecimento do “senso prático” que a proximidade com o curso de engenharia agregava, e isso colaborou para que fôssemos mais bem aceitos pelo mercado de trabalho do que os formados por outras faculdades.

Arquiteto nº 4

Sexo	Feminino
Data de nascimento	19/08/1955 (59 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (22 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1981 (26 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP)
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 23/07/2014. Duração 25:56 min

▪ Por que justamente arquitetura?

Uai, eu tinha dois interesses: ou fazia engenharia ou fazia arquitetura. E no fim acabei passando em arquitetura. Então acabei ficando pra arquitetura só que eu tenho uma veia muito forte que é a veia artística, talvez isso tenha me levado pra arquitetura. Antes de arquitetura, eu já tinha feito tecnologia na construção civil. Então, como eu já era formada, já tinha um certo nome no mercado, eu tinha até um certo receio de começar uma carreira nova, entendeu? Possivelmente eu ia ficar entre engenharia e arquitetura, mas acabei passando para arquitetura. Mas não abandonei a área da engenharia.

▪ Você já sabia, então, o que era a profissão de Arquiteto, né?

Sabia, sabia.

▪ Porque tem gente que entrou para a faculdade, entrou sem saber o que era...

Ah, sempre tem, né? A pessoa presta o vestibular, tem uma leve noção, mas não sabe no fundo exatamente quais são as atribuições, né? Ele vai acabar descobrindo no meio do caminho.

▪ Esse não foi o teu caso, né, porque você já era tecnóloga, já conhecia a área, né?

É, tanto que quando eu fui fazer arquitetura, eu já levei um monte de disciplinas para cortar fora, né, porque eu já tinha cursado. Então eu acabei reduzindo ali algumas matérias, né?

▪ Uma vez que você resolveu fazer arquitetura, por que no Mackenzie?

Não me lembro agora exatamente, não sei se é relativo à distância... Porque como eu estudava na FATEC e é ali na Tiradentes... Nessa época, também, eu também

estava numa indecisão muito grande, sobre se eu casava, se eu não casava, uma coisa assim, não sei, porque eu também estagiava nessa época na USP, fazia um estágio no IPT. Mas... Não sei porque, não sei nem se eu prestei vestibular da USP, viu, eu não me lembro exatamente, mas eu acho que não. Eu não posso te responder com certeza, mas eu acho que não, que foi uma coisa assim de oportunidade, mesmo, já que eu trabalhava e tinha dinheiro para pagar, não era o problema de fazer a USP, entendeu?

▪ **Como que era, assim... A condição econômica da sua família? Vocês eram, assim, classe média, classe...**

Olha, eu acho que assim, olha, é difícil de falar, naquela época, em 55, porque eu nasci em Botucatu, mas fui morar em Cerqueira César e meu pai era chefe da estação de trem. E era uma profissão, naquela época... Era até, assim, bem vista pelas pessoas normais, digamos assim, né, ainda mais que o trem tinha valor naquela época, não é que nem hoje, né? E em cidade pequena, esse contato com a linha férrea é muito forte. Eu tinha em mente que eu tinha que fazer uma carreira, e não estudar artes para ser artista no geral, né? Porque eu tinha um amigo chinês, que era chinês mesmo, que mexia com artes publicitárias, ele me passava todas as técnicas e dava um monte de instruções, mesmo, que com os cursos que eu já fazia, eu estava sempre metida com arte. Eu vivia fazendo tudo voltado para a arte. Era pintura na cadeira, na parede, quadro, desde pequena, então de certa forma eu tinha um interesse na arte, agora mas não para formar uma carreira, então, para carreira...

▪ **Já tinha um interesse voltada para essa área.**

É.

▪ **Quando você resolveu entrar na faculdade, o que te levou exatamente à carreira de arquitetura?**

Aí é meio complicado, porque... Eu te falei que quando... Eu primeiro vim pra São Paulo para fazer cursinho, para enfrentar um vestibular sério. Mas nesse meio tempo, durante o cursinho, eu também trabalhava como estagiária, trabalhava como desenhista copista na COMGÁS, e aí eu tinha um chefe que vivia me torturando, falava “não, Cleusa..” porque eu fazia os desenhos e ele queria sempre saber o porquê dos desenhos. Queria saber porque é que era daquele tamanho, por que não eram dois e eram três, e estava sempre questionando a respeito do que eu estava fazendo. Daí o meu chefe lá, que era superintendente da COMGAS dizia: “não, Cleusa, você tem que

fazer um curso, faça FATEC, que é um curso rápido, e você pode já começar a ganhar dinheiro, etc... Nessa época a FATEC era quadrimestral e eu levei dois anos para fazer, não fiquei em nenhuma disciplina nem nada, e aí eu trabalhava como tecnóloga nas empresas... E esse nível de tecnologia não existia esse curso, esse curso tecnólogo, assim, para as empresas, eles não entendiam o que que era, se era técnico ou era o que, né? Era engenheiro industrial, que porcaria que é... E daí todas as empresas me vendiam como se eu fosse engenheira, não como tecnóloga. Então todas as reuniões que eu ia, etc., porque a FATEC foi muito boa em termos de conhecimento, ainda é boa, com restrições, mas ela sempre foi muito boa, e eu sempre fui uma profissional assim de primeira. Sempre tive os cargos melhores dentro da empresa em termos de conhecimento técnico, né... Assessora da superintendência, chefe de laboratório, coordenação de obras, algumas coisas do gênero. E aí o pessoal quando ia me vender eles ficavam com problema porque... Que nível de profissional eu era para cobrar das empresas, entendeu, e daí eles me pressionaram a fazer um curso inteiro, vamos falar assim. Daí eu tinha que decidir, ou eu fazia engenharia ou eu fazia arquitetura. Casualmente eu fiz inscrição nos dois e acabei passando para arquitetura, entendeu? Então foi quase uma coisa assim... por acaso, graças a Deus, caí na arquitetura, porque, não sei se foi graças a Deus ou não, mas foi um outro lado da visão da técnica. Porque na técnica eu era muito boa, mas faltava uma coisa de mais... É... Filosófica aí no meio, em termos de... Tem aquele negócio de influências da cor, né? Comportamento de acordo com os espaços, né? Aquelas coisas que a gente aprendeu lá na escola. Eu não gostava muito daquelas aulas de... Que tinha muito filosófica da coisa lá... Até hoje eu não lembro dos nomes meio malucos, aquelas outras matérias lá eu tinha uma certa dificuldade, porque minha cabeça ainda era ainda muito técnica. Mas gostei muito do curso. Para mim acrescentou bastante, porque abriu minha visão de saber que existe outro lado por detrás que era relativo a um lado mais sensitivo que o lado estritamente técnico, né? Então o bom do curso foi isso. Agora, se você for perguntar para mim [sobre] a qualidade do curso, até então eu não saberia te dizer se era bom ou se era ruim, porque a gente estava saindo daquela história lá, de repressão, etc., né... Mas quando comecei a ter contato com o exterior, por parte das minhas viagens, meus congressos, que eu ia... Que eu comecei a sentir mesmo o que era um profissional arquiteto lá fora, eu vi que

nosso curso não era nada, faltava muito para ser um curso decente, entendeu? Então valeu, porque valeu na época. Agora... Se você for me perguntar se é bom... Aí é outra conversa.

▪ **Na época foi bom para você, né?**

É, na época foi bom, por causa essa abertura aí. Abriu muito a forma de ver o mundo, né? Principalmente porque eu não tinha essa vivência de sair para o exterior, nem nada. A partir daí é que eu comecei a viajar. Eu viajava para fazer parte dos congressos, e aí eu “linkava” aquilo que eu tinha aprendido no curso com a realidade fora, entendeu? A gente pensa assim, que nossa senhora, se todo artista... Se todo aluno tivesse a oportunidade de viajar durante, enquanto tá estudando, ele teria uma outra visão do que é a carreira que está esperando por ele, entendeu? Até então me conformei com o curso. Vai, continua... Não sei se eu respondi o que você estava perguntando...

▪ **Sim, respondeu sim, até adiantou. Eu ia te perguntar qual foi sua avaliação do curso e você já respondeu, quer dizer... Atendeu sua expectativa, na época foi bom pra você.**

Na época atendeu.

▪ **É claro que depois a gente vai ficando mais maduro, vai conhecendo outras coisas, né a gente muda a visão. Mas na ocasião foi bom. Foi útil para você.**

Eu não aproveitei muito, 100% da escola, não posso dizer que eu tive o aproveitamento de todo mundo. Primeiro porque eu entrei com grande parte das disciplinas já tiradas da frente, então eu não cheguei a acompanhar os ensinamentos voltados para um arquiteto, eu tinha mais o ensinamento da técnica voltado para o engenheiro, né, para um técnico. Agora o fato de cursar a noite também era um cristo, porque eu trabalhava de dia como professora técnica, como responsável por desenvolvimento de pesquisas... E o serviço não te solta no horário da aula, né? Então eu chegava... A aula começava seis e meia, sei lá que hora, e eu chegava nove horas na escola, então eu não tive todo o aproveitamento que eu poderia ter tido na escola. Talvez se eu tivesse lido mais, estudado mais, me inteirado mais, né, talvez assim o aproveitamento fosse maior.

▪ **E você já trabalhava, né? Estava no mercado...**

Eu já trabalhava e tinha muita responsabilidade nas costas, então minha visão era outra, na época.

▪ **Faz um pequeno histórico, então, da sua vida profissional. Você se formou em tecnólogo...**

Então. Eu me formei em tecnologia em 76, em tecnologia em construção civil na modalidade edifícios. Depois eu fiz arquitetura de 77 a 81. Depois, em 98... De 91 a 96 eu fiz um mestrado em engenharia civil na Poli. A minha dissertação foi na área de avaliação da qualidade em laboratórios de ensaio. Depois de 98... Em 98, eu fiz um curso de mestrado profissionalizante em tecnologias avançadas da construção na Espanha.

▪ **Como é que se chamava o curso? Tecnologias...?**

Tecnologias... Na verdade, era Tecnologias Avançadas na Construção... É... E aí, lá, eu desenvolvi uma temática muito complicada... Que era patologia de origem biológica sobre o concreto, que é uma coisa bem técnica, mesmo. E durante 11 anos... 11 ou 12 anos... Eu trabalhei só com controle de qualidade na parte de desenvolvimento de pesquisas... Todas as... Por exemplo, o Metro Santa Cecília, o Metrô República, Anhangabaú, túneis lá do caminho para Santos, pontes... Tudo o que tiver de obras nessa época aí a maioria eu acabei participando.

▪ **E você trabalhava em qual empresa?**

Eu trabalhava na CONCREMAT Engenharia e Tecnologia. Cheguei a estagiar no Bauer, cheguei a estagiar no IPT, mas o forte mesmo foi na CONCREMAT. Mas nesse meio termo, eu já era arquiteta e tudo, eu dei muito curso de qualificação de profissionais. Por exemplo, qualificando engenheiros do metrô, qualificando engenheiros da Petrobrás... Qualifiquei muita gente, muito curso de reciclagem para engenheiros da Petrobrás do Brasil inteiro.

▪ **Esses cursos você ministrava onde?**

Eu ministrava na própria empresa. Era inside. Cursos para a própria empresa. Então, eu dei muitos cursos de reciclagem, participava muito em congressos, participei nuns... Sei lá quantos, 200 congressos, 300 congressos, tenho muitos trabalhos escritos, no exterior, No Brasil, de congressos.. Faz tempo que eu não participo em congresso, mas... Ultimamente eu estou mais numa área dedicada... Até o ano retrasado eu estava mais com a parte de qualificação de mão de obra para nível de inspeção. Então, por exemplo, auxiliar de laboratório, laboratorista, tecnologista, inspetor de obras... Daí teve um programa do governo, que... Patrocinado para área de petróleo...

Com essa história toda da dinheirama toda que tinha aí... PROMINC... Programa Brasileiro da Indústria do Petróleo, qualquer coisa assim, eu acabei me envolvendo e fui responsável por um monte de cursos, todas as apostilas montadas e elaboradas... Daí eu montei um monte de cursos, e estou sempre em pesquisa com essas coisas aí de especialização, certificação...

- **Deixe-me só entender, assim, mais, o seu vínculo profissional... Você se formou em 76 em tecnologia... Daí você foi trabalhar logo depois?**

Imediatamente.

- **Você trabalhava onde?**

Setenta e seis... Comecei fazendo estágio no Bauer, depois já fui direto para a CONCREMAT, fiquei na CONCREMAT direto...

- **Quanto tempo você ficou no Bauer?**

No Bauer, não... No Bauer foi mais quando eu estava estagiando ainda... E... Fiquei lá acho que uns 6 meses, só...

- **Depois foi para a Concremat, e ficou até quando lá?**

CONCREMAT... Espere um pouquinho... Lá eu fiquei até 91... É...

- **E daí você foi para...**

Depois eu fiquei trabalhando em paralelo lá nesses cursos todos e mais a FATEC, fiquei na FATEC durante 30 anos... Estou lá ainda... Como docente.

- **Mas na FATEC você entrou quando?**

Na FATEC eu entrei em 86...

- **Ah, tá... Então... Durante um tempo você trabalhava na FATEC e na CONCREMAT, né?**

Isso.

- **E você, na FATEC, você é... Professora?**

Sou professora plena do nível 2, que é o máximo que existe hoje lá.

- **E lá, você tem a função de professora mesmo ou já é uma coordenadora...**

Não, eu sempre fico só com a área de professora e coordenadora de alguns... Por exemplo, como responsável pelos cursos de química... Para a construção civil... Eu procuro não pegar muito áreas burocráticas porque é muita dor de cabeça, na área pública, você pegar a área burocrática. Então eu prefiro ficar assim nos meus projetos de pesquisa, meus alunos, meus... Minhas outras coisas, desenvolvendo, do que ficar coordenando departamento.

▪ **Com é que foi sua integração, aí, com a informática? Se você usa, se você não usa, como é que você começou a aprender...?**

A informática, na faculdade era nula, você lembra, né? Porque nós não fizemos nem aula de programação nem porcaria nenhuma... Isso fez muita falta, principalmente na área de arquiteto... Você pensa que não... Ou na área de um artista que se preze, que vai trabalhar na área digital, alguma coisa, precisa ter domínio perfeito da área de informática, né... Meu contato com a informática foram os cursos que eu sempre fiz, de... Por exemplo, assim... Todos os cursos para uso normal no dia a dia, né, esses pacotes que tinham aí, que antigamente não era nem os mesmos nomes que a gente tinha hoje, né, mas para projeto mesmo, na época, cheguei a fazer os CAD da vida... Não era nem AutoCAD, nem nada... Mas... Que eu fui mesmo pegar na informática... Vou te contar um caso... Que eu estava na Espanha tentando fazer um projeto de reforma para um apartamento, e eu cismeiei que eu ia fazer o pré-projeto na mão, na unha, em papel manteiga... E quase morri para procurar o tal do papel manteiga, não tinha papel manteiga em lugar nenhum, eu já estava apelando para papel de pão, papel de embrulhar presente, qualquer coisa... E daí, eu peguei e entrei numa lojinha, uma senhora de uns 76 anos, mais ou menos, olhou para a minha cara e falou assim, minha filha, para que você quer este papel? Eu falei, ah, é para fazer um projeto de arquitetura... Ela falou, minha filha, você não sabe que ultimamente só se usa computador? Então, a partir daquele momento eu voltei para casa, lá onde eu estava, instalei um software de Arcon, que é alemão, na época, para fazer execução de plantas, essas coisas, mas acontece que eu nunca... Eu não trabalhava com confecção de projeto, eu trabalhava na área de docente, né, então eu não tinha necessidade de usar para projeto, mas quando comecei a querer usar e não tinha ferramentas... Então, eu usei muito este Arcon, em 3 dias assim já tinha feito o apartamento, decorado, com as painelas, os quadros no lugar, tapete, tudo bonito, lindo maravilhoso... Daí para a frente, o meu contato com informática foi muito forte, porque eu comecei a usar softwares das minhas áreas de pesquisa científica... Conheci o meu marido, que é um pesquisador cientista também, e ele, é... Trabalhava com muitos softwares ligados à área de pesquisa científica, por exemplo, cristalografia, difração de raios-X, coisas totalmente técnicas. E daí, fui começando a fazer conversa entre esses softwares da área científica com os softwares

abertos da área, com os Sketchup da vida, com o 3D, e fazendo comunicação entre eles e usando outros softwares em paralelo, da área de visual, na área de tratamento de imagens, e hoje eu mexo com 10 softwares de... 10, 15 softwares diferentes na área de produção de arte digital... Então, eu trabalho muito com arte digital, atualmente, com softwares de execução que são coisas muito bonitas, entendeu, muito diferenciadas.

▪ **Então, você diria que hoje sua integração com o computador é total?**

É total. Não, ele era normal, como sempre foi para fazer todos os trabalhos da área científica, mas não com os recursos de um software para dedicação a arquitetura, né, a arquitetura e outros ligados à arte digital, então, hoje eu uso um monte de softwares. Hoje não dá para viver sem softwares. Então hoje eu uso softwares americanos, franceses, russos, coisas fora do caminho normal de softwares de comércio, uso mais softwares personalizados, e por aí vai.

▪ **Então... Você diria, hoje, vamos dizer... Trinta e poucos anos depois que a gente fez a faculdade, né... Como é que você descreveria sua satisfação com a carreira de arquitetura? Você se considera satisfeita, atendeu à sua expectativa...**

Hum... É difícil falar, né, Iberê... Porque como este link meu com a arquitetura e tecnologia é muito forte, não dá para... Por exemplo, eu trabalho na área docente, como professora, e a minha profissão lá, em termos de quando eu vou preencher meus currículos Lattes, eu sou obrigada a por todas minhas formações, mas em termos de curso completo, né, eu posso dizer que eu uso arquiteta, no meu nome, eu sempre uso arquiteta, não uso tecnóloga porque o arquiteto está superior ao tecnólogo, né. Mas, nos contatos... É aquilo que eu te falei... Os contatos que eu tenho lá fora, e daí você vê que o pessoal tem outra visão, outra formação, completamente diferente, né, do arquiteto daqui... Você vê que realmente nosso curso não foi nada... Tanto que, se eu fosse trabalhar lá fora, teria que fazer novamente pelo menos mais 2 anos de complemento para poder trabalhar lá fora... Porque não abrange todo o escopo do currículo de lá, entendeu? Mas... Atendeu, agora, eu não sei, hoje, com que nível está saindo esses meninos da escola, entendeu?

▪ **Para você, então, foi bom, né...**

Não... É... Para mim foi bom, eu não posso reclamar, eu só não estou numa posição maior porque eu não quis... Porque eu fiquei na área acadêmica em razão do que... Dos filhos... Se você tem uma outra preocupação em paralelo, você tem que es-

tar muito bem na sua posição em relação a subir, ascender, profissionalmente ou dar conta dos filhos, né... Então eu tive que fazer uma coisa intermediária... Hoje meus filhos estão bem, tenho que erguer a mão para o céu... Depois a gente conversa melhor.

▪ **Tá bom, um abraço.**

Um abraço... Tchau.

Arquiteto nº 5

Sexo	Masculino
Data de nascimento	02/09/1959 (55 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1979 (20 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1983 (24 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP)
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 21/07/2014. Duração 11:41 min

▪ Faz tempo que você parou de trabalhar com arquitetura?

Olha, a última vez que eu trabalhei com arquitetura foi em 84... Não, foi em 86, quando eu fiz estágio com um arquiteto. Na verdade não era bem um estágio, porque eu já era formado, eu era auxiliar dele.

▪ Mas você trabalhou na área?

É trabalhei, é.

▪ Vamos pensar o seguinte... Quando você resolveu fazer a faculdade de arquitetura, imagina você há 35 anos atrás, porque você escolheu o curso de arquitetura e urbanismo?

Por gostar de prédios, por gostar de construção, achar a carreira interessante... Por isso.

▪ Uma vez que você resolveu fazer arquitetura e urbanismo... Porque no Mackenzie?

Porque no Mackenzie? Porque eu tentei a USP e o Mackenzie, não passei na USP e acabei passando no Mackenzie e também tinha uma boa reputação o Mackenzie por isso também se fosse uma universidade ruim eu não teria feito.

▪ Só tinha as duas escolas, né?

Que eu me lembre só tinha essas duas, depois surgiu a Belas Artes, mas muito tempo depois na época eram só aquelas duas mesmo.

▪ Quando você estava cursando a faculdade como é que você.... Como era a condição da sua família, você já trabalhava, como você se sustentou enquanto estava fazendo a faculdade?

Eu morava com a minha família, mas eu trabalhava já na empresa.

▪ **E você precisou que a tua família te ajudasse a pagar o curso?**

Não, não. Não precisei não, com o meu trabalho eu pagava o curso, ninguém me ajudou não.

▪ **Você já trabalhava no Banco do Brasil?**

Isso.

▪ **Como você descreveria a condição econômica da tua família? Era classe média, média alta...**

Classe média. Classe média. Classe média.

▪ **Seus pais faziam o que?**

Meu pai era jornalista e minha mãe era dona de casa.

▪ **Tá, então... Era profissional liberal.**

Sim, é exatamente, era isso mesmo.

▪ **Então, classe média, vamos dizer assim...**

Isso mesmo, nem baixa e nem alta classe média, média, média... [risos]

▪ **E a condição educacional da tua família... Nível superior...**

Meu pai tinha nível superior e a minha mãe tinha ensino médio.

▪ **E a condição cultural da família, assim, em relação à artes, pinturas, esculturas, arquitetura, música como era o ambiente na tua casa?**

Não se falava a respeito não, não se falava... Meu pai gostava muito de arquitetura também, gostava muito de ler, por ser jornalista, sempre leu muito, né, e eu por causa disso adquiri gosto pela leitura por influência dele também, mas acho que o interesse era mais por literatura mesmo, não tanto por artes, mas literatura sim.

▪ **Tem uma opção que diz assim, vê se descreve bem: “pouco interessados, até gostávamos de algum tipo de arte, mas esse assunto não era prioritário em casa”.**

Exatamente.

▪ **Então, o financiamento dos estudos pra você foi fácil para pagar o curso, você não teve grandes dificuldades, não é?**

Não, não tive não.

▪ **Você achava que a mensalidade era cara ou barata?**

Não era cara na época não, não... Era barato. É que, comparado com os preços de hoje, que eu ouço falar por aí, que está tudo tão caro... Mas não achava caro não, tanto que eu não pedi empréstimo nenhum, eu tinha possibilidade de fazer na caixa federal e não precisei pedir.

- **Logo que você terminou o curso, em 83, você terminou o curso, ganhou o diploma e tal... Você se considerava apto a entrar no mercado de trabalho?**

Não! Não! Não mesmo.

- **Por esse lado como é que você avalia o curso que você fez, naquela época, naquela ocasião, você terminou o curso e você fala... O curso foi bom, foi ruim, o que você achou?**

Eu não poderia dizer que foi ruim eu estaria sendo injusto com o curso, foi razoável, foi médio, acho que poderia ter sido mais focado na prática do trabalho mesmo... Entendeu... Tinha muita teoria e pouca ênfase na prática.

- **Em relação à época que você entrou e de quando você saiu... Quando saiu.... Você acha que o curso atendeu às expectativas, quer dizer, quando você entrou, você tinha expectativas, você esperava encontrar certas coisas lá, quando você saiu, você acha que foram atendidas as tuas expectativas?**

Não, não, não. Justamente por isso eu acho que faltou foco na prática do trabalho do arquiteto.

- **Então, você diria que o atendimento a tua expectativa foi ruim?**

Não foi ruim, foi médio. Pra dizer que foi ruim, ruim, acho eu seria injusto, acho que foi médio.

- **Tem aqui, olha... “razoável, o curso ficou mais ou menos dentro do que eu esperava mas minha idéia de formação de arquiteto é um pouco diferente”.**

Hum, hum, mas tem como você colocar isso que eu falei, que faltou durante o curso faltou foco, ênfase, na vida profissional prática do arquiteto.

- **OK. Isso eu já coloquei. Muito bem... Você chegou a trabalhar na área, você fez estágio...**

Como foi depois de formado não foi estágio, no caso eu era assistente de um arquiteto.

- **Mas você trabalhava como autônomo, como freelancer...**

Não, eu era empregado dele, não tinha registro em carteira, mas eu era empregado dele.

- **Era empregado, mas sem registro.**

É, sem registro e sem nada.

- **E você fazia que atividade lá?**

Plantas, planta baixa.

▪ **Mas era desenvolvimento de projeto ou mais como desenhista?**

Desenhista, desenhista... Os projetos eram todos feito por ele.

▪ **Você ficou quanto tempo lá?**

1 ano, próximo de 1 ano, 10 meses talvez, mais ou menos isso.

▪ **Depois disso você não trabalhou mais na área?**

Não, não trabalhei não. Nada, nadinha.

▪ **Nem para os amigos...**

Não. Nada, nada vezes nada.

▪ **Nem por hobbie.**

Por hobbie sim, eu fico brincando em casa fazendo plantas de apartamento, pego plantas de jornal e faço alterações, por exemplo, só isso.

▪ **Mas pra você, você nunca não fez isso...**

Só pra mim mesmo, como brincadeira.

▪ **Quando você se aposentou do Banco do Brasil?**

Em janeiro de 2013.

▪ **E você trabalhou como professor de inglês, né?**

Também. Eu fiz o curso de letras na Inglaterra e fui professor de inglês também.

▪ **Esse curso de letras é de quanto tempo, você lembra?**

Foi de 3 anos.

▪ **E você trabalhou como professor de inglês [durante] quantos anos?**

Mais de 20 anos... Até hoje eu trabalho com isso. 20 anos.

▪ **Um dos itens da pesquisa é com relação ao uso da informática no projeto, mas eu acho que no seu caso você nem chegou a usar...**

Nada, nada, eu sabia do AutoCAD e de outros softwares, mas nem sei como se usa, não faço idéia, não sei mesmo.

▪ **E outra questão é com relação a aposentadoria e previdência. Então, no teu caso é simples, porque você se aposentou pelo Banco do Brasil.**

Exatamente.

▪ **Então, você nunca precisou pensar nisso com relação à arquitetura.**

Não, não precisei.

▪ **No tempo que você entrou no Banco do Brasil você era funcionário estatutário, como é que se chama lá?**

Eu era CLT, embora concursado, eu era considerado CLT.

- **Bom, eu não sei se essa pergunta se aplica a você, mas eu precisaria perguntar qual foi a sua satisfação pessoal com a carreira de arquiteto.**

Olha, como é que eu respondo isso... Como eu nunca fui atrás de nada eu não posso... Eu não tive... Quais seriam as alternativas que você tem aí, que se encaixa?

- **Tem “totalmente insatisfeito, a carreira não atendeu as minhas expectativas e as minhas necessidades”. Depois eu tenho...**

Como eu não fui atrás..

- **Tem “insatisfeito, mas não totalmente encontrei coisas boas, mas o que achei de ruim acabou se sobressaindo”.**

É... Isso aí.

- **É que realmente você não fez o curso especificamente para ter uma profissão, né, você fez porque você gostava.**

Também tem isso, é verdade, até cogitei talvez em viver de arquitetura, mas é como te falei, não insisti muito nisso.

- **Vou colocar aqui, não fez o curso para ter uma profissão, mas por conhecimento geral e diletantismo... Acho que isso esclarece bem.**

Tá legal! Tá bom! Abração e juízo, hein?

Arquiteto nº 6

Sexo	Masculino
Data de nascimento	01/09/1961 (53 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1981 (20 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1985 (24 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP)
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 14/07/2014. Duração 29:53 min

- **Qual foi o motivo que te levou a escolher esse curso [de arquitetura] e não outro, assim, como engenharia ou artes plásticas?**

O fato é que eu gostava muito de desenhar e eu vim de uma família de engenheiros, né. Aí, eu falei engenheiro é que sabe desenhar, acho que [ele] conduz a arquitetura. Aí eu tenho a minha irmã mais velha que já estava fazendo arquitetura e eu gostava muito de ver aquilo que ela estava fazendo, os trabalhos, aí aquilo me influenciou muito, assim, e me levou a fazer arquitetura por causa disso, porque eu tenho uma minha irmã que já estava fazendo e eu gostava. Ela me fez pegar gosto vendo os trabalhos que ela fazia.

- **Então isso já estava na família...**

Isso. E o meu pai... O meu pai que é italiano, né, veio pro brasil quase com 40 anos. Ele tinha formação que na Itália se chamava “geômetra”, que lá é o cara que é como um super técnico de edificações porque lá o curso é de 4 anos. Então esta coisa estava meio no sangue.

- **Então... Uma vez que você escolheu fazer arquitetura porque no Mackenzie, não na FAU, ou na Mogi...?**

Eu prestei o Mackenzie e a FAU e eu prestei duas engenharias. Eu entrei em tudo menos na FAU USP. Aí eu peguei, falei, olha, quer saber, vou fazer o Mackenzie porque eu moro aqui perto... Na época não custava caro, entendeu... Então... Claro que... Vou te falar uma coisa... Tinha muitos amigos no Mackenzie, viu... Então, não sei se seu, sabe... São aquelas coisas que você meio que direciona inconscientemente... Eu tinha amigos na engenharia, amigos no direito... Estava louco para fazer

faculdade aqui no Mackenzie porque eu morava aqui em Higienópolis, também... Daí eu falava, putz, ir até a cidade universitária, entendeu, para mim era muito fácil, porque ia a pé para a escola, entendeu... Foi vantajoso fazer o Mackenzie.

▪ **Em que rua que você morava?**

Eu morava na Rua Itápolis, ali no Pacaembu... Sabe onde é?

▪ **Sei, sei... Eu morava na Rua Alagoas...**

Então... Eu ia caminhando, assim, muito gostoso. Para mim, foi muito fácil fazer o Mackenzie, gostava mesmo...

▪ **Quando você estava estudando, bem na época da faculdade, como você classificaria, assim, a condição econômica da tua família?**

A minha família não era uma família pobre, né, meu pai era industrial... E a gente era uma família com 9 irmãos, mas a gente morava no Pacaembu, numa casa, entendeu, uma família assim que não que não... Como é que vou te descrever...

▪ **Não era rico, mas tinha posses.....**

A minha família foi, assim, nos anos 60 ganhou muito dinheiro na fábrica de camisetas Biselli, meu pai era industrial de indústria têxtil, então era uma família que estava muito bem.

▪ **Então não foi assim grande sacrifício custear a faculdade?**

O Mackenzie não custava nada na época, eu pagava com o meu estágio, o Mackenzie, e ainda sobrava... Hoje que inverteu as coisas... Hoje mudou completamente, eu me lembro que na época era um terço do meu salário de estagiário era a mensalidade do Mackenzie, agora um terço do seu salário é a mensalidade do Mackenzie, do salário de estagiário, coitado... Mudou completamente, o cara não consegue pagar faculdade. Na época eu pagava, meu pai ajudava um pouco, mas não era um negócio caro, assim.

▪ **Não teve grande dificuldade...**

Não.

▪ **Como você classificaria a condição educacional da família, na época... Você já me falou um pouco, o teu pai era formado na Itália....**

Era ensino médio, mas meus irmãos todos fizeram faculdade. São nove irmãos, hein, lembra disso.

▪ **Nove irmãos, e todos fizeram faculdade...**

Todos. E eu fiz mestrado e acabei agora de concluir o doutorado.

- **É, mas no caso, aqui, a pesquisa se fixa mais na época [da faculdade].**

Sim... Na época estavam todos ou a maior parte estava fazendo a faculdade.

- **Como você classificaria a condição cultural da família? Vocês eram ligados às artes, cinema, teatro...**

Isso é que é o forte... Impressionante, porque meu pai... É claro que meu pai nasceu em 1919, né, tinha nascido, né, quando era vivo, mas a família tinha um nível cultural muito acima do normal. Era a gente muito culta mesmo, muito... Para você tem uma idéia: um dos meus tios, um dos irmãos do meu pai, era padre, e estudou no Colégio Alberoni, que é...

- **Mas ele veio para o brasil?**

Sim, depois ele veio pro brasil. Mas esse Colégio Alberoni³⁸ era formador de papas, assim, entendeu... Assim, elite da formação religiosa, da formação... Religiosa... Formação de seminários na Itália. Esse meu tio, particularmente, era uma enciclopédia, assim... Meu Deus do Céu, dava até medo. Já morreram todos, eu tenho duas tias na Itália, agora, dos irmãos que vieram... Os outros morreram todos. Que mais?

- **Quando você concluiu o curso, logo que você se formou, então, como era a sua avaliação com relação a... Você achava que estava preparado para o mercado de trabalho, quando você se formou?**

Sabe que eu achava, viu, porque não era simplesmente a questão da arquitetura, porque isso eu dava conta... Eu era bom aluno, entendeu, meu TFG saiu publicado, eu era um corajoso nessas coisas... Mas a minha família me deu muita estrutura, assim, de como montar um negócio, entendeu... Me deu um certo suporte, assim, não só de know how como assim alguma segurança econômica na época. Me indicaram alguns primeiros clientes, que eram da família, na época. E foi assim que eu comecei, com o suporte da família.

³⁸ O “CollegioAlberoni” é um complexo arquitetônico, localizado em Piacenza, na Itália, abrangendo atividades como seminário, galeria de arte, observatório astronômico, museu de ciências naturais, biblioteca e a igreja de San Lazzaro (informações obtidas do site da instituição em www.collegioalberoni.it. Acessado em 10/09/2014)

▪ Mas você acha que o curso te capacitou?

Eu saí muito contente, eu gostava... Eu era muito de fuçar, assim, tive bons professores... Um dos meus professores era o Carlos Brakte³⁹, o Loeb⁴⁰, caras que me ensinaram muito, assim, só de olhar... Não é que o cara sentou e me ensinou, eu ia atrás deles, ia ver as obras dele aí perguntava na escola como ele fazia... Depois, eu estava num estágio desde o primeiro ano da faculdade, quando eu já tinha muita responsabilidade, assim, a partir do terceiro ano... E depois, no 5º ano já montei meu escritório, entendeu, então foi... Naquela época, era... Eu não sei... Não sei se eu era corajoso ou se era assim que se fazia, entendeu? O Brasil estava num momento de otimismo porque, apesar da conjuntura econômica estar ruim, a gente estava saindo na rua por “diretas já”, a gente tinha a impressão de que a gente passar o Brasil a limpo... Era um momento de otimismo, assim, quer dizer, com aquela coisa toda do movimento das diretas, a gente estava otimista... A gente levava o otimismo na política para o otimismo de montar o seu próprio negócio, para inventar coisas novas. O Brasil estava se abrindo a publicações, estava vindo um monte de coisas novas, a arquitetura estava mudando, era um momento muito interessante, assim, eu gostava dessa época... Foi a primeira metade dos anos 80... Depois, eu saí exatamente em 85, 86... O cenário era ruim, mas, não sei, eu estava muito animado, eu era jovem, né... A gente tem coragem, não é?

▪ Então eu você diria que em termos gerais o curso atendeu às suas expectativas...

Me atendeu sim... O Mackenzie tem uma coisa profissionalizante, assim... Os professores todos eram arquitetos na época, não tinha essa bobajada de hoje, ficar fazendo monografia... O professor era arquiteto, entendeu, então você perguntava “como faz” e o cara te explicava, “você faz assim”, era um negócio bem empírico, bem prático, isso é o que eu gostava no Mackenzie... Você faz assim, esse concreto se

³⁹ Carlos Bratke (São Paulo, 1942) é arquiteto formado em 1967 pelo Mackenzie (FAUUM). Pós-graduado em 1969 pela FAU-USP. Professor da Universidade Mackenzie e do Centro Universitário Belas Artes (informações extraídas do site do arquiteto em www.bratke.com.br. Acessado em 15/09/2014)

⁴⁰ Roberto Loeb (São Paulo, 1941) é arquiteto formado em 1965 pelo Mackenzie, sendo mais tarde, professor de projetos, nesta mesma faculdade (informações extraídas do site do arquiteto em www.loebarquitetura.com.br, acessado em 15/09/2014)

faz assim, isso aqui é assim, o tijolo é assado, a viga é assado, então, os professores arquitetos que é o que eu mais respeitava e continuo respeitando, era assim o que mais tinha no Mackenzie. Eu acho que o Mackenzie consegue preservar essa tradição, de alguma maneira, entendeu... Apesar das exigências de MEC, CAPES e FAPESP, aí, que ficam nessa questão de ficar qualificando a escola, pontuando a escola, por “papers”, por artigos científicos e monografia que é uma coisa meio esquisita para o arquiteto e até, do ponto acadêmico, hoje tá entrando em crise esse sistema... Você vê os grandes prêmios Nobel criticando essa pontuação, essa burocracia de produção de “paper”... Na nossa época era assim, quem que desenhava melhor, e não tinha nada de computador, então, a gente admirava muito a questão do desenho de saber desenhar, de saber produzir ilustrações, era uma coisa assim muito importante na minha época.

▪ **Então você diria assim que é... Aqui eu tenho duas opções: “o curso excedeu a expectativa, foi melhor do que eu esperava”, ou “atendeu exatamente aquilo que eu estava esperando”....**

Não, veja, o curso foi uma revelação para mim, eu era péssimo aluno na escola... A faculdade de arquitetura foi uma redenção, a hora que eu comecei a ver os desenhos... Falei, nossa! Isso aqui é demais cara! Eu fui imediatamente dos piores alunos da escola para o grupo da elite da escola... Adorava a faculdade de arquitetura, adorava, tanto que depois eu fui dar aula porque eu não queria sair nunca mais daquele ambiente, adorava aquilo, enfim, foi onde eu me encontrei. A faculdade de arquitetura foi uma revelação fantástica, nunca imaginei que seria um negócio tão legal. Porque o ensino médio é um negócio horroroso, para um cara que tem a cabeça abstrata... Quando entrei lá que eu vi que o desenho era o que prevalecia, que a questão do desenho era a coisa mais importante para o arquiteto, para mim foi uma revelação formidável, um grande encontro assim do que eu queria... Da fome com a vontade de comer, entendeu? Então foi muito revelador, e todos os personagens... Eu adorava aqueles caras, aqueles arquitetos, eu admirava, eu via os desenhos via os prédios deles, achava o máximo... Continuo achando, são todos meus amigos hoje em dia.

▪ **Agora eu queria te deixar à vontade pra você falar um pouco sobre a sua carreira...
Você já falou que quando saiu da faculdade você montou um escritório...**

Isso. Durante alguns anos a gente teve... Os 10 primeiros anos... A gente teve, junto com o escritório de arquitetura, a gente montou uma construtora... Um negó-

cio que funcionou até 95, por que a gente sabia que o dinheiro na arquitetura era pouco, eu tinha possibilidade de oferecer serviços de construção, então eu chamei um sócio engenheiro, chamei meu sócio Artur⁴¹, que é um bom administrador, e a gente construiu, incorporou prédio, construímos um monte de coisa... O problema é que quando entrou o Collor desorganizou muito o país, a gente não tinha perspectiva, era uma confusão tremenda... Então, a partir de 95 a gente começou a... Passou... O nosso sócio que era engenheiro não quis mais insistir na construtora então a gente ficou só com o escritório de arquitetura a partir daí. Então, nos últimos 20 anos é que eu estou exclusivamente com arquitetura, eu e o meu sócio Artur. A gente passou por mil fases, agente investiu muito em concursos públicos, agente teve demandas grandes em função disso, de ser bem sucedido em alguns casos... E... Enfim, a partir do ano 2000, assim... Depois dessa primeira décadas do século a gente conseguiu atingir os trabalhos grandes, né, trabalhos de um certo porte... Fizemos aeroportos, fizemos muitas escolas, fizemos indústrias... Nós estamos fazendo hoje uma produção bastante variada ainda... Agora os últimos 2, 3 anos tem diminuído muito, o Brasil não tá construindo, então, o que será, né, tem que permanecer firme para não desanimar, porque tá uma situação que não tá fácil ultimamente... Então, é diminuir a estrutura, tentar se agüentar do jeito que dá... Dar aula, a gente vai se agüentando, mas primeiro o governo Lula... Do Fernando Henrique também mas, o governo do Lula que o Brasil floresceu economicamente mais sei lá... Entrou a Dilma e começou a complicar tudo... Sei lá... Você tá ouvindo os arquitetos então eles vão te falar melhor sobre isso... Mas foi uma carreira que olha... Agora vai fazer 30 anos que eu tive meu primeiro escritório, eu estava no 4º ano da faculdade, finalzinho do 4º ano... Foi uma profissão que, sei lá, às vezes eu acho que ela é mais difícil do que as outras, as vezes eu acho que ela igual, então, eu não sei dizer... Tem horas que você.. E eu tenho uma família com 5 filhos... Agora eu criei eles... Algumas vezes você fica com menos trabalho, outras vezes você fica com mais, no final das contas eu não sei se é ou se não é igual às outras, na média... Porque arquitetura é muito, vamos dizer assim, alta costura... Você não tem o varejo, você não tem

⁴¹ Refere-se ao Arq. Artur Katchborian, que é sócio do entrevistado na Biselli Katchborian Arquitetos Associados Ltda. (www.bkweb.com.br)

pret-a-porter, né... Você não tem situações repetidas, sempre você tem que reinventar tudo e é muito muito difícil dimensionar como remunerar bem o seu trabalho... Você não faz nada assim que você põe na prateleira do supermercado para o pessoal gostar e comprar ou não comprar... Tudo você tem que pensar especificamente para um caso, para um cliente, e tal... E eu sou um tipo de arquiteto que eu não gosto de repetir, às vezes eu tenho uma solução, um tipo de partido arquitetônico que faz sucesso, aí você repete ele uma, duas, na terceira vez você não agüenta mais.... Pô você tem que pensar em outra coisa né... Afinal você é um arquiteto ou um rato, né... [risos] Isso era o que dizia meu grande mentor, o Héctor Vigliecca⁴² com quem eu trabalhei no início da carreira... O Héctor fala isso, “você é um arquiteto ou um rato”... [risos] Ou seja, o arquiteto tem sempre que estar propondo coisa nova, tem que se comprometer, assim, com uma projeção genuína... Não ficar fazendo coisa genérica... E isso, na verdade, acaba por ser um pouco a nossa ruína, porque toda vez você perde um tempão, pensando um monte de coisa que você poderia ter estocado, no estoque...

▪ **Infelizmente não dá, né...**

É difícil... É uma profissão que precisa de muito idealismo, não tem como... Precisa adorar mesmo, a profissão...

▪ **Quer dizer, então, que você trabalhou basicamente com edificações e projetos, então, né?**

É, a minha carreira se dedicou muito a isso... A gente tem, uma hora ou outra, um concurso ou outro... Tem se envolvido com urbanismo, mas é nessa escala que eu tenho trabalhado.

▪ **E com interiores você não chegou a lidar?**

Interiores é uma coisa que eu nunca procurei e acho que em função disso nunca veio... Então, por exemplo, eu fiz, no ano 2002, o projeto da montagem da Bie-

⁴² Héctor Vigliecca, nascido em Montevideu em 16 de outubro de 1940, é um arquiteto e urbanista uruguaio que vive no Brasil desde 1975. Possui uma vasta produção que abarca desde projetos de habitação de interesse social, arenas esportivas e edifícios nos âmbitos cultural, educacional e institucional, até grandes intervenções urbanas. É professor aposentado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, permanecendo somente no quadro de professores da pós-graduação. Informações retiradas do site da Vigliecca & Associados em www.vigliecca.com.br. Acessado em 11/09/2014

nal de Artes... Mas aquilo é uma montagem de um projeto de exposição, mas você não pode considerar isso [como] arquitetura de interiores.

▪ **Não é exatamente...**

Não tem essa conotação é uma exposição, né. Fiz também, uma época, que foi até o resultado de um concurso, a reforma retrofit, vamos dizer assim, da biblioteca daquele colégio francês Liceu Pasteur. Era até uma boa parte de coisas internas, mobiliários e tal, foi o que mais eu fiz que mais se aproximou de interiores.

▪ **E a parte de patrimônio e restauro?**

A gente tem um projeto só que envolve isso, mas eu estou chamando gente especialista para trabalhar comigo... Não é uma coisa que eu me especializei.

▪ **Esse projeto você está fazendo agora, então?**

Esse projeto é aquele que agente tá fazendo no Paraná, é o centro judiciário de Curitiba, então, tem um monte de coisa nova mas tem a restauração do pavilhão antigo, lá... Que a gente não sabe se esse projeto vai ou não vai... Para mim ainda tá meio na berlinda, assim.

▪ **E na parte de paisagismo?**

Paisagismo é uma das coisas que eu sempre chamo... Paisagismo, por exemplo, e interiores, quando tá no escopo do que eu vou fazer, eu chamo gente para se associar a gente, eu te explico, a gente fez o projeto do terminal 13 em Cumbica, que depois foi engavetado e construíram outra coisa lá, mas isso é uma coisa recente para nós. Nessa época agente ganhou a concorrência e estava no escopo, interiores, paisagismo, iluminação e eu chamei um monte de gente, eu chamei Abbud, Menegetti para fazer interiores, chamei o Plínio Godói pra compor a equipe, entendeu? Mas não são coisas que eu pessoalmente faço. Nessa escala você vai associando as pessoas, né... Nas concorrências públicas...

▪ **Normalmente quando aparece muito paisagismo você terceiriza né?**

Eu terceirizo. Normalmente eu tenho chamado o Benê Abud, mas tem outros também.

▪ **E o urbanismo? Você tem feito mais em termos de concurso, não é?**

Isso. Urbanismo é uma coisa que tá pintando... Não vou te falar muito porque daqui a pouco eu vou estar fazendo isso, mas eu não quero dar muito (*muita informação*)... Porque eu estou em plena concorrência.

- **Não, não... Tudo bem. E a parte de ensino e pesquisa, então? Você está dando aula na Belas Artes, e...**

Essa é a área que eu mais atuei, eu estou há 22 anos na Belas Artes e há 14 anos no Mackenzie... Então, eu me dediquei muito a dar aula, eu gosto de dar aula, você dá aula, às vezes, porque não consegue deixar de dar aula, a gente gosta, é um negócio muito interessante.

- **Você falou que está há 22 na belas artes, e onde mais?**

No Mackenzie! Estou há 14 anos lá.

- **E você leva essa atividade paralelamente ao escritório?**

É... Normalmente ocupa uns 30% do meu tempo. Agora tá um pouquinho mais, porque o escritório tá meio tranquilo, então eu aumentei um pouquinho minha carga horária.

- **E esse aí [dar aulas] você não faz só por questões financeiras, mas também pelo prazer da coisa....**

Também pelo prazer, é uma coisa... Não é bem o prazer, sabe o que é vocação... Não sei se você conhece... Você começa a ver que os alunos estão gostando do curso, e te procura, então você fala, bom... Então acho que algo estou fazendo direito aqui... E é uma coisa que eu gosto de fazer, eu gosto... A responsabilidade tem um nível muito diferente... É um negócio muito interessante, não é aquela responsabilidade de que o prédio vai cair, o cano vai passar pelo meio da viga... É um nível de responsabilidade, assim, de que você está formando pessoas, é muito bacana.

- **É verdade... Quando você vê o resultado... Agora... Você sempre trabalhou na área privada, nunca trabalhou em órgão público?**

Não! Trabalhar como funcionário público não.

- **Só prestando serviços....**

É. Mas eu tenho muita prestação de serviço pro... Na área pública.

- **Em termos de vínculo empregatício, então, você praticamente trabalhou a vida inteira como...**

Como professor...

- **Na sua empresa, não é?**

Na minha empresa eu sou sócio-diretor, não é um vínculo tipo CLT.

- **Sim, sim...**

O vínculo que eu tenho como CLT é com as escolas...

- **Então, aqui você teria 30 anos como sócio-proprietário e 22 anos como professor...**

É... 30 na verdade... São 28 ainda... São 28 tendo formado, embora tenha...

- **São 28 para 29 anos...**

É.

- **E você nunca trabalhou para outros arquitetos, sempre trabalhou na sua firma...**

Eu trabalhei associado entendeu... Por exemplo colaborei com o Héctor Vieglicca, mas era uma coisa muito informal, que você compunha a equipe pra fazer um concurso, isso nos anos 80 ainda né... E só. Foi nesses pequenos.

- **Agora... Em termos de informática na tua profissão... Porque a nossa geração foi uma das primeiras que pegou aí o AutoCAD, computador, né...?**

É nós pegamos a transição na veia né....

- **Exatamente, esse é um dos pontos que eu estou pesquisando... Como é que a nossa geração se virou com essa questão. Porque, quando a gente estava não escola, não tinha... Então como é que você se virou?**

Olha, eu agüentei até o último minuto, chegou uma hora que eu disse, bom... Acho melhor fazer os cursos e pronto. Eu agüentei até 94, depois eu fui fazer os cursos e entrei de cabeça na coisa mesmo.

- **Mas até 94, você não usava computador...?**

Não usava!

- **Era tudo feito a mão mesmo, né?**

É. comecei a usar a partir daí, a partir de 94. Antes disso era tudo no braço... Mas eu fui aprender e comecei a modelar rapidamente muito bem, na hora em que eu entendi o negócio. E aí eu me dei bem com o negócio dos computadores, muito rápido.

- **E hoje como você definiria... Você faz tudo no computador, faz só uma parte, como é que você faz?**

Não! É tudo no computador... Isso é uma página virada na história, você pensa dois ou três conceitos e vai direto pra máquina.

- **Então, quer dizer que você usa computador para tudo desde a criação inicial até os desenhos...**

É porque você tem hoje uma capacidade de especulação no computador que é um negócio formidável... Principalmente com a materialidade das coisas, é um negócio sensacional.

▪ **Então para você já tá totalmente superado...**

É a gente já é totalmente familiarizado, nosso processo já está integral nisso aí.

▪ **Mudando um pouco de assunto... Em termos de aposentadoria e previdência... Não sei como você lida com isso se você pagar INPS, ou se você tem previdência privada...**

Então, nas faculdades eu sou CLT, eu tenho fundo de garantia bom... Um fundo de garantia. Mas eu não tenho uma previdência privada bem estruturada... Eu vou começar a pensar nisso agora, não sei se isso é um pouco tarde mas, talvez seja a hora agora, antes tarde do que nunca. Mas esses anos todos dando aula, te deixa com uma bela poupancinha.

▪ **E tem também uma aposentadoria do INPS te esperando...**

É, exato.

▪ **Para você isso foi uma preocupação que você teve durante a vida profissional ou você foi levando...?**

Não. Eu nunca tive assim direto eu acho que essas coisas agora que começam a me preocupar mais.

▪ **Agora... De maneira geral como é que você classifica a sua satisfação pessoal com a carreira que você escolheu, há 30 anos... Muito satisfeito, mais ou menos....**

Sei lá... Para te falar a verdade... A nossa queixa é sempre do ponto de vista financeiro, não é, porque eu ainda tenho muitas responsabilidades... Eu queria estar um pouco melhor de vida nesse momento. Mas as coisas vão e voltam, também, a gente não pode se queixar não. Então, esta é a minha queixa, eu queria estar um pouquinho mais bem resolvido nesse campo, vamos ver se nesses próximos anos eu consigo deixar encaminhada minha aposentadoria, vamos ver... Essa é minha maior queixa que eu tenho, porque eu... Porque a profissão não te ajuda muito... É uma profissão mal remunerada, com milhões de inseguranças, muito difícil ser arquiteto e fazer disso o seu ofício e o seu ganha-pão, não é fácil... Então... O que eu mais reclamo é a resposta financeira que a profissão dá... É muito difícil... Os arquitetos não tão muito aí com isso não, eles acham que é arquitetura é uma profissão para dândis, que você não tem que pensar em dinheiro, entendeu... Mas, enfim.

- **Posso dizer então que você tá satisfeito com tudo que você faz você gosta da coisa...**

Eu gosto muito...

- **A questão é mais a resposta financeira que você recebeu, né...**

É que eu tô aqui, entrando nos 52 anos... Eu queria entrar na faixa dos 60 anos mais tranqüilo, não trabalhar tanto, mas vou ver se eu consigo, eu ainda tô em plena força, né? Mas às vezes eu o olho... Veja... Eu não posso te dizer... Olha lá... Os meus amigos que são solteiros ou tem um filho, ou tá separado entendeu, esses caras viajam duas vezes por ano, entendeu leva uma vida muito mais tranqüila... Agora eu escolhi ter uma família grande, porque eu vim de uma família grande, então, esse negócio leva tudo o que eu ganho entendeu... Eu não consigo fazer poupança.

- **Teus filhos estão com quantos anos?**

Eu tenho um filho na faculdade ainda e tem um filho no colegial ainda, tenho uma filha que se formou agora.

- **Você tem filhos entre 17 e 25 anos então mais ou menos?**

É assim a mais velha 24, aí 22, 20, tem um de 17 e um molequinho de 12 anos.

- **Entre 12 e... O mais velho tem quanto?**

24... É isso aí...

- **Pois é... Tem bastante escola para pagar ainda...**

Tem, mas, veja... No Mackenzie eu tenho duas bolsas lá, né... Eu pago na verdade duas escolas hoje... As escolas sempre te ajudam um pouco.

- **Sim, claro. É uma das vantagens de ser professor.**

É, mas, os caras te dão duas escolas... Não te dão 5. Eu sempre paguei escola. Então, minha opção de vida não foi moleza, eu optei por responsabilidade, eu optei por família grande eu acredito nisso é uma questão de idealismo não foi uma coisa que foi acontecendo eu acredito em família grande eu vim de família grupo por isso eu acredito é mais pesado financeiramente, mas é muito mais fácil no varejo. Os problemas são muito pequenos uma vez que não tem verba para psicóloga fica tudo fácil de resolver... Entendeu?!.. [risos] Enfim...

Arquiteto nº 7

Sexo	Feminino
Data de nascimento	27/11/1956 (58 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (21 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1982 (26 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP)
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 21/07/2014. Duração 20:09 min

▪ **Você entrou na faculdade em 76, também? Você começou quando?**

Em 76, mas eu fazia Artes Plásticas, lembra? Ai eu mudei em 77 para Arquitetura.

▪ **E você terminou em 82, né?**

É.

▪ **Quando você foi fazer Arquitetura, por que você decidiu por esse curso de Arquitetura e Urbanismo?**

Olha, na verdade eu não gostava tanto de projetos, mas eu gostava mesmo era de planejamento, né, de trabalhar no setor público, então quando eu entrei já tinha essa vontade, né? De trabalhar com o setor público, tanto que eu nunca exerci, né, a profissão de arquiteta, porque na sequência eu já fazia estágio na prefeitura, né? E na sequência eles me contrataram para trabalhar na FUNDAP... E foi uma coisa que gostei... E em 87 eu comecei a fazer administração pública na GV aí eu terminei em 91.

▪ **Mas Administração Pública era... Nível de graduação ou pós graduação?**

Mestrado. Mestrado...

▪ **Mestrado, né? Depois você fez... Você começou a fazer negócio de transportes... Na Poli.**

É, na Poli. Eu estava já fazendo geoprocessamento... Que é dentro da área de transporte.

▪ **Transporte, na Poli..**

Era tudo vinculado à parte que eu fazia de imobiliário... Imóveis, né?

▪ **Na área de mercado imobiliário, ou...?**

Não... Patrimônio Imobiliário Público.

▪ **Patrimônio Imobiliário Público. Você falou que você fez MBA, né?**

Na Poli?

▪ **Não, você falou que tinha feito um MBA.**

Não, eu terminei agora... Esse ano... Quer dizer, esse ano eu recebi o certificado.

▪ **E que faculdade que é?**

É na Poli mesmo, em Civil, no PEC, na verdade (Programa de Educação Continuada).

▪ **Beleza. Quando você optou pela faculdade, por que você optou pelo Mackenzie?**

Olha, na verdade, eu não tinha feito cursinho, nem nada, eu fui meio assim na onda, sabe assim, quando você vai fazendo, não parei muito pra pensar, nem pra decidir, ah, quero fazer essa ou aquela faculdade, sabe, assim, pouco sem pensar muito...

▪ **Você entrou primeiro em Artes Plásticas, né?**

Sim.

▪ **Você não fez um vestibular direto pra fazer Arquitetura... Ou fez?**

Não, não prestei direto pra Arquitetura.

▪ **Você fez Artes Plásticas depois pediu transferência, né?**

É.

▪ **Então... E quando você cursava Artes Plásticas, porque você optou pelo Mackenzie?**

Não tinha... Você sabe como é, né? A gente sai do colégio, não pensa muito bem, né? Você vê uma coisa... Inscrição aberta, vou lá fazer, eu prestei Comunicação na USP, né? Quando eu prestei... Naquele tempo eu prestei... Nem me lembro como é que chamava, não era PET...

▪ **Era CECEM, CECEA,.....**

Não eu fiz o ano que não era mais, eu fiz no ano seguinte, mas era isso mesmo. E eu prestei comunicação, queria a ECA, e aí eu prestei a mesma coisa no Mackenzie.

▪ **Ainda naquela época, como é que você descreveria, assim, a condição econômica da tua família? Vocês eram de classe média, média alta..**

Hum... Média alta.

▪ **Teus pais eram empresários?**

Meu pai era. Comerciante.

▪ **Um grande comerciante, médio, pequeno...**

Médio.

▪ **Médio, tá. Vocês não tinham grandes dificuldades financeiras, né?**

Não.

▪ **Uma vida equilibrada, digamos assim, né?**

Ahã.

▪ **E como é que era a condição educacional da sua família? Tinham nível superior, nível médio...**

Não... Nível médio.

▪ **Médio, tanto teu pai quanto tua mãe, né?**

É. A minha mãe até menos ainda. A minha mãe ela morava numa fazenda, as irmãs dela que ensinaram a ela, minhas tias eram todas professoras, minha mãe estudou em casa.

▪ **Ah... Mas ela tinha o que? Segundo grau hoje?**

Ela não tinha diploma, né? Ela estudou tudo em casa.

▪ **E o teu pai?**

O meu pai é nível médio. Mas meu pai não era brasileiro, né?

▪ **Teu pai não era...?**

Brasileiro.

▪ **Tá, ele era... De que nacionalidade?**

Libanês.

▪ **Ele fez o curso lá, então.**

É.

▪ **Ele veio para cá...**

Já com 18 anos.

▪ **Tá.**

Ou com 19, não sei.

▪ **E a condição cultural da tua família, na época... Como é que se posicionavam com relação às artes, por exemplo, cinema, pintura, escultura...**

Meu pai era bem antenado, minha mãe não.

▪ **Mas assim... Vocês não eram de fazer investimento, de comprar obras de arte...**

Não, não, não..

- **Gostavam, mas não faziam grandes investimentos, né?**

Não. Nenhum [risos].

- **Teu pai gostava, mas a mãe não era muito...**

Meu pai gostava de ir no cinema, no teatro... Mas a minha mãe não gostava.

- **Muito bem... Agora... Como é que você financiou teu estudo? Teu pai que pagou, você pegou bolsa, ou você trabalhava...**

Meu pai que pagou... Não, foi meu pai que pagou.

- **E como é que você classificaria assim... Foi fácil para ele pagar, teve alguma dificuldade..**

Não, foi fácil.

- **Não teve grandes problemas.**

Oi?

- **Não teve problemas...**

Não.

- **Agora... Logo que você terminou o curso, como que você avaliaria, assim, a sua capacidade para entrar no mercado de trabalho? Você acha que estava qualificada para entrar no mercado de trabalho?**

Hum... Não sei te dizer... Assim... Como eu fazia estágio, depois na sequência eles me contrataram. Então, nem sei dizer... Praticamente eu não fiquei desempregada, né? Na hora que eu me formei já fui contratada no ano seguinte.

- **Isso [foi] na Prefeitura...**

Então, eu trabalhava na Prefeitura, mas daí eu recebi um convite para trabalhar no Estado. O cara que era meu chefe na Prefeitura, ele veio trabalhar na FUNAP aí ele me chamou.

- **Então praticamente você não ficou no mercado de trabalho, né?**

Praticamente, não mandei nem um currículo. E aí a Prefeitura queria me contratar... E aí eu tinha duas propostas de trabalho, né, uma da Prefeitura e outra do Estado, acabei ficando no Estado, que é onde eu estou até hoje.

- **Mas, se você tivesse que enfrentar, acha que estaria pronta para enfrentar o mercado de trabalho? Com o que você aprendeu na faculdade?**

Acho que não, acho que não. É uma coisa que a gente sai bem... Bem pouco desenvolvido, né?

▪ **E o que você acha que estaria faltando?**

Ah, não sei... Eu atribuo a culpa até a mim mesma, por não ter levado tanto a sério, hoje eu sinto a falta de não ter estudado mais, sabe aquelas coisas, né? A gente meio que se arrepende das bobagens que não fez, ou que fez errado, né, sei lá.

▪ **Você disse que você quando entrou para arquitetura, você tinha intenção de trabalhar com planejamento. Você acha que o curso atendeu essa expectativa?**

Eu acho que não. Porque tudo o que eu fui fazer na prática, na Prefeitura, no Estado, foi uma metodologia de trabalho que eu que fui inventando, vendo, desenvolvendo, eu fui criando um método de trabalho, sabe? Uma coisa assim meio nova, né, eu não sei, não era muita experiência da faculdade, era mais uma experiência... É aquela história, né? De você se virar, né?

▪ **Você acha que a faculdade na verdade te forneceu o diploma, só, né?**

É... Não sei se estou sendo tão dura, assim, com a faculdade, mas na verdade a faculdade te dá um modo de você pensar, de ver as coisas, de organizar, acho que isso também é importante, né? Não posso dizer também que eu saí da faculdade sem ter nenhuma bagagem, também, isso não é verdade, né?

▪ **Digamos assim... Foi razoável... Foi médio...**

É, médio. Na verdade a faculdade te dá bastante subsídio, acho que a gente é que não aproveita tanto, né? Acho que essa é que é a questão que eu estou colocando. Eu poderia ter aproveitado muito mais, eu poderia ter feito, ter tido outras experiências, não sei.

▪ **Mas assim, em relação à sua expectativa, o que você esperava que fosse a faculdade e o que acabou se mostrando?**

Acho que sim, a expectativa correspondeu, é. Até porque na verdade eu nem tinha uma expectativa, não é uma coisa que eu estava sonhando em fazer arquitetura, sabe, acho que eu fui meio... Eu queria fazer Comunicação e foi o que eu fui atrás. Só que, quando eu entrei em Comunicação no Mackenzie, eu percebi que não era o que eu queria.

▪ **Você tem trabalhado desde aquela época com Planejamento Urbano?**

Sim, na verdade eu trabalho muito com informações jurídicas, geográficas, econômicas, é uma coisa meio, é um tema meio complexo. De arquitetura é pouco, de planejamento é pouco, mas na verdade eu preciso ter uma concepção ampla do que é

um imóvel, onde ele está, qual é a sua... A sua... Esqueci a palavra... Como fala... Qual seu potencial, porque praticamente a gente trabalha com demandas do governo, daí a gente faz um trabalho para o Conselho do Patrimônio Imobiliário, que é o que define a gestão do Patrimônio Imobiliário, público e estadual.

▪ **Mas está ligado a Planejamento Urbano, né?**

Sim. Projeto não.

▪ **E você trabalhou com isso praticamente desde que estava na faculdade, então?**

Sim.

▪ **E você trabalhou também com ensino, também? Dando aula?**

Então, aqui no meu trabalho eu dou muita aula, então, eu estava... A gente fazia divulgação e eu ficava dando aula. Já estou dando aula de gestão ambiental, mas eu dou aula dessa área de Patrimônio Público pra funcionários do Estado. Eu dou aula faz tempo, mas aqui, dentro da FUNDAP.

▪ **Dentro da FUNDAP, não em faculdade, né?**

Não.

▪ **Você tem exercido mais alguma atividade fora essa? Você faz projeto por fora... Você tem alguma outra atividade?**

Não. Eu nunca exerci a minha profissão de arquiteta no estrito senso, de projetos, não.

▪ **Quando você estava na Prefeitura, você era estagiária, né? Quando você estava na faculdade?**

Sim.

▪ **Depois você foi contratada, você era celetista?**

Sim.

▪ **E atualmente você é funcionária pública concursada?**

Celetista, também.

▪ **Também é celetista. Então você tem registro na carteira nos últimos 30 e poucos anos, né...**

Então. Eu entrei em 83 aqui.

- **Então... São 31 anos. Bom, um dos itens da pesquisa aqui é com relação ao uso da informática, na Arquitetura, especificamente do desenho, né? AutoCAD e outros programas similares. Então, como é que você se integrou nessa tecnologia, porque quando a gente fez a faculdade não tinha nada disso, né?**

Olha, AutoCAD eu não sei mexer e quando eu preciso meus estagiários fazem para mim. E todos sabem, né? Mas o que a gente usa muito é o Google Street, a gente faz os polígonos, faz a dimensão das áreas, a gente tira foto e coloca no site, então a gente usa as funcionalidades básicas do Google Earth.

- **Então você não usa o computador para desenhar, mas usa para outras funções.**

Não... A gente usa pra desenhar os polígonos, sim.

- **Mas não é você que mexe com isso, né?**

Não, eu mexo com isso. Eu só não uso AutoCAD.

- **OK. Bom... Tá acabando, já...**

Fica tranquilo. Eu tô respondendo email enquanto eu estou falando com você.

- **Ah você é multifunção!**

É, fazer o que, né? O serviço não para, né?

- **Então... Uma questão é em relação à aposentadoria e previdência. Então, no seu caso, acredito que a resposta é automaticamente sim, porque você já está enquadrada no sistema de previdência do governo, né?**

Não, eu sou celetista, eu não tenho. Eu vou receber INSS quando eu me aposentar.

- **Você não tem nenhuma previdência complementar?**

Ah, eu tenho. Eu fiz uma previdência complementar.

- **É aposentadoria privada, né?**

É.

- **Agora... Se você pensar nesses 35 anos... Mais... Quase 40, né? Que você entrou na faculdade, e fez o curso, e foi trabalhar... Como é que você avalia a sua satisfação pessoal com a carreira?**

Ah, não sei, às vezes eu me sinto um pouco medíocre, porque eu não sou infeliz, eu sou feliz. Então de repente o meu grau de expectativa não era alto, então... O meu ambiente de trabalho é super bom, as pessoas com quem eu trabalho, também são pessoas... É... Lógico que têm problema, mas em tudo se dá um jeito, é uma coisa

que foi bacana. Agora é que a gente tá agora num ambiente meio ruim, porque o Alckmin⁴³ quer fechar as fundações, né? Então ficou um clima meio esquisito, as pessoas ficaram muito inseguras, e tal, mas isso também não me abalou muito... Se quiser fechar fecha, ué, não tem problema, para mim não vai mudar nada... Eu vou continuar fazendo outras coisas que forem necessárias, mudo de área, faço qualquer outra coisa, não há problema.

▪ **Mas isso aí não é problema da carreira, é problema do serviço público.**

Sim, é um problema do governo... Sim, mas isso acaba interferindo na auto-estima das pessoas, as pessoas ficaram meio desesperadas, porque, aí, eu vou perder meu emprego no ano que vem, ou neste ano. Tem um grau de instabilidade no ar, isso gera um pouco uma expectativa negativa, né? Mas mesmo com tudo isso não é uma coisa que eu estou muito preocupada. Meu marido mora em Brasília. Eu sempre falo... Se eu for mandada embora eu vou pra Brasília procurar emprego lá. Cheguei até fazer um concurso pra trabalhar no CONDEPHAT, no IPHAN, mas eu fiquei em décimo lugar e eles só iam pegar três vagas, então não deu certo. Então... A coisa não é fácil, né? Então... Eu pensei se der alguma coisa de repente “der zica”, eu invento alguma coisa pra fazer. Não vou ficar neurótica se fechar aqui o nosso trabalho, né?

▪ **Mas de maneira geral, você se deu bem na carreira, né?**

É, eu me dei bem, porque, assim, aqui tem uma carreira mais ou menos, eu não ganho super bem, mas também não ganho mal. Então, acho que no fim das contas foi bom, não foi ruim. Agora que a gente está numa fase meio de instabilidade, mas no começo foi muito bom. Eu viajei muito, a instituição me pagou viagem para participar de congressos, apresentei vários trabalhos, então, assim, foi um investimento legal. Estou me referindo a trabalho, deles reconhecerem meu trabalho, então, acho que isso também conta, né? Não é dinheiro, mas conta, né?

▪ **Então, aqui a pergunta se refere mesmo à satisfação pessoal.**

Então é sim, né, acho que sim. Pelo menos eu não fui enganada, era o que eu já sabia....

⁴³ Geraldo Alckmin, governador do Estado de São Paulo na época desta entrevista.

Arquiteto nº 8

Sexo	Masculino
Data de nascimento	25/09/1950 (64 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (27 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1982 (32 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP)
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 24/07/2014. Duração 33:07 min

▪ Por que é que você escolheu o curso de Arquitetura?

Bom, eu sempre quis fazer Arquitetura, né? Mas como eu trabalhava... Na USP não dava pra fazer. O Mackenzie também tinha,.. Era complicado de fazer o curso da manhã porque ele avançava um pouco no horário meu de trabalho. Então, quando eu fiquei sabendo que o Mackenzie abriu o curso noturno de Arquitetura, aí eu fiz vestibular. Mas no mesmo ano que fiz vestibular de Arquitetura, fiz pra música na USP, também. Só que música, eu não pa... Quando chegou na parte específica, que no caso meu, seria piano, eu não passei, né?

▪ Você fez Arquitetura porque você gostava, já conhecia a carreira, gostava da atividade...

Porque desde pequeno eu desenhava casas, eu desenhava móveis, eu sabia fazer planta, assim, mesmo... A planta duma casa que meu pai comprou precisou ser revalidada, eu fiz a planta, eu tinha noção de proporção, isso intuitivamente, nunca ninguém me ensinou, né? Eu sempre gostei , do assunto casa, decoração..

▪ Você trabalhava no...

Eu trabalhava no Banco do Brasil. Foi uma coisa assim meio... Eu queria ter feito o curso... Quando eu terminei o ginásio, eu queria ter feito o curso... No Liceu de Artes e Ofícios tinha um curso de Desenho de Arquitetura, tanto que tinha alguns colegas nossos que fizeram esse curso técnico, antes de fazer Arquitetura, só que meu pai não concordou muito, né? E como eu dependia do dinheiro dele, eu tive que fazer o que ele queria, né? O Liceu de Artes e Ofícios é na Rua Amadeu Teodoro, por ali, pro lado do Canindé. Até hoje é.. eu não sei se tem ainda esse curso de Desenho de Arqui-

tetura lá. Mas eu sempre gostei e quando eu vi quando abriu o curso noturno no Mackenzie eu vi a oportunidade de fazer... Arquitetura.

- **Por causa do horário... Você trabalhava no Banco do Brasil na função de... Você era escriturário, nessa época, né?**

É, na época era escriturário.

- **Depois você fez carreira, né? Foi para outras funções, né?**

É, quando eu me aposentei eu era gerente de negócios internacionais. Mas isso foi depois de trinta e tantos anos, quando eu já estava uns cinco anos antes de me aposentar, daí eu comecei fazer... A pegar outros cargos para melhorar a minha aposentadoria na PREVI.

- **Como que você descreveria a condição econômica da sua família? De classe média, de classe baixa...**

Era classe média, média, média, bem média.

- **E sobrava dinheiro em casa, faltava, dava justinho, como é que você...**

Não, ah, sobrava, né? Porque meu pai deu um carro pra cada filho, o primeiro carro que eu tive foi meu pai que deu, meu pai deu um carro pra cada filho, e... Não faltava, não. Acho que meu pai tinha um dinheiro, assim, extra, que ele podia fazer suas coisas, né? Nunca foi de guardar muito dinheiro, mas se ele fosse assim... Se não desse um carro pra cada filho, e para as coisas que eles faziam, eu acho que ele conseguiria guardar dinheiro, né? Meu pai era vitrinista das Casas José Silva, uma loja que já fechou faz tempo. Mas ela era uma loja muito importante na época [em] que eu era criança, adolescente, ela era uma loja de moda masculina, tinha infantil, juvenil, e adulta. Era a única loja que tinha uma sessão juvenil, que é aquela parte de quando você é adolescente... E ela tinha assim um... Você podia comprar um terno lá que estava semi pronto, o paletó, principalmente, terno, não, um costume, podia ser um terno também com um colete, mas normalmente eram costumes, paletó e gravata, e o paletó estava desmontado, ele ajustava a manga, o ombro, uma pence, alguma coisa para ajustar melhor no corpo. Tinha um corpo de alfaiates que terminava no seu corpo e isso coisa que a alfaiataria Paramount, que está fazendo agora, a Casa José Silva já fazia no tempo que eu era criança, e ela vendia [camiseta] polo Lacoste que era francesa mesmo, tinha coisas de lã pura que vinham do Uruguai, da Argentina, com aquele símbolo internacional da lã, era uma loja muito... As vitrinas, meu pai fazia sempre, ganhava

prêmios, ganhava prêmios, tanto que... Quando ele faleceu eu estava no Mackenzie, no segundo ano, ele morreu em 78, eu estava no segundo ano quando ele faleceu. E até recebemos um prêmio do Exército, porque ele fez uma vitrine do Sete de Setembro, que ganhou um prêmio, né, a Casa José Silva tinha uma sessão, que chamava sessão de decoração, só para fazer as vitrinas, tinha pintor, tinha cartazista, tinha marceneiro... Não é como hoje que ele põem um boneco e um monte de coisas, elas eram bem elaboradas, principalmente as de Natal, mas isso é uma coisa que acabou. A Casa José Silva não soube se adaptar a essa coisa enxuta de lojas, que tem hoje em dia, em que a vitrine não é uma coisa tão importante assim, a vitrine é enxuta, não é cenário, como meu pai fazia. Mas ele era vitrinista... Foi vitrinista a vida inteira. Ele se aposentou e continuou trabalhando nas Casas José Silva... Faleceu e estava trabalhando ainda.

▪ **A sua mãe não trabalhava?**

Não. Minha mãe só trabalhava enquanto ela era solteira, depois ela parou.

▪ **Depois ela passou só a cuidar da casa.**

Só. Nós morávamos na Bela Vista, eu nasci na Bela Vista e em 64 a gente mudou para o Tremembé. Porque... a minha nona italiana morreu e a casa que a gente morava era dela, aí, vendeu e aí meu pai conseguiu comprar uma casa lá no Tremembé.

▪ **Qual era a condição educacional da tua família, seu pai tinha curso superior? Ou era... Segundo grau, primeiro grau?**

Não, não, meu pai... Acho que nem sei... Deve ter feito só até o ginásio. Essa profissão ele aprendeu trabalhando, né? A minha mãe acho que tinha só o ginásio, também.

▪ **Como era a condição cultural da sua família? Como é que você se relacionava com as artes, em geral? Entendendo-se aí cinema, literatura, cultura...**

Meu pai gostava de música, né? Mas assim mais do que era da época dele, tango, mas assim, não tinha muito contato com arte ou literatura, não...

▪ **Como é que você aprendeu a fazer plantas?**

Isso é coisa minha. Eu sempre gostei de música clássica, eu sempre gostei de piano... Tanto que a minha tia, a minha prima estudava que morava, a gente, nós morávamos todos por aqui, bem na Bela Vista, aqui no Jardim Paulista, onde eu moro hoje, a minha família era tudo aqui. A minha prima tinha piano, e eu ia na casa dela e

aí eu pedi pro meu pai para estudar piano. O meu pai me trazia disco de música clássica, ele me deu uma vitrola para poder escutar, e ele não... Não... O meu pai... Eu não posso dizer que ele era assim totalmente desligado de arte, porque ele pintava, ele fazia as vitrines, ele tinha assim um bom gosto para se vestir, entendia de como montar um manequim, de como combinar cores, né... Mas não era dado a literatura, essa coisa toda não, mas quando eu demonstrava, assim, um interesse em alguma coisa... Ele me colocou para estudar piano, eu quis estudar inglês, ele me colocou para estudar inglês, isso tudo foi coisa minha... Nunca teve estímulo, assim... De ninguém.

▪ **Quando você foi cursar a faculdade, como é que você financiou seus estudos?**

Eu paguei com meu salário. Eu trabalhava no Banco. Eu entrei no Banco foi em 69, né? Em 77 já fazia 8 anos que eu trabalhava no Banco. Eu ainda morava com minha família, mas eu ganhava meu dinheiro.

▪ **Qual é o seu sentimento, hoje...? Foi difícil de pagar, foi fácil...?**

Foi fácil, não foi difícil, não. Não sei como é que tá agora... Naquela época não era caro, não achava caro, não, pelo menos dava para eu pagar, né... Eu pagava, cheguei até a viajar. Com... No primeiro ano de... Em 79... Fui para o Canadá... Quando fui para a Argentina ainda não estava no Mackenzie... Mas em 79 eu fui para o Canadá, Em 1980 fui para a Europa, mas eu morava com minha família ainda, né? Então dava para todas essas coisas.

▪ **Então não pesou no seu orçamento?**

Não. Não pesou.

▪ **Então vamos passar agora para a época em que você terminou o curso. Você acha que a faculdade te preparou para enfrentar o mercado de trabalho? Naquela época, né, não hoje...**

Eu acho que sim. Mas é claro que teria que estagiar num escritório, alguma coisa assim, pra sentir segurança, mas eu acho isso normal. Mas eu acho que na parte técnica acho que preparou bem. Talvez assim, na parte criativa, que poderia ter sido... Nós poderíamos ter sido um pouco mais estimulados, né? Sempre falam mesmo que o Mackenzie é mais técnico e que a FAU é mais artística, eu acho que isso é verdade, tanto que até hoje, quando eu reformo os meus apartamentos... Esse aqui já é o terceiro que eu reformo... Eu escuto, eu decido com o eletricitista, com encanador de igual para igual, e não adianta eles quererem passar a perna em mim porque eles não conseguem,

eu acho que nessa parte construtiva, assim, eu me sinto bem seguro, agora a parte criativa, sabe, combinar cor, começar um projeto do zero, por exemplo... Uma casa, assim, com terreno... Eu acho que faltou um pouco mais de estímulo, pra você se soltar mais, eu me soltar mais, né? Tô falando de mim.

▪ **Naquela época, como é que você avaliou o curso? Foi um curso bom, médio, ótimo...?**

Naquela época eu achei ele médio. Eu achava que tinha aulas muito chatas, aulas muito mal dadas, aulas desnecessárias, como aquelas da Suzana⁴⁴, como aula de física, sabe coisas que eu me esforcei, me dediquei no primeiro ano, para poder fechar, para me livrar daquilo e que no fim, não me serviu pra nada.

▪ **O curso, naquela ocasião atendeu às expectativas que você tinha quando você entrou?**

Não, não atendeu, porque eu achei que eu ia, no caso... Voltando aquele caso, porque com relação a ser um arquiteto criativo, eu esperava que eu saísse da escola com idéias, com essa capacidade de chegar num projeto, assim, numa folha de papel em branco, não pra fazer reforma, mas começar um projeto do zero, e conseguir fazer alguma coisa interessante. E eu achei que sai do curso e não ia conseguir fazer isso.

▪ **Qual foi seu relacionamento com a Arquitetura e Urbanismo depois que você se formou? Se você foi trabalhar na área, se você ficou só no Banco do Brasil, como é que foi essa história?**

No Banco eu trabalhei como arquiteto 6 meses. Só que foi uma experiência... Era uma coisa muito burocrática, você na verdade você não projetava, você, o Banco contratava um escritório e você servia de interface entre o que o Banco queria e o que o escritório ia fazer, então eu me limitava a dizer o Banco quer assim, o Banco precisa disso, daquilo, e eu fazia essa interface, a mesma coisa quando era para adaptar um imóvel para uma agência do banco, né? Projetos, mesmo, já naquele tempo... Os bancos não estavam querendo imobilizar dinheiro em imóveis. Mas o Banco tinha imóveis, cheguei a gerir um projeto numa agência do interior, nem sei se foi construída ou não. Teve essa experiência no Banco... Eu, junto com o Wagner, eu projetei uma

⁴⁴ A professora Suzana ministrava aulas de matemática para o primeiro ano do curso e era conhecida por sua rigidez quanto à disciplina em classe e ao rigor na avaliação das provas e dos trabalhos (nota do pesquisador).

casa de um colega do Banco e uma casa no interior para um primo de uma colega do Banco. Só projetei, não acompanhei a execução porque a execução... Porque quem assinou a responsabilidade técnica foi um engenheiro amigo dele, né? E eu só fiz aquela parte de implantação do projeto no terreno, tudo, e depois não acompanhei mais.

▪ **E você ficou no Banco de 69, até...**

De 69 até 2001... 2001... É, é isso. Eu fiquei de 69 até 2001 no banco.

▪ **Durante esse tempo você ficou apenas 6 meses como arquiteto dentro do Banco do Brasil, né?**

É, só 6 meses. Eu passei no concurso pra arquiteto, pra ir para Campo Grande, até o Uyeda estava em Campo Grande, e eu passei, mas aí eu não quis ir para Campo Grande. Daí eles me congelaram um pouco, depois eu passei de novo, só que aí, a agência que eu estava trabalhando não me deixou ir, diz que não podia me soltar, porque tinha pouco funcionário, alegaram lá um monte de coisas, e eu não fui. Achei até bom não ir, porque a carreira é muito simples, e como não é com foco no banco, não é um fim, é um meio, e está cada vez mais esvaziado, eu até achei bom. Porque na carreira administrativa eu consegui subir mais. Mas eu tive a chance de... De... Mas é um serviço que eu acho que não iria me realizar não, porque é bem chatinho, bem limitado.

▪ **Quando você estava no Banco você fazia alguns projetos, né?**

É, eu fiz dois só para colegas do Banco. Depois que eu sai, me aposentei, eu reformei o apartamento que eu morava, na Vila Mariana, que o que eu acho que você conheceu, depois eu mudei para a Rua Pamplona, eu reformei ele inteirinho antes de entrar, fiz tudo de novo, elétrica, hidráulica, botei aquecimento a gás, e tudo, e depois mudei para esse aqui e fiz a mesma coisa nesse aqui. E já estou me aprontando para sair daqui e fazer a mesma coisa em outro. Isso eu gosto de fazer. E por conta disso, eu já fiz reforma para os meus amigos. Eles me pedem para eu fazer reforma pra eles, né? Não sabem lidar com pedreiro. Eu agora tenho duas coisas pra fazer. A minha vizinha da frente quer que eu reforme a cozinha e a área de serviço dela, quer que eu faça lá a mesma coisa que eu fiz aqui no meu. Um amigo meu... Que eu já reformei o banheiro da casa dele... Agora eu vou reformar a cozinha e a área de serviço.

▪ **Mas isso tudo você começou a fazer mais depois que você se formou, né?**

Depois que eu me aposentei, porque você tem que acompanhar, né? Tem que ir todo dia na obra, tudo, então, agora eu me sinto mais à vontade para poder fazer essas coisas... E eu também tenho que ir com eles comprar material, né? É isso que eu... Mas é pouca atividade, né?

▪ **Uma das coisas que eu estou pesquisando é em relação ao uso da informática na profissão. Qual é que é teu relacionamento com o computador, com o AutoCAD...**

Nenhum. O computador eu uso para outras coisas, mas agora eu quis fazer um curso de CAD... Eu até eu ia começar esse curso de CAD, mas aí eu resolvi fazer francês porque eu achei mais interessante.

▪ **Quer dizer, mas na parte de projeto, mesmo, você não usa computador.**

Não, não. Eu desenho ainda, com aquele jeito antigo, ainda, né? Mas eu tenho vontade de fazer, eu acho que ganha muito tempo, é mais exato, tudo, né, mas agora eu não sei quando é que eu vou fazer, porque neste semestre tenho que voltar para o francês, senão eu não vou acabar esse curso. Eu já não fiz agora porque viajei duas vezes nesse primeiro semestre, então eu não fiz o curso porque ia faltar muito, né? Não sei quando é que eu vou fazer esse curso de CAD. Agora o que tá acontecendo aqui no prédio, por exemplo, você sabe dessa nova norma aí de reforma, a NB mil e não sei quanto aí, né? Então, o meu síndico tá sempre... Eu vou ver como é que eu vou fazer isso, eu não sei como é que eu vou fazer isso, mas ele precisa de assessoria, né? Eu já assessoriei uma obra que está tendo aqui, a arquiteta fez o projeto de acordo com essa norma, pra que o que o síndico aprove, ou aprovasse, a reforma, e eu analisei o projeto, vi que ela não ia mexer em nada que fosse estrutural, que era só uma... Aquelas coisas, que o que ela ia tirar e colocar não ia aumentar o peso na estrutura, e só que na época... Agora... Precisa ver como é que formaliza isso, né? Eu acho que é um campo que está se abrindo, né? Quando eu for fazer a reforma da vizinha aqui da frente eu vou ter que fazer isso pra ele aprovar. E quando eu for fazer do meu amigo, também, eu vou ter que fazer pro síndico aprovar. Então, eu preciso ver o que a norma exige, preciso ver... Porque eu estou em dia com o CAU e estou em dia com o sindicato, mas eu não passo o ISS, eu não sei se eu vou ter que me registrar na prefeitura, pra aquela coisa toda, preciso ver isso aí, mas estou tendo essa demanda. E... Acho que o Bosco também quer reformar o dele, não se se ele vai querer assumir, ele vai querer

que eu assuma essa coisa técnica aí, não sei como é que vai ser, então... Eu não sei, talvez eu comece a trabalhar com isso, né? E aí eu precisaria aprender a desenhar no computador pra ser rápido, não é... Eu nem tenho prancheta mais. A atividade que eu tive depois de formado foi essa, né? Não foi muita coisa, não.

▪ **Se você fizer um apanhado geral, desde quando você pensou em fazer arquitetura até hoje, você diria que ficou satisfeito com a carreira?**

Eu estou. Assim, com a carreira de arquiteto, assim, eu não posso dizer que tive uma carreira de arquiteto, você tá perguntando de arquiteto ou de minha carreira, de um modo geral, do banco...

▪ **Se o seu relacionamento desde o curso, e a profissão, é uma coisa que te satisfaz.**

É uma coisa que me satisfaz. Eu estou tranquilo. Acho que o bom é que o conhecimento que eu tenho foi muito útil pras minhas reformas, não tive que pagar ninguém pra fazer pra mim e isso barateia bastante uma reforma, então eu tô satisfeito com o uso que eu fiz até agora, e não estou, assim, frustrado porque não fiquei numa carreira de arquiteto, nem nada, porque a minha grande preocupação era ter uma boa aposentadoria, né? Antes me realizar profissionalmente, por isso, o que sempre me preocupou era ter uma boa aposentadoria para eu poder fazer o que eu bem entendo, e é o que eu estou fazendo. É, eu estou satisfeito.

▪ **Você falou logo no começo que você sempre quis mexer com essa parte de construção, de desenho, projeto, né...**

É uma coisa que me interessa até hoje, né? Sabe que quando eu viajo eu faço uma lista de prédios que eu quero conhecer. Agora, por exemplo, tinha alguns prédios que já estavam... Faziam parte da minha lista de... A... Ópera de Copenhagen... A Ópera de Oslo... Estocolmo... Não tinha nada lá muito interessante, assim... Como museu sim, mas como arquitetura não, né? Mas eu observo arquitetura de um modo geral, né, principalmente na Escandinávia, o design... O que mais me chamou a atenção na Escandinávia foi o design, foi uma exposição que eu vi do Wegner⁴⁵, muito interessante, a maneira como ele desenvolveu os móveis dele, a circunstância em que tudo foi desenvolvido, problema de guerra, problema de baixar custo. Eu só não fui a Dessau...

⁴⁵ Hans J. Wegner, designer dinamarquês conhecido pelas cadeiras que criou

Agora, de Berlim a Dessau são duas horas de trem... Mas não deu tempo... Fui ver outras coisas. Assim, essa passagem pela Escandinávia, Alvar Aalto. Foi assim um banho de Alvar Aalto. Tudo quanto é loja tem os vasos dele, tem os móveis dele. Eu vi também alguns prédios que o pai dele fez em Helsink, que já é de uma época meio fascista, assim. Eu me interesso muito por isso, pela história da arquitetura. Isso é uma coisa que você pode ler, que você não precisa ficar fazendo curso, nem nada, né? Então as minhas viagens são muito focadas em urbanismo, no transporte público, arquitetura, design, decoração... Eu também alugo apartamentos pelo AirBnB⁴⁶, eu não fico sempre em hotel, né... Em Reykjavik eu fiquei numa casa... E as casas em Reykjavik... Você pensa que são de madeira, mas elas são de alumínio por causa do clima, e elas têm porão, e eu observo muito essas coisas, né? Em Helsink eu fiquei também num apartamento, não fiquei num hotel... Eu gosto de ficar nesses lugares para observar como é que eles adaptam um prédio antigo... Eu percebi, por exemplo, que eles têm uns canos muito bonitos de aço inox, nos prédios antigos eles toda a instalação hidráulica e elétrica toda exposta, daí fica bonito... Coisa que... Esse tipo de cano eu não vi aqui no Brasil, acho que não tem cano de aço inox para ficar exposto. Aqui tem os canos, os cotovelos, tem os tês... Pra fazer as curvas, pra ficar preso na parede, uma coisa bem interessante, né? Mas eu não me desligo nunca da arquitetura, como eu não me desligo do piano, eu toco piano até hoje e gosto quando eu vou para o exterior de assistir concerto, eu gosto de ir em museu, mas mais para ver arte contemporânea, né? Eu tô um pouco cansado de Louvre, de... Desses museus mais tradicionais, né? Eu fui num museu muito bonito em Copenhagen que se chama Luiz Viana, não só o prédio... O prédio em si é simples... Mas ele fica numa paisagem muito bonita, tem um jardim de esculturas, fica à beira-mar... Tem um restaurante que... Enquanto você está almoçando... Você vê o mar, né? É assim, acho que é uma ligação forte que eu tenho até hoje com a arquitetura. Eu me interesso muito por saber de materiais novos, né? Essa minha amiga que está com o cachorro, ela mora no interior, ela está construindo uma

⁴⁶ Refere-se ao site AirBnB (www.airbnb.com) onde se pode alugar casas, apartamentos ou quartos para temporada, num sistema parecido ao de um hotel, só que feito por particulares que alugam suas próprias moradias.

casa, com tijolo autoportante, e... Eu ajudei muito ela, porque é um tipo de construção que tem que ser muito bem pensada, porque os canos... Eles passam tudo por dentro dos tijolos. Então esse já é o terceiro pedreiro que ela pegou pra acertar a casa, né? Porque é um sistema construtivo que ela resolveu fazer... Aliás, o arquiteto que fez o projeto pra ela, que não fui eu, aqui de São Paulo... Resolveu usar esse sistema, e quando ele resolveu usar esse sistema, daí eu falei pra ela: vai ter problema, porque você está numa cidade do interior e as pessoas não vão saber fazer. Dito e feito, né? Agora ela está com o terceiro pedreiro. Agora é que eu vou ver o que está acontecendo... Agora que eu vou pegar o cachorro, né? Mas eu ajudei muito ela, ela me ligava com os problemas, eu falava com o pedreiro, coisas assim, né? Então assim, eu achei esse sistema construtivo muito legal, muito interessante, ele barateia, porque você não usa nem argamassa... Parece um Lego, eu não conhecia, não sei se ele é novo, parece um Lego. Só que é assim, né, se você não souber passar um cano e eletricidade ao mesmo tempo, dá problema depois, não dá para ficar passando Makita na parede e a torto e direito, né? Porque o tijolo é que sustenta a casa. Mas é assim, eu gosto... Acho que essa minha ligação com a arquitetura sempre vai existir, não assim, propriamente atuando profissionalmente, mas o interesse que eu tenho mesmo é pelos projetos. Eu fui em alguns debates do novo plano diretor de São Paulo... Estou acompanhando... Então, eu não me desligo disso.

▪ **Está aproveitando bastante...**

Sim, aproveitando bastante. Agora... Eu não me vejo trabalhando, fazendo um projeto novo, ou coisa assim, isso não. Pode ser que aconteça, mas eu precisaria, por exemplo, estagiar em algum escritório para poder estimular a criatividade ou coisa assim. Eu tenho problema para combinar até almofada no meu sofá. Cores, assim, eu não tenho a mínima noção. Até teve um curso na Escola São Paulo, que fica na Rua Augusta, não sei se você conhece a Escola São Paulo, ela tem cursos bem interessantes. Eu já vi uma palestra com do Isaac Weinfeld, lá. Ela tem cursos de várias áreas mas eu acompanho mais de arquitetura. Ela teve um curso de cor que eu me arrependo de não ter feito, parecia ser bem interessante.

▪ **Então... Era mais ou menos isso que eu tinha pra te perguntar.**

Ah é? Acabou já?

Arquiteto nº 9

Sexo	Masculino
Data de nascimento	04/10/1957 (57 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1976 (19 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1980 (23 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP) e outras cidades
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 04/08/2014. Duração 17:38 min

▪ **Por que é que você escolheu o curso de arquitetura e urbanismo?**

Eu trabalhava na... [área] Com [um] arquiteto... Já fazia uns 5 anos.

▪ **Antes de entrar na faculdade, né?**

Antes de entrar na faculdade. Eu fui fazer desenho mecânico, no meio do caminho mudei pra desenho de edificações e aí eu não saí nunca mais [do ramo].

▪ **Então você já conhecia a carreira, né?**

Já. Já, porque eu tinha 5 anos de escritório já [quando entrei na faculdade].

▪ **Uma vez que você resolveu fazer arquitetura, por que é que você escolheu o Mackenzie?**

Foi a melhor opção que eu peguei no vestibular. Em São Paulo, né?

▪ **Você chegou a prestar na USP?**

USP, Mackenzie, e Guarulhos.

▪ **Você escolheu essas três faculdades e foi onde você conseguiu vaga.**

É, é... Escolhi as mais próximas. A primeira seria a USP, mas eu não peguei, e entre as outras duas eu escolhi o Mackenzie.

▪ **Nessa época, que você estava pensando em entrar na faculdade, você cursou a faculdade, como é que você descreveria a condição econômica da sua família?**

Não sei dizer como uma palavra, assim...

▪ **Classe média, média baixa, média alta...**

É que eu não sei o que era a média baixa naquele tempo. Era um... Eu tinha dinheiro justinho pra fazer a faculdade e só, mas tinha carro, já, então acho que era média mesmo.

▪ **Qual era a ocupação dos teus pais?**

Meu pai era metalúrgico... E chegou a ser executivo de metalúrgica.. Mas não era graduado e a mãe sempre foi de casa.

▪ **Seu pai trabalhava em indústria?**

Indústria.

▪ **E a mãe... Era doméstica.**

“Do lar”.

▪ **Como você descreveria a condição educacional da família? Eles tinham faculdade, segundo grau, nível médio?**

Não. Secundário. Secundário e médio é igual , né?

▪ **É, seria o segundo grau hoje, né?**

É.

▪ **E a sua mãe?**

Minha mãe acho que era primário só.

▪ **Teu pai tinha... Nível médio com especialização técnica.**

Isso.

▪ **Como é que você descreveria a condição cultural da família? Vocês eram muito ligados em artes, artes plásticas, música, arquitetura, pintura...**

De 1 a 5.. 3... 2... Mas tá bom, viu?

▪ **Então... Vocês eram razoavelmente interessados em arte, gostavam de arte, mas não chegavam a fazer investimento para isso...**

Não. Eu tinha. Fiz Panamericana...

▪ **De desenho?**

Desenho, é.

▪ **Você tinha um irmão, né?**

Eu tinha um irmão, que já é falecido, e uma irmã.

▪ **Teus irmãos também eram ligados em arte, ou não?**

Não.

▪ **Como é que você financiou teus estudos, como é que você se manteve para fazer a faculdade?**

Eu tive bolsa, bolsa, não, eu tive um empréstimo do governo estadual.

▪ **Você lembra como se chamava o programa?**

Crédito educativo, acho que chamava...

- **Como é que você se mantinha, como é que você pagava seus livros, suas despesas...?**

Eu trabalhava, né? Trabalhava e tinha ajuda do meu pai.

- **Você fez o vestibular direto pro noturno, ou pro diurno... Como e que foi a história?**

Eu fiz direto pro diurno. Aí pedi transferência, quando saiu o noturno. Aí eu já estava classificado... Eu pedi transferência, foi fácil.

- **E por que você se preferiu pro noturno?**

Para ter o dia mais livre.

- **Você já estava trabalhando nessa época?**

Já estava trabalhando.

- **Logo que você terminou teus estudos lá no Mackenzie, que você se formou, pegou seu diploma, qual era a avaliação que você fazia do curso? Você acha que foi bom, curso razoável, péssimo, ótimo...**

Médio pra baixo.

- **Por que você faz essa classificação? O que ficou faltando no curso?**

Ah... O tempo gasto com o currículo era muito maior do que o necessário.

- **Você acha que teve matérias desnecessárias, então...**

Não, o tempo gasto com elas era desnecessário, era muito grande, você podia ter tido mais... Um leque maior com o tempo que a gente dedicava, e olha que o tempo era curto, hein? E de noite a gente gastava umas duas, três horas de aula... Mas tinha uns assuntos lá que levavam muito tempo em cima de uma coisa que podia ser mais curto.

- **Você acha que o tempo que foi gasto com cada assunto podia ter sido melhor aproveitado abordando outros temas, então.**

Isso...

- **Foi um curso razoável, então...**

É, foi razoável, e eu digo agora, né? Também, depois de... Na profissão, eu tive contato com pessoal de outra origem, e acabei achando que o Mackenzie e a FAU era... Estava num patamar diferente do que vinha atrás..

- **É, mas no caso aqui seria a avaliação que você fez na época.**

É, na época eu tinha essa angústia, de achar que eu estava perdendo muito tempo.

- **Você acha que o curso atendeu a sua expectativa? Ficou dentro do que você esperava?**

Não, ficou abaixo. Ainda assim, não atendeu.

- **Você acha que, assim, de média pra baixo, então.**

Média pra baixo.

- **É por causa dessa questão, que você falou, que os temas não foram bem...?**

É, foram desenvolvidos muito economicamente.

- **É, mas mesmo assim... Vamos dizer... Atendeu mas deixou a desejar, vai...**

Sim.

- **Quando você saiu da escola, você acha que estava preparado para o mercado de trabalho?**

Não, não, não, nem hoje a gente tá... Na época... Na época... Você sabe que quando a gente saiu não tinha emprego pra arquiteto, né? Você lembra? Não tinha, não existia o mercado. Não tinha como ficar preparado pro mercado, porque o mercado nem existia... Mas eu digo que estava, estava preparado.

- **O mercado era muito ruim, faltavam oportunidades pra trabalhar...**

Sim, sim, sim..

- **Eu precisava saber um pouco do seu percurso profissional, onde você trabalhou, que tipo de serviço você fez, se trabalhou registrado, como autônomo...**

É, é, isso aí é currículo, dá pra fazer bem simples assim.. De 80 a 92, na Apta⁴⁷, escritório de arquitetura, de projeto, de administração de obra e projeto... E de 92...

- **Você era sócio...**

Era sócio, sempre sócio.

- **Antes disso você trabalhava num escritório, né?**

No próprio escritório da APTA,

- **Você era estagiário?**

Não. Eu era projetista, e no terceiro ano eu me tornei sócio.

- **No terceiro ano da faculdade?**

Da faculdade.

⁴⁷ Apta Arquitetura e Engenharia Ltda.

▪ **Então você ficou de 80 a 92 como sócio...**

É, de 80 a 92 como sócio, de 92 a 2002 eu fiquei com a minha empresa, com um escritório de arquitetura, engenharia e administração de obras, em que eu tinha um sócio engenheiro, que era mais ou menos como a Apta, e de 2002 em diante eu fiquei com o escritório “full time” pra Ford... Para uma empresa que me contratou.

▪ **E você, lá, trabalha como autônomo ou você é funcionário?**

Não, não, eu tenho um contrato com a pessoa jurídica. Porque trabalho eu, trabalha a Marilda⁴⁸, trabalha a estagiária, trabalha o arquiteto contratado, tudo dentro do meu contrato.

▪ **Como se você fosse terceirizado, então...**

É... É, terceirizado.

▪ **Você é prestador de serviços para eles, né?**

Prestador de serviço Na minha firma eu tenho os contratos, também, só que o contrato que tenho com ele me absorve toda a força de trabalho da empresa. Não tenho mais nem escritório físico, né?

▪ **Nesse período, aqui, de 92 a 2002 que você ficou com a sua firma, que tipo de clientes você atendia? Que tipo de obra você fazia?**

Indústria e empresas. Empresas e residências.

▪ **Pessoa jurídica ou pessoa física?**

Principalmente pra jurídica, né? Mas tinha física também.

▪ **Nesse serviço que você tem na Ford, agora, qual é tua ocupação? Projeto, obra...**

Projeto... Projeto de escritórios, montagem de escritório, e projeto de arquitetura.

▪ **De edificação, ou não?**

Modificação e novos.

▪ **Você chegou a trabalhar com interiores, também, nesse tempo todo, ou não?**

É, escritórios o pessoal chama de interiores, né? Mas é muito diferente de Arquitetura de Interiores, que vai pra decoração, quase.

▪ **É... Você trabalha mais com a parte de mobiliário e divisórias...**

Mobiliário, divisórias, layout, principalmente o layout funcional, né?

⁴⁸ Esposa do entrevistado

- **Mas isso é mais um trabalho que você faz eventualmente, né? Ou faz parte do seu dia a dia?**

O qual?

- **Trabalhar com arquitetura de interiores?**

É, dentro desse esquema de layout de escritórios é o que eu faço na maior parte do tempo.

- **Ah tá... Atualmente, né?**

Atualmente.

- **Certo. Você chegou a trabalhar com a parte de patrimônio e restauro?**

Uma vez.

- **O que é que era? Uma edificação?**

É... Não sei... Você estava junto quando a gente fez aquela obra da Caça e Pesca... No...

- **Do Moacir Lemos, né?**

É, aquilo foi... Pela força da lei, a gente teve que refazer uma fachada histórica... Só isso, a única vez.

- **Você trabalhou com paisagismo?**

Não.

- **Você chegou a trabalhar com o ensino e pesquisa? Ou não? Dando aula, fazendo trabalho de pesquisa...?**

Não.

- **Teve alguma outra atividade? Algum comércio, ou trabalhou como executivo?**

Não.

- **Só com a própria empresa, né?**

Só.

- **Teu vínculo empregatício... Você trabalhou como sócio, né, praticamente a sua vida toda como empresário, né?**

A vida toda, de formado, sim.

- **Sempre foi empresário.**

Sempre fui diretor presidente.

- **Desde 1980, né? São 34 anos.**

Isso.

- **E antes disso, quando... Você trabalhava como projetista...?**

Era registrado... Eu era registrado. Estava registrado.

▪ **Você ficou 3 anos registrado, né?**

Eu comecei com 14 anos, então foram... 8 anos.

▪ **Uma das coisas que eu estou pesquisando é a parte de informática. A nossa geração foi a primeira que teve que lidar com o computador. Como é que isso aí entrou na sua profissão, qual é o seu relacionamento com a informática hoje?**

A gente entrou junto, né? Aquela coisa de 86, 87, com aquela estação... Primeira de trabalho com software gráfico, e continua a mesma coisa até hoje.

▪ **Você tem usado o computador no teu trabalho?**

Completamente.

▪ **Você diria que hoje você está totalmente integrado com o computador?**

Totalmente. Produção gráfica e comunicação, tudo via computador.

▪ **Você não tem mais projetado com papel e lápis, faz tudo no computador?**

Tudo no computador.

▪ **Começou com a informática, e foi incorporando no seu dia a dia, e hoje você está totalmente integrado.**

Totalmente integrado.

▪ **Outra questão que estou estudando, aqui... É a parte de aposentadoria e previdência. Como é que durante a sua carreira você foi se preparando para a velhice, para a aposentadoria...?**

Fiz aplicações em imóveis e VGBL. Não tenho nenhum pecúlio de aposentadoria, assim... Nenhum plano... Não é plano... Como é que chama... Nenhum seguro, nenhum seguro de aposentadoria.

▪ **Não entendi se você investiu em imóveis ou se você não investiu em imóveis.**

Eu investi, eu investi. Eu tenho,.. Eu tenho imóveis.

▪ **Imóveis para renda?**

Imóveis para renda.

▪ **E fora isso você tem a aposentadoria do INPS...?**

Tenho do INPS.

▪ **Você vem pagando esses anos todos, né?**

Venho.

▪ **Você não fez nenhum plano de previdência privada?**

É isso que eu queria lembrar... Previdência privada. Não, não fiz.

▪ **Agora... 35 anos depois que você fez arquitetura, e fez o curso, e estava trabalhando com isso, a pergunta que eu te faço é se você ficou satisfeito com a carreira, assim**

em termos da satisfação pessoal, como cultura geral, pessoal, assim... Remuneração... Fazendo um balanço geral...?

Positivo. Positivo.

▪ **Você diria... Satisfeito... Muito satisfeito...?**

É Muito.

▪ **Atendeu a todas suas necessidades e expectativas.**

Todas não porque a remuneração não se compara com outras profissões que têm mais retorno. Mas em termos de atividade intelectual que eu desenvolvo hoje... Assim... É impecável.

▪ **Quer dizer... Você ficou satisfeito, a única restrição seria a remuneração?**

É, a remuneração, porque... Sei lá... Se a gente gastasse essa dedicação e formação toda em... .Em T.I.... Em medicina... Qualquer outra coisa... O padrão de remuneração é completamente diferente.

▪ **Quer dizer... A grande restrição é realmente a parte financeira, né?**

É, sim. A financeira

▪ **Era essa a pesquisa.**

É. Ah...

▪ **Foi rapidinho, né?**

Foi.

▪ **Um abraço para você.**

Outro.

Arquiteto nº 10

Sexo	Masculino
Data de nascimento	06/11/1949 (65 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (28 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1981 (32 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP) e outras cidades
Local onde está residindo	São Paulo, Sorocaba, Votorantim (em SP) e Natal (BA) no Brasil. Lagos, na Nigéria (África). Tóquio, no Japão (Oriente). Natal (RN, Brasil)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 23/07/2014. Duração 54:55 min

▪ **Imagine-se há 38 anos atrás... Quando você resolveu fazer o curso de arquitetura.**

Sim.

▪ **Então... Porque é que você escolheu este curso?**

Olha, Iberê, eu acho que desde que eu nasci eu já pensava em arquitetura... Porque... Na minha adolescência... Eu já brincava com construção de cidades... Fazia desenhos... Então, desde criança eu já sabia que seguiria esta área... De desenhos, projetos... Então, para mim, não foi difícil escolher a carreira, sabe?

▪ **Qual seria o principal motivo? Você já conhecia a carreira, e queria mexer com ela... Você gostava de desenho, decoração e artes... Queria trabalhar com edificações, construções... Pela abordagem multidisciplinar da...**

Bom, aí, foi... O tempo foi passando, né... Porque eu estudava de criança... Porque eu lembro que, quando criança, eu brincava em frente da minha casa... Tinha muita areia, sabe... E aí eu brincava de construir cidades, pontes... Aquelas coisas todas, sabe? E também eu gostava assim de... De... Daquilo... Do clima de presépio, aquelas miniaturas... E depois, quando eu fui para o colégio, eu me destacava muito em desenho, né. Então, por exemplo, eu fazia ambientação de salas, de salões, e desenhava isto muito bem, sabe? E... Dentro da turma, eu assim me destacava, pela qualidade dos desenhos, sabe? E aí, quando eu fui para São Paulo... Eu estava, nesta época, em Araçatuba... Interior de São Paulo... Aí, quando eu fui para São Paulo... É, era uma fase assim muito assim da situação financeira, e tal, né. Então, eu não podia sonhar de

entrar logo em uma escola de arquitetura, e tal... Ficar quatro ou cinco anos numa escola para... Mesmo porque, por exemplo, a FAU, seria o caso de ter uma dedicação exclusiva, eu não poderia trabalhar, e eu tinha que estar me sustentando. Então, com a ajuda de parentes, eu acabei fazendo a FATEC, e entrei nesta área de edificações, no curso da FATEC, não é? Eu fui da segunda turma da FATEC. E lá eu não tive dificuldades, porque eu me identificava fácil com as matérias de... De... De engenharia civil, né? Me identificava bem com civil, né? E aí, nisso, eu comecei trabalhando no SESI... Em 72 eu já estava trabalhando no SESI... Construindo os conjuntos do SESI... E isto me agradava muito, porque eu participava mesmo da execução das obras, e... São projetos assim, porque... Digamos, hoje, faraônicas, porque eram praças de esporte, ambulatórios, hospitais... Então, era assim, uma coisa mais completa, né. E, também nesta época, eu acompanhei a construção daquele edifício... Da FIESP, né, ali da Paulista... É... E tudo isto foi desenvolvendo aí este lado... De arquitetura, né?

▪ **Quando você entrou, então, na faculdade de arquitetura, você já conhecia a carreira... Já sabia o que era...**

É, porque eu já tinha contato com grandes escritórios de arquitetura, sabe? Tipo... Os grandes escritórios de arquitetura de São Paulo... É... Do Jorge Wilhelm, que fez o projeto do Anhangabaú... Ícaro de Castro Melo, que projetou as grandes praças de esporte, tipo... Ibirapuera, né, aquele ginásio do Ibirapuera... E Flávio... Como é que é... Flávio... Eu não... Então, era assim, eu tive a felicidade de estar em contato com os grandes escritórios de arquitetura, em São Paulo, sabe? E que fizeram projetos no interior todo de São Paulo, né, porque, na época, o SESI nadava em dinheiro, né? Então eles tinham que estar construindo estes grandes conjuntos, né. Aí, foi assim... Como o curso de tecnologia não era um curso abrangente, e era frustrante porque a gente não era nem engenheiro, nem arquiteto... Era um técnico, né, um tecnólogo, né... Todo tecnólogo, que é um curso rápido, não se sente completo, porque fica assim, no meio termo, não é nem engenheiro e nem... No fim, quem entra numa escola de tecnologia, sonha ser um engenheiro ou arquiteto, alguma coisa assim, né? Bom, aí, eu trabalhei um tempo como tecnólogo, no SESI, né, e aí deu a oportunidade de eu fazer... De me inscrever para o vestibular de arquitetura lá no Mackenzie... Possibilitava eu estudar porque era noturno, né?

▪ **Ah, então... Isso que eu queria saber, porque é que escolheu o Mackenzie...**

É, então, o Mackenzie porque era noturno e dava para eu estar trabalhando e estudando, né, porque, por exemplo, na FAU não dava para fazer isso, então eu nem tentei fazer o vestibular na FAU.

▪ **Você foi para o Mackenzie mesmo, e especificamente para o noturno...**

É, era o único que tinha noturno, né...

▪ **Quando você estava fazendo a faculdade, como era a condição econômica da sua família?**

Como?

▪ **Como era a condição econômica? Você acha que era classe média, classe baixa, classe rica...**

Não, não, era média média, porque... Nessa época eu já me sustentava, né... Então eu estava assim, mais liberado, porque até eu terminar a FATEC, eu estava assim, com a ajuda dos parentes, dos tios, e tal... Porque eu não tinha condições de me manter, não tinha mesada... Não tinha nada disso, né. Então, foi com a ajuda da família que eu consegui fazer este primeiro curso, de tecnologia.

▪ **Mas a família, que você diz, eram seus pais, seus tios...**

Não, porque no caso... Eu sou sem pai, né... Meu pai faleceu quando eu era criança... Com quatro anos, então... A minha mãe que começou a trabalhar e a sustentar a família, né? Então, ela era pai, mãe e tudo, né? E aí, não dava pagar, digamos... Um apartamento, pagar os estudos, um cursinho, alguma coisa assim. Então, eu tinha que depender de um, de outro, para poder estar estudando. Aí, quando eu saí da FATEC... Eu já saí empregado de lá. Aí eu fui trabalhar numa empresa de engenharia, construindo apartamentos, né... E depois eu tive o convite de um professor, que estava trabalhando no SESI... Ele era um dos diretores do SESI... Ele... Aliás, quando eu saí da faculdade de tecnologia, ele já havia feito este convite mas de imediato eu não aceitei. Aí, quando eu fui para trabalhar nesta empresa de engenharia, é... Carvalho Hosken, era esta empresa de engenharia... Que era uma empresa de... Uma construtora do Rio de Janeiro. Só que eu achava, assim, muito maçante estar trabalhando em construção de apartamento porque você entra em um, no outro, no outro, e fica tudo muito igual. Então, isto, para mim, ficou muito assim... Muito... Muito monótono esse trabalho. Daí eu fui falar com esse professor e fui admitido... Em 72... Pera aí... Em 72 eu

fui admitido lá no SESI, e trabalhei por 8 anos no SESI. Eu me dei muito bem lá no SESI, sabe. Eu era, assim... Apaixonado pelo que eu fazia. E aí, antes de terminar o Mackenzie, em 81, eu fiquei desempregado, né, em 81... No meio do curso... E daí eu pleiteei uma... Eu fiz uma... Eu mandei o currículo para algumas empresas, e fui contemplado em trabalhar lá na Nigéria, na África... Você lembra disto, né?

▪ **Lembro sim...**

Então.

▪ **P – Voltando à questão da família, né?**

Hum.

▪ **Como que você considerava a condição educacional da família... Você falou que seu pai faleceu quando você era muito jovem...**

É, ele faleceu quando eu tinha quatro anos.

▪ **E a sua mãe, tinha curso superior, nível médio... A sua mãe tinha faculdade?**

Não, não... Ela trabalhou como costureira, né? Então, ela trabalhou muito, porque éramos três irmãos, né? E... E aí ela trabalhou feito doida para manter a casa, pagar as despesas e tal. Então, eu não podia contar com ela em pagar um cursinho, uma faculdade, alguma coisa assim, então... Os parentes... Os tios, no caso, os tio lá de São Paulo que me deu o maior apoio.... Porque eu terminei o científico em São Paulo, o terceiro ano científico. Nesta época Nesta época, eu... Ah... [trabalhava] no escritório... Ali do Jockey Club... Pneuc, sabe... Uma empresa portuguesa, e depois trabalhei na Siemens. Aí eu entrei na FATEC e não dava para trabalhar porque era integral, as aulas lá... Agora, eu sou assim muito, muito grato à FATEC, porque foi um curso fantástico que tivemos, sabe... Lá na FATEC. Aliás, todos os tecnólogos desta época foram bem contemplados, porque era um ensino muito dinâmico, sabe...

[neste ponto a gravação foi interrompida para o entrevistado atender uma pessoa]

Sim, e aí, o que você queria saber?

▪ **Se você pensar na sua família original, ou seja, você, seus irmãos e sua mãe... Como que você classificaria a condição cultural, vamos dizer assim, vocês eram ligados em artes, em música, escultura, pintura, ou isto não era assim... Quando você era criança...**

Olha, quando eu era criança eu participava.. Como não tinha condições financeiras de participar de clubes, essas coisas, mas... Eu participava de shows... Por-

que na cidade aconteciam shows... Muitos shows, não é? Em público, né? Eu me lembro bem de um show muito bom que eu assisti, de Ângela Maria, que foi... E... E, fora isso, o cinema. A gente ia muito às matinês, para assistir Mazzaropi... Esses filmes da época, que passava, né... Então... Assim... O lazer era esse, cinema, matinê... Porque não existia televisão ainda, né... Eram matinês, shows, às vezes era novela em rádio... Rádio novela [risos]... Foi bem depois que chegou... Isto, na infância, né? Agora... Como a minha mãe trabalhava muito, né... Ela não tinha condições de dar atenção... Mas como ela teve uma formação boa, porque na adolescência dela ela estudou em São Paulo, sabe... Sempre leu muito... Agora... A minha formação foi ajudada pela família da minha mãe, né, porque eles sempre foram assinantes de revistas... Na época, tinha muito aquele... Seleções, né? Seleções... E muitas revistas importadas do Japão, né... E eu, que sempre fui muito curioso, folhava todas as revistas, sabe, embora não entendesse nada mas... Assim... Eu não conseguia ler nada, mas entendia as fotos, né?

▪ **Na sua casa, vocês falavam também o japonês ou só o português?**

Em casa, [falávamos] o português, mas... Nos meus avós, já entrava o japonês, né?

▪ **Mas... Você falava bem o japonês?**

Não... Não falava bem, não, né, mas dava para se comunicar, com os meus avós, tios, primos e tal, né... Então... Como eu fui órfão muito cedo, eu tinha assim um carinho por todos, né, porque aí, eles me ajudaram muito, né... Meus tios, meus avós...

▪ **Vamos, então, mudar de assunto. Logo que você concluiu o curso... De arquitetura... Qual era sua avaliação da faculdade. Você acha que o curso foi bom, médio, ótimo... Qual era sua avaliação, na época?**

Eu acho que foi médio. Não foi ótimo não. Eu acho que foi médio, o curso. Eu achei que... Não sei dizer... A parte de informação... Por exemplo... Desenho, ou... As matérias que tinha material eu acho que foi muito melhor na FATEC do que no Mackenzie, sabe? Mas, como eu fiz a FATEC, então... Uma coisa foi complementando a outra, mas... Eu não acho que o curso de arquitetura foi bom, eu acho que foi assim, médio.

- **Quer dizer, onde você sentiu mais dificuldade foi na parte de projeto... Desenho... relacionadas a estrutura, elétrica, hidráulica...**

É, é. Estrutura, muito fraco, né? Assim... Eu acho que eles deram uma pinçada, uma visão boa, mas como curso eu não achei que foi excelente, não. É.

- **Se você pensar na expectativa que tinha quando entrou no curso... E quando você saiu, você acha que ela atendeu sua expectativa?**

Sim, mas... Eu não tinha muita expectativa... De que eu fosse melhorar mais do que... Claro que melhorou bastante, né, eu acho que... Sempre... A faculdade deu muitas informações, mas... A expectativa que eu fosse ser um senhor arquiteto, ou alguma coisa a mais, não. Eu acho que simplesmente complementou aquilo que eu já vinha fazendo.

- **Você já conhecia o ramo, né? Então, não entrou com nenhuma fantasia, vamos dizer assim... Porque, às vezes, quando a pessoa não conhece, ela fantasia...**

É.

- **Você já era uma pessoa experiente quando se formou, não é?**

É.

- **Mas... Você acha que o curso prepararia um arquiteto, para entrar no mercado? Se você não tivesse tido esta experiência anterior... Só com o que você aprendeu no Mackenzie... Você acha que estaria preparado para o mercado, ou não?**

Hum... Não sei... Acho que sim, sabe... Acho que... Não sei avaliar... É que eu, quando saí, já estava desempenhando um papel, né... Então, para mim não mudou muito não, sabe... Aliás, não mudou nada para mim, assim... Depois de formado.

- **Vamos dizer, então, que o curso foi médio...**

É.

- **Medianamente preparado.**

É.

- **Então... Agora, vamos falar de onde você trabalhou. Você falou que trabalhou no SESI, né... De 72 a oitenta...**

De 72 a 80... Ou 81, alguma coisa assim.

- **E antes do SESI você trabalhou em outro escritório, não é?**

É, eu trabalhei na PNEUAC e na Siemens.

- **Mas... Na PNEUAC não tinha nada a ver com arquitetura, não é?**

Não, não... Nem a Siemens.

▪ **Lá, você era... Auxiliar de escritório, alguma coisa assim?**

É... é. Eu trabalhava no escritório, auxiliar de escritório, isso.

▪ **Agora... No SESI você já entrou como tecnólogo, não é?**

É, no SESI eu já entrei como tecnólogo formado. Mas antes do SESI eu trabalhei na Carvalho Hosken, que é uma empresa de engenharia. Também como tecnólogo.

▪ **Você ficou quanto tempo lá?**

Na Carvalho Hosken... Eu acho que 9 meses, por aí.

▪ **Depois, você foi para o SESI... Em 81 você foi para a Nigéria, né...**

É, aí eu fui trabalhar pela PROMON Engenharia. Aí, lá, eu estava como arquiteto.

▪ **De 81 até...**

Até 84.

▪ **Aí, você voltou para o Brasil... E o que é que você foi fazer?**

Aí... O que é que eu fiz... 81 a 84... Aí, trabalhei na Sprice... Uma empresa de engenharia de Sorocaba.

▪ **Como arquiteto?**

É, lá eu estava como arquiteto.

▪ **Você ficou quanto tempo lá?**

Fiquei... Acho que uns 2 anos. Eu poderia definir direitinho este tempo...

▪ **Não, não é necessário ter tanta precisão... Quer dizer, você ficou de 85 a 87, mais ou menos?**

É, eu acho que sim.

▪ **Foi logo que você voltou da Nigéria, ou ficou um pouquinho desempregado?**

Eu fiquei pouco tempo desempregado, né? Eu trabalhei aí na Sprice... Depois eu trabalhei na prefeitura de Votorantim, como arquiteto, também...

▪ **Lá, você ficou de 87 a...**

Acho que 90, por aí.

▪ **Mais ou menos uns 3 anos, você ficou lá então.**

É.

▪ **Lá você era celetista, ou era funcionário público mesmo?**

Não... Eu estava como arquiteto... Prefeitura, a gente fica quebrando o galho de muita coisa, né... Então... Reforma de praça, escolas...

▪ **Mas você estava contratado pela CLT?**

É, CLT... Como arquiteto. Aliás, quando eu entrei, nem tinha este cargo de arquiteto, não é? Mas... Uma grande realização que eu fiz lá foi concluir uma obra de saneamento lá... Sabe, tratamento de água. Eu fiz uma obra muito interessante, que foi uma estação de tratamento de água.

▪ **E você saiu de lá e foi para...?**

Aí, de lá, eu fui para o Japão.

▪ **Foi trabalhar no Japão...?**

É, fiquei três anos no Japão. No Japão, eu tive assim... Contato... Com a indústria automobilística, né... Completamente diferente... E depois entrei na área de civil, com serviços de elétrica. Então, eu trabalhei... Numa empresa... Em duas empresas. Lá no Japão... Mexendo com a parte elétrica. Então, no Japão, este contato foi assim muito, muito interessante, porque a gente entrava nestas grandes corporações, né, tipo Sumitomo, Panasonic... E, por fim, eu trabalhei no aeroporto metropolitano de Tokyo, né, que é o Haneda. Uma obra fantástica.

▪ **Mas você trabalhava como arquiteto?**

Não, não... Aí, foi como eletricitista, fazendo serviços elétricos no aeroporto.

▪ **E você ficou lá mais ou menos até 93...?**

É. E foi assim uma experiência muito boa, porque este aeroporto é, assim, gigantesco. Para você ter uma idéia, Cumbica era assim brinquedo, perto deste aeroporto, era muito...

▪ **E aí, você voltou para o Brasil...**

É, aí eu voltei para o Brasil, e vim aqui para Natal... Porque, eu, saindo de Tóquio, não conseguia... Entender o barulho de São Paulo. Eu achei São Paulo muito barulhenta. Aí eu fugi de lá. Aí, como o Uyeda estava aqui em Natal, eu vim tentar a vida aqui, né.

▪ **E aí, você começou a trabalhar com o que?**

É, daí, eu comecei... Queria investir, né? Comprei um terreno em Ponta Negra... Aí eu comprei um terreno, e falei assim, eu vou construir uma pousada, mas para isso aí o terreno era pequeno, e também eu não estava querendo mexer com pousada... Aí, acabei comprando um sítio... Mas assim numa área turística, sabe? Perto de praia, e tal...

[falha na gravação]

[...] [tinha um amigo em] São Paulo, em Araçatuba, e ele estava produzindo crisântemos... Aí, eu falei assim, olha, neste sítio que eu comprei, vai dar certo eu estar produzindo porque... Eu queria alguma atividade que fosse permanente, que não dependesse de turismo, sabe? Aí, eu estou até hoje, sabe, desde... 97 para cá, eu estou trabalhando como agricultor, sabe?

▪ **Mas este negócio que você tem hoje, então, você planta, né? As flores...**

É.

▪ **E o que mais? Você só fornece as flores, ou faz paisagismo também...?**

Não... O paisagismo entra assim... Porque eu não estou assim, querendo fazer projeto de paisagismo... Uma época, eu até trabalhei com o Uyeda, numa época em que ele estava no banco... Logo que eu cheguei aqui em Natal, a gente fez uma parceria fazendo projetos de paisagismo, coisa assim... Fizemos algumas coisas juntos, sabe? Mas... Assim... Ultimamente, eu não tenho feito nada assim de projeto. Mas a gente acaba... Digamos assim... Interferindo no projeto de outros, não é, fazendo uma verificação e tal. E agora, em maio, eu fui para a Holambra.

▪ **Quando você começou sua carreira, você trabalhou com projeto e construção, né, de edificações...**

Não, não... Projeto não. Eu trabalhava na parte de execução, de obras... Eu trabalhava em obras. Só que... Projetos... Eu fazia revisão de projetos, né. Então, eu fazia assim... É... Para verificar o casamento dos vários projetos, tipo estrutura com arquitetura, com elétrica, com hidráulica, você tem que casar estes projetos todos, né, porque sempre tem uma coisa interferindo noutra, né. Então, esta verificação é importante porque quando chega na obra você já solucionou antes, não é? Então, eu fazia muito este trabalho de coordenação de projeto. Então, para fazer esta coordenação, eu tinha que convocar reuniões, com os projetistas, né... Então, eu entrava nos escritórios de arquitetura... De hidráulica, de elétrica, de paisagismo... Entrava tudo, sabe? Então, foi um período muito rico, muito rico, muito bom.

▪ **Então, isso aí você fez basicamente até 91, quando você foi para o Japão, né?**

Não, eu fiz até 80. Agora, já na prefeitura de Votorantim, eu executava projetos... Pequenos projetos, assim... Reforma de uma coisa, adaptação de outras... E também fiz verificação de projetos do Paço, assim, do paço municipal, que tinham fei-

to... Foi, até, um concurso nacional, esse projeto da prefeitura de Votorantim, que está lá até hoje, né. E aí eu tive contato com o escritório que desenvolveu esse projeto, é um escritório lá de Curitiba... Foi assim, interessante. E, finalmente, eu sou agricultor, sabe? [risos] Você sabe que eu, de verdade, nunca precisei usar o CREA e nem o diploma, né?

▪ **Não?**

Não... Nunca pediram para mim, e nunca apresentei isso.

▪ **Quando você trabalhou na Nigéria, você fazia o que lá?**

Bom, lá eu trabalhava na parte de civil, porque... A Nigéria estava muito deficitária nesta área de telecomunicações... E eles pegaram... O governo nigeriano pegou o modelo brasileiro para desenvolver esta parte de telecomunicações. Então... Telecomunicações, na época, abrangia 5 áreas, que seriam civil, transmissão, comutação e... Qual é a outra área... Civil, transmissão, comutação... É, eu acho que são estas três áreas, civil, transmissão e comutação. É. E eu fiquei um tempo responsável pela parte de civil, executando as estações telefônicas pelo país, lá, da Nigéria...

▪ **Qual era a sua função?**

É... Fiscalização da execução dos projetos de estação telefônica. Eu estava trabalhando para o governo nigeriano. Então, eu ia visitar... Viajava muito, né, eu cobria 5 estados nigerianos. E, lá, eu chegava, e ia ver as estações telefônicas, como estava o andamento, como estava a execução, o acabamento, tal... E aí, eu liberava essa área para em seguida entrar a instalação, não é? Então, eu tinha as outras contratadas para colocar os equipamentos. Aí, na empresa que eu estava trabalhando, tinha então os fiscais para verificar as instalações. Depois, tinha a comutação, que é a ligação de uma área para outra. E depois tinha a transmissão, a transmissão de sinais, e aquela coisa toda, né. A minha parte era a civil, então era só ver a parte de execução, propriamente dita. Aí em tinha que chegar até a usar teodolito, sabia? Para nivelar o piso, porque o piso tinha que estar assim, como uma mesa de bilhar, né? E aí tinha que usar teodolito para nivelar o piso, por que lá, a deficiência de execução é muito grande, a mão de obra lá é muito precária, então, eu tinha que definir todos os níveis, para eles poderem executar o piso, para poder concretar, e depois dar o acabamento e daí vinham os equipamentos. Aí, entra lá ar condicionado, e tal. Foi, assim, uma fase interessante.

▪ **Você não chegou a dar aula...**

Ah, eu fui professor, num colégio lá em Osasco... Quando estava trabalhando na Sprice... Eu estava executando uma estação telefônica da Telesp, porque na época era Telesp... Depois de Osasco, uma cidade lá.

▪ **Mas você não dava aulas técnicas, você dava aulas no... [ensino médio]**

Não... Era uma escola técnica, e eu estava dando aula de materiais de construção... Acho que foi por pouco tempo, acho que foi seis meses...

▪ **Desde quando você trabalhou registrado, então... Desde...**

Registrado... Eu trabalhei desde 69.

▪ **E você contribuiu [para o INSS] como funcionário, até quando...? Até quando você foi...**

Para o Japão. Não... Na Nigéria, mas aí tinha uma... Ah... A empresa... A Promon... Pagava um carnê... Um salário mínimo, uma coisa assim, sabe...

▪ **Então... Você tinha 15 anos de contribuição. E depois... Você continuou pagando o INPS, ou não?**

É, continuei. Pago até hoje, ainda não me aposentei não.

▪ **É, pois é... Esta era uma pergunta que eu ia fazer para você... Como é que você está lidando com esta questão de aposentadoria e previdência? Sendo que você trabalhou, registrado CLT, por 15 anos...**

É, direto, foi de 69 até... De 69 a 70... Trabalhei um ano e pouco... Registrado... Depois eu interrompi para fazer a FATEC... Foi de 70 a 72. Daí, em 72 eu trabalhei antes na Carvalho Rosken e depois no SESI, né. Registrado. Daí, do SESI eu sai em 80, 81... Depois, houve uma interrupção... Eu acho que a Promon fez uma contribuição no carnê, até 84. Aí, de 84... Aí, eu fui trabalhar... Fui trabalhar na Sprice, né. Aí, depois, trabalhei na Votorantim... Você que que eu veja a carteira de trabalho? Porque aí dá para ver...

▪ **Dá para a gente deduzir pelo que você colocou...**

Aí, depois, eu fui para a Votorantim. Aí, tudo registrado. Daí foi neste período de 3 anos, em que eu fui para o Japão, que eu não fiz contribuição. Mas aí, a minha irmã pagou para mim, estes atrasados.

▪ **Mas, aqui, o importante é saber o seguinte... A pergunta importante é a seguinte: como é que você encara esta questão da aposentadoria e previdência, quais são su-**

as preocupações, e que providências você tomou? Ou você não pensou no assunto?

Não, eu não pensei no assunto. Aliás, eu nunca pensei no assunto. Quem pensou no assunto foi a minha irmã, as outras pessoas que andaram pensando neste assunto, sabe? Eu nunca liguei para isso. Mas, como falaram que tinha que pagar, carnê, pagar, não sei o que, eu continuei pagando. E... Não tenho, assim, expectativa nenhuma. Depois, estou assim numa previdência privada também, sabe?

▪ **Ah, tá... Você paga uma previdência privada...**

É, eu pago uma previdência privada. Mas, também, eu comecei tarde isso, né... Eu acho que deve ter uns 5 anos, uns 6 anos, por aí.

▪ **Você tem alguma coisa no INSS, né...**

É, eu estou fazendo esta contribuição no teto máximo, e a previdência [privada].

▪ **E você tem a previdência privada, né...**

E tem a previdência privada...

▪ **Você começou tarde, mas está pagando...**

É.

▪ **E você tem mais algum patrimônio, assim... Que você possa alugar...**

Outro tipo de renda, né?

▪ **Isso. É.**

Não, não...

▪ **E você tem a empresa, né... De um jeito ou de outro... [entra algum dinheiro].**

É.

▪ **Uma pergunta que eu também estou fazendo é a seguinte... É em relação ao uso da informática em projeto... Em projetos, em obras, enfim, na nossa área de atuação. Não sei se isto se aplica a você... Porque... Quando a gente estava na faculdade, não tinha este tipo de coisa, né... Fomos aí uma das primeiras gerações a enfrentar o uso do computador, né... Então, como é que foi aí a sua convivência com a informática?**

Tipo, assim, para projeto, né? Usar AutoCAD...

▪ **Isso.**

Aliás, eu nunca usei AutoCAD... Eu nem sei usar isso, sabe? Mas... Eu só uso a internet para transmissão de informações comerciais. Troca de e-mails, digitalização de documentos, só isso... Agora... Eu não sou assim, muito... Familiarizado

com... Informática, assim... Projetos, essas coisas, eu não sei fazer não. Agora, no dia a dia, eu vivo fazendo croquis, para resolver meus problemas diários aqui, né... Estufas, depósitos... Esta situação, né. E uso assim, mas é no lápis mesmo.

▪ **Ah, você usa o método tradicional aí, né?**

É. Mas sem o uso de prancheta, nada, né... [risos]. Aliás, eu fiz uma prancheta portátil, mas... Acho que faz uns 10 anos que eu nem abro, nem uso, esta prancheta.

▪ **Não, não, tudo bem... Isso era só para saber como é o seu relacionamento com o computador.**

Ah... É mínimo, é muito pouco.

▪ **Bom... Para finalizar... Assim... A nossa enquete, vamos imaginar assim, você tinha uma perspectiva com a sua carreira, de tecnólogo, de arquiteto... Isso, há 35, 36 anos atrás... Hoje, em 2014, como é que você avalia a sua satisfação pessoal com a carreira que você escolheu... Você acha que é muito satisfeito, medianamente... Insatisfeito...**

Para mim... Como eu transitei em várias áreas... Eu não tenho uma ligação muito precisa só com essa área de arquitetura, sabe? Então, eu transitei... Desde a execução, fundação, e tal, e agora eu estou na agricultura, quer dizer... Sempre ajuda, né? Mas não pensei assim... Se... Tanto é, que eu nem uso muito o título, de arquiteto, sabe?

▪ **É, você não tem muito como avaliar até porque não trabalhou muito com isso, né?**

Sim é isso mesmo... A entrevista não foi frustrante? [risos]

Arquiteto nº 11

Sexo	Feminino
Data de nascimento	06/08/1962 (52 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1981 (19 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1985 (23 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP) e outras cidades
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada pessoalmente na residência da entrevistada, no bairro de Santana, São Paulo (SP) em 11/06/2014. Duração 45:32 min

▪ **Porque você optou por seguir essa carreira de arquiteto e urbanista? E, uma vez tendo optado por esta carreira, porque no Mackenzie?**

A arquitetura foi uma escolha voltada para alguma coisa com a qual eu já tinha contato na família. Na época, tinha os primos mais velhos que faziam... E eu sempre tive muita facilidade com desenho, sempre gostei muito de desenhar. E, ao ver os primos desenhando, aquilo me encantou. A busca da arquitetura foi por aí, por este contato, inclusive de desenhar plantas, e tudo... E, na época, quando fui prestar o vestibular, eu fazia... Procurei um cursinho, que era a bola da vez na época, que era o Anglo, que era, para a área de exatas e arquitetura, e a gente vai recebendo as orientações... E o Mackenzie tinha uma classificação muito boa, né, os alunos queriam muito entrar no Mackenzie, e... Quando eu fui fazer as inscrições eu me senti mais à vontade no prédio do Mackenzie do que no prédio da FAU. Eu prestei, na época, FUVEST, né, fui lá... A primeira fase foi no bairro, e depois quando eu fui fazer a segunda fase eu fui para o prédio da FAU-USP e eu não me senti bem lá... Eu me sentia, assim... Eu fui criada num bairro, Santana, estudei a vida inteira em Santana, então, para mim, aquilo era grande demais, uma coisa que me dava um pouco de agorafobia, assim... Tinha uma sensação de ficar perdida naquele espaço, dentro da cidade universitária... E o Mackenzie tinha uma coisa assim mais próxima... O prédio era muito agradável, tinha aqueles vidros, aqueles salões... E o chão era de madeira... Então, foi uma coisa que me agradou, assim... Eu me senti bem lá dentro do Mackenzie, e não aconteceu isto também na Belas Artes que, na época, era na Luz, no prédio da Pinacoteca hoje... Era

um prédio velho, mofado, tinha umidade, cheirava mal, eu me senti mal lá, então, eu acho que teve um fator assim muito... Além de estar dentro do ranking... Eu sabia que o Mackenzie tinha uma boa reputação, uma coisa de eu me sentir bem dentro do Mackenzie, do Campus do Mackenzie, e de ser... Por ser também uma coisa que tinha aquela tradição... Dos... Dos... Não são padres... Eles são pastores, né? E eu estudava num colégio de freiras, estudei até o 3º colegial em colégio de freira, então era uma coisa semelhante ao que eu tinha, uma coisa mais regrada, dentro de alguns padrões de valores... Então, isto teve um peso para mim, sim. Isto daí. Na escolha da faculdade.

▪ **As opções eram Mackenzie, Belas Artes e FAU-USP...**

É, e a quarta opção era a Farias Brito, que era em Guarulhos, que não era muito longe para mim, porque eu morava na zona norte, e ela tinha uma participação boa também... Os professores da Farias Brito na época eram os mesmos professores da FAU... Mas, para me deslocar daqui até o Mackenzie de ônibus era mais fácil do que eu me deslocar daqui até Guarulhos de ônibus, né... As linhas eram mais para o lado do centro da cidade, então, o Mackenzie teve prioridade neste aspecto também. E o custo na época era muito compatível para a nossa família, para os meus pais... Para o padrão de vida que a gente tinha. Eu me lembro que a Belas Artes era mais cara, a USP... Era... Estadual... E a Farias e o Mackenzie tinham o mesmo valor. E daí, durante o decorrer do curso, como eu tinha contato com o Fábio, né, a gente namorava, o Fábio entrou na Farias e eu no Mackenzie, e a gente fez o curso assim em paralelo, os dois... Primeiro ano, segundo ano, terceiro ano... E quando terminou o curso eu pagava quase metade do valor que ele pagava... Era uma coisa inédita, eu nunca imaginei que isto ia acontecer... Porque aí a Farias foi subindo o valor, subindo o valor, enquanto que o Mackenzie manteve o padrão até o final.

▪ **Então... Nesta época em que você fez faculdade... Como é que era, assim... A condição econômica da sua família? Como é que você se manteve enquanto estava no curso? Você trabalhava... Como é que foi esta situação?**

Então... Minha família, na época... Era bem estruturada, classe média... Meus pais... Os dois trabalhavam fora, eram funcionários públicos, eu era a terceira filha, meus dois irmãos já tinham terminado a faculdade quando eu entrei, então eu tive assim uma certa regalia, deles poderem arcar com a faculdade para mim. Durante o primeiro ano eles pagaram 100%, eu ia para a faculdade e os horários eram um pou-

co estendidos, assim, a gente tinha aula de manhã... Eu entrei no período da manhã, mas eu tinha aula a tarde também, então a gente meio que ficava o dia na faculdade... E neste ano eu só estudei... Eu ia para a faculdade de ônibus, mas eu ficava só estudando e eles pagavam tudo. No segundo ano da faculdade eu já comecei a estagiar, porque eles colocaram todas as matérias na parte da manhã, então a gente conseguia sair da faculdade, tipo 1 hora da tarde, daí às 2 horas eu entrava no estágio. Eu trabalhava das 2 às 6, e isto já ajudava a custear as minhas coisas, eles continuaram pagando a faculdade para mim até o final, mas eu tinha meu dinheirinho do estágio, que era para sair, para me divertir, então... Foi tranquilo, assim.

▪ **Você estava estagiando por causa da parte financeira ou realmente para por em prática o que estava aprendendo?**

Quando eu comecei o estágio era totalmente para ter experiência mesmo, porque eu sabia que eu nem tinha muita expectativa de grana, né... Os primeiros estágios que eu fiz tinham um valor... Assim... Pequeno... E eu realmente queria aprender, então eu estava lá disposta a trabalhar de graça se fosse o caso, mas tinha uma graniinha envolvida. Daí, depois no terceiro ano eu já entrei no escritório um pouquinho melhor que começou a me dar uma condição um pouco melhor e aí eu permaneci lá até o quinto ano, neste mesmo escritório... Eles foram me... Eu fui crescendo dentro do escritório...

▪ **E... Como era assim a situação de educação da sua família, seus pais tinham curso superior?**

Meus pais vieram da formação de magistério, ambos eram professores e ambos fizeram a faculdade depois de já estarem atuando... Minha mãe fez pedagogia, e aí ela passou de professora a diretora de escola do estado [de São Paulo]... E o meu pai era professor e fez odontologia e passou a trabalhar como dentista...

▪ **Curso superior, né?**

É, curso superior. Ambos ficaram como funcionários públicos, mas com curso superior.

▪ **E como é que era a condição cultural da família? Vocês eram ligadas à arte, pintura, música, escultura, arquitetura? Como é que era esta situação?**

Hoje eu percebo que é muito menos do que algumas pessoas na faculdade... Alguns colegas de faculdade tenho isso muito mais próximo. A minha família...

Em casa... Não era muito ligada nem à música e nem artes assim de um modo geral... Em arquitetura nem pensar... Assim, era totalmente desconhecido esse universo... E... Mas assim, sempre teve essa coisa de ser... De estudar... De ler muito... Tanto pai como mãe sempre leram muito e isso eu acabei pegando, tinha o hábito de ler bastante... Mas o engraçado é que, depois de um tempo, eu comecei a perceber que essa não-familiaridade com a arte ou com a arquitetura me fazia falta, porque eu percebia que em outras... Outros colegas de faculdade... Até pela questão de viajar também, de ter contato com o exterior, de ter contato com as grandes obras e tal... Isso é uma coisa que para mim nunca tinha feito falta, mas também eu não tinha este contato... Então eu sentia assim um pouquinho de carência nesse sentido, tinha amigas, colegas de turma que tinha um nível já mais elevado nesse sentido, já tinham mais conhecimento nesta área.

▪ **Você diz, assim... De conhecimento geral?**

Exato, de vida mesmo, de sair, viajar, estar estudando um negócio de história da arte que você já viu... Ao vivo... E eu não tinha visto nada, para mim era tudo novidade, eu estudava aquilo e achava lindo mas... Demorou muito tempo para eu conseguir ir ver.

▪ **Então... Agora... Quando você acabou o curso, como é que você se sentia... Você se sentia preparada para entrar no mercado, ou sentia que faltava alguma coisa, você teve surpresas no mercado... Como é que foi esta passagem de estudante para profissional?**

Eu já estava a três anos trabalhando no mesmo escritório... Nesse escritório a gente fazia muito projeto de layout de escritório mesmo... Porque na época era tudo na mão... Existia muito desenho, a gente trabalhava com desenho mas de tanto ver, de tanto fazer, copiar... Porque nós éramos usados como estagiários copistas... Mas daí eles começaram a me dar os layouts mesmo, para fazer, e eu comecei a gostar desta coisa de mexer com os layouts, então, a minha experiência com... Já, na época da faculdade, já foi mais direcionada para interiores... Porque o escritório trabalhava com isso e eu acabei me aprofundando mais nisto. Quando eu terminei a faculdade calhou de ser uma época na economia que estava entrando o Plano Cruzado, e estava estabilizando a economia depois de um tempo... Tinha uma certa euforia assim, de que as coisas iam melhorar, de que o país ia ter um desenvolvimento, e era tudo novidade, então

eu não tinha nada a perder, só tinha que arriscar, e eu fui, na verdade, conversando com o pessoal de escritório sobre uma possível efetivação... Mas não houve... Eles não tinham na época como me efetivar, porque tinha muito estagiário disponível, então eles não iam melhorar as minhas condições financeiras lá, então, eu comecei a procurar... E, no jornal, na época, tinha empregos para arquitetos! Porque estava começando este movimento, e por coincidência um escritório da zona sul que trabalhava com interiores, chamado Compasso d'Oro, do Lucio Grinover, o irmão dele foi diretor da FAU um tempão, ele era um arquiteto até bem conhecido, eles eram italianos e tinham um escritório de interiores, e aí eles estavam procurando arquitetos mesmo, isto foi uma coisa muito louca, porque eles contrataram arquitetos, recém formados, para desenvolver projetos de interiores, e foi aí nesta área que... Eu fiz entrevista, fui selecionada e comecei a trabalhar, efetivada já, assim no primeiro mês de formada... Em janeiro do ano de 1986, eu me formei em dezembro, em janeiro estava empregada, e fiquei lá dois anos, e depois de lá a pessoa que trabalhava comigo, que me contratou neste escritório, que era um arquiteto mais velho, mudou para um outro escritório... Que trabalhava com arquitetura de lojas, também de interiores, né, só que voltado para comercial, varejo, e aí eu fui trabalhar no escritório do Ricardo Lara. Fiquei 10 no escritório dele... O que aconteceu comigo, profissionalmente, foi que eu me tornei uma arquiteta de escritório, de prestar serviço no escritório de alguém. Eu não fui para batalhar o meu escritório, como algumas pessoas foram, e na época, talvez por eu ser mulher, por eu estar namorado e ia casar, aquela coisa, eu não dei muita importância para isto, então eu fui sendo arquiteta de desenvolvimento mesmo, de projeto, então o começo para mim foi assim... Tipo... Muito rápido, porque eu saí no momento em que o mercado absorveu. Eu acho que aconteceu isso. Só que, daí, quando começaram a vir as crises, que a gente teve o plano Collor, que foi o grande... Que quebrou a maioria dos escritórios, o escritório onde eu estava também quebrou, daí para a frente eu perdi a base no sentido de ter um salário, de ter um emprego, né, eu tive que me virar como dava. Daí para a frente eu virei autônoma.

▪ **Se você fizesse um retrospecto... Você acha que a faculdade te preparou bem para o mercado de trabalho? Naquele contexto, lá, certo?**

Olha, eu acho que sim... Eu lembro que a faculdade, dentro daquilo que eu estava trabalhando, que era uma coisa que eu gostava, eu estava bem inserida, porque eu tinha que ter uma boa apresentação, e eu tinha... Parte porque eu sempre gostei de desenho e parte porque o Mackenzie deu uma formação boa de desenho... E eu tinha que ter experiência de layoutização, de desenvolvimento de projeto, e aí isto eu fui aprendendo na prática, eu tinha uma base quando saí, totalmente crua, mas quando eu entrei, no escritório do Enzo, tinha um arquiteto mais velho que me ajudou, então com isto eu fui aprendendo o desenvolvimento das coisas, de marcenaria, de projeto, de hidráulica, elétrica e ar condicionado, tudo o que tinha a ver com a parte de interiores, de uma residência ou de uma área comercial, então quando eu fui para trabalhar com o Ricardo, no segundo escritório, eu já tinha experiência do outro, e daí para a frente eu comecei a ter uma autonomia de projeto também. E aí, ele começou a jogar na minha mão a compatibilização dos projetos complementares, então eu podia... Eu tinha esta história de áreas que eles faziam junto comigo e depois eu entrava em contato com o pessoal que vinha, para resolver os outros projetos... Eu fui tendo uma noção do todo, através da base... O Mackenzie me deu a base e depois eu fui crescendo, mas eu acho que isto é normal, acontece com todo mundo que começa a trabalhar, você vai ampliando seu horizonte em função daquilo que você está trabalhando... Se você me perguntar sobre obra, por exemplo, eu tenho muito pouca experiência com obra, e o Mackenzie não dava mesmo este tipo de experiência. Na minha formação, no Mackenzie, teve muita coisa técnica, de cálculo, tudo o mais, mas você não vê isto na prática, em compensação a parte de projeto foi bem dada... Então, eu tinha base para fazer os projetos até para depois desenvolverem a parte de obra, mas a parte mesmo de civil, assim, digamos, de construção e tal, eu não tive experiência profissional com isto, então, minha... Eu tenho... A minha segurança ficou mais na área de interiores e reformas... E projetos mais simples. Projetos de casa, por exemplo, e tal... Mas, assim, grandes obras... Não... Nem me arrisquei, porque eu estava feliz lá onde eu estava [risos].

▪ **Então... Você acha que a faculdade atendeu às suas expectativas?**

Sim, acho inclusive assim... Tipo... Pensando, hoje, eu poderia ter ido mais além, entendeu... Assim... Tipo... Eu me lembro dos meninos da turma, eles eram pou-

cos, né, mas eles tinham uma gana de ir mais para a obra, de se informar mais... E de ir atrás dos professores que tinham mais experiência com obra, para pedir estágio, eu acho que isto também é um diferencial... Sim, existia a possibilidade de você ter alguma formação até mais apurada. Eu lembro que eu fiquei dentro daquilo que estava no contexto e estava aí... Estava aí, as pessoas que na minha turma estava trabalhando... Eu fui uma das que sempre estava trabalhando, nunca parei de trabalhar...

▪ **Agora... Você... Está fazendo quase 30 anos que você se formou...**

Pois é... 28 anos

▪ **Você já contou um pouco dos primeiros anos, não é... Então, depois do plano Collor, como é que foi daí para a frente?**

Nossa! Foi um grande desastre! Na verdade o que aconteceu foi assim, que naquele período, logo após o plano, todo mundo tinha quebrado. Até os amigos que estavam em escritórios indo bem acabaram fechando. E aí... O que aconteceu foi assim, do escritório que eu trabalhava, onde tinham muitos arquitetos, a gente estava... Acho que em 6 ou 7 na época... Eu fiquei a única... Ficou que eu fiquei parceira do Ricardo que era o arquiteto chefe que era quem contratava todo mundo e eu fiquei na verdade trabalhando por projeto. Eu fiquei assim... Tipo... A gente pegava o projeto e me pagavam aquilo e pegava outro, fechava outro e eu fiquei muito tempo trabalhando assim até a coisa começar andar de novo.

Aí eu fui dar aula e era uma das coisas que, na época, nunca tinha me passado pela cabeça, mas aí eu pensei, preciso fazer uma grana, e falei, vou começar dar aula, aí eu fui pedir a ajuda para uma amiga numa escola técnica que era a ABRE, Academia Brasileira de Arte, e comecei e entrei direto, o cara me entrevistou e no outro dia eu estava dentro da sala de aula, dando aula de desenho técnico de decoração que era a minha praia, trabalhei com isso sempre, e comecei a fazer as duas coisas, dar aula e trabalhar como autônoma.

E aí no Ricardo como agente tinha tido muitos arquitetos que passaram por lá, no período que eu trabalhei, que foram 10 anos, eu tinha muito contato ainda com os arquitetos e aí eu comecei a ter parceiros de trabalho, a partir daí eu passei a ter muitos parceiros, assim de trabalhar junto mesmo, de desenvolver projetos juntos ou de desenvolver projetos para outras pessoas.

Então, o que aconteceu foi que arquitetos mais novos que eu, que passaram por lá e depois saíram, e acabaram entrando em outros lugares e tendo outras experiências, começaram a me chamar para fazer coisas desde o desenho de apresentação, que era uma coisa que eu fazia bem e que depois nos anos seguintes já não se fazia mais, por causa do AutoCAD... Porque eu já tinha mais de 10 anos de profissão quando se introduziu o AutoCAD... E os desenhos de apresentação a mão eram um referencial que as pessoas gostavam e queriam manter então eles me chamavam para fazer desenhos de apresentação, de perspectivas coloridas, e tal. E assim eu fui levando... E aí começaram a aparecer alguns projetos meus, indicação daqui e dali, eu comecei na verdade a ter uma carreira solo bem mais tardia porque eu comecei a trabalhar com projetos de casas, que era uma coisa que eu nunca tinha feito sozinha, né... Então, o meu primeiro projeto de casa foi em... Acho que foi em 98, por aí.

▪ **13 anos mais ou menos, depois de formada...**

É... Bastante tempo, quer dizer... Para um projeto solo é muito tempo depois, mas aí eu me achei muito nessa coisa de fazer projetos de casa de campo, que é um estilo mais rústico, uma coisa mais simples que tem a ver com o meu passado, com a minha família, uma coisa meio de interior, dessa simplicidade que é uma coisa que eu gosto e que é totalmente outra área da que eu estava fazendo, porque eu estava fazendo decoração no sentido de arquitetura de interiores, foi da década de 80 justamente que começou essa sofisticação de interiores, que apareceu a Casa Cor, e que a coisa começou a ficar modismo mesmo, então, eram dois conceitos completamente diferentes. Uma é o fashion mesmo que é aquela coisa do cara que quer mostrar a casa, quer mostrar que fez um móvel sob medida, na última moda, usando a cor do ano e tudo o mais, e a outra coisa é a arquitetura sustentável, com materiais rústicos, com móveis que uma preocupação com meio ambiente, que já começou nessa fase a mesmo mexer, a me envolver com isso nessa época.

▪ **E como é que foi essa introdução da informática na tua vida... Porque quando você estava na faculdade não tinha esse negócio?**

Nem nos primeiros 10 anos de formada ainda não.

▪ **Como você foi se relacionando, aí, com o computador?**

Então... Quando apareceu o AutoCAD pela primeira vez, a gente... Eu estava no escritório trabalhando como gerente de projeto... Já tinha uma função de estar

gerenciando os estagiários e os arquitetos mais novos... E eu já não tinha mais a função de copista, né, eu estava mais na parte de criação e de gerenciamento. Então eu fazia um projeto, fazia um rafe, rafiava aquilo e passava para as outras pessoas desenharem. E aí surgiu o CAD que era para a reprodução, uma coisa fantástica, né, você poder desenhar uma vez e depois reproduzir aquilo, e fazer as alterações de forma muito mais rápida... Era o plano do escritório, a gente saber que isso ia ser para sempre então a gente fez a transição e eu participei justamente deste período, então pra mim e para o Ricardo, que era o arquiteto que nos contratou, que era um pouco mais velho, era difícil para gente lidar com isso porque a criação na minha cabeça ainda saía só na mão eu não conseguia pensar no projeto naquilo, eu olhava o computador e achava aquilo totalmente frio. Mas na hora de reproduzir a gente tinha os desenhistas copistas que eram os cadistas, porque a gente teve inclusive um menino que foi fazer faculdade e depois de anos porque ele era só cadista, ele não tinha a menor noção de arquitetura, estava lá para copiar, só para fazer o desenho.

E aí eu demorei muito tempo, eu mesma como arquiteta, demorei muito tempo para me apropriar da parte eletrônica, muito mais tempo do que eu imaginei, porque eu já estava trabalhando sozinha e ainda fazia tudo na mão, até porque me procuravam para fazer os desenhos na mão, na época, de perspectiva e tal, aí depois que surgiu a maquete eletrônica e aí começou diminuir isso daí porque as pessoas começaram se virar com as maquetes eletrônicas, né, e aí quando eu estava dando aula, por causa das aulas, eu tinha que dar noções de introdução de eletrônica, e aí fui eu fazer o curso, foi assim que eu acabei... Depois do terceiro curso! Eu fiz o curso 3 vezes pra conseguir, porque a primeira vez que eu fiz estava no CAD 10 ainda, que era uma coisa assim... Era no DOS, era uma coisa totalmente... Eu não sei... Eu tive uma impressão horrível daquilo... Como que isso pode diminuir o tempo, tudo bem que vai copiar depois mas pra você desenhar com coordenada de A pra B, de C pra D você pega a caneta e faz né?! Então no começo eu achava aquilo horrível depois quando apareceu o Windows, quando apareceu a evolução... Aí eu consegui, depois do terceiro curso, que já estava mais moderninho, aí eu entrei, e hoje na verdade eu uso bastante... Uso só o CAD, na verdade.

▪ **Quer dizer foi uma introdução meio complicada, então...**

Foi. E eu conheço pessoas que até hoje não conseguiram se adaptar. Os arquitetos mais antigos, que lêem, mexem, mas não desenhavam.

▪ **E o uso do computador assim para a documentação ou para cálculo?**

Isso para mim foi fantástico... Isso eu absorvi de imediato, porque eu estava trabalhando com a parte também de gerenciamento... Na época a gente tinha muitos projetos ao mesmo tempo, na época dos shoppings e tal, e... Nossa, facilitou a vida pra caramba porque você aí tinha as pastinhas, você tinha as tabelas de... Para ficar mandando os projetos e cronogramas, aprovação de shopping... Você tinha comunicação entre os shoppings, entre aprovação e comunique-se e aí tudo facilitou muito à vida, imagina que isso tudo era feito pelo correio, não é?

▪ **E a internet?**

Também, aí eu já estava numa outra fase, aí, quando a gente começou com a internet eu já estava trabalhando sozinha há bastante tempo. Aí eu lembro que eu criei o meu primeiro email, deu uma sensação boa ter essa lembrança de ter um email teu, profissional, né... Foi incrível assim porque a coisa realmente facilitou muito. O contato ficou direto cem por cento do tempo... Sem falar do celular, que também na época não tinha, não tinha email, nem celular, nada disso... As pessoas para se achar tinham que sentar numa mesa, pegar o telefone e ficar ligando, e hoje em dia você tá em qualquer lugar e acha qualquer pessoa não sei que ela não quer ser achada... Isso realmente pra nós foi difícil, aí...

▪ **Como é que você viu o impacto da tecnologia no seu trabalho? O que afetou para você?**

Olha, uma coisa aconteceu... Eu acho que é assim... Você tinha um trabalho que mais... Como vou dizer... Silencioso. Você tinha tempo para sentar num projeto e no silêncio você ficar pensando, em mudar as coisas, apagar... Esse “fazer um projeto” não existe mais, desapareceu, a não ser que você se tranque em uma sala, e desligue tudo da tomada porque, porque é o único jeito de você ter esse espaço hoje. Porque o que acontece você está trabalhando no computador tá entrando email, alguém te chama no Skype, o celular toca, passam alguma mensagem e pedem pra você alguma coisa que você tem que resolver imediatamente. Esse “timming” que a gente tinha da gente com a gente mesmo... Pensando no projeto, rabiscando olhando o desenho depois de

pronto... Ele não existe mais... Eu acredito que nenhum desses novos arquitetos tenham conhecido esse tipo de criação que a gente conheceu. Esse momento assim de estar com você mesmo... Você e o projeto. Porque, inclusive, a coisa da modelagem, era uma coisa que você tinha que fabricar ou você imaginava aquilo na sua cabeça, girava o modelo na sua cabeça, ou você tinha que fabricar uma maquete para olhar isso. Hoje em dia é quase simultâneo se o cara tiver trabalhando naquele programa que já faz... Sabe... Que você desenha e ele já monta o 3D... É imediato.

▪ **Você acha que... Do mesmo tempo que facilitou algumas coisas, complicou em outras?**

É eu acho... É porque assim... Facilitou no sentido que a gente acabou tendo muito mais responsabilidades, pela facilidade da informação... Acumula e você tem uma quantidade de informação maior para gerenciar, que antes não tinha... Facilitou num aspecto... E ao mesmo tempo tirou um pouco dessa singularidade do projeto, de estar fazendo projeto. Porque muitas vezes a gente fica só gerenciando informação.

▪ **Então... Agora... Você trabalhou basicamente, então, com interior e arquitetura residencial?**

Isso!

▪ **Agora... Arquitetura é um campo muito vasto, existem muitas áreas em que você pode trabalhar... Paisagismo, urbanismo, construção... Porque é que você nunca se interessou em desenvolver outros ramos?**

Eu acho que um pouco é da minha personalidade mesmo isso... Assim, na verdade, eu descobri recentemente que eu tenho um carinho muito grande pelas coisas assim... Mais artísticas mesmo, assim... Pelo desenho, pelo colorido, sabe... Uma afinidade mesmo, que eu tenho com isso, eu nunca tive muita afinidade, por exemplo, com volumetrias de construções, prédios... Eu não me sinto atraída por esse tipo de coisa. E, mesmo essa arquitetura de hoje, essa mais moderna, contemporânea, cúbica, de casas cubos e tal, não me agrada muito, assim, eu fico meio... Eu acho um pouco frio num sei então, eu tenho essa coisa meio... Eu tenho uma ligação mesmo afetiva com essa coisa menor, menor... Mais de dentro pra fora, mais o contexto da luz no ambiente, do material... Isso me agrada muito. Então, eu nunca tive muito desejo o mesmo de ir além.

- **Então... Agora... Você fazendo um balanço, depois de 30 anos, em termos profissionais... Você acha que conseguiu se manter, em termos financeiros, mesmo, trabalhando com arquitetura?**

Não! [risos] Não, eu acho que hoje fazendo um balanço, eu teria feito de maneira diferente, eu teria me arriscado mais talvez numa profissão de autônomos, quando mais nova... Tenho amigas que fizeram isso e que deram certo que hoje tem escritórios próprios e que têm estabilidade, né, como na verdade na época que houve a crise eu estava ainda no esquema de emprego e talvez, vou te dizer, talvez eu tivesse me dado bem ficando lá, continuando sendo uma gerente de projetos no escritório, talvez, que tivesse conhecido, eu talvez tivesse me dado melhor. O que aconteceu foi que eu saí e fiquei como autônoma num momento de vida mais complicado porque eu já estava mais velha... Para você retornar para o mercado como empregada... Hoje o perfil é completamente diferente daquela época... Inclusive já existia o AutoCAD e eu não tinha domínio do CAD... Então eu não conseguiria me inserir no mercado de trabalho de novo, eu tinha que seguir meio que autônoma mesmo então, acho que foram vários fatores. E tem o fato também de não estar lá muito ligada nessa coisa assim, de grana, talvez não seja mesmo uma característica minha pessoal, então eu não fui muito ambiciosa e aí, no contexto das crises, e da idade, eu me considero, assim, não muito bem sucedida profissionalmente do lado financeiro.

- **E do lado da satisfação pessoal?**

Aí sim! Porque na verdade eu trabalhei a vida inteira com aquilo que eu gostava, né, eu pude me dar o luxo de fazer aquilo que eu gosto, da maneira que eu gosto, da maneira que eu acredito... E sou meio rabugenta mesmo, meio... Como fala... Teimosa mesmo, no sentido de não querer, e de não fazer mesmo aquilo que não tem a ver com aquilo que eu acredito. Dentro daquilo que eu pude, me manter dentro dos valores que eu tinha pra mim eu me mantive em detrimento de não ter um retorno financeiro, uma estabilidade, mas também eu não estou morrendo de fome, mas assim poderia estar melhor já, ter uma condição financeira melhor.

- **Quer dizer... Você, basicamente, trabalhou, então, como autônomo né?!**

É a maior parte do tempo... Mais ou menos... Não.

▪ **Você chegou a trabalhar com registro em carteira?**

Não. Nunca, mas eu tinha um emprego fixo durante 12 ou 13 anos que foi mais ou menos quando, 13 anos quando eu comecei a ser autônoma independente... Eu estava na verdade como autônoma... Na época você passava um registro, um RPA, que chamava... Então, é um autônomo mas tem um emprego, tem um lugar onde você vai, um escritório que te garante um salário, férias, 13º, só não tinha o registro em carteira em CLT mas tinha um vínculo empregatício, exatamente, um contrato.

▪ **Então você trabalhou por 12, 13 anos dessa forma e depois começou a trabalhar por serviço, né?!**

Isso! Por serviço.

▪ **Que você trabalhando até hoje, é isso?**

Trabalho até hoje. É.

▪ **Você já chegou a dar aula... Por quanto tempo mesmo?**

Então, eu dei aula nesse período todo... Né... Mas só que assim... Em períodos agrupados de 4 anos na ABRE, depois eu dei vários cursos no SENAC soltos, dei aula na UNG, dei alguns cursos particulares, então assim, eu fiquei sempre dando aula, mas como uma atividade não constante, dava uma aula aqui, ali...

▪ **Quando você dava aula, também era assim como autônoma?**

Não, aí, geralmente, se fosse, por exemplo, na não ABRE, era por contrato, fazia um contrato anual para aquela turma. E aí renovava no ano seguinte. No SENAC também é por curso, então você dava aquele curso, daí eles chamavam para dar aquele curso....

▪ **Mas para você receber... Você recebia como autônoma?**

Recebia como autônoma, sim, como contratada. Prestadora de serviço mesmo.

▪ **Tá. Esses cursos no SENAC eram também ligados à arquitetura, né?!**

Também. De desenho técnico eu dei... E de feng shui. O feng shui também, na época, quando surgiu, tinha bastante arquitetos que faziam.

▪ **Nessa parte de pesquisa... Você nunca entrou, não é? Você só dava aula né?!**

Só.

▪ **Você escrevia, fazia textos, essas coisas você nunca mexeu?**

Nada!

▪ **Nunca mexeu com isso?**

Não! Nunca mais voltei pra escola... [risos]

▪ **Você... Hoje... No alto dos seus 30 anos de experiência... O que você gostaria de deixar de mensagem para as novas gerações de arquitetos?**

Sei lá... Eu fico pensando às vezes... Porque eu vejo, né, eu tenho acompanhado, tem coisas muito legais assim... Muito legais mesmo... Essa preocupação com materiais ecológicos, todo esse processo da sustentabilidade na arquitetura... Eu acompanhei do zero, né, porque quando eu comecei a pensar nisso, não tinha nem onde pesquisar isso, era uma coisa nova e ouvi falar de um grupo lá no Rio de Janeiro que chamava TIBAR, um cara que escreveu um livro que era “O arquiteto do pé descalço”, e ele estava refazendo todos os conceitos de arquitetura em função de uma sustentabilidade de materiais eu achei super interessante... Foi na década de 80, final dos anos 80... 90 talvez, lá no ano de 92, mais ou menos... Foi quando eu ouvi falar pela primeira vez disso e aí eu comecei a tentar ouvir, pegar os livros, não tinha internet na época, então, era tudo mais complicado... E aí eu acho tudo muito legal porque hoje tem todo um movimento, né... Existem especializações nisso e cada vez mais a gente descobre institutos e grupos de gente fazendo, e refazendo, e reaprendendo construções como eram feitas antigamente, de taipa... Isso tudo é muito legal e em contrapartida tem o extremo tecnológico também... Que também era uma coisa que não existia na nossa época e que hoje faz parte do dia a dia deles, que são esses prédios que se movimentam, que captam energia solar e transformam, e tem isso e tem aquilo, não sei o quê, as formas, os materiais, essa coisa dos layers, uma pessoa que projeta e você tem aquela coisa, que é uma curva que você nunca imaginou que pudesse ter feito e o cara faz né... Então é uma gama tão grande... Você mesmo falou, é exatamente isso a arquitetura hoje é quase que o universo, você pode qualquer coisa, dentro da arquitetura você pode fazer qualquer coisa... De repente, eu fui feliz no sentido de ter saído uma pessoa de dentro pra fora, veio um contexto do alto dos meus 20 metros, não é, vem aquela coisa assim como eu me sinto bem dentro desse ambiente, como esse ambiente me acolhe, isso é uma coisa que eu dou muito valor, mas isso sou eu né... Agora, acho que os novos, eles têm todo esse universo mas eles ao mesmo tempo tem que encontrar alguma coisa que eles sintam realmente esse tesão sabe... Essa coisa de eu me envolvo profissionalmente com nisso mas isso faz sentido isso pra mim. Se eles conseguirem

isso, eles vão ser excelentes arquitetos, independentemente daquilo que eles tenham que fazer, eu acho que é isso que dá o diferencial, é quando você se envolve em alguma coisa de verdade você tá ali, você está prestando atenção naquele detalhe, mas como é que isso funciona, para onde que isso vai, né, e como é que isso se encaixa naquilo e assim você vai destrinchando. Então, o que eu queria dizer é isso, seja um arquiteto, como se fala, envolvido, engajado naquilo que você acredita. E aí tá tudo certo. Porque hoje realmente tem informação disponível para qualquer coisa, qualquer área dessas que você se interessar vai ter informação e você vai poder ir atrás.

▪ **Será que antigamente também não tinha?**

Tinha mas era mais difícil, tinha, tinha sim e como eu te falei as pessoas tinham mais acesso, algumas pessoas tinham mais acesso, até financeiramente, né, e uma coisa leva a outra né... Quando você tem interesse você vai atrás, vai buscar e tudo mais, então acho que tinha sim mas era um pouco mais complicado, hoje é muito mais simples e mais rápido porque o acesso hoje é quase que universal, mesmo, você tem acesso à internet você já descola lá uns 5 ou 6 endereços, pelo menos, de cada coisa que você quer pesquisar, e daí pra frente é uma questão mesmo de querer. Então, nesse aspecto eu acho que sim, e acho que tem pessoas da minha geração que fizeram isso, que foram atrás, e saíram, foram buscar, foram fazer estágio fora, viajaram, estudaram fora e tudo isso. Mas acho que isso também tudo também tem a ver com relação ao feminino da geração também, né... Que foi uma coisa que, por exemplo, da minha turma, que eu conheço, tem as casadas, que tiveram filhos e a profissão ficou em segundo plano. É uma coisa da minha geração, algumas mulheres foram e levaram aquilo a frente, outras foram meio a meio, mais ou menos, como eu me considero. Eu fui pela profissão, mas eu fui para o meu gosto pessoal, não fui só pela profissão em si, engajada no sentido de, né, eu vou me dar bem nessa profissão. É uma coisa meio que do feminino da minha geração, os meninos já foram mais firmes... Da minha turma, os meninos são arquitetos hoje... Tem escritório, tudo, então acho que teve uma preocupação de ir mais além.

- **E assim em termos de curso, mesmo, de especialização que você teve que ir buscar, fora a faculdade... Você falou que fez o curso de AutoCAD. Que outros mais cursos mais você fez?**

Eu fiz o feng shui logo que apareceu porque na época... Quando apareceu o feng shuí o que me chamou atenção porque eu buscava alguma coisa que me ligasse energeticamente essa coisa de conforto e bem estar dentro dos ambientes e a essas construções em si. Eu já tinha... Sempre gostei dessa área mais de energias, e tal, mas eu não tinha informação, não sabia que existia isso. Daí apareceu o feng shui e que foi uma coisa legal e logo depois eu vi e acabei fazendo um curso, também, de geobiologia que é uma coisa mais ainda científica, mais relacionada também com o aspecto das energias telúricas, de veios de água... Essas coisas todas. Eu fui fazer isso. E aí, em termos de interiores, é uma busca meio pessoal, tipo curso propriamente eu não cheguei a fazer sobre isso, mas sempre buscando participar de eventos, exposições, porque, para ir... Casa Cor e coisas desse gênero e depois, mais recentemente, eu acabei fazendo um outro curso que não tem a ver com arquitetura que é aproveitando essa coisa do desenho, que é o da facilitação gráfica, que é uma coisa que eu também gostava e que hoje também eu faço, mas em termos de aperfeiçoamento assim... Eu não fiz mais, não.

- **Bom... Acho que preenchi os pontos principais.**

Deu pra preencher as lacunas? [risos]

- **Deu sim. Então, muito obrigado.**

Sempre as ordens.

Arquiteto nº 12

Sexo	Feminino
Data de nascimento	29/11/1954 (60 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (23 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1981 (27 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP) e Porto Seguro (BA)
Local onde está residindo	Porto Seguro (BA)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 31/07/2014. Duração 27:24 min

- **A primeira coisa que eu precisava saber é... Quando você resolveu fazer arquitetura... Algum tempo atrás, não é, uns 40 anos atrás, quando você resolveu fazer arquitetura...**

É, na época eu tinha uns 14 a 15 anos, quando eu estava no que hoje é o ensino fundamental, né, com uns 14 ou 15 anos eu já tinha pensado que queria ser arquiteta... Daí eu fiz o ensino médio, né, já orientado para fazer o curso de arquitetura. Aí, o cursinho e tudo, eu fui direcionando para poder fazer o vestibular de arquitetura.

- **Então... Você já conhecia a carreira, então? Já sabia o que era ser arquiteto?**

É, na verdade... Não muito. Né, não muito. Mas eu sabia basicamente o que é que o arquiteto fazia, né? Era fazer projetos, né, de edificações, isto é o que eu queria e sabia muito bem o que era. Mas assim, saber como era assim, a profissão, exatamente, estas coisas todas, em detalhes, nem imaginava, né.

- **Uma vez que você resolveu fazer o curso de arquitetura, porque é que você escolheu o Mackenzie?**

Na verdade, a minha opção era a USP, né? Fazer a FAU, né? Daí, eu tentei a FAU... Tentava a FAU e o Mackenzie... Tentei três vezes, na terceira vez é que eu entrei... E nas três tentativas eu não consegui a FAU, minha segunda opção era o Mackenzie, na terceira tentativa eu entrei no Mackenzie, e para mim foi até melhor, porque durante o curso eu percebi que o tipo de ensino do Mackenzie estava mais apropriado para mim do que a FAU, né? É, eu me senti mil vezes melhor no Mackenzie do que se tivesse entrado na FAU, na época...

▪ **Mas... Por causa do currículo, você diz? Por causa das matérias?**

É, e também, porque era um curso mais voltado para a área técnica, a FAU já não, né, a FAU já era mais voltada para artes, né... A orientação da faculdade era assim. O Mackenzie não, era muito mais técnico e estava muito mais de acordo com o jeito de eu ser também, né? Aí, eu acho que me adaptei melhor no Mackenzie do que eu me adaptaria na FAU, né?

▪ **Quando você fez vestibular, você fez direto para o noturno ou você fez para o diurno e depois passou para o noturno?**

Não, eu fiz direto para o noturno... Foi quando o... Neste ano que fui fazer eu sabia que tinha a opção, fiz tudo noturno, né... Optei pelo noturno porque dava a opção de trabalhar, para poder pagar a faculdade.

▪ **Você cursou o primeiro ano em 77, né?**

Foi, em 77.

▪ **Saiu em 81... Último ano foi em 81.**

Foi, é.

▪ **Então, você já foi direto para o noturno porque você queria trabalhar durante o dia, né?**

Isto, já fiz vestibular para o noturno, é isso é.

▪ **Nessa época que você estava pensando em fazer a faculdade, e estava fazendo vestibular, como é que você descreveria a condição econômica da sua família?**

A minha família?

▪ **É classe média, é classe alta...**

Média, média, média... Porque... Foi uma época em que a minha irmã mais velha já tinha concluído a faculdade, né... Aí a minha irmã que é a segunda, estava na faculdade ainda, então, na época, eu e a minha irmã que morava assim com meu pai trabalhávamos para poder ajudar minha irmã que estudava fora... Ela fazia farmácia na federal de Araraquara, né... Aí a gente trabalhava para ajudar, né. Aí, quando eu entrei na faculdade, a minha irmã mais velha já tinha começado a trabalhar então já estava tudo melhorando, né... Então, foi assim... A minha irmã falou, se quiser entrar no Mackenzie, pode entrar no Mackenzie que eu ajudo você a pagar, né... Mas, eu falei, se eu estudasse a noite poderia trabalhar e dava para eu pagar a faculdade, né... Aí, a situação já estava melhorando bastante...

▪ **Os seus pais... O que eles faziam? Qual a profissão deles?**

O meu pai era comerciante. Aí, minha mãe ajudava o meu pai no comércio.

▪ **Você diria que era um pequeno comerciante, médio...**

Pequeno, é... pequeno. Pequeno comerciante.

▪ **E a sua mãe ajudava ele no comércio?**

É, sim.

▪ **Nesta época em que você estava pensando em fazer a faculdade, você falou que sua família era classe média, né... Você diria que vocês viviam com certa facilidade, ou tinha que fazer um pouco de economia para conseguir sobreviver?**

É, na verdade... Economia a gente não fazia, tudo o que meu pai e a minha mãe ganhava era o que sustentava a gente, né... Na época não era fácil assim, não... Graças a Deus, o comércio do meu pai era assim... Ele tinha uma quitanda... Na época era um ramo que funcionava muito bem, né... Com isso ele conseguiu colocar todas nós na faculdade, ele fez a gente estudar, e até de poder cursar a faculdade, então... assim... sobrar, nunca sobrava, né... Era... O que ele ganhava era o suficiente para a gente viver naquele momento.

▪ **Não dava para guardar, né...**

Não, não dava.

▪ **Como que era a condição educacional da sua família... Dos seus pais... Das suas irmãs, você já falou, elas estavam fazendo faculdade, né...**

O meu pai veio do Japão com 17 anos, então ele estudou no Japão um tempo, né? Até ele vir para o Brasil, ele estudava no Japão. Agora, a minha mãe veio com 5 anos, ela veio criança, então ela foi alfabetizada aqui no Brasil, né... Mas não concluiu nem o fundamental, que era... Vieram com o... Como fala... Imigrantes, então vieram para trabalhar, então a minha mãe não teve condições de estudar, e o meu pai também, claro, quando chegou no Brasil não teve condições de continuar estudando, né, mas o maior sonho do meu pai e da minha mãe era que nós, filhos, estudássemos... Nós somos em cinco, né... O sacrifício que o meu pai e a minha mãe fez foi para a gente estudar, o objetivo era que a gente estudasse... Casar... Nem cobravam muito, né... Mas que a gente fizesse faculdade era o maior sonho dele, né... E, graças a Deus, eles conseguiram, né? É, não foi fácil, mas eles conseguiram. E, depois, também porque... Quando... Eu e a minha irmã... Que morávamos com meu pai... Com 16, 17 anos

a gente começou a trabalhar, então naquela época lá dava para ajudar meu pai também, né... Mas tudo o que a gente ganhava ele guardava para a gente, né? Sei que foi melhorando, né, graças a Deus...

▪ **Eram você e mais duas irmãs?**

Não, nós éramos em cinco... Tinha a minha irmã mais velha, que fez farmácia... Aí tem a segunda, que fez enfermagem, né... Aí tem eu, depois o meu irmão abaixo de mim ele fez ciência da computação, até no Mackenzie também, né... E a minha irmã caçula que fez engenharia química.

▪ **Próxima pergunta seria em relação a como você financiou seus estudos...**

É, eu trabalhava... Como eu estudava a noite dava para trabalhar, então foi trabalhando que eu fui pagando meus estudos, né.

▪ **Você já trabalhava...**

É, antes de eu entrar na faculdade eu já tinha trabalhado também, né...

▪ **E você contava com a ajuda dos teus pais também...**

É, o meu pai, na verdade, a ajuda que meu pai e minha mãe me deram foi o fato de me sustentar na casa deles... Porque, assim, pagar mesmo a faculdade... Com meu dinheiro eu pagava, e a minha irmã mais velha, que já estava trabalhando e ganhando, ganhava bem, na época, né, que... Quando precisou, foi ela que me ajudou também, né... A ajuda do meu pai, financeiramente, foi me dar casa e comida, né, na verdade.

▪ **Mas você diria que foi tranquilo você pagar a faculdade?**

Foi... Foi, porque apesar do Mackenzie ser particular, como era uma instituição, não era muito caro, né, então dava assim para... Se eu conseguia, com o que eu ganhava, pagar a minha roupa, minha comida, meus livros, assim, o pouco que faltava a minha irmã podia me ajudar a pagar, né.

▪ **OK.**

O bom do Mackenzie é que, além de ser particular não era muito cara em relação às outras faculdades na época, né...

- **Logo que você terminou a faculdade... E você estava para entrar no mercado de trabalho, né... Então, você acha que o curso que você fez te preparou para o mercado de trabalho?**

É... Na verdade... A escola faz uma parte, né... E depois é o estágio que vai complementar o que a gente vai encontrar pela frente. E como eu fiz... Eu comecei a fazer estágio no quarto ano... Então, quando eu me formei, eu já estava fazendo estágio, então eu fui trabalhar mesmo já tinha uma base muito boa, porque o primeiro estágio que eu fiz foi num escritório muito bom, então... Eu acho que a base de tudo o que eu precisava aprender eu aprendi neste estágio, né? O estágio complementou o que a faculdade ensinou... Eu acho que só a faculdade, ia demorar mais ainda para eu poder... Acho que... Começar no mercado, né... Então, com o estágio bom que eu fiz, depois deste estágio eu fiz outros também, e complementou a vida profissional, né. Por isso é que eu falo, o estágio é essencial.

- **Se não fosse a faculdade, você acha que teria aproveitado o estágio?**

Como é que é, desculpa...

- **A faculdade te ajudou, não é...**

Hum Hum... A faculdade me formou, né... É, né...

- **Só o estágio, eu acho que não seria suficiente, né...**

Como assim, fazer só o estágio... Sem ter estudado, sem ter feito faculdade?

- **É...**

Ah, não... Só o estágio... Bom, o estágio poderia me preparar tecnicamente para ser um projetista, né, mas jamais uma arquiteta, né... Então a faculdade me deu o curso e me deu o diploma, né, e o estágio me ajudou a ter a profissão, né... Acho que só com a faculdade ia ser difícil, eu ia entrar no mercado mas ia ser mais difícil... Só o estágio não ia me permitir fazer o que eu queria... Eu queria era ser arquiteta, né?

- **Então você acha que o curso foi bom...**

Sim. Sim. Como eu falei para você, se eu tivesse entrado na FAU eu não teria ficado tão satisfeita como eu ter feito o Mackenzie, né... Eu gostei demais do curso.

- **Você acha que foi razoável, bom, ótimo... Como você classificaria... Entre razoável, bom e ótimo?**

Eu acho que foi ótimo. Também, a gente não pode falar muito porque a gente não teve o conhecimento de outras faculdades, né... do curso, né... Mas eu acho que foi ótimo porque, na época, quando eu fazia estágio, eu tinha relacionamento com

pessoas que faziam outras faculdades, né... De arquitetura, né... Aí, pelo que eu via, pelo que se comentava, eu acho que o Mackenzie estava bem mais preparado do que outras faculdades, né... Tipo, Brás Cubas, Mogi, né... Santos...

- **Vamos pegar este período então... Desde que você falou... Você falou que com 14 anos já queria entrar na faculdade. Daí você terminou a faculdade. Então... Você acha que ela atendeu à sua expectativa, ao que você esperava da faculdade?**

É... Na verdade... Assim... É, eu acho que... Enquanto eu fazia a faculdade eu não ficava questionando, né... Se a faculdade não está fornecendo o que eu quero, o que eu preciso... Eu acho que nunca questionei isso... Para mim, assim, o que a faculdade me fornecia eu ia absorvendo, nunca questionei, na verdade, né... Na verdade, foi assim mais o que ela me forneceu eu absorvia e foi assim, mas... Eu saí, né...

- **Você acha que a faculdade atendeu ao que você queria, ao que você esperava...**

Eu acho que sim. Sim. Me preparou para aquilo que eu queria, que era ser arquiteta, eu acho que a faculdade me preparou muito bem. E o que ajudou bastante, também, Iberê, em várias oportunidades, o fato de eu ter falado que fiz a faculdade Mackenzie me deu assim pontos a mais... É, sem dúvida... Sem dúvida...

- **Isto é interessante, né...**

Hum Hum... É o que eu falo, né... Hoje em dia existem muitas faculdades, mas ainda tem lugares que vão escolher o candidato pelo lugar onde estudou. Eu acho que eles sabem que saíram mais bem preparados, e que, com tanta faculdade que existe por aí, né... Hoje em dia existem tantas faculdades, faz a distância... Uma vez por semana na faculdade, aparece uma vez por mês na faculdade, cursos assim... Como é que a gente pode respeitar uma faculdade desta?

- **É verdade.**

Então eu acho que... Apesar de tudo... Eu acho que boas empresas ainda consideram um aluno que fez uma boa faculdade, né.

- **Agora, eu queria que você fizesse aí um pequeno histórico da sua vida profissional. Onde você foi trabalhar, o que você fazia...**

É... Assim... Não tem coisas muito importantes, mas tem... Depois que eu recebi seu email, fiquei pensando... Apesar de tudo, a gente conseguiu fazer bastante coisa, né. O meu foi assim, como eu te falei... No quarto ano, estava fazendo estágio, né. Estágio, você sabe, né... Os escritórios pegam o estagiário por uma determinada

época, enquanto estavam com bastante projeto, depois acabava esta fase e liberavam o estagiário. Daí tinha que sair correndo atrás de outros estágios. Então, eu fui de um estágio para o outro. Aí, em 81, quando eu me formei, estava trabalhando num escritório, como estagiária, aí quando eu me formei não ia ficar como arquiteta... Aí continuei trabalhando, saí de um, fui para o outro, e cada escritório que eu ia, ia adquirindo mais conhecimento, né... Mais experiência também, né. Cheguei a ser sócia também, no escritório de arquitetura, né... Com um colega de faculdade... Aí, depois trabalhei... Como autônoma em São Paulo, eu não conseguia trabalhar não... Era difícil, na época, como autônoma, né? Aí, depois que eu saí desta sociedade, eu trabalhar como empregada num escritório de arquitetura. Aí, fui trabalhar neste escritório como arquiteta registrada, né? Trabalhei aí... Trabalhei 10 anos neste escritório... Aí, depois que eu saí deste escritório, eu resolvi vir morar aqui na Bahia... Aí, quando cheguei na Bahia, eu falei... Bom... Na Bahia, eu quero ser autônoma... E, desde que eu moro aqui, sempre fui autônoma... Trabalhei sozinha, né? E deu para tocar a vida. E estou aqui até hoje, né?

- **Então... Você estava fazendo estágio enquanto estava no quarto ano... Daí você foi aceita com arquiteta no mesmo escritório, não é?**

Não. O primeiro estágio foi no quarto ano, num escritório, depois eu saí de lá e fui para outro escritório, e neste outro escritório é que eu fui aceita como arquiteta. Mas... Ah, desculpa, neste escritório eu trabalhei como autônoma, sim...

- **Então, você foi aceita como arquiteta, mas trabalhava como autônoma...**

Sim, não era estagiária, era autônoma. Depois, passei para outro escritório, também como arquiteta, mas também como autônoma... É verdade.

- **Este primeiro escritório que você foi trabalhar como arquiteta, onde trabalhava como autônoma, você ficou quanto tempo lá?**

Lá, eu fiquei... Entrei em 82... Acho que uns 3 anos, Iberê, nem me lembro direito... Acho que uns 2 ou 3 anos... Depois fui para um outro escritório, fiquei acho que um ano e pouco... Depois entrei nesta sociedade, esta sociedade eu fiquei uns 2 anos, um pouco mais talvez...

- **Nesta sociedade você ficou quanto tempo?**

Acho que uns 2 anos, Iberê, não lembro direito... Acho que mais ou menos 2 anos.

- **Depois que saiu deste escritório, você falou que foi trabalhar como CLT em outro escritório e ficou 10 anos lá...**

É, trabalhei como arquiteta registrada, né... Durante 10 anos. Foi de 88 a 98.

- **88 a 98.**

Não... de 88... É... 88 a 98, é.

- **E quando é que você mudou para a Bahia?**

Eu mudei... No mesmo ano que eu saí deste escritório, né... Foi em 98... Eu saí em junho de 98 e em novembro já estava aqui na Bahia. É que eu já tinha... Já estava pensando, né, em vir morar na Bahia... Inclusive, numa das minhas vindas para cá eu já tinha comprado um terreno, aí quando eu vim para cá, eu construí a minha casa e o meu escritório, né?

- **Que cidade que você mora mesmo?**

É Porto Seguro... É no sul da Bahia...

- **Você veio trabalhando aí, como autônoma, desde esta época, então...**

Sim, sim... é.

- **Mas você trabalha no seu próprio escritório, ou você trabalha para outros arquitetos?**

Não, o meu escritório... Aqui, eu abri o meu escritório e trabalho para mim, só.

- **Tá, você atende direto aos clientes, então... Você não é terceirizada de ninguém, não é?**

Não, não, eu faço tudo, é.

- **E você trabalha mais com que tipo de... Você trabalha com edificações, mesmo? Projeto de edificações?**

É... De edificações... Hotéis... Já fiz projeto para reforma de hotel... Residências... Lojas... Aqui, na verdade, Iberê, Porto Seguro é uma cidade turística, né, mas é uma cidade muito... Fora a fachada que é turística, o resto da cidade é uma cidade de interior, né... Então, assim... O tipo de trabalho que você faz... Você faz qualquer tipo de trabalho aqui... Então, eu acho que profissionalmente eu... Assim... Explodi aqui em Porto Seguro, porque em São Paulo eu era muito limitada, né... Ia trabalhar para os outros, no escritório dos outros, porque não podia abrir o meu escritório, então... Se você ia trabalhar para os outros não tinha condição de ser arquiteta de verdade, né... Agora, aqui em Porto não... Aqui eu assumi a minha... A minha profissão de

arquiteta... Então, aqui eu fui obrigada a fazer de tudo. Para não ser... Aí, sim, tudo o que tinha aprendido em São Paulo eu tive que aplicar aqui e, no que eu não aprendi lá, tive que aprender aqui, né... Então, profissionalmente, eu me realizei aqui em Porto Seguro.

▪ **Você já estava mais madura nesta época, né?**

Sim... Como eu disse... Um arquiteto com quem eu fiz estágio uma vez disse assim... Tereza, você não pensa que quando você se formar você já é uma arquiteta... Ele falava assim... Eu acredito que, por experiência própria, que... Assim... Durante uns 10 anos você vai estar só aprendendo... Depois de 10 anos você pode dizer que você é uma arquiteta. E, de fato, viu... Eu acho que para você aprender... Para você se sentir segura... Falar que você é arquiteta... Vai fazer uma coisa... Sem parar a coisa... Acho que 10 anos de experiência é o que precisa para você chegar e falar tudo isso, né.

▪ **Você chegou a trabalhar com arquitetura de interiores também, ou não?**

Não, eu não gosto de arquitetura de interiores. Até tive proposta de fazer proposta de interiores aqui, mas... Eu não... Se eu fiz, fiz alguma coisa muito porquinhinha mas não era o que eu queria, não... Na verdade, não gostava, não.

▪ **Essa parte de patrimônio histórico, restauração... Você chegou a mexer com isso?**

É, também... Porque, como eu te falei... É uma cidade pequenininha e você acaba fazendo de tudo, de tudo um pouco... Aí, a cidade aqui tem uma... A cidade histórica nossa é tombada pelo patrimônio histórico, pelo patrimônio, né... Então, aí eu... Tem algumas ruas de Porto Seguro que são tombadas pelo patrimônio, então se você vai fazer alguma intervenção você tem que... É... ter autorização do IPHAN... Projeto que tem que ser aprovado pela prefeitura e pelo IPHAN... Se o IPHAN não aprova, a prefeitura não aprova. Então, eu tive contato também com estes... Com a parte de patrimônio, né?

▪ **Certo. E paisagismo, você chegou a trabalhar, ou não?**

Não, também não. É uma coisa que eu... Depois que eu formei... Fiz a faculdade e eu... A Toshie, a Yukie... A gente gostava, de paisagismo, a gente andou fazendo alguns cursos aí, mas... Eu mesma... Depois que eu fiz o curso, tudo, eu vi que eu assim... Não... Eu acho que o meu negócio mesmo era mais edificações, mesmo. Gosto mais. E depois, tem... Existe o arquiteto paisagista, né? Então, se eu precisei

desta parte de paisagismo eu sempre contratei. Paisagista daqui, né. Aí, me complementava.

▪ **Você chegou a trabalhar com urbanismo?**

Não, com urbanismo não. Mais edificações mesmo. Urbanismo, também, eu achei uma coisa muito séria, né? Você tem que ter muito assim... É... Assim... Tem que fazer muita pesquisa, acho que é uma coisa de muita responsabilidade, eu acho, né... É.

▪ **Você chegou a dar aulas, ou não?**

Não. Uma vez, aqui, eu dei um curso... Na verdade, era um curso para formação de contadores, e eles precisavam de um curso dado por um arquiteto... Aí, foi a única vez que eu dei aula na minha vida.

▪ **Uma das coisas que eu estou pesquisando aqui, também, é em relação ao uso da informática na arquitetura. Então... Porque nós fomos aí a primeira geração que enfrentou o uso do computador... Então, eu queria saber como é que você lidou com esta situação.**

É, foi assim... Quando eu trabalhava neste escritório, como arquiteta registrada, foi a época... Deixe ver... Quando eu entrei neste escritório, ainda não usava o computador. Mas, depois de alguns anos, o escritório começou também a se informatizar, e contratávamos projetistas que já sabiam... Na verdade... Deixe-me lembrar... Na verdade, foi assim... Os projetistas que nós tínhamos... Aprenderam a mexer no computador através de um arquiteto que já sabia mexer no computador, né. Então, formamos primeiro os projetistas, né, depois fomos nós... Os arquitetos... É que fomos nos informatizar. Então, todo dia a gente tinha aula de uma hora, depois do expediente, tinha uma aula de computação com esse arquiteto, né? Aí, já ficou... Aí todos os arquitetos também começaram a trabalhar no computador. Aí, pronto, formou projetista, formou arquiteto, aí ficou completo, né. E foi assim que eu aprendi a trabalhar no computador.

▪ **E... Hoje... Você diria que... Qual é a sua situação, você está totalmente integrada, faz tudo no computador, faz só alguma coisa...**

Tudo, tudo, tudo... Eu já trabalho com o computador há muito tempo... É, na verdade, depois que eu vim morar aqui, eu já trabalhei com computador direto. Quando eu vim para cá já estava... Quer dizer... Neste escritório eu já trabalhava no

computador, né? Quando eu vim para cá, era só computador. Mas uma prancheta nunca foi demais.

▪ **Não, né?**

Não. Porque... No começo, os estudos eu fazia tudo na prancheta, porque ficava um desenho assim... Mais... Assim, não tão técnico, né, e mais fácil para você mostrar para o cliente também poder entender, né, então... Era uma maneira mais assim... Mais fácil do cliente assimilar, né? Do que feito no computador, né? Mas, a parte de desenvolvimento de projeto, aí sim, fazia tudo no computador. Só o estudo é que eu ainda faço na prancheta mas, nos últimos tempos, até o estudo eu já estou fazendo no computador.

▪ **Quer dizer... Desde os primeiros estudos, até o executivo você faz tudo no computador?**

Tudo no computador, é.

▪ **Outra pergunta que eu preciso te fazer é em relação à aposentadoria e previdência. Então... Eu não sei... Se você já se aposentou, se está pensando nisso... Como é que você lidou com isso, ao longo da sua vida profissional?**

É... Como eu... Eu comecei a trabalhar cedo, né, registrada... Então, automaticamente, já tinha o INSS, né? E todas as vezes que eu trabalhei como autônoma eu continuei pagando a previdência, o INSS, né? Aí, o que é que eu fiz... Eu já me aposentei por contribuição... Porque, como eu sou autônoma, eu mesma é que tinha que pagar o meu INSS. Então, quando deu o tempo de contribuição para me aposentar, eu me aposentei. Hoje eu já recebo o benefício da aposentadoria, né, mas nem por isso eu deixei de trabalhar, né?

▪ **Tá... Então... Você está aposentada pelo INSS, mas continua trabalhando... E você continua contribuindo ou não?**

Não. Não porque, como eu tenho que tirar do meu bolso, para pagar a previdência, então eu prefiro investir o dinheiro em outras coisas, né? Fazer um investimento, alguma coisa assim, né? Então, eu recebo o benefício, eu trabalho e consigo... Hoje sim, eu consigo ver que sobra dinheiro. Dá para guardar um pouquinho, né?

▪ **Como é que você diria hoje, quarenta anos depois... Você ficou satisfeita com a carreira que você escolheu?**

Sim, sim, totalmente... Eu acho que não poderia ter escolhido outra coisa na minha vida. É assim... Eu nunca tive dúvida, a partir do momento em que me disse-

ram, você tem que escolher uma carreira para continuar estudando, eu não tive dúvidas, e até hoje, graças a Deus, eu nunca questioneei o fato de ter escolhido a carreira. Eu sempre quis, e me sinto realizada por ter feito o que eu fiz, né... Como arquiteta. É. Hoje, eu fico até muito triste, com os adolescentes, que não sabem o que querem fazer, né... Tem que fazer até um curso, para escolher a carreira que quer fazer... Eu fico até entristecida com isso e me sinto assim, é... Com muita sorte, né, por ter sabido escolher o que queria fazer, né...

▪ **Era esta, então, a pesquisa.**

Foi mais fácil do que eu pensei.

▪ **Então tá bom, muito obrigado então.**

Eu é que agradeço, Iberê, foi um prazer.

▪ **Ah, igualmente. Um abraço para você aí, hein.**

Obrigada, Iberê, um abraço.

Arquiteto nº 13

Sexo	Masculino
Data de nascimento	08/09/1956 (58 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (21 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1981 (25 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP)
Local onde está residindo	São Paulo (SP)
Dados da entrevista	Realizada pessoalmente em 17/07/2014 no escritório do pesquisador. Duração 01:14:12 hs

▪ Porque você optou por seguir essa carreira de arquiteto e urbanista?

Porque nessa idade, quando você presta vestibular, na idade normal que você presta vestibular, você tem muitas dúvidas da carreira. Então, eu gostava de artes, eu gostava de história, mas também gostava de técnicas... Então, acho que se eu gostasse só de técnicas eu teria optado talvez por engenharia, vamos dizer assim... Como eu tinha vários interesses, a arquitetura acabou despontando como uma possibilidade. E acho que, além disso, tem uma questão de contexto.

Quando eu prestei vestibular, em 77, você imagina a adolescência, antes disso, uns 5 anos antes, Brasília tinha praticamente sido inaugurada, então tinha uma... Um contexto de desenvolvimento, de possibilidade de desenvolvimento... Cidades, planejamento de cidades... Tanto é que logo que eu entrei na faculdade a primeira opção que eu imaginava que eu pudesse seguir era relacionado com a questão urbana. Apesar de gostar de construção, e tal, mas era relacionado à questão de planejamento urbano. Acho que o principal foi isso, um pouco de contexto, um pouco de múltiplos interesses.

Gostava de desenho, gostava da parte técnica, gostava de artes, gostava de história... Quer dizer, o curso, até onde eu consegui informação... Porque naquela época você não tinha internet, não tinha essas publicações que tem [hoje em dia], que apareceram depois descrevendo, não tinha aquele tipo de, que hoje também tem, de profissionais nas escolas... Na minha família não tinha tradição nenhuma de arquiteto. Eu sou a primeira geração, eu e meus primos, a primeira geração que foi fazer curso supe-

rior. Então, eu tive um primo que foi fazer engenharia, outro que foi fazer medicina... Cheguei até pensar, como a molecada em geral acaba pensando nas várias possibilidades, pensei em engenharia química, cheguei a pensar em arquitetura naval e aí, meio que por eliminação, e tal, eu acabei optando por arquitetura.

▪ **Agora uma vez que você optou por arquitetura... Porque você optou pelo Mackenzie e não pela FAU ou um outra qualquer?**

Bom... Uma outra qualquer era difícil, aqui em São Paulo pelo menos. As opções na ocasião era a USP, Mackenzie, Farias Brito e Brás Cubas.

▪ **Que eram fora de SP...**

Eram fora de SP, mas eram as mais próximas. Nem cheguei a aventar a possibilidade de outros estados, essas informações também não chegavam, então, eu prestei as 4. Na USP, eu lembro que eu fiquei por um ou 2 pontos, fiquei ali na primeira fase, na tangência, passei na Farias Brito e passei na Brás Cubas e passei no Mackenzie. Também bem colocado, não me lembro agora, mas bem colocado.

Os colegas, ou da adolescência ou do cursinho, boa parte deles, acabaram não passando nem no Mackenzie, nem na USP, então, fiquei um pouco em dúvida, né, apesar do Mackenzie ter um grande nome, etc., de entrar numa faculdade, acho que talvez um pouco de medo, de insegurança, ou talvez não... Ao invés de entrar no Mackenzie, de acompanhar os colegas que tinham passado em outras faculdades. Mas aí a tradição do Mackenzie, o nome do Mackenzie, e eu peguei... Acho que um pouco inocente, também, mas eu fiz comparando carga horária, nome das disciplinas, ementas, etc. e achei que por questão de praticidade, ou seja, transporte, moradia, essas coisas... Porque eu teria que me deslocar até Mogi ou até Guarulhos ... E pela tradição do Mackenzie e pela análise que eu fiz, pelo que eu conhecia da época, a opção acabou sendo o Mackenzie.

▪ **Você entrou no diurno ou noturno?**

Entrei direto no noturno. Cheguei... Voltando ainda na questão anterior... Cheguei a pensar em entrar no Mackenzie e tornar a fazer vestibular pra USP. O curso era anual, tanto um como o outro, então eu teria que esperar um ano. Eu já tinha, o que hoje em dia eu acho uma bobagem, mas na época você leva em conta, eu já tinha 20 anos, indo para 21, então no começo eu até pensei nisso mas depois, no decorrer do

curso, durante um ano, eu gostei do Mackenzie acabei desistindo da idéia da USP... E... O que é que você perguntou antes?

▪ **Se você entrou no diurno ou noturno.**

Ha, tá... Entrei direto no noturno, foi a segunda turma noturna do Mackenzie, mas foi a primeira que teve vestibular específico para o noturno. E prestei para o noturno pela necessidade mesmo, por achar que seria mais fácil fazer estágio, trabalhar, se precisasse, uma vez que a família tinha condições de pagar a mensalidade, que era caro, mas não era tão absurdo quanto é hoje, né... Mas também não tinha assim uma condição assim tão favorável, então, se eu precisasse trabalhar ou estagiar o noturno seria mais fácil. Tem um outro fator, talvez de menos relevância, porque o colegial, segundo grau, eu fiz noturno... Eu estava acostumado com horário, gostava eu sou... Funciono bem à noite, não tive nenhum problema nem de optar, nem de cursar.

▪ **Você falou da condição econômica da família... Como você classificaria a sua família na época? Eram grandes empresários, pequenos trabalhadores...?**

Não! Classe média... Parte comerciante, parte trabalhador de empresa, de indústria... Classe média, média... Remediado.

▪ **Para eles subsidiarem o curso foi um grande sacrifício? Médio sacrifício?**

Não sei se foi um grande sacrifício, mas foi um sacrifício. Porque não era só a mensalidade, né... E por mais que eu comecei a estagiar... Mas por mais que você trabalhe, você tem uma série de despesas, então, dentro do possível eles souberam, conseguiram me dar o apoio necessário, mas teve um sacrifício... Deixarão de fazer algumas coisas para poder dar esse apoio. Não foi assim um grande sacrifício... Ninguém passou fome...

▪ **Mas teve que equalizar o orçamento frente às despesas...**

Teve, teve que equalizar o orçamento... Teve uma época que era pré-grande-inflação, né, mas foi possível.

▪ **E como que você colocaria, assim, a condição educacional da família, teus pais tinham faculdade, teus irmãos...?**

Então, faculdade não. Meu irmão mais velho estava terminando o curso de publicidade, como eu disse foi a primeira geração, até onde eu sei, mas enfim, geração que começou a partir para o nível superior... Agora... O que eles tinham, isso é interessante notar, apesar de não ter um curso superior eles tinham uma boa formação ou sen-

sibilidade em relação às questões profissionais, culturais... Tanto é que a arquitetura, por exemplo, eles acharam interessante e deram apoio pela escolha... Assim, como qualquer pai e mãe, eu imagino que qualquer escolha que eu fizesse, não sendo uma escolha muito fora de padrão, eu imagino que eles teriam apoiado a decisão. Mas, por esses mesmos motivos de incluir arte, história, coisas que eles gostam também que deve ter me influenciado sem dúvida nenhuma teve assim uma... Um apelo, um apoio, então... Em termos de formação, de escolarização, é baixo, de pai e mãe, é baixo... Tinha um irmão mais novo que também estava começando a estudar, com 9 anos de diferença, e o irmão mais velho estava fazendo publicidade.

▪ **Então... Teus pais eram de nível médio, 2º grau, vamos dizer... Teu pai já era brasileiro... Teu pai e tua mãe?**

Então é aquela história... Meu pai biológico faleceu... Ele era italiano...

▪ **Ah, teu pai era italiano...**

É. Daí a minha mãe casou de novo e esse segundo pai, que me criou, era nascido aqui no Brasil...

▪ **E sua mãe?**

Minha mãe é brasileira. Aí, típico assim, de brasileiro, por parte de pai tem italiano, por parte de mãe tem espanhol, português, suíço...

▪ **E como é que você classificaria a condição cultural da família? Você já falou um pouco...**

Acho que é uma condição cultural muito boa, muito interessante. Certamente ainda pela proximidade, basicamente é a primeira geração que estava aqui no Brasil, e é interessante, eu já vi isso em outras ocasiões, com outras pessoas... A sensibilidade cultural que os europeus de um modo geral têm, mesmo que não tenham uma formação escolar. A preocupação com as coisas bem feitas, a preocupação com o desenvolvimento das artes, né, respeito pela história... Uma sensibilidade política, uma crítica política interessante, isso eu acho muito curioso... Eu lembro da minha nona italiana que devia ter mal e mal o primário talvez... Mas ela tinha um senso crítico fabuloso. Recentemente... Não tão recentemente assim, mas acho em 2000, eu estive em Portugal e vendo lá o jornal, a respeito de umas obras que o governo queria fazer, entrevistaram um limpador de fossa, e é impressionante, quer dizer, primeiro ele falava corretamente ou quase isso... Segundo, uma sensibilidade em relação às coisas públicas,

quer dizer, não era só ele, mas o que aquilo representaria em termos de cidade, etc... E o senso crítico do camarada, você percebia que ele não tinha uma instrução formal muito grande, mas é claro que é uma outra realidade, são comunidades pequenas, cidades pequenas e tem uma história, né... Se você for fazer a mesma coisa aqui, talvez com honrosas exceções, você não vai encontrar limpador de fossa nessas condições... Porque que eu tô contando isso... Porque isso me alertou, me fez lembrar justamente da família que, apesar de não ter essa formação escolar formal, nem por isso deixava de ter uma cultura no sentido mais... Mais estrito da palavra, não erudição, mas a cultura em relação à... Cultura global.

▪ **Bom... Isto aqui você praticamente já respondeu... Como é que você financiou seus estudos?**

Nós temos... A fonte principal de renda, de financiamento além do salário do meu pai, porque minha mãe não trabalhava, não trabalhava fora, era uma pequena casa que nós tínhamos alugada na região do bairro de Mirandópolis... Ali... Saúde, Indianópolis, aquela região... Que acabava dando suporte extra, uma renda extra, então, isso mostra também, assim, a questão que eu falei, né, que não foi um grande sacrifício mas se dependesse só do salário também não seria tão fácil não, então, não, porque tinha uma renda extra que apoiava isso.

▪ **Então... Tinha alguns recursos mas você tinha que priorizar os estudos para...?**

Isso! Beleza!

▪ **Logo que você terminou o curso... Acabou o curso, sou arquiteto, legal... Como você.... Logicamente, você teve que entrar no mercado de trabalho, nessa ocasião como você estava avaliando o curso que você tinha acabado de fazer?**

Olha... Se eu fosse dar uma nota talvez eu desse nota 7, na ocasião. Se eu fosse você dar uma nota hoje talvez eu subisse essa nota. Por quê? Porque quando você faz o curso normal, hoje eu sou professor também, e percebo isso, você como aluno acha que muitas coisas que você está aprendendo não vão servir pra nada... E algumas não vão servir mesmo né... Então, você sai às vezes se sentindo preparado, mas com uma expectativa maior de preparo. Mas porque.... Por causa da inexperiência, em parte. Eu já... Antes de entrar na faculdade, isso eu não contei e acho interessante de contar, eu trabalhava, mas era na área de comunicação. Trabalhei numa rádio. Depois trabalhei como vendedor das lojas Sears, por alguns meses e comecei a procurar alguma

empresa de arquitetura e acabei achando uma empresa que estava trabalhando com as estações do metrô, o principal nicho deles de mercado era o metrô. O metrô estava se desenvolvendo na ocasião, as estações estavam se desenvolvendo, tinha que resolver toda a questão do entorno, das estações e da própria linha do metrô, do impacto... Eu pensei, bom acho que é interessante antes de entrar na faculdade ter um contato e acabei entrando, claro que como um peão de escritório, né, e tal... Fazia de tudo um pouco lá, mas o pessoal era bacana e depois eu percebi que isso era um pouco característica da maioria dos arquitetos, de abraçar os aprendizes... Então, sempre tinha um contato muito próximo com o setor técnico e aquilo me entusiasmava muito, eu devo ter esquecido de mencionar isso quando você me perguntou o que me motivou, isso me reforçou a opção... Porque era uma equipe interdisciplinar, então... Você tinha arquiteto, você tinha engenheiro, você tinha sociólogo, você tinha economista, você tinha engenheiro civil, mas também tinha engenheiro de transporte, então, antes de entrar na faculdade eu trabalhei nessa empresa. Ao longo da faculdade eu comecei... Para chegar na tua resposta... Comecei a fazer um estágio, fiz um ou dois estágios ligados mais a construção... Projeto e construção... E aí, como eu tinha interesse na área de planejamento, eu acabei indo para o setor público, para a prefeitura, como estagiário...

▪ **Prefeitura de São Paulo...?**

Prefeitura de São Paulo. Trabalhava principalmente na área... Na área social, na arquitetura social, então, era planejamento de rede de creches, de centros comunitários, etc... E eu gostei muito, achei bem interessante, então, quando eu me formei eu estava já e aí eu fui contratado pela prefeitura e um pouquinho antes de me formar, junto com aqueles colegas que tinham ido pra Mogi e Brás Cubas, etc., a gente acabou montando um pequeno escritório. Na ocasião, também, você tinha que ter um escritório... Não era assim como hoje que você pode trabalhar em casa porque, é muito difícil... E teve... Não sei se foi uma coincidência, enfim... De ter um contato muito grande com o arquiteto Paulo Bastos, e a gente desenvolveu muitos trabalhos para ele, trabalhos executivos e tal e tal e isso me fez conhecer melhor a arquitetura, me fez desenvolver em termos de desenho, do que seria um projeto propriamente dito, que é uma parte que acho que faltou, que eu sentia que faltava na formação. Acho que a formação, ainda hoje acho que é assim... Ela não... Ela não atinge, na arquitetura e até onde

eu sei, na engenharia também, ela não atinge... Não consegue atingir, não está preparada, eu não sei explicar direito, uma parte mais prática, mais executiva. A parte de projeto fica muito na questão da volumetria... E não entra nessa parte executiva... Quando você começa...

▪ **Não entra mais a fundo no andamento do projeto...?**

É... Na realização... Na documentação necessária, no desenvolvimento necessário para a realização de fato, fica um pouco no campo das idéias, no campo das artes... E isso acontece, acontecia e acontece, quando o aluno chega mais ou menos no meio do curso, e você começa a estagiar, começa a ter contato com esse tipo de... Nesse aspecto da profissão, ele tende a se desiludir um pouco do curso de arquitetura... Porque ele tá vendo que na prática ele tá fazendo coisas que na faculdade ele não faz, nesse sentido mais prático mesmo.

Hoje eu vejo isso um pouco diferente, acho que são dois campos distintos, mas que a faculdade deveria resolver, deveria harmonizar isso. Acho que não é o escritório que tem a obrigação, mas a faculdade, porque se por um lado você tem a questão muito prática do escritório, de uma empresa, por outro lado num escritório, numa empresa, você não tem... Dificilmente tem... A possibilidade de discussões mais profundas, dos impactos, ou mesmo de questões técnicas, porque você tem que dar uma solução, você não fica especulando muito, vai em cima daquilo que é possível, daquilo que existe, etc., E a faculdade poderia dar essa oportunidade de discutir e criar portanto um senso crítico... Crítico aqui não né... É de reflexão, mas o aluno normalmente não percebe isso, mas acho que isso não é um problema não é do aluno, acho que a faculdade deveria administrar melhor isso...

Então, quando eu me formei ou estava me formando, quando me formei, eu já tinha uma experiência nesse percurso que eu relatei um pouco e... Qual era a minha idéia... Era continuar no serviço público, uma vez que eu gostava dessa parte de planejamento e em paralelo ter o escritório que eu montei. Foi muito interessante, porque aí em 81 teve o concurso do Anhangabaú, concurso nacional, que o Paulo Bastos participou junto com o Zanetini, e eles nos convidaram para integrar a equipe... Então, eu estava recém formado, mas foi uma experiência que mudou, amadureceu minha visão, o próprio contato depois com o Paulo, na sequência, desenvolvendo outros projetos foi

bem interessante... Então, assim, eu não saí da faculdade sem saber muito bem o que eu queria, eu tinha uma noção, já estava trabalhando nessas condições aí que eu comentei, só que o que aconteceu, logo no meio do curso ainda, foi uma crise mundial e econômica muito violenta que inicia acho que em 79, 80, portanto um pouquinho antes da gente se formar, onde muitas empresas fecharam ou pelo menos reduziram e foi mudando completamente aquela primeira noção que eu tinha, em parte por inocência, por ignorância, mas em parte porque o contexto mudou mesmo, não é.

Então, logo assim no início, nos primeiros anos, assim, não foi muito fácil pra muitos dos colegas não... Não conseguiram trabalho, não conseguiram emprego. Porque o trabalho do arquiteto é bastante ingrato, acho que isso acontece um pouco em geral com as profissões, mas ele é muito voltado para ser profissional liberal... Hoje eu acho que mudou um pouquinho isso, mas ainda tem essa característica. Ora, para você ser recém formado, dependendo dos contatos que você tem, do networking que você tem, começar a ter serviço, não tem... E pra você ser empregado de uma empresa, enfim, de alguma empresa... As empresas estavam reduzindo, então, não foi muito fácil não. Meu próprio escritório, aí, que eu tinha montado, começou a degradingolar, o próprio Paulo começou a ficar sem serviço, claro e evidentemente que a gente não queria ficar só desenvolvendo trabalho pra ele, mas era o que dava um certo suporte e em paralelo a gente foi atrás de outras coisas, mas essas coisas começaram a minguar, tanto que chegou um ponto que essa sociedade... Era uma sociedade informal... Se desfez, e eu fiz uma outra parceria com um engenheiro na mesma rua, que era ali na Cardeal Arco Verde, e cheguei a um ano, mais ou menos, a fazer novos projetos... Aí a própria estrutura econômica do país começou a se modificar também, né...

▪ **Foi mais ou menos em que ano?**

Deve ter sido em 83 ou 82, não lembro exatamente, mas o que é que era o contexto... Era o final do governo militar, um país desorganizado politicamente, economicamente... Uma dívida crescente, inflação crescente... Muito mais do que crescente, quem viveu nessa época sabe... E um caso, assim, bastante emblemático que eu tive, foi uma ocasião que eu fiz um projeto, um estudo preliminar para uma indústria alimentícia. Era uma fábrica de biscoitos, pães, panetones, coisas assim desse tipo. Não lembro bem o ano, mas deve ter sido em 82 ou 83... E aí, esse cliente pagou o es-

tudo preliminar, elogiou o projeto, etc., mas falou, olha... Nós desistimos de fazer a indústria, porque nós tínhamos um dinheiro aplicado, temos overnight, temos não sei o quê... E tudo isso nos dá muito mais dinheiro do que investir na indústria. Investir na indústria, com a situação do país do jeito que está, a gente não sabe o futuro que isso vai ter, e vamos ter que enfrentar logo de cara sindicatos, impostos, uma porção de coisas, então, investir é um risco que a gente sabe que pode ser muito bom no futuro, mas que atualmente é um risco muito grande e a gente tem outros investimentos em fazenda, e não sei o quê, e a gente achou melhor não investir na construção dessa indústria. Nos pagaram, etc., mas eu acho que é bem emblemático, porque era exatamente isso... E depois a gente foi vendo várias situações semelhantes, desde obras pequenas, alguém que queria construir uma casa, mas chegava inseguro, por exemplo, de tirar o dinheiro da poupança, do investimento dele, mesmo porque o investimento dele, ainda que de algum modo, não deixava de ser uma certa ilusão, mas mantinha um pouco o capital do sujeito, do que de repente investir numa construção cujos preços dos materiais e da mão de obra eram, de uma maneira muito rápida, elevados, e ficava um capital empatado. Então, a gente começava a perceber isso, que realmente não era uma situação muito favorável. Nesse meio tempo, por isso que eu estou situando mais ou menos essa fase, por causa do meu trabalho na prefeitura eu tinha dois supervisores que me chamaram para participar... Também foi uma experiência de vida e profissional interessantes... Para participar da elaboração do plano de governo do Franco Montoro. 82 foi a primeira... Isso foi logo no comecinho, foi o que você perguntou, né, foi o primeiro governo eleito em São Paulo após a ditadura militar... E aí o Montoro foi eleito, e tal, e eu fui alçado pro governo estadual. Isso foi até 86 por aí... Mais ou menos nessa época eu comecei a trabalhar na Apta, né, no final do governo que também foi bem interessante, mas nos primeiros 4, 5 anos acho que foi isso... Tinha dificuldades, até mesmo pela condição da família pela ausência de um networking pessoal etc., mas também pelas condições sociais e econômicas do país, mundiais, do país pela própria desorganização do país, tinha dificuldade de conseguir projetos extras, né, e acabei ficando muito... Muito no governo. Mas aí foi um pouco complicado porque tive uma... Uma crise, né... Se eu continuaria ou não na arquitetura, apesar de gostar, apesar de estar me saindo muito bem, de saber que eu... De ter uma auto-confiança no

exercício da profissão... Mas de ver as poucas oportunidades de crescimento que eu estaria tendo. Uma possibilidade, que eu não sei se seria de carreira propriamente dito, no sentido profissional que começou a aparecer, pelo fato de eu ter trabalhado na prefeitura do estado, ter me saído bem em algumas negociações políticas etc., era ter me encaminhado para uma área política. Cheguei a ter alguns convites, mas não me animei... Eu gostava da questão política, mas exercer um cargo político achava que seria muito... Talvez tivesse que ter tido mais política na veia, né, para poder participar, né, mas não me animava. Achava muita confusão, muita corrupção, aí bateu uma crise em termos de se sustentar... Estava casado nessa época e estava difícil de se sustentar e aí no final do governo, no próximo, governo do Montoro, entrou o governador Quércia e aí era uma outra linha de pensamento, mas ainda fiquei cerca de um ano lá e coloquei meu cargo à disposição. Eu não era concursado, né. Um pouquinho antes disso eu comecei a procurar alternativas e acabei batendo na Apta, setor de arquitetura e engenharia de construção e tal... E foi interessante, com pessoas conhecidas e as que eu não conhecia ficaram amigas e tive oportunidade de trabalhar com obras, projetos, foi bacana, mas aí também essa empresa também começou a ter seus problemas... Então, foi um período bem assim... Entre 83 e 84, mais ou menos... 85... Até... Não sei, uns 4, 5 anos, mais ou menos... Foi um período de bastante instabilidade... Eu queria saber... Bom e depois disso... Aí, cheguei a prestar alguns serviços... Passado esse período... Em outras áreas, como Artes Gráficas, por exemplo, mas também logo na sequência de assessoria e apoio, que é uma área que eu gostava, que eu gosto ainda, de montagem de restaurante, de lojas de shopping e coisas assim do tipo... E aí já estou chegando em 91. Não sei se você tem outras perguntas...

▪ **Não... Pode seguir...**

Porque 91? Por que uma coisa que eu comecei a sentir falta, aí já tinha saído do governo, tudo isso, era de uma parte talvez mais de reflexão, mais intelectual, quer dizer, aquela cansaça entre 81 e 91... Aquela cansaça de correr atrás muito mais de uma sobrevivência do que um avanço de carreira, ainda que estivesse acumulando experiência, tudo isso que hoje sinto que acumulei... Mas senti a falta de uma.... De um ambiente de reflexão, de discussão, etc., que era um pouco meu perfil, né, acho que tem pessoas que não são assim, algumas são... E aí que eu pensei na possibilidade de

lecionar. Mesmo porque já tinha tido, ao longo da faculdade... Já tinha tido dois convites por parte de professores, e curiosamente, né, isso mostra um pouco o perfil... Um, o primeiro deles era um engenheiro, Paulo Castilho... Que até me pediu para ser monitor da disciplina dele que era uma disciplina de cálculo estrutural, etc.

▪ **Em que faculdade foi?**

No Mackenzie. Você deve ter tido aula com ele... Só que aconteceu... Entre outras coisas, que eu acho que ele não me falou só pra me animar, porque ele não teria me convidado, ele disse, acho que você tem potencial para ser professor, então, de repente você começando com monitoria, etc., pra você pode ser interessante, só que na ocasião o Mackenzie mudou a política de monitoria, e acabou fechando. Não teve monitoria durante algum tempo. Então, eu acabei não exercendo a monitoria com ele. Eu fui encontrar, já lecionando, no período que eu fiquei na FAAP, eu fui encontrar esse professor na engenharia da FAAP... Ele ficou muito contente e tal e até lembrou, olha, não falei para você que você deveria ser professor, que bom, etc., etc., Então, professor mais de área técnica, ligado à arquitetura mas mais na área técnica. E um outro professor, já mais para o final do curso... Na verdade teve um outro, logo no começo, mas eu nem dei muita bola, que eram os professores de sociologia, antropologia que a gente tinha no primeiro ano, né, que era um curso básico, elogiavam algumas coisas... Bom, mas mais pro final do curso, um arquiteto importante aqui para nós, aqui, que era o Joaquim Barreto, que depois se tornou meu orientador no trabalho final, que eu não lembro o nome, era um outro nome não sei direito, acho que TFG na época, também chegou a fazer o mesmo... Tentou me motivar para ser professor e tal, mas daí eu fiquei 10 anos sem pensar nisso, mas... Foi chegando ali perto de 90, 91 e comecei a sentir falta dessa possibilidade de discussão e tal. Eu não fazia a mínima idéia de como ingressar nessa carreira e não via nela também uma base principal de sustentação econômica, né... Achava que seriam umas aulas para ter um contato com esse mundo acadêmico, e aí procurei alguns amigos de turma, eles acabaram me indicando primeiro para o Mackenzie, que foi onde eu me formei... Passados alguns meses, aí já era semestral... Acabei tendo um convite para ingressar na área de teoria, teoria e história, e foi assim que comecei na área de professor.

▪ **Você começou como professor do Mackenzie, então...?**

Isso, professor do Mackenzie. Depois... isso em 91, meados de 91. Depois de uns... Agora, eu não lembro bem a seqüência, mas depois de uns 2, 3 anos eu tive um convite para ingressar na Belas Artes na mesma área, de teoria e história, e logo em seguida... Porque agora eu não estou lembrando bem qual eu entrei primeiro... Mas acho que primeiro foi a Belas Artes e depois a FAAP. No Mackenzie e na Belas Artes eu continuo até hoje, então já são 20 e lá vai cacetada... Quase 25 anos já... Houve uma mudança de rumo de disciplinas que eu lecionava e na FAAP eu fiquei até 2004, 2005... Cerca de uns 10 anos e aí eu pedi licença, com a intenção de depois sair, porque... Três faculdades, horários muito picados, eu tinha poucas aulas na FAAP, era mais uma questão pessoal do que qualquer outra coisa... E aí, ainda assim no começo dessa carreira de professor, ainda exercia algumas atividades como, por exemplo, essas que eu falei, de montar restaurante em flat, em shopping... Eu desenvolvi um pouco na ocasião, em razão de um economista que eu conheci, já falecido, o estudo de viabilidade de técnica financeira para uso em grandes empreendimentos, principalmente na área de shopping. Eu tinha alguma experiência disso, mas de um outro viés que foi no setor público, na área de planejamento, que até você avaliava algumas questões, mas é claro que não havia no setor público, diferentemente do setor privado, não havia a preocupação do mercado, do investimento, etc., era uma outra... Mas já havia uma base de formação de experiência interessante no setor público. Então, através desse economista é que eu desenvolvi um pouco também dessa área. Prestamos alguns serviços em Blumenau, em São Paulo... Mas aí eu comecei a fazer... Comecei a me encantar com a área de ensino... A parte prática de escritórios, de obras, coisas desse tipo ainda não estavam de uma maneira... Hoje em dia recuperou bastante, eu acho, pelo menos, é o que eu vejo com os alunos... Espero que não... Espero que continue assim, né, porque a gente tá passando por outros momentos difíceis aí, de desorganização... Mas nessa ocasião aí, 95, ou coisa desse tipo, 94 e tal, ainda não havia assim um grande... O país estava começando a se organizar mas não havia ainda um grande “boom”, vamos dizer, havia um “boom” de construção, mas o “boom” de construção não é necessariamente um “boom” de oferta de empregos ou de serviços... Nem pra arquiteto, nem pra engenheiro, com a verticalização da cidade, etc., começam a surgir alguns investimen-

tos, a gente percebe, começam a surgir alguns investimentos... A própria criação de shoppings, por exemplo, algumas indústrias e tal mas é difícil você... Não tendo uma empresa consolidada, etc., enfrentar esse tipo de... Conseguir serviço para esse tipo de coisa. E aí acabei “desencanando” mesmo, acho que é a palavra correta, de procurar manter o escritório. Cheguei a ter um outro escritório ali próximo da Avenida Paulista, travessa da Carlos Sampaio, mas aí acabei... Bom... Vou me dedicar à carreira acadêmica, aí fui fazer... Fiz duas especializações, fiz mestrado, viajei e não sei que... E com isso acho que consolidou um pouco a minha experiência na vida acadêmica. E aos poucos eu fui saindo da área de teoria e história para duas disciplinas práticas, projetos de arquitetura e conforto ambiental, né, que se chamava Engenharia de Habitação... Porque que eu tinha uma... Não tinha muita experiência prática nesse sentido... Alguma coisa que eu tive que defender na área pública, mas eu tinha um bom conhecimento, uma boa formação teórica, tanto pelo curso da graduação, que eu gostei bastante, como pelo meu interesse na área que eu vivia sempre buscando etc., ter essa... Esse aprimoramento. Então, eu fiquei na área de projeto e conforto ambiental durante muito tempo, inclusive na FAAP... Na Belas Artes, eu fui saindo da teoria e história e passei para a área de projetos, lá eu não lecionei em conforto ambiental, e depois no Mackenzie acabei ficando só na área de projetos. Participei de grupos de pesquisa e coisas assim.

▪ **Só como professor... Você está desde quando?**

Desde 91. Então... Dá 23 anos.

▪ **Você faz alguma coisa fora?**

Atualmente não. Eu não descarto... Cheguei a fazer algumas coisas, mas poucas coisas, então, por exemplo... Fiz um pequeno restaurante, em parceria com um colega que tinha uma empreiteira... É muito comum ser chamado, tem uma arquiteta aí que costuma me chamar para consultoria de projeto e conforto ambiental e acústica, mas não é algo que tenha sentido... Eu sinto falta, às vezes, desse tipo de trabalho, mas não é algo que eu tenha ido atrás.

▪ **Quando você faz as consultorias, você faz como autônomo?**

Como autônomo.

▪ **Então... Eu acho que você fez um bom histórico sobre o percurso profissional, tá bem legal... Só tem duas perguntas aqui que eu precisaria fazer para você, em rela-**

ção ao uso da informática... Por que a gente foi de uma turma que quando estava na faculdade não existia computador... Quando a gente foi para o mercado de trabalho é que começou a surgir... Então, eu queria saber como foi que a informática entrou na sua profissão, como é que foi a história, como é que é hoje?

Pois é, não sei se entrou de fato ou não entrou ainda... No seguinte sentido... Como você mencionou a gente não teve formação nenhuma disso, demorou um certo tempo, eu fui ter um... Comecei a ter um certo contato com isso, mas eu tinha computador em casa, mas aquela coisa assim, muito... Comparada com hoje... Muito pré-histórica... E no sentido da profissão era mais planilha e texto, coisas assim desse tipo e contato assim com informática ligado diretamente com a profissão foi na Apta que começou a ter esse tipo de investimento, de preocupação... Eles foram pioneiros, né, de certa maneira, pioneiros... A partir daí até comecei a estudar o CAD, comecei a mexer um pouco com o CAD depois da Apta, ainda... Mas na medida que eu fui entrando na carreira acadêmica e não eram disciplinas ligadas à questão da informática, e devido ao avanço bastante rápido desses programas, não só avanço no sentido do software em si, mas os equipamentos e da inserção dessa tecnologia no mercado de trabalho... Naquilo que eu estava investindo, em termos de carreira acadêmica, eu não mexia com isso. Então eu fui ficando de lado, então, essa parte mais de desenho técnico ou de desenvolvimento... Agora tem o BIM, né... Então, eu tenho uma perfeita noção do que é isso, mas não tenho o conhecimento disso, para mexer sozinho, não dá. O que eu desenvolvi, relativamente bastante, foi com os programas mais de tratamento gráfico, Photoshop, Corel, coisas assim desse tipo, e os “basicão”... Agora, são ferramentas fantásticas... Uma coisa que eu desenvolvi um pouco, porque eu acho um programa muito interessante, é o SketchUp... Que aqui no Brasil ainda tem bastante preconceito, eu vejo isso, não nos escritórios, mas no mundo acadêmico, muitos professores utilizam no prédio, pedem pros alunos, que ele é muito intuitivo etc... E a versão profissional O SketchUp Pro, não é... Conversa com esses outros programas técnicos, tipo AutoCAD... E ele é muito empregado nos Estados Unidos profissionalmente, não só pra volumetria, mas ele é muito empregado... Se você pesquisar na internet você acha uma porção de tutoriais, de demonstrações... Então, dentro da referência profissional, como professor, esse tipo de programa me é suficiente. Não tenho... Até gostaria, assim como uma curiosidade, mas não tenho interesse agora de despende de um certo tempo

para aprender esses programas, mesmo porque eles estão, agora com toda essa... E as faculdades agora também estão começando a investir na modelagem 3D, etc., então, já é um outro ainda... Arquitetura parametrizada... Então, é uma coisa que ficou muito distante, compreendo, entendo sei como funciona, já tive alguns contatos, já mandei produzir algumas coisas, por isso sei como é que é, mas não sei mexer diretamente. E na parte de tratamento gráfico, cheguei a fazer alguns serviços para lojas de conveniência. Eu montava uma perspectiva básica e em cima do... Quer dizer, eu não fazia um CAD em 3D e depois renderizava, já ia direto na imagem, no tratamento da imagem, e ainda nessa área de restaurante... Aquela rede que tinha o Seven-Eleven... Enfim, objetos como displays de lojas... Cheguei a fazer uma perspectiva, mesmo, só que auxiliada por um computador. Acho uma ferramenta fantástica, infelizmente, digo infelizmente porque tenho curiosidade, teria gosto de aprender, mas você depende de despende um tempo considerável. Como eu não tenho necessidade, quer dizer, a necessidade não me impulsiona nisso e se precisar você terceiriza, então, acabei ficando sem...

- **Eu tenho uma resposta que acho que define bem o que você falou. Você tem integração parcial com a informática, no trabalho a mão e outros programas, no caso o SketchUp, mas usa o computador para conferir e consultar desenhos feitos por outras pessoas, para coletar dados para as minhas atividades, então acho que isso sintetizou aí o que você...**

É, isso sim.

- **Então... Faltam duas perguntas... Uma coisa é em relação à aposentadoria e previdência. Você já encarou isso ao longo desses anos, como é que você vê isso hoje, se já se preparou para esse momento ou não...?**

Não. Não estou muito bem preparado para esse momento, não. Mesmo porque esse tipo de preocupação... Se você não tiver, talvez, uma cultura próxima de você, uma orientação próxima de você... Que te induza melhor a isso, você vai deixando de lado pela questão da idade, eu acho que, em parte, eu acho que é isso. Em parte também porque, como comentei, tem que correr muito mais atrás da sobrevivência do que da previdência, então, não havia nem condições. Hoje em dia eu tenho um plano de previdência privada, faço alguns aportes, e tal, mas não tem assim... Não tenho, ainda, estou começando a me programar, um pouco tardiamente, uma certa provisão que re-

almente garanta esse tipo de.... Você sempre acha que vai ter saúde, que vai viver muitos anos pra poder fazer isso, mas estou começando a fazer, um pouco tardiamente, de uns anos pra cá.

- **Você tem uma vantagem porque você trabalhou muitos anos como professor registrado, e tudo, então, uma coisa que vai te garantir é o INPS.**

No caso de uma demissão ou mesmo de sair da empresa, tal, teria alguma coisa, não estaria totalmente descoberto. Não é o caso de autônomo, às vezes, que é mais... Nesse sentido é mais difícil... E no caso do Mackenzie, ele tem uma parceria de previdência privada, como algumas empresas têm, onde você entra com uma parte e a empresa entra com outra parte... Logo no começo, quando eu entrei, eu tive que parar essa contribuição, porque você não tem opção, é um fixo, dependendo da sua faixa salarial, é um fixo relativamente alto, na faixa de 1 salário mínimo mais ou menos... Eu tive que parar por algum momento, mas depois retomei e fora isso fui fazendo algumas aplicações, mas muito [pouco]... Acho que a vantagem maior ainda, eu não me sinto seguro em relação à previdência que eu tenho, seja ela individual, seja ela de aplicação... Não me sinto seguro não, nesse sentido que você falou dá mais segurança, quer dizer, o fato de ser empregado, CLT, etc., ainda te dá uma segurança um pouco maior caso haja algum imprevisto aí, né.

- **Você não teve uma preocupação específica, mas de uma maneira ou de outra você está encaminhado... Talvez não seja ainda o ideal ainda, mas alguma coisa você tem... Talvez mude um pouco o seu padrão de vida eventualmente, mas alguma coisa você tem.**

É, não vou ficar descoberto.

- **Para finalizar... Eu gostaria que você fizesse um apanhado geral, assim... Sobre a sua satisfação com a carreira. Trinta e poucos anos atrás você entrou no Mackenzie querendo fazer arquitetura e agora você está falando de aposentadoria. Então, assim... Como é que você avalia a sua satisfação com a carreira, foi algo que estava dentro do que você esperava, ficou além, como você avalia?**

Ficou aquém. Em termos de escolha da formação, da escolha da profissão, do percurso que eu tive, etc., eu acho que não há nenhuma frustração. É uma coisa que realmente eu gosto, que eu sinto que tenho uma segurança, uma segurança em relação tanto à formação como à experiência que eu fui colhendo... Então, assim, eu acho que não foi uma escolha errada, ou equivocada... Se há alguma frustração é em razão do

que foi relatado aí, foram as dificuldades, principalmente contextuais, que dificultaram bastante chegar numa posição de algum equilíbrio, de alguma segurança. Claro, né, que você gostaria o quê... Se fosse pensar na perspectiva que eu tinha, e que foi projetada lá no início... Era de ter um escritório, de ter uma certa autonomia em relação ao seu trabalho, de ter um reconhecimento, em relação a este trabalho... Nem reconhecimento no sentido de fama, mas, enfim, ter uma clientela, uma carteira de clientes, isso era o que eu poderia projetar fazendo uma anamnese, aqui, né, projetar desde quando eu entrei na faculdade. Isso no começo, no meio, vamos dizer assim do percurso, cria algumas frustrações, como eu comentei, que cheguei até a pensar de sair da profissão, mas hoje, na medida em que eu tenho esta estabilidade, que nunca é uma estabilidade plena, já fiz tantos anos na carreira como professor, uma ou outra consultoria, etc., e com maturidade... É claro que aquilo que você projeta nem sempre é aquilo que você consegue, nem sempre depende só de você, das suas escolhas, então, acho que em termos de carreira, comparando lá com o início, acho que não há uma realização plena... Mas, em razão da maturidade e da compreensão atual, eu me sinto realizado, me sinto seguro profissionalmente, seguro em termos de formação, eu acho que fiz uma boa faculdade, acho que eu colhi experiências interessantes... Acho que é mais ou menos isso, acho que a gente sempre tem... Quando mais jovem, certas projeções, certas perspectivas, certos ideais que se realizaram pouco... Mas, por outro lado, estou dentro da carreira profissional, quer dizer, não precisei sair... Fiz coisas fora da profissão, não teria problema nenhum de fazer, em alguns momentos que apertou a grana, na falta de serviço etc., eu fiz muita coisa, até vender carro eu vendi, então, não tenho nenhum problema quanto a isso... E talvez até por causa dessa visão, né, de me sentir à vontade de fazer outras coisas, hoje eu me sinto bem, com relação a isso.

- **Será que essa frustração que você citou, de não ter o seu próprio escritório, seus clientes... Será que não foi uma expectativa que foi implantada durante o curso, quer dizer, que você falou no começo?**

Sim, com certeza. É como eu relatei anteriormente, quer dizer, quando você entra na faculdade... E o próprio curso da faculdade é muito voltado para o profissional liberal... E para um profissional liberal irreal, um profissional liberal irreal... Em que sentido? No sentido de ser mais o artista, quer dizer, aqueles velhos escritórios, os ve-

lhos monstros da arquitetura, né... Que alguns ainda lecionam, inclusive... Mas escritórios como, por exemplo, vou citar nomes, como Joaquim Guedes, a influência do... A própria influência do modernismo... Acho que, em parte ela foi prejudicial nesse sentido, porque o modernismo, fora qualquer outra questão social, cultural que você possa colocar, em termos de mercado de trabalho, é um mercado extremamente restrito, quer dizer, ou era de obras públicas ou eventualmente um ou outro cliente ligado a essa questão. E mesmo a parte de execução, né, de você se desenvolver, né... Ainda estou falando assim, de formação, graduação, e primeiras experiências, né... As obras principalmente de concreto etc., devido à influência de grandes nomes como Lina Bo Barde, nomes desse tipo... Paulo Mendes da Rocha... Não eram obras detalhadas, né, não eram obras... Acho que ainda tive sorte com relação ao Paulo que era modernista, mas era muito cuidadoso com relação a isso, então e eu aprendi a desenvolver todos esses detalhes construtivos, mas então acho que tem um contexto social imediatamente entre a adolescência e prestar o vestibular, e à formação, da graduação, acho que tem essa influência mesmo ser um profissional liberal, criador, um geniozinho da profissão, onde todos vão te procurar porque você é um grande artista, acho que imperou e ainda tem um pouco disso, vem se modificando, né, na própria disciplina que atuo atualmente no Mackenzie junto com o nome mais conhecido que é do professor Juan Vilá a gente tem uma preocupação muito grande de desenvolver a questão de projeto artístico, etc., com uma visão construtiva, não é? Uma experiência bastante interessante e com bastante sucesso que vem acontecendo lá... Na disciplina que atualmente, de alguns anos pra cá, eu estou como responsável na Belas Artes também, é ligada à desenho urbano mas também à construção, onde eu também procuro isso e vejo que muitos dos colegas tentam fazer isso, mas ainda assim há um resquício, essas coisas demoram muito, de...

Ainda há um resquício do profissional liberal, do grande gênio isso é claro que, pega um garoto, uma garota lá com os seus 18, 20 anos e a faculdade induz a isso, e é claro que gera uma grande expectativa que depois a realidade nem sempre será assim, com algumas exceções, por “n” motivos, desde capacidade até orientações, networking, essas coisas todas... O que é ruim, acho que foi ruim porque, por isso que... Quando eu falei numa nota 7, assim, no começo, porque isso não é só um pro-

blema da arquitetura, mas estamos falando especificamente dela, porque ela acaba induzindo a um equívoco, né, de como você trabalhar, de como você se realizar, as possibilidades que você tem, que não seria só o profissional liberal, não seria só do escritório... E, mesmo se fosse, fazendo a recordação, mesmo se fosse isso, você não se formava a ponto de conseguir tocar o seu escritório, entendeu... Não só por uma questão de inexperiência, de amadurecimento, mas por uma questão de formação mesmo... Há ainda um pouco aquela idéia bastante difundida, nem todos eram assim, evidentemente, mas de que o arquiteto é o gênio criador e depois o engenheiro, o consultor resolve, então, isso é prejudicial, isso acabou sendo prejudicial para a própria profissão, em geral, eu acho, porque a profissão perdeu muito mercado, principalmente numa época de crise... Então, com exceção daqueles que sabem, que conhecem, que tem experiência, ou tem cultura, ou tem outras experiências pessoais ou familiares, que tem conhecimento da importância do projeto de arquitetura, e que acabam sendo poucos... O resto não tá a fim de despendar, pagar um projeto de arquitetura. O raciocínio que se faz e que a gente ouviu durante esses anos todos é de que, não, eu tenho boas idéias, depois de “arquiteto e louco, todo mundo tem um pouco”, tenho boas idéias, eu chamo um empreiteiro lá e ele faz, não é... O “Zé Chapisco” sabe fazer uma viga, não preciso de calculista... Não, eu sei muito bem porque eu vi numa revista... Quer dizer então, esse tipo de cultura, né... Eu lembro uma vez um projeto que a gente fez, um estudo preliminar, que também não foi construído, uma casa em Campos do Jordão que todo mundo conta, parece figura de linguagem, mas não é, o cliente veio com uma pilha de meio metro de revistas dizendo, eu quero isso, isso, isso, e aquilo... Então, saber interpretar, demora, isso é uma coisa que mudou muito e que tá impactando várias profissões, hoje em dia as pessoas têm uma cultura muito do pronto, do já, do agora, da resposta imediata, da urgência, mas que algumas coisas são, como sempre foram, urgentes, mas tem muito de uma questão cultural de uma sociedade, muito “fast”... Às vezes até brinco com os alunos, tem que ser mais “slow”, porque é tudo “fast food”, “fast sex”, então, quer dizer, um pouco... O custo de um projeto muitas vezes não é bem avaliado pelo cliente, por menos que você cobre. A não ser que ele já tenha, como eu já disse, a cultura, uma experiência anterior e sempre há uma certa demora em relação a isso.

Em termos de cidades grandes, né, como São Paulo, na área residencial, há cada vez menos chances de construir uma casa, por exemplo, verticalização e tudo isso. Então, acho que... E também com a cultura do arquiteto, que o próprio arquiteto acabou gerando no mercado de trabalho, acho que contribuiu muito para a perda das oportunidade de trabalho.

As nossas entidades representativas, né... Atualmente o CAU... Nem dá pra julgar o CAU, atualmente o CAU e o IAB, que eu cheguei até trabalhar um pouco no IAB... Na minha opinião eles ficaram muito fechados e muito aquém daquilo que eles poderiam trabalhar em benefício da profissão. Isso eu logo percebi, né, vamos dizer, a cidade tinha algum problema, que seria um problema mais urbanístico, uma obra, algum problema que se procurava, em termos de mídia, era o instituto de engenharia, não o instituto de arquitetura e muitas vezes, ainda que não fosse procurado, o próprio instituto de arquitetura poderia se pronunciar, se fazer presente para mostrar a importância da profissão, que eles vivem dizendo que tem, então, acho que é todo um contexto cultural entre os próprios arquitetos que prejudicou o desenvolvimento. Não o desenvolvimento profissional, né, da formação em si, mas o desenvolvimento da profissão dentro da sociedade, como uma profissão supérflua, como uma profissão, ahhh... Ah, “se der”, “se for possível, eu vou chamar um arquiteto”, “se eu tiver um dinheiro a mais”, até vou chamar um arquiteto por que dá status, e não como uma necessidade, é mais fácil, ainda que seja difícil também, ainda é mais fácil procurar um engenheiro porque já tem aquela cultura de que ele vai resolver o teu problema, do que um arquiteto... A arquiteto ficou sendo muito o maquiador, criou-se uma cultura de que arquiteto é “gastão”, que ele vai procurar indicar... O que não é verdade, ainda que alguns façam isso, mas até aí, algumas outras profissões também cometem esses equívocos, então, acho que tem, respondendo diretamente à sua pergunta, tem uma questão da faculdade e tem uma questão de contexto, criado pelos próprios arquitetos e suas entidades representativas. Agora, quando você tá entrando você não sabe nada disso, você tá sendo formado, com os... Então só depois, por alguma sorte, é que você consegue perceber que as coisas são assim, então acho que por isso que até existe alguma frustração com relação a expectativa que se tinha na época, mas por outro lado não, porque apesar de toda essa crise que passamos, toda essa questão cultural em relação à

profissão, eu ainda consegui me estabelecer, se não como arquiteto produtor de obras, etc., né... Com escritório, coisa desse tipo... Mas numa atividade em que em surpreendi, que eu me realizo, que eu me sinto realizado profissionalmente podendo até passar esse tipo de... Uma espécie de correção de rumo, né, quando eu posso, para os alunos... E tenho tido bons retornos, muitos e bons retornos por parte dos alunos, depois que se formam, enfim, de comentar a formação que teve comigo... Acho que é isso

.

Arquiteto nº 14

Sexo	Masculino
Data de nascimento	19/10/1944 (70 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (33 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1981 (37 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP), Campo Grande (MS) e Natal (RN)
Local onde está residindo	Natal (RN)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 28/07/2014. Duração 45:23 min

▪ **Quando você entrou na faculdade, porque é que escolheu o curso de arquitetura e urbanismo?**

O curso já era uma pretensão desde quando me formei no científico... No colégio. Mas na época não prestei o vestibular. O primeiro vestibular que eu fiz não foi para arquitetura, eu prestei para engenharia mas não passei, e eu passei na matemática da USP. Não deu para optar, para escolher, a arquitetura, porque era um curso diurno e eu teria que trabalhar para poder me manter e aí... Na engenharia haveria uma possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos, porque o meu irmão trabalhava na... Hoje... Não se chamava Ricardo... mas o Grupo Jafet... E eles só contratavam engenheiros, não gostavam de arquitetos, então como ele estava bem junto aos Jafet... Havia a possibilidade dele arrumar a bolsa de estudos para a engenharia... Mas eu não passei no vestibular, então... Somente vim a fazer arquitetura quando houve... No segundo ano que houve arquitetura noturna do Mackenzie.

▪ **Quando você fez o vestibular para engenharia, foi em que ano?**

Tenho impressão que foi em 63.

▪ **Daí, você foi trabalhar no Banco do Brasil, não é?**

Sim. No Banco do Brasil, quando fiz matemática, eu tive um emprego durante uns 10 meses no Banco Francês e Italiano para América do Sul, em São Paulo, e fui despedido, porque lá eles não gostavam de universitários, aí fiquei um tempo desempregado, daí prestei o concurso do Banco do Brasil, e em 1964 eu ingressei no Banco do Brasil. Quando eu estava no segundo ano da faculdade de matemática, foi em 64, eu coloquei meus objetivos na frente. Um deles era ter um emprego no Banco

do Brasil, daí eu consegui sucesso num dos objetivos. O outro objetivo era terminar o curso de matemática, vim a terminar em 1969, porque eu gostava muito de matemática, mas eu coloquei como objetivo e consegui terminar. E... Mas dois outros objetivos eu nunca consegui realizar...

▪ **Quais eram?**

Era... Aprender violão e aprender inglês. Violão eu desisti, e mesmo inglês, até hoje eu fico tentando. Mas, de uma maneira geral, consegui duas coisas que foi matemática e o Banco do Brasil. O Banco do Brasil realmente marcou muito mas foi também, quando terminei matemática, eu fiquei um pouco... Quer dizer... Na verdade, quando você está acostumado a fazer determinadas opções, como por exemplo, trabalhar numa empresa, dar aulas numa escola, por mais que você diga “Estou com a cabeça boa, com a cabeça no lugar”, não está porque acaba sendo disfarçado muitas das pretensões pessoais achando que está cumprindo e na verdade não está. E quando fui fazer arquitetura eu vi que estava com certos bloqueios. Um dos bloqueios eu sabia como resolver, que era a criatividade. A criatividade... Quando eu era criança eu estudei pintura... Estudar pintura era uma forma de dizer... Eu pintava... Junto com outros pintores e... Vamos dizer... O meu mestre dizia, você tem que pintar um quadro... Pelo menos um quadro por ano... E eu fazia alguns anos que não pintava este quadro anual. E então, quando eu estava... Aliás, no projeto de arquitetura, que foi... No segundo ano de arquitetura, eu estava embotado, não conseguia fazer muita coisa, só consegui abrir a cabeça quando acabei de pintar um quadro. O quadro levou um ano para ficar pronto. Ainda hoje eu tenho este quadro, é um abstrato, mas eu consegui terminar o quadro após um ano, você vê... Muitos bloqueios fazem a gente, em tese, a gente fazer as coisas, não é? Eu verifiquei ao pintar o quadro que um dos bloqueios era certos aculturamentos que eu passei a ter devido a... A um sistema de ensino, massificação, ou... É, na verdade, muitos conhecimentos impedem que você tenha espontaneidade para fazer uma obra pessoal. Ao pintar o quadro eu dizia, aqui eu estou colocando o claro e o escuro do Rembrandt... Um pintor intuitivo nunca pensa em outro autor porque nunca ouviu falar, mas ele está fazendo um quadro, e eu já estava achando que eu conhecia a arte e por isso eu estava fazendo um quadro que tinha a influência de determinados

autores. Então, isto daí é sempre... Bloqueios, estes bloqueios são difíceis de tirar para que você produza uma obra totalmente pessoal.

- **Quer dizer... Você foi estudar no Mackenzie porque já era um desejo seu, de fazer arquitetura, e a questão do curso ser noturno que possibilitou que você fizesse o curso, porque você tinha que trabalhar durante o dia, não é?**

Exato. Mas ao mesmo tempo, quando eu estava já no terceiro ano da faculdade de arquitetura eu deixei de dar aulas, também era um atraso de tempo ficar dando aulas, porque eu queria me formar em arquitetura e deveria me dedicar mais.

- **Você dava aulas do que?**

Aulas de matemática, física e desenho.

- **Você dava aulas aonde?**

Na rede estadual de ensino em São Paulo, era geralmente na Grande São Paulo, mas fiquei muito tempo também no bairro do Ipiranga. Mas como professor contratado.

- **Você ficou quantos anos nesta profissão?**

Doze anos dando aula.

- **E você parou quando?**

Em 79 eu parei de dar aulas. Em 78 ainda dava aulas, em 79 não dava mais.

- **Como era a condição econômica da sua família?**

Sou filho de imigrantes japoneses. Meu pai procurou... Quando organizou a família já tinha abandonado a agricultura, estava morando na cidade de Lins. Aí ele passou a ter uma atividade ligada ao comércio e depois passou a ter uma empresa, uma empresa [que] construía carroceria de ônibus... Montava ônibus em cima de um chassi de caminhão e fazia jardineiras. Era um pequeno empresário, mas depois ele... Não lembro exatamente a data quando aconteceu... 56... Ele perdeu toda a firma dele, fecharam, não houve bem uma falência, fechamento, porque as construtoras... Havia firmas especializadas em São Paulo, que faziam montagem destes ônibus... E... Os ônibus de aço, já eram neste formato de ônibus mesmo, não é, um corpo só, aquele motor na frente, o motor já ficava perto... Do quadrado do... Da forma do ônibus... Não sei se chamada Caio, esta firma... Sabe? E então já era uma coisa mais aperfeiçoada, uma linha mais industrial do que artesanal, e aí ele foi derrotado por esta concorrência maior, de indústrias maiores, então nós abrimos uma quitanda para sobreviver. Meu

pai e mais 3 filhos, eu o primeiro, abrimos uma quitanda, então esta quitanda acompanhou a minha adolescência, não é... Eu comecei a trabalhar com mais de 11 anos de idade e quando eu me formei no colégio ela ainda estava aberta e depois foi fechada porque os filhos saíram todos de casa e estavam estudando fora. Então, a atividade neste período, a renda, era pequena, mas dava para pagar estudos e manter, sobreviver. Mas mesmo assim o tempo todo enquanto jovem, em casa havia assinatura de revistas e jornais. Nós tínhamos assinatura do jornal O Estado de São Paulo, líamos também a revista Times, em inglês, e comprávamos esporadicamente a revista Life, em inglês. Fora outros, como O Cruzeiro, Manchete... Mas a maioria das informações foram dadas pelo O Estado de São Paulo. E literatura, havia muitos livros de literatura, porque meu irmão do meio, ele fez o clássico, então eu desfrutava de livros que eram organizados pela... Chamava... Clube do Livro, que tinha sempre um livro mensal... Fora a revista Seleções, e... Uns livros especiais... Obras literárias publicadas pela Seleções. Eu estou dizendo isto porque... Foi minha rota de ganhar conhecimentos, de ganhar abertura de... Assim, para a cabeça.

▪ **E vocês tinham contato com mais alguma forma de arte, como pintura, escultura, cinema...**

A arte era assim... Eu fazia pintura, e estava ligado ao movimento dos nipobrasileiros, na época... E pertenci a um grupo chamado SEIBI. O grupo SEIBI era um grupo parecido com o Grupo Santa Helena de Arte de São Paulo... O Santa Helena foi dedicado à colônia italiana, e o grupo SEIBI foi ligado à colônia japonesa. Mas o SEIBI ganhou grande importância após... O grande nome dele foi do Manabu Mabe, que foi divulgado mundialmente. E o Manabu Mabe era um amigo pessoal meu, porque era amigo do pintor onde eu freqüentava as aulas, então eu pintava junto com o Manabu Mabe, e eu cheguei a freqüentar exposições... Era Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, chamava...

▪ **Sua ligação era então mais com a parte de literatura, através dos livros e revistas, e pintura...**

E a pintura, exato.

▪ **Música também, não é?**

Ah, música também! A música foi devido... Os primeiros passos... Com as coleções de músicas clássicas da Seleções⁴⁹.

▪ **É uma coisa que você sempre foi ligado também, não é, a música...**

Fui, porque mesmo na época em que trabalhava na quitanda, eu não pertencia a uma sociedade de elite de Lins, porque a elite era da Asa Branca, e o grupo japonês tinha clubes, eram clubes que eram... Uma associação Nipo-brasileira, mas eu frequentava... Ia... Aos concertos que outro clube... Chamava Clube Linense... O Clube Linense, que era da Sociedade Linense, promovia algum... Alguns concertos... De solistas, de piano... Eu assisti concertos de piano, e de... Violão.

▪ **E isto te impressionou bastante?**

Não... Isto me satisfazia, alimentava culturalmente, assim, a minha vontade de ver as coisas, quando adolescente. Era o Clube Linense, com essas promoções de concertos, eu me perdia, sabe... Agora, depois, quando fui fazer matemática, aí sim, em São Paulo era outra... Eu pertencia a uma sociedade chamada Juventude Musical de São Paulo. Era ligada ao teatro municipal de São Paulo.

▪ **Como é que você chamava, este...?**

Juventude Musical de São Paulo. Ou Juventude Musical, mas era na cidade de São Paulo.

▪ **Que era ligada ao Teatro Municipal, não é mesmo...**

É, do Teatro Municipal. Por que aí, era... Fazia... Vamos dizer... O Teatro Municipal oferecia concertos matinais, muitas vezes concertos no domingo a tarde, e a Juventude Musical sempre estava presente.

▪ **Os seus pais... Que nível de estudo eles tinham? Era segundo grau?**

Meu pai tinha acho que... Formado em... Como ele veio com 17 anos do Japão, ele já veio com um estudo quase que o segundo grau completo, não é? Ele já tinha alfabetização japonesa, que leva 9 anos... Agora, a minha mãe veio com 9 anos de ida-

⁴⁹ “Seleções do Reader’s Digest” ou, simplesmente, “Seleções” é o nome que recebem as versões brasileira e portuguesa da Reader’s Digest, revista mensal criada em 1922 por Lila Bell Wallace and DeWitt Wallace em Chappaqua, Nova York, Estados Unidos (informações no site brasileiro da publicação, em www.selecoes.com.br, acessado em 15/9/2014)

de, então ela fez apenas o curso primário no Brasil. Curso, vamos dizer, como é que chama isso hoje... Era o primário.

▪ **Mas a sua mãe... Ela ajudava no trabalho também, na quitanda, nos negócios do seu pai...?**

Não, ela ajudava mais dentro de casa.

▪ **E quem provia o sustento da família, mesmo, era o seu pai...?**

Era o meu pai. Meu pai sempre foi ligado ao comércio, ele fazia também corretagem... Teve uma época que ele queria voltar ao Japão, então ele foi ganhar dinheiro no Paraná, teve uma serraria que pegava matéria... Os troncos de madeira... E transformava em... Aplainava, e vendia estas madeiras aplainadas, tratadas, já, não é, então durante 5 anos ele ficou ganhando dinheiro lá para conseguir dinheiro para voltar ao Japão, mas em 1949 o Japão estava em guerra com a Coreia e não conseguiu visto de entrada, aí ele nunca foi para o Japão e todo o dinheiro que ele ganhou aplicou na compra de casas, para ter fonte de aluguel, mas acabou empregando tudo, todo este dinheiro, na indústria de ônibus, numa cidade ali, vizinha ali, chamada Guaíçara, e em Guaíçara... Afundou o dinheiro lá. Aí, perdeu o dinheiro mas durante um tempo a gente... Com o dinheiro dele a gente tinha um carro, último modelo, americano, sabe... Mas... Estávamos bem, assim, em relação às outras pessoas a gente tinha um nível de vida bom, ele conseguiu, tinha casas para alugar, mas depois ele perdeu tudo e fomos começar tudo de novo, a vida dele, que... Foi com a ajuda dos filhos, que foi esta quitanda, e até o final, ele teve que vender, mas aí os filhos já estavam crescidos, e o que ele, principalmente minha mãe, queria, era que a gente fosse bons estudantes, que nós fôssemos os primeiros da classe... Então, isto aí é que valeu, este sentido dado pelos pais, sabe? Este irmão meu, ele sempre prezou esta história da minha mãe, que se fosse o segundo ela dava bronca, porque não era o primeiro... Eu estava também nesta onda, embora não percebesse, porque era natural eu tirar notas boas, porque eu conseguia sem ficar estudando para tirar notas boas... Mas... Na verdade, foi assim o acultramento que eles deram para a gente que não precisava ficar estudando. Então, isto aí foi a herança que eles deixaram para a gente, foi os estudos, não é... Este irmão aí, do meio, foi ministro do STJ, mas era uma coisa diferente, que o meu pai exigiu que ele fizesse contabilidade, mas ele queria ser... Levar a vida de todos os estudantes da época, que era fazer o clássico ou o científico... Mas não, ele foi fazer contabilidade, que

era um curso comercial. E, mais tarde, é que ele foi se formar em direito, mas aí já tinha saído de casa, tinha casado...

- **Como é que você financiou seus estudos? Foi com seu salário do Banco do Brasil mesmo?**

É, porque eu trabalhava no banco e isto permitiu que eu fizesse... Não foi nada penoso, pagar a escola, com ganhos próprios.

- **Quer dizer, foi tranquilo para você, pagar a faculdade...**

Foi, foi tranquilo, e o Mackenzie não cobrava preços exorbitantes.

- **Logo que você terminou a faculdade de arquitetura, como é que você avaliaria o curso, naquela ocasião... Bom, médio, razoável... Qual era o seu conceito, o que é que ficou para você?**

Bem, o curso de arquitetura do Mackenzie foi um curso bastante técnico, em função das matérias técnicas, ele foi... Claro que criatividade depende de cada pessoa, mas ele foi um curso humanitário... Deu fundamentos para o arquiteto conhecer o seu cliente em termos deste aprendizado que era ligado às áreas humanitárias. Área de humanas, não é, não sei como é que chama isso... Ciências sociais. E foi um... Eu achei um bom curso. Achei um bom curso.

- **Você diria que foi ótimo, ou não?**

Ótimo é difícil, porque muitos professores fazem questão de esconder... Não passar todo o conhecimento, não orientar totalmente o aluno... Era somente...

- **Você diria que o curso atendeu à expectativa que você tinha, quando você entrou?**

Eu diria que não atendeu plenamente, porque quando eu fiz o... [quando] Terminei o curso... Eu saí sem a experiência que eu deveria adquirir em escritórios de arquitetura... Por conta, por minha conta, eu deveria adquirir... Como, vamos dizer, um estagiário, mas como não houve esta cobrança da escola, para esta parte prática, de vida, eu não escolhi ter as aulas práticas... Não é a aula prática, a VIVÊNCIA prática, do estudo... Então, ela apenas me deu uma base teórica, mas não uma base prática... Em nenhuma parte... Em nenhum momento me deu uma prática.

- **O curso te deu uma base teórica, mas não deu a parte prática.**

E não deu a parte prática.

- **Quer dizer que o curso foi razoável, então...**

É.

- **Ficou mais ou menos do que você esperava. Mas você queria uma coisa um pouco diferente....**

É, eu queria que ela tivesse favorecido essa visão mais prática, mas os professores apenas se limitaram às aulas, porque... Quando se forma, um arquiteto se forma... Faz sua inscrição no CREA... É esse CREA que dá a possibilidade de você ter a experiência... A experiência, vamos dizer... A vivência, a prática, da coisa... Sem o CREA você não é nada, então... Tendo o CREA é que você pode se considerar um profissional, agora o CREA é apenas um organismo, que eu acho que... Absorve seu dinheiro, e também não dá esta vivência, você é que, por conta própria é que tem que conseguir. Mas se você não tiver a credencial, o CREA, não dá para ter isto... Não consegue trabalhar, então o CREA também é... Assim... Não é que incentive, ele é apenas... Permite, não é...

- **OK, eu acho que está bem caracterizado, aqui, o ambiente em que você estava, não é...**

Da escola. Você quer mais dados sobre a escola.

- **Não, não... Eu acho que está legal. Agora... O que eu precisava saber... É em quais áreas você trabalhou.**

Somente com a obtenção do CREA é que pude me candidatar a um cargo de arquiteto do Banco do Brasil. Me dirigi ao CREA e o que me... A minha aprovação... Foi conseguida pelo meu... Pelo meu desembaraço e... Tomada de decisões. Atitudes que mostravam que eu podia tomar decisões, apesar de não ter experiência prática.

- **Foi um processo seletivo, foi uma prova, como é que...**

Não, foi uma entrevista, uma entrevista onde eles traçaram o perfil do candidato, mediante aquilo queriam, que o candidato deveria apresentar, para ser aprovado. E, neste perfil, eu correspondi ao perfil.

- **Então, daí você mudou de função. Você passou de...**

É, de escriturário burocrático para arquiteto. Mas tem um nome isso...

- **Período probatório?**

É, período probatório, mas tem um nome isto... Estagiário... Ou experiência probatória...

▪ **Você fez isso aí em que lugar? Em São Paulo mesmo?**

O meu período probatório eu passei em... Campo Grande, Mato Grosso, M.S.

▪ **E você ficou quantos anos lá?**

Fiquei dois anos e meio. Janeiro de 83 a março de 85. É, meu período probatório eu passei lá, fui sujeito a várias avaliações, aí eu desenvolvi bastante coisa, sabe? Eu fiz projetos... Agências... Novas agências... Reformas... Novas agências em cidades... É... De... Mato Grosso, e do atual... Acho que chama... Tocantins... Seria Goiás, sabe? É... Em cidades recentes na época, sabe? Mato Grosso e no atual Tocantins. E reformas... Projetos de implantação de A.A.... De clubes, da ABB... E um projeto de paisagismo da ABB...

▪ **E depois que você saiu de Campo Grande, você foi para onde?**

Aí eu vim para cá em abril de 85. Agora, como... Já... Arquiteto... Antes... Antes era aquele período probatório, vim como arquiteto, não é... Na carreira técnica. Aí, até... Em 1988 eu passei a supervisor... Da... Aqui chamava... Seria... Residência... Residência do departamento de engenharia e arquitetura. Chamava décima oitava residência do departamento de engenharia e arquitetura do Banco do Brasil.

▪ **E você estava num cargo mais administrativo, não é?**

Eu fazia projetos como arquiteto e... Tinha este cargo de supervisor.

▪ **Você se aposentou neste cargo, então...**

É... O supervisor é um cargo abaixo do chefe, eu respondia também... Muitas vezes... Como chefe do departamento, na ausência do chefe eu era o... O... Representante, o substituto.

▪ **Você se aposentou quando?**

Em dezembro de 2003.

▪ **E depois disto, você continuou trabalhando como arquiteto, ou não?**

Eu prestava serviço ao Banco do Brasil, terceirizado... Somente projetos de paisagismo. Eu pedi baixa do CREA.

▪ **E depois deste um ano...**

Eu não sei exatamente em que ano foi que eu pedi baixa, sabe... Porque era um pagamento de ISS e eu não estava mais trabalhando...

▪ **E depois, você continuou trabalhando na área, ou não?**

Eu fazia os projetos para mim, mas... Eu já não podia mais assinar, né... Então, eu não sei se isto conta...

▪ **Sim, conta... Você estava atuando na área, não é...**

É... Mas você vê o que é o CREA... Para você... Permite você trabalhar, mas agora, por exemplo, meu diploma de... Minha credencial que o MEC me deu como professor... Sempre sou professor porque só bastou aquilo, não tem um conselho de professores... Conselho federal... Já o CREA não, o... Credencial para você poder atuar, embora eu... Me sinta... Eu sou arquiteto, porque tenho a formação, tenho o raciocínio, quero agir desta forma, meu conhecimento me leva a isto, mas eu não sou... Porque não pago o CREA... Perante a lei, não sou, sabe... Então é por isso que a atuação com o CREA foi até, vamos dizer, 2005... Mas sem CREA, eu fiz várias coisas, projetos próprios, vamos dizer assim...

▪ **É, você começou a fazer para você, projetos de residências, de reforma de apartamentos, estas coisas...**

É, isso.

▪ **É é o que você vem fazendo até hoje?**

Bem... Não faço mais porque não tenho mais nada para fazer, estou aposentado...

▪ **É, mas você faz assim, como hobby...**

É. Eu me ofereço para trocar idéias, sabe? Quando eu digo, não... Seria bom você fazer assim, assim, assado... Agora, eu dizer, eu faço este projeto... Também, a gente quebra... Bate a cabeça, depois fala assim, não, e não vou mais mexer nisto porque... Não... Ficar dando projeto de graça para as pessoas, porque... São amigas, não é... Já aconteceu... De... Fazer todo o anteprojeto a lápis, depois quando passa algum tempo, a pessoa me dispensou... Tá lá pronto, o que eu desenhei, não é... A gente vai aprendendo.

▪ **Você falou que você tem... A credencial de professor porque você dava aula aqui no ensino público... Não é?**

É.

▪ **Agora, na área de arquitetura, mesmo, você não chegou a dar aulas, não é?**

Eu só tentei dar aulas, mas o pagamento era muito pequeno lá em Campo Grande... Então eu preferi não fazer.

▪ **Como é que você se relacionou com a informática na arquitetura... Você chegou a se integrar na informática, ou não, como é que você se encaixou nisto?**

Antes de eu me aposentar, havia um único... Ah... O Banco do Brasil contratava, terceirizava serviços... O arquiteto fazia o anteprojeto, e o desenvolvimento do projeto era feito em escritórios de particulares. E... Durante o tempo em que eu exerci a arquitetura, e a supervisão deste departamento do Banco do Brasil, o único profissional que havia... Com CAD, com experiência em desenho pelo computador... Era um profissional de Recife... E ao tomar conhecimento... Eu nunca contratei o homem, mas já havia uma moça que o arquiteto contratava, e aí eu ajudava a fazer a revisão do projeto. E o projeto vinha com muitos erros, erros devido ao próprio sistema que era um desenho que calculava as medidas pelo próprio sistema, e as medidas não fechavam no total, porque quando começa a dar muitos milímetros ou décimos de milímetro, centésimos de milímetro... Isto, para uma obra, é muito difícil você locar uma obra com centésimos de milímetro, não é? Então, tinha que transformar aquilo em leitura corrente, tradicional, e ao fazer tudo isto daí, mesmo com os milímetros, o total não fechava porque a pessoa errada, sabe, você faz, assim, uma implantação... Aí as paredes tem tais... Tantos centímetros ou milímetros de espessura... A distância entre paredes é tanto e tal, este terreno não fechava a medida, do terreno... Porque a somatória dava tudo errada porque fazia por detalhes, quando se você faz uma implantação dentro do terreno, claro que tem que fechar... Não é? O terreno mede 15 metros de frente, então a soma das parcelas tem que dar 15 metros... Só que os detalhes, feitos em escala maior, não correspondia... Porque quando você coloca na régua, na prancheta, a primeira preocupação é esta, a somatória dar o certo, agora, quando você pega detalhes e amplia, claro que dá milímetros de diferença, nunca vai fechar, não é? Então, havia erros deste tipo, das grandezas conforme a escala, desenhava com minúcias que depois não interessava... Fora isso... Você vê... A minha correção era feita para um projeto feito em prancheta, e para um projeto de AutoCAD não tinha como eu corrigir porque eu não tinha o equipamento, não possuía conhecimento para isso, então, como profissional

não havia interesse de querer implantar estas coisas, não é... Só com o passar do tempo é que depois, há coisa assim, que modificou mais... Eu não me iniciei assim, com todo o auge, nesta parte de informática... Porque... Vamos dizer... Eu sou anterior ao produto.

▪ **Você não teve necessidade de lidar com isso.**

Não havia a divulgação ampla do sistema de informática.

▪ **É, você não teve necessidade e também não teve a curiosidade de estudar...**

Depois eu também perdi a curiosidade, porque... Não havia, não é... Os projetos, depois, que eu fiz desta casa que estou morando... Foram todas feitas no AutoCAD através do escritório de uma amiga... Eu passava os dados para ela, e ela montou.

▪ **Quando você tem que fazer um projeto, então, você faz um estudo no papel mesmo, e depois você passa para alguém fazer no computador para você, não é?**

Faço todo na prancheta, para depois passar o computador.

▪ **E você ficou satisfeito com a carreira de arquiteto? Porque você tinha a intenção de ser arquiteto desde adolescente, não é? E depois que você fez o curso, foi trabalhar na área e tal, qual é a avaliação que você pode fazer hoje, mais de 40 anos depois?**

Olha, a carreira de arquiteto foi um marco substancial para minha existência. Eu, como ser humano, completei fazendo arquitetura, criando espaços de vivência para clientes e para mim. Para clientes e amigos.

▪ **Você está muito satisfeito, então, de ter feito arquitetura...**

Sim. Porque é uma forma de expressar o meu conhecimento. Quando me aposentei, muitos... Ah... Estes terceirizados... Vieram perguntar se eu iria continuar fazendo arquitetura... Eu disse que não, que estava aposentado e que agora ia parar... Queriam que eu fizesse um escritório, não é? Eu falei, bem... Eles diziam assim, você não pode jogar no lixo tudo o que você adquiriu de prática, porque o conhecimento já adquiri antes, mas a prática associa-se a um novo conhecimento, não é? Altera a prática. Você não pode jogar isto fora, porque você coordenou muito bem as equipes, quando estava fazendo projetos, realmente, é uma questão de coordenação de equipe, porque que era multidisciplinar. Tinha que lançar uma licitação, tem que ter o caderno de encargos pronto, todos os projetos corrigidos, mas o que é um projeto de arquitetura se não tiver o de estrutura, se não tiver o de elétrica, hidráulica... Informática, eletricidade, ar condicionado... Então, se você não tiver isto tudo completo e fechado, sem

sobreposições, sem interferência... Porque havia muitas obras que eu frui visitar, e havia casos assim muito, muito engraçados, porque... Não sabia porque é que tinha aquela porta se não tinha... Nada do outro lado... O pior no meio da copa, sabe, estas coisas... Então, eu fechava os projetos todos pela coordenação que eu dava, não é: E era simples de você fazer isso, desde que você tomasse a frente. O principal, o primário que deveria fazer, era um anteprojeto. Este anteprojeto era o nascimento dos demais projetos. Só que quando era feito o anteprojeto já tinha que ir junto com os demais projetistas para que tivesse um projeto final de arquitetura. O final de arquitetura já estava todo em conjunto com os demais projetos.

▪ **Você resolvia tudo junto, não é?**

É... Então... Corria os demais projetos depois do projeto final de arquitetura. Não corria separado... Aí, se houvesse necessidade de mudar uma parede, todo mundo era comunicado, porque a estrutura exigiu, porque a hidráulica exigiu expressamente, uma parede, uma coluna, com alça, sei lá, para passar um cano... Então a coisa corria muito bem... E a obra, então, nossa... Era uma maravilha para o construtor, porque estava bem feito o projeto... Então, eles elogiavam muito a minha condução... Mas eu não... Daí em diante eu faço o que quiser, eu já cumpro meu dever... Aí, eu pinto, faço curso de cerâmica, não é... Umas coisas em cerâmica, alguma coisa de pintura... Estou desfrutando do que eu trabalhei, não é? Realmente, eu estou parado aqui mas não estou parado, estou lendo, estou vendo minhas óperas... Tudo é... É isso... Como um amigo dizia, assim, Uyeda, você construiu um prédio aí com apartamento, e tal, se fosse eu, eu venderia, depois construiria outros... E eu disse, Ah e depois? Ah, construiria outro... E depois? Ah, depois eu ia pegar a vara de pescar e ia pescar... Ah, eu agora já estou pescando... [risos]

Arquiteto nº 15

Sexo	Feminino
Data de nascimento	09/11/1956 (58 anos em 2014)
Ano em que iniciou o curso	1977 (21 anos na época)
Ano em que terminou o curso	1981 (25 anos na época)
Locais onde trabalhou	São Paulo (SP) e Campo Grande (MS)
Local onde está residindo	Campo Grande (MS)
Dados da entrevista	Realizada por telefone em 17/07/2014. Duração 1:06:59 hs

▪ **Quando você foi fazer a faculdade... Quando você pensou em fazer a faculdade...
Porque é que você decidiu fazer arquitetura?**

Eu tinha um irmão que já faleceu, ele é 8 anos mais velho que eu, que estava fazendo engenharia no Mackenzie. E a gente sempre morou aqui em Campo Grande, não é? Aí, como eu estava no colegial, ele falou assim para mim... O colegial, hoje é ensino médio, não é? Na época era colegial. Quando eu estava no segundo ano, indo para o terceiro, ele falou, escuta, você está... Você sabe o que você vai fazer, eu falei, olha, eu tenho certeza que eu não quero medicina, que eu não quero economia... Eu queria alguma coisa que mexesse com desenho, eu falava na época, né... Aí, ele falou, bom, então vamos fazer o seguinte... Eu tenho vários amigos aqui em Campo Grande, porque como ele vinha nas férias, da faculdade dele, ele já estava no quarto ano de engenharia no Mackenzie, ele sempre estava nas empresas aqui, fazendo estágio, ele tinha vários conhecidos, né... E ele arrumou um lugar para eu trabalhar como aprendiz de desenhista. E, coincidentemente, no maior e melhor escritório de arquitetura que tinha no Mato Grosso do Sul na época. Quer dizer, na época era Mato Grosso ainda, né... E que é o escritório do Celso Costa... Era Celso e Eudes Arquitetos Associados. O Eudes morreu, morreu novo... Um arquiteto formado no Rio, na Nacional do Rio... E eu fiquei lá como aprendiz de desenho, eu fiquei aprendendo a desenhar, a mexer no normógrafo, mexia na caneta... Como é que é... Naquela... Puxa vida, esqueci... Na de pena, lá... Do desenho de pena...

▪ Leroy...

Não... Aquela de pena...

▪ Nanquim?

Não, aquela... Graphos⁵⁰! Então, eu ficava lá, eu aprendi a normografar, até era engraçado porque o arquiteto tinha quatro arquitetos no seu escritório, e fez todos os prédios aqui de Campo Grande das décadas de... Final de 60, né... Era um escritório super grande... Isto foi em 75... E lá, nas férias tinha uma irmã que também era arquiteta, fazia arquitetura no irmão, deste pessoal, deste escritório, né... E fiquei lá um ano cravado, um ano trabalhando... Saí de lá, eu falei, bom, vou fazer arquitetura, em Campo Grande não tinha, e eu fui para São Paulo fazer o primeiro vestibular... Porque eu já tinha uma irmã que morava em São Paulo, estava estudando para fazer Odontologia e uma irmã que trabalhava e estudava em São Paulo, fazia administração de... Ciências Contábeis... E meu irmão fazia engenharia... Os três estavam em São Paulo, e eu fui para fazer vestibular. Não passei. Minha irmã... Minha mãe falou, não, então você vai ter que voltar para fazer cursinho aqui de novo porque não posso sustentar você em São Paulo... Mas aí minha irmã mais velha falou, não, pode ir porque eu mando dinheiro para você. Aí eu fui para São Paulo, fiz um ano de cursinho no Anglo, né... E aí não passei na USP, mas passei no Mackenzie... Inclusive, é muito interessante porque na minha sala quem fez prova foi o Uyeda⁵¹, lembro bem dele... Na minha sala de vestibular... O Uyeda estava nesta sala... E, lá eu passei... Quando eu passei minha irmã também ficou preocupada, é muito caro, né... E minha irmã... Aí o meu irmão, que era engenheiro, quer dizer, já estava no último ano de engenharia, penúltimo... Ele falou... Não... Pode... Pode, pode fazer a matrícula que eu vou arrumar emprego, você vai arrumar emprego fácil... E o curso tinha à noite, eu me matriculei à

⁵⁰ Caneta Graphos, dispositivo para desenho técnico a tinta nanquim, que começou a ser vendida na década de 30, mas que posteriormente foi adaptada pela empresa Sheaffer com pontas intercambiáveis feitas especialmente para desenho em papel vegetal. Desenhos à nanquim feitos com caneta graphos tinham um acabamento melhor do que os feitos também com nanquim mas com canetas de reservatório integrado. Devido à dificuldade de manuseio as canetas graphos eram usadas apenas pelos desenhistas mais experientes [nota do pesquisador, escrita de memória].

⁵¹ Yoshiaki Uyeda, arquiteto também entrevistado para esta pesquisa.

noite, né... E fui... Acho que até o vestibular já tinha feito a opção para a noite, porque eu sabia que eu não ia ter condições financeiras de... Me sustentar... Estudando de dia, né? Aí, eu arrumei um emprego... Na primeira semana de faculdade... Meu irmão que arrumou, na verdade... Porque ele era amigo do povo... Fui trabalhar no escritório do... Do... Puxa, esqueci o nome dele... Era do... Escritório... Ali na Rua Arabé, ao lado Mackenzie... Sabe a Rua Arabé, uma paralela, fica no muro do Mackenzie, ali... É uma rua sem saída, e eu ia... E ficava trabalhando lá, era um arquiteto chinês e um italiano... E eles tinham um contrato... Assim bastante grande... Com o FDE... Com o pessoal aí da educação do estado... Então eu cheguei ali eu já craque em desenho, já desenhava super bem, era super detalhista, né... Eu já uma cancha de desenho, normógrafo, de canetas, de vegetal... Era época do raspa, com gilete, e alisa com borracha de areia, né? Aí eu fiquei ali trabalhando... Com este arquiteto italiano... É... Os dois tinham este escritório... E lá tinha um senhor, desenhista antigo, e tinha sempre o pessoal que ia ali, estagiários... Quando eu estava ainda na faculdade, aí eu aprendi muito a fazer assim... Trabalho... Fiz muito trabalho de desenho... Trabalho de graduação... Sabe ali, trabalho de graduação, né... E um dos professores orientadores viu meus desenhos e ele se interessou... Foi o Candi... Candi Hirano⁵²... Aí ele pediu para a Eliana... Eliana, quem está desenhando estes trabalhos para você? Ela disse, Ah, é uma japonesinha... Que estuda de noite... Porque esta Eliane fazia desenho com o Lamadrid⁵³ com a gente... Não sei se você lembra dela... Ela era do último ano, sabe, estava com DP de desenho... Então ela vinha na aula de desenho do Lamadrid, entendeu? E aí, eu fazia... É... Fazia os desenhos dela e o Candi me chamou, então, quando eu fui entrar para o segundo ano de arquitetura eu já estava trabalhando com o Candi Hirano, já era o Ludmer⁵⁴, que era o nosso professor de planejamento, lembra? O Jairo, e um genro dos

⁵² Candi Hirano foi um dos mais tradicionais professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (nota do pesquisador)

⁵³ Lamadrid era um desenhista espanhol muito qualificado, rápido e preciso. Formou-se em arquitetura no Mackenzie e tornou-se professor de desenho arquitetônico (nota do pesquisador)

⁵⁴ Jairo Moris Ludmer, arquiteto e professor do Mackenzie, do Centro Universitário Belas Artes e outras universidades (nota do pesquisador)

Matarazzo... É... Estou com um branco hoje, não estou lembrando o nome do velho, lá, que era sócio do Candi e do Jairo... Lá era o escritório... Bom, primeiro do Candi, só o Candi e o doutor... Doutor... Lerner... Lembra do Lerner? Ele era... Ele era... Sócio do Isay Weinfeld⁵⁵... O Jairo Ludmer tinha um escritório junto com o Candi, só que o Candi era independente... O Jairo Ludmer eram sócios... O Isay você, sabe quem é, né? Ele chama Isay Weinfeld... O Isay tinha este escritório numa casa na Vila Mariana, daí eu fui para lá, para o escritório do Candi... Eu ficava sozinha, tomando conta dos desenhos, dos projetos que tinha... Para o Candi... Porque ele dava aula no Mackenzie, dava aula na... PUC de Campinas, né... E aí às vezes eu ia com ele para a obra, na época, Alphaville era... O Candi tinha obra lá, então eu ia muito ver obra lá em Barueri, como é, Alphaville, né... Com o Candi. E fiquei com o Candi muitos anos, acho que depois ele mudou para o Brooklyn é que ele foi sócio do Jairo, do Jairo Ludmer, né? E o outro era o Morris, o outro arquiteto era o Morris, formado na EPA, e era sócio do Candi e do Jairo. Lá no Brooklyn, aí eu fui para lá junto, até o Candi até falava que eu era mobília do escritório [risos]. De lá, quando eu estava no último ano... É, no penúltimo acho, eu fui trabalhar um tempinho com o Setsuo Kamada, e o sócio dele, não sei mais o nome mais, do sócio... Ali no... Doutor Setsuo Kamada, ali perto da Rio Branco, da Ipiranga, sei lá... Ali para baixo do... Como chama... Avenida São Luiz, por ali... No Setsuo Kamada... Ele desenvolvia muitos projetos da Nestlé... Aí eu peguei uma época boa de pegar estas indústrias com ele, né... Aí, chegou no último ano, eu precisava ganhar bem, e o Edson... Edson Sawa, lembra do Edson? Então, o Edson Sawa trabalhava numa fábrica... Numa fábrica de roupas, que tinha franquias da... da... Era só uma família... Família esporte... Esta fábrica é ali no Bom Retiro, o dono era engenheiro e a mulher era uma senhora, dona Branca, os dois irmãos eram sócios e era uma indústria familiar, que tinha... Quando eu fui para lá, tinha 70 anos, a fábrica... E eles tinham franquias de... De... Trabalhava... Produzia roupas para Adidas, para Clodovil, Dener, eram sombrinhas... Eles produziam sombrinhas personalizadas para o Clodovil,

⁵⁵ Isay Weinfeld (São Paulo, 1952) é um arquiteto brasileiro formado pelo Mackenzie, que atua também como cenógrafo, designer de mobiliário e cineasta (site do arquiteto em www.isayweinfeld.com, acessado em 15/9/2014)

para o Dener... Produzia uma linha de roupas da Pierre Cardin, tinha um “royaltie”, né, da Pierre Cardin, que era capas, não sei o que, e eu fui para lá com o Edison. Edison Sawa. O Edison que me chamou, porque o Edison era bom de... Era bom de desenho, de fazer montagem de estampas, estamparia, era uma época que existia um tal de transfer, que os caras vendiam papel colorido e você prensava nas roupas de... Na época, a moda era acetinado, não sei o que, e isto foi uma época boa, assim, eu convivia do lado do ateliê dos artistas de roupa, que o Edson que ficava mais na... E eu ficava mais com este engenheiro que era dono, tomando conta do que... Da reestruturação da fábrica... Estava reformando, construindo, modificava layout, fazia quebradeira, final de semana muda para cá, muda para lá, aumentava a área de produção disto, daquilo... Porque era uma quadra inteira esta fábrica... Esta fábrica foi muito interessante, porque... Eles tinham tear lá dentro, para você vê a fábrica tinha setenta e poucos anos quando eu estava lá... Tinha tear, tinha toda a linha de produção, fabricava o tecido, vinha para o corte, ia par a costura, voltava para... Tinha as duas... Como chama... Não é costureira... É estilista. Tinha estilista dentro da fábrica... Era um monstro. E ali, a gente tinha fábrica de guarda-chuva dentro... Uma fábrica grande, de guarda-chuvas... Então, eu fiquei ali exatos 1 ano, eu formei aí eu vim embora... Quer dizer, eu... Ah, e antes disto, Iberê, eu trabalhei também no Petracco... Francisco Petracco... Lá, você não trabalhou também?

▪ **Sim...**

Mas não foi uma época que a gente trabalhou junto?

▪ **Hum... Não me lembro se a gente trabalhou junto...**

É... Você nem lembra de mim, mas na mesma época que você trabalhou, eu também estava lá... Com o Sotello, o Petracco, lembra? Aí, depois eu fui para o Setsuo Kamada, depois eu fui parar na... Famidas, que é esta indústria... Foi a última parada quando eu formei e vim embora. Entendeu? Formei em dezembro, primeira semana de janeiro eu vim embora. Na época, até foi assim, eu falei para o Candi... Candi, eu não sei se eu fico mais um tempo, aproveito o embalo, faço uma pós, um mestrado... Ele falou, olha Zuleide, conselho de gente que tem experiência, vai trabalhar primeiro, depois você faz mestrado... Eu não sei se eu fiz bem, sabe, porque eu não consegui terminar meu mestrado que eu comecei aqui... Eu comecei, fiz todos os créditos, mas

só que eu, como eu estava aqui, depois de um certo tempo de... Então, depois, quando eu saí da Família Sporte, é que foi o único emprego de fato, que eu trabalhei registrada em São Paulo, porque tudo o resto era estágio, só ficava anotada a carteira de trabalho, mas não tinha valor de serviço, nada disto... E, na verdade, eu precisava muito trabalhar porque eu, assim... Eu fiz... Crédito educativo, porque... Meu irmão falou, olha, para a gente ficar mais sossegado, faz inscrição... Era o primeiro crédito educativo que apareceu no país, na época que a gente fazia Mackenzie à noite, aí eu fiz minha inscrição, arrumei todos os documentos, minha irmã mandou tudo para mim, eu dei entrada e... Fiz este crédito, mas eu não fiz para... Lá tinha para anuidade, tinha para manutenção, né... Eu fiz só por causa da faculdade, porque, a manutenção, como eu trabalhei todos os 5 anos de faculdade, então eu tinha dinheiro para comprar minhas apostilas, meus cadernos, meus lápis, minhas lapiseiras, eu tinha este dinheiro... E ainda conseguia ajudar minha irmã, meu irmão, a pagar o apartamento que a gente acabou tendo que alugar, porque ficou eu, meu irmão e minha irmã, nós três... No primeiro ano, eu... Como eu já sabia desenhar, manjava muito de desenho, arrumei um serviço assim, com... Numa chácara... Fazer uma casa, com meu cunhado, né... E meu cunhado é calculista e professor da universidade federal, aí eu fiquei este ano ajudando ele no escritório, ficava desenhando estrutura... Peguei, entrei em concurso, este primeiro...

▪ **Mas como autônoma, não é?**

Isto, como autônoma. Aí, depois no final do ano arrumei um emprego na COHAB, na época, na Companhia de Habitação do Estado. Porque o dono daquele escritório que eu trabalhei antes de formar, antes de fazer faculdade, ele era o presidente da Companhia de Habitação, aí eu fui prá lá para trabalhar como arquiteta... Eu trabalhei... Bom, na época do Celso... Fiquei trabalhando como arquiteta e neste período, Iberê, foi muito rico para mim... Porque... É que eu já tinha mais experiência em projeto, assim, de escola, lá, daquele escritório primeiro, de projeto lá no Candi Hirano, projeto de indústria, um pouquinho no Candi, um pouquinho no Setsuo Kamada, lá no Petracco, a gente pegou uma fase densa, né... Aí, na COHAB foi muito bom, porque ali foi que eu tinha que fazer, ali era uma rede de projeto, tinha a arquiteta do Rio, formada no Rio, tinha eu, tinha desenhistas, né... A figura do desenhista, na época... E eu, naquela época, desenvolvi muito loteamento... Loteamento, para fazer as casas da

COHAB, projeto de casinha de 1 quarto, 2 quartos, geminada, não sei o que... Sabe... Mil projetos, então em termos de ART de projetos, eu perdi a conta já, porque, a gente lá na COHAB fazia toda semana um projeto, loteamento praticamente dos 79 municípios, pelo menos uns 50 tem loteamento que eu fiz... Loteamento de conjunto habitacional, não é, a gente fazia só o desenho urbano, fazer a proposta viária, casando com o entorno existente, quer dizer, topografia, né, então disto também apareceu a necessidade da gente projetar creches, escola, praças, postos de saúde, dentro do contexto das COHABs. Foi um período que o governo federal incentivou que as COHABs tivessem uma estrutura de equipamentos, né, de equipamentos com casas. E nisso eu fiquei 10 anos. 10 anos. Antes era BNH, depois virou Caixa Econômica... Mas boa parte dela era ainda o período que era o BNH, o Banco Nacional de Habitação. E aí, no fim eu virei gerente de projeto, fiquei gerente acho que mais de 6 anos, 7 anos, por aí. Gerente de projeto, né. Então, eu era responsável para aprovar os projetos lá no BNH, tocar todos os projetos, montar papel, montar projeto, preencher planos para mandar para Brasília, para aprovar, né... Então, este período foi muito bom para mim. Eu tinha orçamentista, tinha uma área de projeto com desenhistas, com arquitetos também, e daí eu saí de lá quando eu resolvi... Falei ah, não, acho que agora eu vou... Entrou um governo que eu não achava que era legal... Isto foi em 91... Eu pedi para sair, pedi para me mandar embora, para eu levantar meu fundo de garantia, porque eu ia tocar minha vida sozinha, com meu irmão que era engenheiro.

▪ **Você ficou quantos anos lá na COHAB?**

Quase 10, nove anos e alguns meses. Aí, eu saí. Na época em que eu saí tinha mudado a administração da prefeitura de Campo Grande, e meu amigo... Tinha um amigo arquiteto, né, formado no Rio, ele sabia do meu trabalho, e ele me chamou, falou, Zuleide, venha aqui, vamos conversar e tal, eu até pensei que ele ia arrumar serviço para mim, como autônoma, né, mas ele estava precisando de alguém para tocar a área de projeto e captação de recursos, que era uma estrutura nova que ele estava querendo montar, que não queriam mais depender de lobista, que fica arrancando dinheiro da prefeitura para apresentar projeto lá, eles queriam andar com pernas próprias e botar projeto pronto, orçamento pronto, na mão dos parlamentares para ir atrás de dinheiro para o município, né. Aí, este foi o meu emprego exercício na prefeitura, eu entrei, na

secretaria de planejamento e finanças, que tinha uma área que chamava DEPLAN, departamento de planejamento, aí eu fui para lá, acabei virando diretora deste departamento, antes de começar o prefeito já tinha aprovado de me colocar como chefona, chefe mesmo do departamento, e porque eu falei, olha, para mim salário não interessa, saí para trabalhar por conta, agora eu fico como chefe do núcleo, eu prefiro trabalhar com meu irmão, mas, aí ele falou, não, vem para cá, a gente vai dar uma diretoria para você e trouxemos esta área de projeto para o planejamento.

▪ **E você foi para onde, mesmo?**

Para a prefeitura de Campo Grande.

▪ **Ah, para a prefeitura...**

É... Aí, a gente fez neste período aí... Isto já era 92, 93... É, final de 91, início de 92... Aí a gente foi montando uma estrutura, foi gerando assim plano de trabalho para escola, para fazer toda a parte de captação mesmo de recurso, e fazer projetos. Projeto de escola, creche, posto de saúde, era tudo neste meu departamento. Projeto de asfalto, drenagem, pavimentação... Pavimentação, drenagem, de infra-estrutura, a gente contratava escritório e a gente só fazia a parte dos planos de trabalho para mandar para os ministérios para pedir dinheiro para aprovar recurso federal para as obras. Mas eu era responsável por tudo isso. Então... Eu tinha na minha estrutura eu tinha advogado, economista, arquiteto, engenheiro, entendeu... Que trabalhava lá e a gente fazia toda a parte de captação de recursos. Aí a gente trocou, trocou... Quando foi mudança da primeira gestão, eu estava numa administração que era do prefeito... do Juvêncio... Aí, quando ele saiu e o outro prefeito entrou, ele tinha... Porque a gente até... A estrutura minha ficou muito conhecida, por exemplo, no ministério da educação... Porque nossos projetos nunca voltavam, sabe... Sempre era projeto bem redondo, tudo, tudo certinho... E aí o pessoal da educação lá queria que nós ficássemos aqui no estado, como consultoria para atender aos municípios menores, e tal... Mas a gente tinha uma referência boa nos ministérios, sabe... Com muita coisa boa na cidade, neste período, sabe... Então... O Edison, quando ele veio aqui, ele viu a feira central, a feira livre, que era um problema social, e acabou... Eu, pessoalmente me envolvi desde a discussão, faz, não faz, faz, não faz... Não quero, não vou... Tudo pela prefeitura... Toda a discussão do projeto da feira, do camelódromo, que a gente construiu, centro popular, que

tiramos 400 camelôs da rua... Aí, foi criada uma política... Uma política administrativa de gestão, de fiscalização, para não permitir mais nenhum camelô na rua... Aí a gente...

▪ **Quer dizer, você já tinha um cargo de direção...**

Ah, sim, é... Era... Então, nesta embrenhada aí a gente... Nossa, é uma coisa boa assim, porque você acaba participando, assim, diretamente com o cliente, né... Você... Eu, por exemplo, tinha que falar com 400 camelôs... Cada reunião era bateção de boca, e briga, e pessoal põe o dedo no seu nariz, né... Porque... Eles querem continuar na rua, eles acham que aquilo é melhor, mas a gente participou muito destes projetos assim, por onde a gente, a gestão, tinha que ser com quem ia usar. A gente fez várias praças, olha, a gente fez... Fazia reunião na associação de moradores, para discutir o que eles queriam primeiro... Depois a gente levava a proposta. Dentro da proposta a gente fazia explanação depois levava solicitações para a secretaria, e tentava atender, depois deixava o projeto exposto durante um tempo na associação, a gente fez esta gestão de projeto com a população bem legal... Na época do primeiro prefeito que eu trabalhei, inclusive desta época a gente fez muitos projetos que o pessoal da USP esteve aqui fazendo levantamento de praça... Não tem um livro de praças? O menino chama “robba”, “arroba”, conhece?

▪ **Não, eu acho que não...**

Eles são ligados à USP... Puxa vida... Eu vou pegar o livro e vou mandar ele direitinho para você... Então, tem projeto meu e da minha cidade que está nos livros da USP, num trabalho de praças brasileiras...⁵⁶

▪ **Ah, que legal...**

Tem... Tem dois livros, até o Robba mandou para mim estes livros, depois... Aí, por exemplo, eu várias vezes cuidei de concurso público, fui... Como fala... Coordenadora de concurso público, né... Então, neste metiê aí, da prefeitura, acabei fazendo a rodoviária de Campo Grande, a nova... A feira central... Umas praças grandes, boas, aqui na cidade... Muita coisa boa a gente pôde trabalhar... Sabe...

⁵⁶ A entrevistada refere-se ao livro *Praças brasileiras / Public Squares in Brazil*. Fábio Robba e Silvio Soares Macedo. EDUSP, 2003

▪ **Você está na prefeitura até hoje?**

Bom, a prefeitura eu estava até 3 meses atrás, Iberê... Aí eu saí porque... Até porque não concordava com muita coisa lá... E... Eu pedi para o governador me chamar para o Estado... Com olhos para o município... Então, o salário a prefeitura paga... É um convênio que tem... A prefeitura paga meu salário, e no Estado eu ganho só gratificação, sabe?

▪ **Mas você é funcionária pública?**

Eu sou funcionária pública, concursada...

▪ **Então... Você ficou na prefeitura quanto tempo?**

Na prefeitura, quase 22... E no estado eu fiquei 10... Quer dizer, idade e tempo de serviço eu já tenho... [risos] Eu só estou enrolada... Então, neste meio tempo... Em noventa e... Em 91... Um gerente que tinha na COHAB, na época, ele que era gerente, na época... Ele me chamou para dar aula na Universidade do Pantanal... Era UNIDERP, agora virou UNIDERP-Anhanguera... Eu fui para a faculdade para dar aula de desenho técnico... De desenho, eu aí absorvi Metodologias de Projeto, depois eu absorvi aulas de orientação de trabalhos de graduação, estágio supervisionado, e nisto eu fiquei 18 anos, Iberê... De 91, daí 18 anos eu saí... Daí eu saí. Então, faz uns 7 que eu saí, eu nem sei as contas direito, mas em 91 eu entrei e fiquei 18 anos.

▪ **Como professora, não é?**

Como professora e funcionária pública. Então, eu dava aula mais à noite, e sábado, porque tinha aula. E eu tinha assim a liberdade... Eu tinha a liberdade de, duas vezes por semana, eu dava as primeiras aulas e ia embora para o serviço.

▪ **Tá, mas na faculdade, você era CLT, não é?**

CLT, é CLT... Fiquei 18 anos lá na faculdade e aí... E aí... Um período que eu estava grávida, eu fiquei um ano só, na faculdade, na área de extensão, junto com o pessoal que cuidava que cuidava da extensão, de pós-graduação, estas coisas, daí eu voltei para a sala. Depois eu voltei para a sala. Aí, na prefeitura... Fiquei... Então... Administração do Juvêncio, administração do André, aí mais duas do Nelsinho, que são prefeitos suplentes, né... E aí, o ano passado teve um prefeito louco [risos] que foi cassado e foi um período que a gente amargou, não tem muitas coisas, mas em todo o período da administração deste André e do Nelsinho a gente... A prefeitura de Campo Grande, graças a Deus, no que se referiu a obras, aos projetos, em Brasília, a gente

nunca teve problemas. Inclusive, quando apareceu o PAC, né, o Programa de Aceleração do Crescimento, eu me tornei a coordenadora geral do PAC da capital... Que era milhões em obra, média, né... Em projeto mesmo, tem a aprovação, quando eu saí há 3 meses atrás eu estava com 1 bilhão e oitocentos milhões... Oitocentos mil... Um bilhão e oitocentos mil de obras... Então, e assim, com bastante parecer favorável, em relação à gestão, né... A Caixa Econômica Federal do Mato Grosso do Sul todo este período que eu fiquei [... (gravação falhou) ...] de execução de obra, das obras do PAC do Brasil inteiro, hein? Nós sempre ficamos em segundo, a gente só perdia sabe para quem, por incrível que pareça? Para o Acre! [risos]. Que é claro, né, Iberê! O Acre toca um milhãozinho de reais, sei lá quanto, obrinha pequena, o nosso contrato aqui é... Eu estava tocando... do PAC... Mais de 70 obras... É... E a gente tem um conceito super, super... Tinha, né... Até 2 anos atrás... Um conceito super super assim... Valorizado, em nível de ministério das cidades, e em nível de Caixa Econômica Federal do Brasil... Então o superintendente regional falou, até agora, nesta última reunião que eu participei como gerente... Como coordenadora... Que foi há três meses atrás, que foi antes de eu sair, e o prefeito que caiu, assumiu o novo, o novo foi numa reunião junto comigo, eu ainda era funcionária lá, e a Caixa Econômica falou... Olha, prefeito, tem uma coisa que nós, Caixa Econômica do Mato Grosso do Sul, achamos muito bom... Que é o fato de Campo Grande estar sendo bem gerida. Ela tem uma gestão impecável, tá tocando com desempenho ótimo, e com isto a Caixa Econômica do Mato Grosso do Sul é elogiada a nível de Brasil, porque as outras cidades não estão conseguindo tocar obras do PAC, né... Porque obra do PAC tem dinheiro, é só saber tocar que ela vai... Então, você tem que ter o que... Rigidez na cobrança, de medição... Rigidez na cobrança do fiscal da obra... Porque no PAC entra a coordenação, ela não entra na estrutura da rotina, até o setor que paga lá, o setor que mede... Não... O PAC foi obrigado a criar medição, pagamento, prestação de conta, tudo separado... Entendeu... Então, uma estrutura, foi obrigado quando ela foi criada a criar estrutura dentro dos municípios que fizessem independente do órgão de rotina do município, ela tem que ter vida própria, tal e tal, e a gente fez desta forma... Agora, claro, o ano passado o prefeito era doido, um locutor maluco, não fez nada, a minha média de medição, até o prefeito anterior, o último, né, era 6 milhões por mês... Para São Paulo isto é miséria, mas para Campo Grande é um

dinheirão. Seis milhões por mês, só obra do PAC... Sem contar a rotina do município que tem tapa-buracos, tem obra de escolas, creche, posto de saúde, né... No ano passado, com este prefeito maluco, minha medição era 300 mil, era uma vergonha, né... Então, um prefeito que não entendeu nada, o dinheiro não era dele, era totalmente dinheiro federal, e ficou fazendo... Hum... E a cidade hoje tá numa crise aí que eu... Agora... Estou assistindo de longe... Eu saí para não ficar maluca e doente de raiva, sabe... Aí, há 3 meses atrás eu pedi para o governador pedir minha cedência e aí eu pulei fora, falei, ah não... [risos]

▪ **Acho que você já mostrou todo seu percurso profissional, desde que você estava na faculdade.**

É.

▪ **Esta era a última pergunta que eu ia fazer, mas você adiantou...**

É, de projeto a gente tem bastante coisa... E até, assim... É, uma coisa que eu acho legal, é assim... Sabe, esta coisa de você estar convivendo no meio das pessoas, e sempre estar junto, eu também tinha a faculdade... Eu tinha meus alunos... Mas principalmente a minha vivência como gerente, como coordenadora, me fazia ter contato com associações, então eu tenho de homenagens, associação dos dentistas, associação Okinawa, associação de feirantes... O pessoal do calçadão, eu fiz o projeto do calçadão aqui... O calçadão é do Jaime Lerner, eu fiz uma modificação que foi em cima deste mesmo espírito... Sabe... Primeiro discutir, discutimos quatro meses... Chama um por um, comerciante, comerciante, reunião, reunião, de turma, de monte, pouco, de grupo, de comerciante, de tipo... Daí a gente chega num projeto, daí eles me deram homenagens... Então, estas coisas são legais, sabe, porque a gente acaba vendo que as pessoas sentem que você se envolveu, né? E isto... Ah... Tem esta passagem que eu acho interessante, por conta do envolvimento, da responsabilidade, de fazer aquilo que você gosta... Eu ganhei uma viagem para os Estados Unidos, do MEC... Foi quando o que... Foram chamadas 19 cidades brasileiras para desenvolver cada um o projeto padrão para seu estado. Ou... Ia ser um projeto para todos os estados...

▪ **Todo o Brasil.**

É, todo o Brasil. Aí, eu ia nas reuniões representando Campo Grande. Porque, como capital, a gente tinha esta deixa. O Estado mandava seu representante, mas a capital tinha o direito de ir alguém. E eu era esta pessoa da capital. Que foi em reuni-

ões lá, no ministério da educação, em vários seminários, porque a gente estava discutindo o projeto da escola ideal. E este projeto, que a gente discutiu depois de vários seminários que o ministério promoveu, de várias áreas, inclusive alguns conhecidos da gente... Aquele arquiteto... Marido da Rita Artigas... Como chama ele? É... Porque ela separou do filho do Artigas e casou com um cara... Que é arquiteto... Um bigodudo... Ele é famoso no meio da nossa área... Então, ele também estava lá, várias pessoas conhecidas estavam lá... A Rosa... Foi fazer paisagismo... Foi fazer aula com a gente. E nestas reuniões a gente tinha, assim, várias cidades, né, desde Cuiabá, até Recife, Salvador, estava todo mundo nessas reuniões. Aí, um dia, a gente estava lá... A gente estava começando a discutir qualidade de projeto, e aí este cara, que eu não estou lembrando o nome dele agora, levantou para falar o que... Ele era consultor do MEC, hein... Ele falou, é, eu acho que o MEC... Porque o MEC queria que cada município desenvolvesse aquilo que achasse bom para sua cidade... Aí, este cara foi lá, no meio de uma reunião que tinha 500 pessoas, levantou e falou assim... Olha... Mas eu acho isso impossível acontecer... Porque... Como é que estes arquitetos vão projetar uma coisa boa, se eles ganham mal?

▪ **Hum.**

[intervalo devido a falha na gravação] [...] mas eu não concordo com o senhor quando fala que quem ganha mal faz projeto ruim. Eu entendo assim, que isso é a minha capacidade que está em jogo... Porque eu ganho mal, vou fazer projeto ruim? Isto não cabe num profissional que formou numa base boa, porque se ele tem amor ao que faz, ele nunca vai associar o que ele ganha com o que ele faz.

▪ **Hum hum.**

E aquele dia lá que eu abri a boca para falar isso, a menina lá... A gerente deste projeto todo aí... Ela se interessou... Mas ela já me conhecia, porque ela já tinha vindo várias vezes aqui em Campo Grande, e tal... E, com isso, eles começaram a me chamar para reuniões, entendeu? Aí, numa dessas, acabou que foram escolhidas duas funcionárias do ministério e 3 arquitetos destes 19 estados, para fazer uma viagem de estudo aos Estados Unidos, visitando, porque este dinheiro, para desenvolver tudo isso, era um dinheiro do banco mundial. Aí, o banco quis patrocinar uma viagem para a gente conhecer as escolas americanas. Proposta física, mesmo, sabe... O que é que tem

nas escolas de diferente, que não é mesmice... Então, a gente viajou... Quem foi contemplada... Eu... E o estado ficou de lado na época, até o pessoal ficou meio chateado, porque o MEC chamou a capital e não chamou o estado... Mas fui eu... Foi um arquiteta de Goiânia... E uma arquiteta de Recife. E duas funcionárias do MEC. E uma consultora que, inclusive, é formada na USP. É Helena, Helena... Ah, esqueci o nome da Helena. Helena é arquiteta, formada na USP, chinesa... Que foi embora para Los Angeles para fazer uma pós, acabou virando cidadã americana, porque ela tem também cidadania chinesa, ela é chinesa e morou no Brasil... Cidadania chinesa e americana... A mãe dela mora nos Estados Unidos, mora em Los Angeles... Ela tem um big de um escritório que mexe só com escolas, com obras públicas. E ela estava aqui, dando consultoria para o MEC, através do Banco Mundial, foi o Banco Mundial que contratou ela. E o banco também contratou um arquiteto que mora em Seattle, Jerry... Jerry Lewis... É um escritório de 3 andares lá em Seattle, enorme, que mexe com obras públicas, o grosso é escola, sempre foi escola, sabe... E nisso, Iberê, foi bom, esta viagem foi ótima porque a menina sabia falar português, sabia falar inglês, sabia falar espanhol, sabia falar chinês... Então, a gente viajou com ela, né, isto tudo [... falha na gravação ...] viajamos, visitamos mais de 20 escolas nos Estados Unidos, aí quando eu voltei fizemos um relatório muito bonito, que foi até publicado no MEC, este relatório, com as propostas novas, e tal, e antes de sair a gente tinha feito cada um o seu projeto, e o meu projeto foi muito elogiado pelo Jerry, estes consultor de Seattle, ele falou assim que... E eu guardei, assim, ele rabiscou a lápis, num formulário que eu fiz a minha defesa do projeto, né, aí ele escreveu assim, resumindo, que o meu projeto era muito interessante. Porque eu trabalhava, primeiro, com produtos, com material muito ligado à região onde eu moro, que aqui é calor, né, e que eu tinha uma escola muito bonita porque ela tinha a escala da criança, uma escala para a criança... Eu pedi para uma pessoa traduzir e eu guardei, este material aí...

▪ **Lógico...**

Eu tenho este material aí, até. E depois, saiu publicado uns livretos com essas escolas, até saiu o nome do arquiteto do estado, como se ele estivesse de co-autor junto comigo, né... Mas ele nunca fez nada, porque a estrutura de projeto foi tudo o meu pessoal que fez... Os desenhistas que eu tinha na prefeitura, né... Mas foi uma vi-

agem boa, porque a gente ficou 20 dias... Isso foi em 98... Viajamos de Seattle, São Francisco, Nova Iorque... Na Califórnia, que tem bastante latino, né, a gente conheceu mais de 20 escolas... Né... E a gente conferiu material de monte, sabe... Foi uma viagem boa, muito boa. Uma viagem de estudo boa.

▪ **Deixe-me só voltar aqui para o meu roteiro, senão eu vou me perder.**

[risos]

▪ **Olha... Eu estava perguntando... Como você... Por é que você entrou no Mackenzie...**

Ah, isso.

▪ **Você já respondeu, né... É... Agora, porque é que você... Uma vez que você resolveu fazer arquitetura, porque é que escolheu o Mackenzie?**

Olha, Iberê... Na verdade, eu não tive o prazer de ter passado na USP, porque, na verdade... Além de sonho era uma necessidade, porque eu sou de uma família humilde, minha mãe, quando eu fui fazer faculdade eu não trabalhava, ela já dependia do salário das minhas irmãs, mas eu tive também a sorte da minha irmã falar para mim... Pode estudar no Mackenzie porque eu banco... Tá, então na verdade, como todo mundo, o sonho era a universidade pública, mas eu não tive esta sorte, mas eu não me arrependo, porque, hoje eu encaro assim... Eu tenho muito orgulho de ter sido Mackenzista, sou Mackenzista e tenho assim alguns amigos aqui em Campo Grande que é arquiteto, engenheiro, que são do Mackenzie e quando a gente se encontra a gente faz uma festa, sabe... Oh, Mackenzista, como vai você! Porque, querendo ou não, talvez, se eu tivesse feito a USP talvez não tivesse tido a oportunidade que eu tive, por exemplo, de trabalhar com o Petracco, de trabalhar com o Setsuo Kamada, de trabalhar... Porque eu tinha um diferencial que eu tinha que era poder ficar o dia inteiro no trabalho, e eu inclusive... Puxa, com o Candi Hirano, com o Jairo Ludmer, com outro... Sócio dele... Então, era um período, quer dizer, eu acho que para mim foi bom... Tive uma formação muito assim, de projeto, né... Não é uma crítica, mas eu, na época, eu via alguns colegas que estavam na USP, e eles eram um pouco de cada coisa mas não era um arquiteto de projeto de edifícios, não eram arquitetos de interiores, era um pouquinho de cada coisa, mas não era... Porque você faz sua grade lá, é meio complicado... Eu não sei, eu fui professora também, eu tinha esta... Um pouco esta visão mais crítica, depois, sabe... Não sei, mas eu não me arrependo, eu acho que o Mackenzie

para mim foi bom... Hoje eu acho que... Se eu fosse fazer vestibular eu ia fazer nos dois lugares do mesmo jeito.

▪ **Pois é, mas você tinha possibilidade de estudar em outras cidades, já que estava saindo de Campo Grande, né...**

Ah, sim, mas outra cidade eu não teria o que eu já tinha, na época, minha irmã já morava em São Paulo...

▪ **Ah, entendi...**

E o meu irmão também, o meu irmão morava ali na Praça da República, num prédio, e minha irmã morava num pensionato... E a outra que estava lá também estava num pensionato... Aí, quando a minha irmã de... Esta que fez odonto em Campinas passou, necessariamente tinha que alugar um apartamento porque ia ficar mais barato... Meu irmão saiu lá da república dele, que era um apartamento, foi morar com a minha irmã que já estava lá, e a outra que passou em Campinas vinha de final de semana e eu cheguei, então, nós éramos quatro, né, já compensava... Entendeu... Então, São Paulo foi uma opção por causa disto, porque... A minha turma, Iberê, daqui de colégio, todos foram para o Rio de Janeiro. Só eu fui para São Paulo. A minha turma todinha foi para o Rio.

▪ **É, porque na ocasião não tinha faculdade em Campo Grande...**

Aqui, de arquitetura, não... Tinha engenharia... Né... Então, é...

▪ **Quando você terminou o curso, então, logo que você pegou o diploma, como que você avaliaria a faculdade, entre bom, péssimo, razoável, ótima...**

Ah, para mim era ótima. Para mim, foi, porque eu acho que o fato de eu ter entrado já mexendo um pouco de arquitetura, e o fato de eu ter arrumado emprego na primeira semana de aula, eu nunca fiquei desconectada, entendeu... Tanto é que, sei lá, eu graças a Deus, eu não sei mexer no AutoCAD, viu, Iberê... Mas eu sempre conduzi funcionários que mexiam, que produziam coisas maravilhosas para a gente mostrar para prefeito, para isso, para reunião... Mas, é aquele negócio, é o lance da gestão, direção, eu sei, se você falar para mim, pega um papel e rabisca um projeto, eu adoro isto, tanto é que ainda como coordenadora, às vezes eu arrumava um tempinho, eu rabiscava um pouquinho só hoje, e deixava lá na área de projeto para desenvolver, até hoje eu vou lá fazer isso, você entendeu... E o pessoal novo, né, os meus alunos são meus funcionários hoje, lá na prefeitura, eram, né, eu não estou mais lá... Mas lá eu

mexia mais com projeto, onde eu estou agora no estado, eu só estou mexendo com papel, assim, desencilacrando obra de ministério público federal, de TCU, CGU, entendeu... Estou cuidado desta parte, agora, mas até quando eu estava lá na prefeitura eu rabiscava o meu papelzinho milimetrado, papelzinho que eu fazia lá... Olha, faz isso aqui... O terreno é este, eu quero que faz com o norte assim, e o pessoal desenvolvia... Então... E isso eu só acho que tive esta condição porque eu estava no Mackenzie, porque eu consegui ficar na área, trabalhar, entendeu... Então, eu acho que isso... Para mim tem diferença, sabe, na arquitetura não é como... Não é como engenharia, vamos dizer, calculista... Ele tem que saber teoria, tem que saber tudo, agora arquiteto é meio diferente, né, acho que se você tiver a prática, se você tiver ali no dia-a-dia, é saber desenvolver um projeto, saber desenhar, isso faz uma diferença, e isso o Mackenzie me deu, e eu não via isso nas minhas amigas que davam aulas na FAU...

▪ **Então, você fazendo então um apanhado geral, desde que você pensou em fazer a faculdade, e com todos estes anos de trabalho, como é que você avalia sua satisfação pessoal com a carreira que você escolheu, há 30 e poucos anos atrás...**

Ah, eu acho que eu me dou por feliz, porque não... Eu não escolhi... Nunca tive vontade de fazer outra coisa. Acho assim que da arquitetura... Você pode ver que o meu metiê não é assim só sentar e fazer projeto, né... Já foi há um tempo isso... Mas depois eu sempre fui gerente, gerente, gerente, coordenador, coordenador, então, assim desde cuidar do licenciamento ambiental de uma obra, aprovar ela numa estrutura de aprovação de projetos... Então... Eu me sinto super feliz, inclusive, por conta da minha estadia na prefeitura de Campo Grande, o prefeito que hoje é governador daqui, o André, ele mandava muitos prefeitos do interior me procurar, para dar uma mão aqui, uma mão lá... Ajudar a desencravar projetos em Brasília... E hoje eu tenho vários amigos prefeitos, com quem eu posso contar, eles me arrumam serviço... [risos] Eu tenho praça em tudo quanto é lugar que você imaginar... Posto de saúde também...

▪ **Nossa, que legal...**

Então, eu tenho, por exemplo... Aí, o que é que eu faço... Como eu não tenho escritório formalizado, eu peço para meus amigos emitir nota fiscal, para fazer a parte burocrática, e sempre decido estes serviços com um arquiteto que me dá apoio de... Como é que fala... De CAD... Entendeu? Então, por exemplo, Maracajú, Sidrolândia, Ribas do Rio Pardo, Brasilândia... Sonora... Aquidauana... Ivinhema... Todas

estas cidades eu tenho projeto... Vamos por assim... Posterior à minha entrada na prefeitura, sabe? Porque o André me ajudou assim, me ajudou... Paranaíba, eu tenho bastante projeto... De praça, de posto de saúde... Praça e posto de saúde, que é o grosso das prefeituras, sabe? Que eles gostam, as pequenas, né... Cidades pequenas... Então, eu tenho bastante coisa aí que eu estou tocando, hoje, este mês, por exemplo, eu tenho serviço em Maracajú, um hospital, tipo um pronto atendimento, tenho serviço em Ivinhema, esta cidade de mato grosso do sul, aqui... Estou detalhando esta ampliação do hospital para eles... E assim vai indo, né? Assim, a gente vai... Quer dizer... Infelizmente, só, é que a gente ganha pouco, né? Eu não sei como é que você está na sua vida profissional, mas... A gente não ganha tão bem, não... Se pegar um engenheiro do DNIT, ele ganha super bem, agora eu, como sou literalmente funcionária pública, eu dependo deste dinheiro, do salário, e de vez em quando entra estes bicos, agora quem escritório pode ser que ganha mais, mas é aquela história, eu fiz uma opção, às vezes eu tenho medo de sair, sabe, de... Todos os amigos dizem, vem, larga mão desta prefeitura, abre um escritório que você vai ganhar mais dinheiro, mas, Iberê, eu não tive coragem, então agora talvez eu pedindo a aposentadoria, quem sabe, não é... Não sei.

▪ **É, aí você vai ter um fixo... Fica mais tranquilo...**

É, pois é... Aí quem sabe eu consigo abrir um escritório... [risos].

▪ **É, eu acho que é o ideal de muita gente... Ter o fixo para garantir a sobrevivência, aí você vai fazer o que você gosta.**

É, aí vai encompridando, né... Vamos ver o que é que vai virar.

▪ **Era isto aí, então, o que eu tinha para ter perguntar... Já respondeu tudo o que eu precisava saber.**

É isso aí, qualquer coisa você liga.

▪ **Muito obrigado, foi um prazer falar com você.**

Foi ótimo falar com você.